RANSOM RIGGS

BIBLIOTECA DE ALMAS

LIVRO III DA SÉRIE

O LAR DA SRTA. PEREGRINE

PARA CRIANÇAS PECULIARES

SUMÁRIO

RANSOM RIGGS

BIBLIOTECA DE ALMAS

LIVRO III DA SÉRIE

O LAR DA SRTA. PEREGRINE

PARA CRIANÇAS PECULIARES

Tradução de Fernando Carvalho

PARA MINHA MÃE

Os limites da terra, as profundezas do
mar, a escuridão do tempo,
você escolheu todos eles.

— E. M. Forster

GLOSSÁRIO DE TERMOS PECULIARES

PECULIARES: Ramo oculto de qualquer espécie, seja humana ou animal, abençoado (e amaldiçoado) com traços sobrenaturais. Respeitados na Antiguidade, porém temidos e perseguidos em tempos mais recentes, os peculiares são párias que vivem nas sombras.

FENDA: Área em que um único dia se repete infinitamente. Criada e mantida por *ymbrynes* para abrigar seus protegidos peculiares, as fendas retardam indefinidamente o envelhecimento de seus habitantes. No entanto, os habitantes das fendas não são imortais: cada dia que "pulam" é uma dívida acumulada, a ser paga com um envelhecimento rápido pavoroso se eles permanecerem tempo demais fora da fenda.

YMBRYNES: Matriarcas transmorfas do reino peculiar. São encarregadas de proteger crianças peculiares. Têm os poderes de se transformar em aves quando bem entendem e de manipular o tempo. Na antiga língua peculiar, a palavra

ymbryne (pronuncia-se *im-brin)* significa "revolução" ou "circuito".

ETÉREOS: Ex-peculiares monstruosos, ávidos pela alma de seus antigos irmãos. São cadavéricos e ressequidos, exceto pelas mandíbulas musculosas, dentro da qual abrigam línguas poderosas como tentáculos. São especialmente perigosos por serem invisíveis a todos, com exceção de alguns poucos peculiares, dos quais Jacob Portman é o único vivo de que se tem conhecimento (seu falecido avô era outro). Até pouco tempo atrás, quando uma inovação recente ampliou suas habilidades, os etéreos não podiam entrar nas fendas, que, por isso, eram a moradia preferida dos peculiares.

ACÓLITOS: Um etéreo que consuma almas peculiares suficientes se transforma em um acólito, visível para todos e em tudo semelhante a uma pessoa normal, com uma exceção: os olhos sem pupilas, perfeitamente brancos. Brilhantes, manipuladores e habilidosos em se misturar, os acólitos passaram anos se infiltrando tanto na sociedade normal quanto na peculiar. Eles podem ser qualquer um: o balconista da mercearia, o motorista do ônibus, seu psiquiatra. Realizaram uma longa campanha de assassinato, medo e sequestro contra os peculiares, usando os etéreos como seus monstruosos assassinos. Seu objetivo final é se vingar e assumir o controle do mundo peculiar.

CAPÍTULO UM

O monstro estava parado a menos de uma língua de distância, os olhos fixos no nosso pescoço, o cérebro enrugado repleto de fantasias de assassinato. Sua fome por nós carregava o ar. Os etéreos nascem ávidos por almas de peculiares, e lá estávamos nós, parados diante dele como um bufê: Addison, que dava para devorar em uma só mordida, exalava firmeza junto aos meus pés, o rabo em posição de atenção, enquanto Emma estava apoiada em mim, ainda tão atordoada pelo impacto que não conseguiria produzir mais que uma chama de fósforo. Nós dois apoiávamos as costas na cabine telefônica. Olhando em volta do nosso círculo sinistro, a estação de metrô parecia uma boate que sofreu um atentado a bomba. Fantasmagóricas nuvens de vapor saíam apitando de canos estourados. Monitores quebrados pendiam do teto com partes quebradas. Um mar de vidro estilhaçado se estendia até os trilhos, refletindo o estroboscópio histérico das luzes de emergência vermelhas como uma gigantesca bola de espelhos. Estávamos cercados: de um lado, uma parede; do outro, vidro até os tornozelos. E a dois passos de uma criatura cujo único instinto natural era nos desmembrar — mas que não fez nenhum movimento para se aproximar mais. Parecia presa ao chão, balançando no lugar como um bêbado ou um sonâmbulo, a cabeça assassina meio caída, as línguas formando um ninho de cobras que eu fizera adormecer com um feitiço.

Eu. Eu tinha feito aquilo. Jacob Portman, um garoto insignificante de Lugar Nenhum, Flórida. Ele não ia nos matar naquele momento, aquele horror feito de uma compilação de trevas e pesadelos extraídos de crianças adormecidas, porque eu lhe pedira. Mandei, em termos bem claros, tirar a língua do meu pescoço. *Para trás*, ordenei. *Parado*, falei, em uma língua feita de sons que eu não sabia que uma boca humana era capaz de articular, e, milagrosamente, foi o que ele fez, os olhos me desafiando enquanto o corpo obedecia. De algum modo, eu havia domado o pesadelo, lançado um feitiço sobre ele. Mas criaturas adormecidas acordam e feitiços passam, principalmente os que são lançados por acidente. Eu sentia o etéreo fervilhar por baixo de sua superfície plácida.

Addison cutucou minha canela com o focinho.

— Mais acólitos virão. Será que o monstro vai nos deixar passar?

— Fale com ele outra vez — disse Emma, com a voz debilitada e distante. — Mande ele ir se ferrar.

Procurei as palavras, mas tinham se escondido.

— Não consigo.

— Você fez isso um minuto atrás — disse Addison. — Parecia um demônio falando por você.

Um minuto antes, quando eu nem sabia que conseguia fazer aquilo, as palavras estavam bem ali na ponta da minha língua, esperando para serem pronunciadas. Agora que eu as queria de volta, era como tentar pegar um peixe com as mãos: sempre que eu tocava em uma, ela escorregava entre meus dedos.

Vá embora!, gritei.

As palavras saíram no meu idioma mesmo. O etéreo nem se mexeu. Eu me empertiguei, olhei bem no fundo dos olhos negros dele e tentei outra vez.

Saia daqui! Deixe a gente em paz!

Mais uma vez, nada. O etéreo inclinou a cabeça como um cão curioso, mas, fora isso, era uma estátua.

— Ele foi embora? — perguntou Addison.

Os outros não podiam saber, pois só eu conseguia vê-lo.

— Continua aqui — respondi. — Não sei qual é o problema.

Eu me sentia ridículo e desolado. Será que meu dom tinha desaparecido assim tão rápido?

— Não importa — disse Emma. — De qualquer forma, não dá para argumentar com etéreos.

Ela estendeu a mão e tentou acender uma chama, mas o esforço pareceu esgotá-la. Segurei-a pela cintura com ainda mais cuidado, para que ela não caísse.

— Poupe suas forças, menina fósforo — disse Addison. — Tenho certeza de que vamos precisar de você.

— Vou lutar com as mãos frias se for necessário — disse Emma. — Só o que importa é encontrarmos os outros antes que seja tarde demais.

Os outros. Eu ainda podia vê-los desaparecendo junto dos trilhos: as roupas elegantes de Horace todas desarrumadas; a força de Bronwyn não sendo páreo para as armas dos acólitos; Enoch atordoado com o tiro; Hugh aproveitando o caos para tirar os sapatos pesados de Olive e deixar que flutuasse para longe dali; Olive pega pelo calcanhar e puxada para baixo antes que conseguisse escapar. Todos eles chorando de terror, chutados para dentro do trem sob a mira de armas, levados embora. Levados com a *ymbryne* que quase nos matamos para encontrar e que agora corria pelas entranhas de Londres rumo a um destino bem pior que a morte. *É tarde demais*, pensei. Já era tarde demais no momento em que os soldados de Caul atacaram o esconderijo congelado da srta. Wren. Já era tarde demais também na noite em que confundimos o irmão maligno da srta. Peregrine com nossa amada *ymbryne*. Mas jurei para mim

mesmo que encontraríamos nossos amigos e nossa *ymbryne*, não importava quanto custasse, mesmo que houvesse apenas cadáveres para recolher, mesmo que com isso estivéssemos somando nossos corpos à pilha.

Bem, então: em algum lugar no escuro em que o vermelho piscava havia uma saída para a rua. Uma porta, uma escada, uma escada rolante ao longe, junto da parede mais distante. Mas como chegar até lá?

Saia da droga do nosso caminho!, gritei novamente para o etéreo, em uma última tentativa.

Nada, é claro. O etéreo bufou como uma vaca, mas não se mexeu. As palavras tinham se esvaído.

— Plano B — falei. — Ele não me escuta, então vamos dar a volta e torcer para que não se mexa.

— Dar a volta por onde? — perguntou Emma.

Para passarmos a uma boa distância dele, teríamos que atravessar pilhas de vidro, mas os cacos retalhariam as pernas nuas de Emma e as patas de Addison. Tentei pensar em alternativas: eu podia carregar Addison no colo, mas não teria como proteger Emma. Ou eu podia encontrar um pedaço de vidro comprido como uma espada e enfiar nos olhos da criatura — um recurso que já tinha dado certo uma vez —, mas, se não conseguisse matá-la de primeira, acabaria por despertar o monstro, e seríamos mortos. O único outro meio era passar pelo pequeno espaço sem vidro, entre o etéreo e a parede. Mas era estreito: trinta, no máximo quarenta centímetros de largura; muito apertado, mesmo que colássemos as costas à parede. Se fôssemos por ali, corríamos o risco de nos aproximar demais do etéreo, ou pior, encostar nele sem querer, o que poderia romper o delicado transe que o mantinha imobilizado. Porém, como não podíamos criar asas e passar por ali voando, esta última parecia ser nossa única opção.

— Você consegue andar um pouco? — perguntei a Emma. — Mesmo que mancando?

Ela firmou os joelhos e se soltou um pouco de mim, testando.

— Consigo ir mancando.

— Então vamos fazer assim: a gente passa de fininho por ele e segue encostado na parede até se enfiar por aquele espaço ali. Não é grande, mas se tomarmos cuidado…

Addison entendeu a ideia e se encolheu, voltando para dentro da cabine telefônica.

— Você acha mesmo que devíamos nos aproximar tanto assim dele?

— Provavelmente não.

— E se ele acordar enquanto...?

— Ele não vai acordar — falei, fingindo confiança. — Só não faça nenhum movimento brusco. E, não importa o que aconteça, não toque nele.

— Você agora vai ser nossos olhos — disse Addison. — Que a Ave nos proteja.

Escolhi um caco bem comprido no chão e o enfiei no bolso. Avançamos dois passos, inseguros, e alcançamos a parede, onde colamos as costas nas lajotas frias e começamos a seguir lentamente na direção do etéreo. Os olhos dele nos acompanhavam, fixos em mim. Depois de alguns aterrorizantes passos andando de lado, fomos engolidos por um cheiro de etéreo tão repugnante que meus olhos lacrimejaram. Addison começou a tossir. Emma cobriu o nariz com a mão.

— Só mais um pouco — falei, a calma forçada fazendo minha voz sair esganiçada.

Peguei do bolso o caco de vidro, segurando-o com a ponta para a frente, e dei mais um passo, depois mais um. Agora estávamos tão perto que, se eu esticasse o braço, podia tocar o etéreo. Ouvi o coração dele batendo dentro das costelas, a pulsação se acelerando a cada passo nosso. Ele estava lutando contra mim, tentando, com cada neurônio, se libertar do controle de minhas mãos atrapalhadas. *Não se mexa*, pensei. *Você é meu. Eu controlo você. Não se mexa.*

Encolhi o peito, me estiquei todo e encostei cada vértebra na parede, e fui andando assim, como um caranguejo, pelo estreito espaço que havia entre a parede e o etéreo.

Não se mexa, não se mexa.

Deslizar o pé, mover o corpo, deslizar o pé. Eu prendia minha respiração enquanto a do etéreo se acelerava, úmida e arquejante, expelindo uma sinistra névoa negra pelas narinas. O ímpeto de nos devorar devia ser excruciante para ele, assim como meu ímpeto de correr para longe dali. Mas ignorei esse impulso; fazer isso seria agir como uma presa, não como aquele que está no domínio do outro.

Não se mexa, não se mexa.

Mais alguns passos, pouco mais de um metro, e conseguiríamos. O ombro dele estava a um fio de cabelo do meu peito.

Não...

E ele se mexeu. Em um movimento rápido, girou a cabeça e se posicionou de

frente para mim.

Meu corpo ficou rígido.

— Não se mexam — falei, dessa vez em voz alta, para os outros.

Addison enfiou a cara entre as patas; Emma congelou e apertou meu braço como um torno. Eu me preparei para o que estava por vir: as línguas do monstro, seus dentes, o fim.

Afaste-se, afaste-se, afaste-se.

Nada, nada, nada.

Passaram-se alguns segundos, durante os quais, sei lá como, não fomos mortos. Mas, pelos movimentos do peito subindo e descendo, a criatura tinha virado pedra outra vez.

Com cuidado, milímetro a milímetro, fui deslizando pela parede. O etéreo me acompanhou com sutis movimentos de cabeça, fixo em mim como a agulha de uma bússola, seu corpo em perfeita sintonia com o meu. Mas ele não nos seguiu, não abriu as mandíbulas. Se o feitiço que eu lançara tivesse sido quebrado, já estaríamos mortos àquela altura.

O etéreo apenas me observava, aguardando instruções que eu não sabia como dar.

— Alarme falso — falei.

Emma soltou um ruidoso suspiro de alívio.

Passamos pelo vão, nos desgrudamos da parede e saímos correndo o mais rápido que Emma conseguia se movimentar mancando. Quando tínhamos aberto alguma distância entre nós e o etéreo, olhei para trás. Ele tinha se virado completamente na minha direção.

Parado, murmurei. *Muito bem*.

* * *

Passamos por uma cortina de vapor, e a escada rolante surgiu à nossa frente, parada como uma escada normal, já que não tinha energia elétrica. Em volta brilhava um halo suave de luz do dia, um emissário tentador do mundo acima. O mundo dos vivos, o mundo de agora. Um mundo onde eu tinha pais. Os dois estavam ali, em Londres, respirando aquele ar. Daria para ir andando até eles.

Opa, e aí, tudo bem?

Impensável. Ainda mais impensável: menos de cinco minutos antes, eu tinha contado tudo a meu pai. Quer dizer, a versão resumida: *Eu sou como vovô Portman. Sou peculiar.* Eles não entenderiam, mas, pelo menos, agora sabiam.

Minha ausência pareceria menos uma traição. Eu ainda ouvia meu pai implorando que eu voltasse para casa, e, enquanto seguíamos mancando na direção da luz, tive que lutar contra a vontade repentina de largar o braço de Emma e correr para lá, fugir daquela escuridão sufocante, encontrar meus pais e implorar por perdão, depois me deitar na cama do hotel caro deles e dormir.

Isso era o mais impensável de tudo. Eu jamais poderia voltar: eu amava Emma e tinha dito isso a ela. Não a deixaria para trás por nada. E não porque eu fosse nobre, corajoso ou cavalheiresco. Não sou nada disso. Eu tinha medo de ser partido ao meio se a deixasse para trás.

E os outros, os outros... Nossos pobres amigos, condenados. Precisávamos ir atrás deles, mas como? Não entrava um trem na estação desde o que os levara embora, e, após a explosão e os tiros que abalaram o lugar, eu tinha certeza de que não chegariam outros. Assim, tínhamos duas opções, ambas terríveis: ir atrás deles a pé através dos túneis e torcer para não encontrar mais nenhum etéreo, ou subir pela escada rolante e encarar o que quer que estivesse a nossa espera lá em cima — muito provavelmente, um grupo de busca de acólitos —, depois nos reagruparmos e reavaliarmos nossa situação.

Eu sabia qual opção preferia. Estava farto da escuridão e mais ainda dos etéreos.

— Vamos subir — falei, conduzindo Emma na direção da escada rolante parada. — Vamos encontrar algum lugar seguro para planejar o que fazer. Enquanto isso, você recupera as forças.

— De jeito nenhum! — disse ela. — Não podemos simplesmente abandonar os outros. Não interessa como eu estou.

— Não vamos abandonar ninguém. Mas precisamos ser realistas. Estamos feridos e indefesos, e os outros devem estar a quilômetros de distância, já fora do metrô e a caminho de algum outro lugar. Como vamos encontrá-los?

— Do mesmo jeito que encontrei você — respondeu Addison. — Com meu focinho. Peculiares têm um aroma bastante único, sabe, que só cães de minha estirpe conseguem farejar. Você, por acaso, é de um grupo de peculiares com odor forte. O medo só aumenta o odor, eu acho, além da falta de banho...

— Então vamos atrás deles! — disse Emma.

Ela me puxou na direção dos trilhos com uma força surpreendente. Resisti, fazendo um cabo de guerra com nossos braços entrelaçados.

— Não, não... Os trens não estão mais circulando, não tem como. E se formos por ali a pé...

— Não me importa se é perigoso. Eu não vou deixá-los para trás.

— Não é só perigoso. É inútil. Eles já não estão por aqui. Emma!

Ela soltou o braço e saiu mancando na direção dos trilhos. Tropeçou, recuperou o equilíbrio. *Diga alguma coisa*, sussurrei para Addison, que deu a volta para bloquear o caminho de Emma.

— Infelizmente, ele tem razão. Se formos a pé, o rastro do cheiro de nossos amigos terá se dissipado muito antes que a gente consiga encontrá-los. Mesmo as minhas capacidades têm limites.

Emma contemplou o túnel, depois olhou para mim com uma expressão atormentada. Estendi a mão.

— Por favor, vamos embora. Não significa que estamos desistindo.

— Tudo bem — disse ela, com firmeza. — Tudo bem.

Mas quando começamos a caminhar na direção da escada rolante, alguém nos chamou do escuro, perto dos trilhos.

— Aqui!

A voz era fraca, mas familiar, com sotaque russo. Era o homem dobrável. No escuro, identifiquei suas formas amassadas junto aos trilhos, com o braço erguido. Ele tinha levado um tiro durante a confusão, e imaginei que os acólitos o houvessem enfiado no trem com os outros. Mas ali estava ele, acenando para nós.

— Sergei! — exclamou Emma.

— Você o conhece? — perguntou Addison, desconfiado.

— Era um dos peculiares refugiados da srta. Wren — falei, os ouvidos atentos ao som de sirenes distantes que ecoava lá embaixo, vindo da superfície.

Estava chegando problema, talvez problema disfarçado de ajuda, e temi que nossa melhor chance de sair dali sem transtornos estivesse escapando. No entanto, não podíamos simplesmente abandoná-lo.

Addison correu na direção do homem, desviando dos recifes mais profundos de vidro. Emma me deixou segurar seu braço outra vez, e seguimos a passos arrastados. Sergei estava caído de lado, coberto de vidro e sangrando. A bala o atingira em algum ponto vital. Seus óculos de armação de metal estavam rachados, e ele tentava arrumá-los para me enxergar direito.

— É um milagre, é um milagre — disse ele com dificuldade, a voz fraca como chá feito com saquinho usado. — Ouvi você falando na língua do monstro. É um milagre!

— Não é — falei, me ajoelhando ao lado dele. — Acabou. Já perdi o dom.

— Se está no seu interior, é para sempre.

Passos e vozes ecoaram pelo vão da escada rolante. Afastei cacos de vidro

para poder passar a mão por baixo do homem dobrável.

— Você vem com a gente — falei.

— Me deixem — resmungou ele. — Eu já vou morrer…

Ignorando-o, passei as mãos por baixo de seu corpo e o levantei. Ele era do tamanho de uma escada, mas leve como uma pena, e o segurei no colo como quem pega um bebê grande, as pernas magricelas pendendo entre meus braços enquanto a cabeça pendia do meu ombro.

Duas pessoas desceram ruidosamente os últimos degraus da escada rolante e pararam, envoltas pela luz pálida do dia e olhando atentamente para a escuridão recém-encontrada. Emma apontou para o chão, e nos ajoelhamos em silêncio, na esperança de que não nos vissem, de que fossem apenas civis que tivessem chegado para pegar o metrô, mas então ouvi o chiado de um walkie-talkie, e os dois acenderam lanternas. Os dois feixes de luz se refletiram no colete de segurança que ambos usavam.

Eles podiam estar ali atendendo a um chamado de emergência, ou ser acólitos disfarçados. Eu não tinha certeza até que, em sincronia, eles tiraram os óculos largos.

Claro.

Nossas opções tinham acabado de se reduzir à metade. Agora havia apenas os trilhos, os túneis. Feridos como estávamos, nunca seríamos mais rápidos que eles, mas fugir ainda era possível se não nos vissem, e ainda não tinham nos visto em meio ao caos da estação em ruínas. As lanternas duelavam pelo chão. Emma e eu recuamos na direção dos trilhos. Se pudéssemos apenas entrar nos túneis sem sermos vistos… Mas o maldito do Addison não se mexia.

— Vamos — sussurrei.

— Eles são motoristas de ambulância, e este homem precisa de ajuda — disse ele, alto demais. No mesmo instante, os feixes de luz saltaram do chão em nossa direção.

— Fiquem onde estão! — gritou um dos homens, sacando uma arma, enquanto o outro pegava o walkie-talkie.

Então duas coisas inesperadas aconteceram em rápida sucessão. A primeira foi que, quando eu estava prestes a soltar o homem dobrável nos trilhos e mergulhar atrás dele com Emma, um apito trovejante soou do interior do túnel e um único farol surgiu, uma luz muito intensa. A lufada de vento abafado vinha, é claro, de um trem, que, não sei como, corria nos trilhos mesmo depois da explosão. A segunda coisa, anunciada por uma pontada dolorosa no meu estômago, foi que o etéreo saiu do transe e agora vinha em nossa direção. Um

instante depois de sentir isso, eu de fato o vi, correndo através de uma nuvem de vapor, os lábios negros escancarados, as línguas se agitando no ar.

Estávamos cercados. Se corrêssemos para a escada, seríamos baleados e destroçados. Se saltássemos para os trilhos, seríamos esmagados pelo trem. E não podíamos escapar embarcando no trem porque ainda demoraria pelo menos dez segundos para que ele parasse, doze até que as portas se abrissem e mais dez até que se fechassem outra vez, e a essa altura teríamos morrido três vezes. Por isso, fiz o que costumo fazer quando estou sem ideias: olhei para Emma. Li, no desespero em seu rosto, que ela entendia o desespero da nossa situação e, na rigidez de seus maxilares cerrados, que estava disposta a agir mesmo assim. Só quando ela começou a cambalear adiante, as palmas das mãos estendidas para a frente, é que lembrei que ela não enxergava o etéreo, e tentei avisá-la, alcançá-la, impedi-la, mas não conseguia falar nada nem segurá-la sem largar o homem dobrável, e no instante seguinte Addison estava a seu lado, latindo para o acólito enquanto Emma tentava inutilmente produzir uma chama — fagulha, fagulha e nada, como um isqueiro sem gás.

O acólito começou a rir, puxou a arma e a apontou para ela. O etéreo correu na minha direção, uivando em contraponto ao rangido dos freios do trem às minhas costas. Foi quando eu soube que o fim tinha chegado e que não havia nada que eu pudesse fazer para impedir. Naquele momento, algo em meu interior relaxou, e, quando isso aconteceu, a dor que eu sentia com a proximidade de um etéreo também desapareceu. A dor era como um lamento agudo, e, quando ela abrandou, descobri outro som oculto por baixo, um murmúrio nos limites da consciência.

Uma palavra.

Eu mergulhei por ela. Agarrei-a com os dois braços. Juntei energias e a gritei com toda a força de um arremessador de beisebol profissional. *Ele*, falei, em uma língua que não era a minha. Foi apenas uma palavra, mas continha volumes de significado, e no momento em que ela ecoou da minha garganta, o resultado foi instantâneo. O etéreo parou de correr — parou imediatamente, chegando a derrapar no piso —, depois se virou bruscamente para um lado e arremessou uma língua, que se projetou até a outra extremidade da plataforma e envolveu três vezes a perna de um acólito. Desequilibrado, ele deu um tiro que ricocheteou no teto, depois foi virado de cabeça para baixo e erguido no ar, se debatendo e gritando.

Meus amigos demoraram um pouco para perceber o que tinha acontecido. Enquanto estavam ali parados, boquiabertos, e o outro acólito gritava alguma

coisa no walkie-talkie, ouvi as portas do trem se abrindo atrás de mim.

Era nossa hora.

— VAMOS! — gritei.

E eles foram. Emma correu mancando, com Addison se emaranhando entre seus pés, e eu tentando enfiar o magro e alto homem dobrável, todo escorregadio por causa do sangue, entre as portas estreitas. Por fim, caímos todos juntos dentro do vagão.

Mais tiros foram disparados. O acólito atirava às cegas, tentando acertar o etéreo.

As portas começaram a se fechar, mas tornaram a abrir.

Favor liberar as portas, anunciou uma simpática voz de gravação.

— Os pés dele! — disse Emma, apontando para os sapatos na extremidade das pernas compridas do homem dobrável.

Eu me apressei a chutar seus pés para soltá-los, e, nos segundos intermináveis até que as portas tornassem a se fechar, o acólito pendurado disparou mais tiros a esmo até que o etéreo se cansou dele e o jogou contra a parede, na qual ele deslizou para o chão em uma pilha inerte.

O outro acólito saiu correndo para a saída. *Ele também*, tentei dizer, mas era tarde demais. As portas estavam se fechando, e, com um arranco estranho, o trem se pôs em movimento.

Olhei ao redor, aliviado por termos encontrado um carro vazio. O que as pessoas normais iam pensar de nós?

— Você está bem? — perguntei a Emma. Ela estava sentada, respirando com dificuldade, e me observava com muita atenção.

— Graças a você — respondeu ela. — Você realmente fez o etéreo fazer tudo aquilo?

— Acho que sim — respondi, embora nem eu mesmo conseguisse acreditar direito.

— Isso é incrível. — Eu não sabia se ela estava assustada ou impressionada, ou os dois.

— Devemos a vida a você — disse Addison, esfregando a cabeça carinhosamente em meu braço. — Você é um garoto muito especial.

O homem dobrável riu, e baixei os olhos para vê-lo sorrir para mim através de uma máscara de dor.

— Viu? — disse ele. — Eu falei. É um milagre. — Então sua expressão ficou séria. Ele segurou minha mão e apertou um quadradinho de papel em seu interior. Uma fotografia. — Minha esposa, meu filho — disse ele. — Levados

por nosso inimigo, há muito tempo. Se encontrar outros, talvez…

Quando olhei para a foto, levei um susto. Era um retrato nove por sete de uma mulher com um bebê no colo. Sergei o levava consigo havia muito tempo, sem dúvida. Apesar de as pessoas na foto estarem bem alegres, a foto em si — ou o negativo — tinha sido seriamente danificada, talvez sobrevivido por pouco ao fogo, exposta a tanto calor que os rostos estavam distorcidos e fragmentados. Sergei nunca mencionara a família; desde que tínhamos nos conhecido, só falara sobre levantar um exército de peculiares, ir de fenda em fenda para recrutar sobreviventes fisicamente capazes dos ataques e expurgos. Ele nunca nos contou *para quê* queria um exército: para resgatar a família.

— Vamos encontrá-los também — falei.

Nós dois sabíamos que era bem improvável, mas era o que ele precisava ouvir.

— Obrigado — disse Sergei, e relaxou em uma poça de sangue que só crescia.

— Ele não tem muito tempo — disse Addison, aproximando-se para lamber o rosto de Sergei.

— Talvez eu ainda tenha calor suficiente para cauterizar o ferimento — disse Emma. Ela avançou até ele e começou a esfregar as mãos.

Addison farejou a parte da camisa que cobria a barriga do homem dobrável.

— Aqui, ele está ferido aqui — disse o cão.

Emma pôs as mãos dos dois lados do ponto, e eu me levantei quando ouvi o chamuscar de carne, me sentindo fraco.

Olhei pela janela. Ainda estávamos deixando a estação, retardados, talvez, pelo entulho nos trilhos. O pisca-pisca das luzes de emergência captava detalhes aleatórios da escuridão. O corpo de um acólito morto parcialmente enterrado em vidro; a cabine telefônica destruída, cena de minha descoberta; o etéreo, cuja silhueta percebi com um susto, nos seguia trotando pela plataforma, alguns vagões atrás, natural como um atleta.

Pare. Não se aproxime, falei na direção da janela, na minha língua. Meus pensamentos não estavam claros, pois a dor e o sofrimento atrapalhavam outra vez.

Ganhamos velocidade e entramos no túnel. Encostei minha cabeça no vidro, virando o rosto para trás para mais uma olhada. Estava escuro, escuro, então em um clarão de luz como o flash de uma câmera vi o etéreo como o quadro de um filme, voando, seus pés se erguendo da plataforma, as línguas laçando a balaustrada do último vagão.

Milagre. Maldição. Eu não tinha entendido exatamente a diferença.

* * *

Peguei as pernas dele, Emma pegou os braços, e, com cuidado, erguemos Sergei e o pusemos sobre um assento comprido, embaixo de um anúncio de pizza congelada, no qual ele ficou desmaiado, balançando com o movimento do metrô. Se fosse morrer, parecia errado deixá-lo no chão.

Emma levantou sua camisa fina.

— O sangramento parou — anunciou. — Mas ele vai morrer se não for logo para um hospital.

— É provável que ele morra mesmo assim — disse Addison. — Especialmente em um hospital aqui no presente. Imagine, ele acorda curado daqui a três dias, mas com problemas em todo o resto, envelhecido duzentos anos ou sabe a ave quantos mais.

— Pode ser — retrucou Emma. — Na verdade, eu vou me surpreender se em três dias qualquer um de nós estiver vivo, seja lá em que condição for. Não sei o que mais podemos fazer por ele.

Eu já tinha ouvido alguém mencionar aquele prazo: dois ou três dias era o

máximo de tempo que qualquer peculiar que vivera em uma fenda podia permanecer no presente sem envelhecer. Era o suficiente apenas para que eles visitassem o presente. O suficiente para viajar entre fendas, mas pouco para incentivar algum deles a se demorar. Só os mais audaciosos e as *ymbrynes* faziam excursões ao presente que demoravam mais que algumas horas, pois as consequências de um atraso eram graves demais.

Emma se ergueu, parecendo doente sob a fraca luz amarelada, depois mancou de um pé e tentou segurar um dos apoios do trem. Peguei sua mão e a fiz se sentar junto de mim, e ela desabou ao meu lado, exausta. Nós dois estávamos. Eu não dormia direito havia dias. Também não comia direito, exceto pelas poucas chances que tivemos de nos empanturrar. Já nem sabia mais havia quanto tempo eu estava aterrorizado e correndo com aqueles malditos sapatos que provocavam bolhas, porém, mais do que isso, sempre que eu falava etéreo, isso parecia talhar algo de mim que eu não sabia recolocar de volta. Me deixava cansado a um nível que era totalmente desconhecido, subterrâneo. Eu tinha descoberto um novo veio em meu interior, uma nova fonte de poder para garimpar, mas era exaurível e finito. Será que, caso o esgotasse, eu também me esgotaria?

Deixaria para me preocupar com isso em outra hora. Por enquanto, tentava saborear um raro momento de paz, apenas respirando, meu braço ao redor de Emma e sua cabeça em meu ombro. Sendo egoísta, talvez, não mencionei o etéreo que perseguira nosso trem. O que poderíamos fazer em relação a ele? Ou ele nos pegaria, ou não. Ou nos mataria, ou não. Quando nos encontrasse, e eu tinha certeza de que encontraria, ou eu descobriria as palavras para deter suas línguas, ou não.

Observei Addison saltar no banco à nossa frente, destrancar a janela com a pata e abri-la um pouco. O som furioso do trem e um cheiro quente do ar do túnel entraram com velocidade, e o cão se sentou para decifrá-lo pelo olfato, fungando, os olhos brilhando. Para mim, o ar tinha cheiro de suor rançoso e podridão seca, mas ele pareceu perceber algo mais sutil, algo que exigia interpretação cuidadosa.

— Consegue farejá-los? — perguntei.

O cachorro me ouviu, mas levou um bom tempo para responder, os olhos direcionados para o teto como se terminasse um pensamento.

— Consigo — disse ele. — O rastro está nítido e fresco.

Mesmo àquela alta velocidade, ele conseguia captar os traços de peculiares que tinham sido enclausurados em um vagão de trem alguns minutos antes.

Fiquei impressionado, e disse isso a ele.

— Obrigado, mas não posso receber todo o crédito — disse ele. — Alguém também deve ter aberto uma janela em seu vagão, senão a trilha estaria muito mais leve. Talvez a srta. Wren tenha feito isso, sabendo que eu tentaria seguir.

— Ela sabia que você estava aqui? — perguntei.

— Como você nos encontrou? — indagou Emma.

— Só um instante — disse Addison bruscamente. O trem estava parando em uma estação, as janelas mudando do preto do túnel para o branco de azulejos. Ele enfiou o focinho pela janela e fechou os olhos, tomado pela concentração, e continuou: — Não acho que eles tenham saltado, mas estejam preparados.

Emma e eu ficamos de pé, fazendo o possível para deixar o homem dobrável fora de vista. Vi, com certo alívio, que não havia muita gente à espera na plataforma. Era engraçado ainda ter alguém lá e os trens ainda circularem. Era como se nada tivesse acontecido. Os acólitos tinham se assegurado disso, eu desconfiava, na esperança de que mordêssemos a isca e entrássemos em um trem, pois assim seria mais fácil nos cercar. Nós, sem dúvida, não seríamos difíceis de identificar em meio às pessoas indo trabalhar de metrô na Londres moderna.

— Aja naturalmente — falei. — Como se você fosse daqui.

Emma pareceu achar graça disso e segurou o riso. Era engraçado, acho, considerando que não pertencíamos a lugar nenhum em particular, muito menos àquele.

O trem parou, as portas se abriram. Addison inalou profundamente o ar enquanto uma mulher com cara de estudiosa vestindo um blazer de lã entrou em nosso vagão. Ao nos ver, ela ficou boquiaberta, então se virou rapidamente e tornou a sair. *Não. Não, obrigada*. A culpa não era dela. Estávamos imundos, cobertos de sangue, com aparência esquisita em roupas antigas e bizarras. Provavelmente parecíamos ter matado o pobre homem ao nosso lado.

— Aja com naturalidade — disse Emma, e fez uma expressão de escárnio.

Addison retirou o focinho da janela.

— Estamos na pista certa — disse ele. — A srta. Wren e os outros sem dúvida passaram por aqui.

— Eles não saltaram aqui? — perguntei.

— Acho que não. Mas, caso eu não sinta o cheiro deles na próxima estação, saberemos que fomos longe demais.

As portas bateram ao fechar, e, com um apito eletrônico, tornamos a partir. Eu estava prestes a sugerir que encontrássemos uma nova muda de roupa

quando Emma se agitou ao meu lado, como se tivesse acabado de se lembrar de alguma coisa.

— Addison, o que aconteceu com Fiona e Claire? — perguntou ela.

À menção de seus nomes, fui tomado por uma onda nauseante de preocupação. A última vez que as víramos tinha sido na fauna peculiar da srta. Wren, onde a garota mais velha ficara para trás com Claire, que estava doente demais para viajar. Caul nos contou que atacara a fauna e capturara as garotas, mas ele também nos contou que Addison estava morto, então claramente sua informação não era de confiança.

— Ah — fez Addison, balançando a cabeça com pesar. — São más notícias, infelizmente. Parte de mim, admito, estava torcendo para que você nunca perguntasse.

O rosto de Emma ficou lívido.

— Conte.

— É claro. Logo depois que vocês partiram, fomos atacados por um bando de acólitos. Jogamos ovos do Armagedom neles, depois nos espalhamos e nos escondemos. A garota maior, com cabelo despenteado...

— Fiona — falei, o coração batendo forte.

— Ela usou sua aptidão com plantas para nos esconder em árvores e sob arbustos. Ficamos tão bem camuflados que levaria dias para os acólitos desenterrarem a todos nós, mas eles nos atacaram com gás e nos expulsaram para campo aberto.

— Gás! — exclamou Emma. — Os canalhas juraram que nunca mais voltariam a usar isso!

— Parece que eles mentiram — disse Addison.

Eu tinha visto uma foto uma vez, em um dos álbuns da srta. Peregrine, de um daqueles ataques: acólitos em máscaras fantasmagóricas com tanques para respirar, agindo com naturalidade enquanto lançavam nuvens de gás no ar. Apesar de não ser fatal, o gás fazia olhos, pulmões e garganta arderem, provocando uma dor terrível, e havia rumores de que aprisionava *ymbrynes* em sua forma de ave.

— Quando eles nos cercaram — prosseguiu Addison —, fomos interrogados sobre o paradeiro da srta. Wren. Eles viraram a torre dela do avesso à procura de mapas, diários e sei lá mais o quê. E quando a pobre Deirdre tentou detê-los, eles a mataram.

Um lampejo do rosto comprido da jumirafa surgiu à minha frente, desajeitado, doce, com dentes afastados, e meu estômago se embrulhou. Que tipo de pessoa era capaz de matar uma criatura daquelas?

— Meu Deus, isso é horrível — falei.

— Horrível — concordou Emma mecanicamente. — E as garotas?

— A pequena foi capturada pelos acólitos — disse Addison. — A outra... Bem, houve um confronto com alguns soldados, e eles estavam quase na beira do precipício, e ela caiu.

— O quê? — perguntei.

Por um instante o mundo se turvou, depois voltou ao foco bruscamente.

Emma se enrijeceu, mas seu rosto não denunciou nada.

— Como assim, caiu? Caiu de que altura?

— Era uma queda íngreme, de pelo menos trezentos metros. Eu realmente sinto muito.

Eu me sentei com toda a força do meu peso. Emma permaneceu de pé, as mãos apertando a barra de apoio.

— Não — disse ela com firmeza. — Não, não pode ser. Talvez ela tenha se agarrado a alguma coisa na queda. Um galho ou uma pedra...

Addison encarou o chão pontilhado de chiclete.

— É possível.

— Ou as árvores lá embaixo tenham amortecido a queda e a segurado como uma rede! Fiona pode falar com elas, você sabe.

— Sei — disse ele. — Sempre se pode ter esperança.

Tentei imaginar ser amortecido por um pinheiro pontudo depois de uma queda daquelas. Não parecia possível. Vi a pequena esperança despertada por Emma se extinguir, e então suas pernas começaram a tremer, e ela soltou a barra de apoio e se jogou no banco ao meu lado.

Ela olhou para Addison com os olhos marejados.

— Sinto muito por sua amiga.

— Eu digo o mesmo.

— Nada disso teria acontecido se a srta. Peregrine estivesse aqui — sussurrou ela. Então, em silêncio, baixou a cabeça e chorou.

Quis abraçá-la, mas me parecia uma intromissão em um momento

particular, tomando-o para mim quando na verdade era apenas dela; então, em vez disso, me sentei, olhei para minhas mãos e deixei que ela chorasse pela amiga morta. Addison virou a cara, por respeito, acho, e porque o trem reduzia a velocidade ao entrar em outra estação.

As portas se abriram. Addison enfiou a cabeça pela janela, farejou o ar na plataforma, rosnou para alguém que tentou embarcar em nosso vagão, depois tornou a entrar. Quando as portas se fecharam outra vez, Emma já tinha reerguido a cabeça e secado as lágrimas.

Apertei sua mão.

— Você está bem? — perguntei, desejando conseguir pensar em algo a mais a dizer, ou em algo melhor.

— Preciso estar, não é? — disse ela. — Pelos que ainda estão vivos.

Para alguns, poderia parecer insensível o modo como ela reprimia e afastava sua dor, mas eu já a conhecia bem o suficiente para entender. Ela tinha um coração do tamanho da França, e os poucos sortudos que eram amados por ele eram amados com cada centímetro quadrado. Porém, o tamanho de seu coração também o tornava algo perigoso. Se ela se permitisse sentir tudo, ficaria devastada. Por isso, tinha que domá-lo, silenciá-lo, calá-lo. Mandar as piores dores para uma ilha que estava rapidamente sendo ocupada por elas e na qual um dia ela iria viver.

— Mas continue — disse Emma. — O que aconteceu com Claire?

— Os acólitos a levaram. Amordaçaram suas duas bocas e a jogaram em uma saca.

— Mas ela estava viva? — perguntei.

— Sim, ao menos até o meio-dia de ontem. Depois enterramos Deirdre em nosso pequeno cemitério e fui às pressas para Londres procurar a srta. Wren e alertar vocês. Um dos pombos da srta. Wren me conduziu a seu esconderijo, e, ao mesmo tempo que fiquei feliz ao ver que tinham chegado antes de mim, percebi que, infelizmente, os acólitos também tinham. O cerco já havia começado, e fui obrigado a assistir sem poder fazer nada e… Bom, o resto vocês sabem. Segui vocês enquanto eram conduzidos para o metrô. Quando houve aquela explosão, aproveitei a oportunidade para ajudá-los.

— Obrigado por isso — falei, percebendo que ainda não havíamos reconhecido a dívida que tínhamos com ele. — Se você não tivesse nos arrastado de lá…

— Sim, bom… Não há necessidade de se ater a situações hipotéticas desagradáveis — disse ele. — Mas, em agradecimento à minha bravura, eu

esperava que vocês me auxiliassem a resgatar a srta. Wren dos acólitos. Por mais improvável que isso pareça. Ela significa tudo para mim, sabem?

Era a srta. Wren quem ele queria reaver dos acólitos, não nós, mas fomos o resgate realista, mais longe do trem, então ele tomara uma decisão rápida e salvou quem pôde.

— Claro que vamos ajudar — falei. — Não é isso o que estamos fazendo agora?

— Sim, sim — disse ele. — Mas vocês devem se dar conta de que, como *ymbryne*, a srta. Wren é mais valiosa para os acólitos que as crianças peculiares, e por isso talvez libertá-la se prove mais difícil. Eu me preocupo que, se por algum milagre tivermos sorte suficiente para libertar seus amigos…

— Ei, *espere aí* — interrompi. — Quem disse que ela é mais…

— Não, é verdade — disse Emma. — Ela vai estar por trás de fechaduras e trancas mais pesadas, sem dúvida. Mas não vamos deixá-la para trás. Não vamos deixar mais ninguém para trás, nunca mais. Você tem nossa palavra de peculiares.

O cachorro pareceu satisfeito com isso.

— Obrigado — disse ele, e em seguida suas orelhas grandes se achataram. Ele saltou para um banco e olhou pela janela enquanto parávamos na estação seguinte. — Escondam-se — disse, se abaixando. — Há inimigos por perto.

* * *

Os acólitos estavam à nossa espera. Vi dois deles aguardando na plataforma, vestidos de policiais em meio à dispersão de passageiros. Estavam examinando os vagões enquanto nosso trem parava na estação. Abaixamos sob as janelas, na esperança de que não nos vissem, mas eu sabia que veriam. O que portava um walkie-talkie mandou um rádio: eles deviam saber que estávamos naquele trem. Agora só precisavam revistá-lo.

O trem parou e as pessoas começaram a embarcar, mas nenhuma em nosso vagão. Arrisquei espiar através das portas abertas e vi um dos acólitos na plataforma, caminhando depressa em nossa direção enquanto olhava atentamente para o vagão.

— Tem um vindo — murmurei. — Como está seu fogo, Emma?

— Quase nulo.

Ele estava se aproximando. Quatro vagões de distância. Três.

— Então se prepare para correr.

Dois vagões de distância. Em seguida, uma delicada voz de gravação: "Atenção: portas se fechando."

Ele enfiou um braço. As portas bateram e se abriram. Ele embarcou no vagão contíguo ao nosso.

Meus olhos se dirigiram à porta que conectava nossos vagões. Estava trancada com uma corrente — graças a Deus por seus pequenos gestos. As portas estalaram ao fechar, e o trem começou a se movimentar. Transferimos o homem dobrável para o chão e nos encolhemos com ele em um canto no qual não podíamos ser vistos do vagão do acólito.

— O que vamos fazer? — disse Emma. — No momento em que este trem parar outra vez, ele vem direto para cá e vai nos achar.

— Temos certeza absoluta de que ele é um acólito? — perguntou Addison.

— Por acaso gatos nascem em árvores? — retrucou Emma.

— Não nesta parte do mundo.

— Então, claro que não. Mas, em se tratando de acólitos, há um velho ditado: se não tem certeza, suponha.

— Está bem, então — falei. — Assim que as portas se abrirem, corremos para a saída.

Addison soltou um suspiro.

— Essa mania de *sair correndo* — disse ele com desdém, como se fosse um gourmet e lhe houvessem oferecido um pedaço mole de queijo processado. — Não há nenhuma imaginação nisso. Não podíamos tentar sair escondidos? Nos misturar? Nisso há arte. Aí poderíamos simplesmente sair caminhando tranquilamente, sem sermos percebidos.

— Odeio sair correndo tanto quanto qualquer outra pessoa — falei —, mas Emma e eu parecemos psicopatas do século XIX e você é um cachorro de óculos. Com certeza seríamos notados.

— Enquanto não fazem lentes de contato caninas, tenho que usar isso — resmungou Addison.

— Onde está aquele etéreo quando a gente mais precisa dele? — disse Emma, com naturalidade.

— Atropelado por um trem, se tivermos sorte — falei. — E o que você quer dizer com isso?

— Ah, que ele foi bastante útil mais cedo.

— E antes disso ele quase nos matou, duas vezes. Não, três vezes! Seja lá o que eu tenha feito para controlá-lo, foi mais ou menos por acidente. E se eu *não* conseguir? Estamos mortos.

Emma não respondeu imediatamente, mas me analisou por um momento e depois pegou minha mão, toda coberta de sujeira, e a beijou com delicadeza, uma, duas vezes.

— Por que isso? — perguntei, surpreso.

— Você não tem ideia, tem?

— De quê?

— De como você é um milagre total.

Addison rosnou.

— Você tem um talento maravilhoso — sussurrou Emma. — Tenho certeza de que só precisa de um pouco de prática.

— Talvez. Mas, normalmente praticar alguma coisa significa errar algumas vezes, e errar com isso significa a morte de pessoas.

Emma apertou minha mão.

— Bem, nada como um pouco de pressão para ajudar você a aperfeiçoar uma nova habilidade.

Tentei sorrir, mas não consegui. Meu coração também doía muito ao pensar em todo o estrago que eu podia provocar. Essa coisa que eu podia fazer parecia uma arma carregada que eu não sabia usar. Droga, eu nem sabia qual lado apontar para o alvo. Era melhor deixá-la de lado, para não explodir em minhas mãos.

Ouvimos um ruído do outro lado do vagão. Olhei e vi a porta se abrindo. Esta não estava trancada com corrente, e um casal de adolescentes com roupas de couro entrou em nosso vagão, um garoto e uma garota, rindo e passando um cigarro aceso entre eles.

— Vão pegar a gente! — disse a garota, beijando o pescoço dele.

O garoto afastou dos olhos uma mecha pretensiosa de cabelo.

— Sempre faço isso, gata — respondeu o rapaz.

Assim que ele nos viu, paralisou, suas sobrancelhas curvadas como parábolas. A porta por onde entraram bateu com força atrás deles.

— Olá — falei com naturalidade, como se não estivéssemos agachados no chão com um homem moribundo coberto de sangue. — Tudo bem?

Não surtem. Não nos entreguem.

O garoto franziu o cenho.

— Vocês estão…

— Fantasiados — respondi. — Exageramos com o sangue falso.

— Ah — disse o garoto, nitidamente sem acreditar em mim.

A garota olhava fixamente para o homem dobrável.

— Ele está…

— Bêbado — disse Emma. — Louco das ideias. Por isso derramou todo o nosso sangue falso no chão. E em si mesmo.

— E em nós — completou Addison.

A cabeça dos adolescentes virou bruscamente em sua direção, seus olhos ficando ainda mais arregalados.

— Seu idiota — murmurou Emma. — Fique quieto.

O garoto ergueu a mão trêmula e apontou para o cachorro.

— Ele acabou de…

Addison dissera só três palavras. Talvez pudéssemos fingir que tinha sido um truque de ventriloquismo, algo diferente do que parecera, mas ele era orgulhoso demais para se passar por um cachorro normal.

— É claro que não — disse ele, erguendo o focinho no ar. — Cães não sabem falar inglês. Nem qualquer outra língua humana, com a notável exceção do luxemburguês, um idioma compreensível apenas para banqueiros e luxemburgueses e, portanto, praticamente inútil. Não, você comeu algo estragado e está tendo uma alucinação, só isso. Agora, se não for incômodo demais, meus amigos precisam pegar suas roupas emprestadas. Por favor, dispam-se imediatamente.

Pálido e trêmulo, o garoto começou a tirar a jaqueta de couro, mas tinha soltado apenas um braço quando os joelhos cederam e ele caiu desmaiado no chão. Então a garota começou a gritar, e não parou.

No instante seguinte, o acólito estava esmurrando a porta acorrentada, com um brilho assassino nos olhos vazios.

— Sem chance de sair escondido — falei.

Addison se virou para ele.

— Sem dúvida um acólito — disse ele, balançando a cabeça com sabedoria.

— Que bom, mistério resolvido — disse Emma.

Um solavanco e um rangido de freios. Estávamos chegando a uma estação. Coloquei Emma de pé e me preparei para correr.

— E Sergei? — perguntou Emma, virando-se bruscamente.

Já seria bem difícil ir mais rápido que uma dupla de acólitos com Emma ainda recuperando as forças; carregando o homem dobrável, seria impossível.

— Vamos ter que deixá-lo aqui — falei. — Vão encontrá-lo e levá-lo para o hospital. É a melhor opção para ele… E para a gente.

Surpreendentemente, ela concordou.

— Acho que era isso o que ele iria querer. — Ela foi rapidamente até ele. —

Desculpa não podermos levar você com a gente. Mas tenho certeza de que vamos nos encontrar de novo.

— No outro mundo — resmungou ele, entreabrindo os olhos. — Em Abaton.

Com essas palavras misteriosas e os gritos da garota ecoando em nossos ouvidos, o trem parou e as portas se abriram.

* * *

Não tentamos nada inteligente. Não tentamos nada elegante. No instante em que as portas se abriram, apenas corremos o mais rápido possível.

O acólito saltou para o interior do nosso vagão. A essa altura, já tínhamos passado pela garota gritando e pelo garoto desmaiado e estávamos numa plataforma em que, como um cardume a caminho da desova, lutávamos contra uma multidão que fluía para entrar no trem. Aquela estação, ao contrário de todas as outras, estava lotada de gente.

— Ali! — gritei, puxando Emma na direção de uma placa de SAÍDA que brilhava ao longe.

Torci para que Addison estivesse em algum ponto perto de nossos pés, mas havia tanta gente aglomerada à nossa volta que eu mal via o chão. Por sorte, a força de Emma estava voltando, ou uma carga de adrenalina estava entrando em ação, porque acho que eu não teria aguentado seu peso ao mesmo tempo em que atravessava a manada humana.

Tínhamos posto uns dez metros e cinquenta pessoas entre nós e o trem quando o acólito saiu do vagão, empurrando passageiros e gritando *Eu sou um agente da lei!* e *Saiam do caminho!* e *Parem aqueles garotos!* Ou ninguém o ouvia acima do burburinho da estação ou ninguém estava prestando atenção. Olhei para trás para vê-lo se aproximando, e foi quando Emma começou a fazer as pessoas tropeçarem, jogando suas pernas à direita e à esquerda enquanto corríamos. As pessoas gritavam e caíam aos montes atrás de nós, e, quando voltei a olhar para trás, o acólito caminhava com dificuldade, pisando sobre pernas e costas e sendo atacado com maletas e guarda-chuvas em retaliação. Furioso e frustrado, ele parou para abrir o coldre de sua arma, mas o fluxo de pessoas entre nós tinha aumentado demais, e, apesar de eu ter certeza de que ele seria insensível o bastante para disparar em meio à multidão, não era burro o suficiente para isso. O pânico causado iria nos tornar ainda mais difíceis de pegar.

Na terceira vez que olhei para trás, ele estava tão distante que mal consegui

vê-lo, engolido pela aglomeração de pessoas. Talvez não se preocupasse com nossa captura. Afinal, não éramos nem uma grande ameaça nem um grande prêmio. Talvez o cachorro tivesse razão: em comparação a uma *ymbryne*, mal valíamos o esforço.

A meio caminho das saídas, a multidão diminuiu o suficiente para que começássemos a correr, mas tínhamos dado apenas alguns passos quando Emma me pegou pela manga e me deteve.

— Addison! — exclamou ela, virando-se para olhar para trás. — Onde está Addison?

No instante seguinte, ele chegou, saindo correndo da parte mais densa da multidão com um pedaço grande de pano branco preso em um pino da coleira.

— Vocês esperaram por mim! — disse ele. — Fiquei preso na meia de uma mulher…

Cabeças se viraram ao som de sua voz.

— Vamos, não podemos parar agora! — falei.

Emma tirou a meia presa da coleira de Addison e saímos correndo outra vez. À nossa frente havia uma escada rolante e um elevador. A escada rolante estava funcionando, mas muito cheia, então nos conduzi na direção do elevador. Passamos por uma mulher pintada de azul dos pés à cabeça, e tive que me virar e olhar mesmo enquanto minhas pernas me levavam para a frente. Seu cabelo estava pintado de azul, o rosto coberto de maquiagem azul, e ela usava uma malha colada ao corpo, também azul.

A mulher tinha acabado de sair de vista quando alguém ainda mais bizarro apareceu: um homem cuja cabeça era dividida em dois lados: um era careca, queimado e enrugado; o outro, intocado, o cabelo com uma ondulação elegante fixada com gel. Se Emma o viu, não se virou para olhar. Talvez estivesse tão acostumada a encontrar peculiares verdadeiros que mal percebia pessoas normais de aparência peculiar. *Mas e se eles não forem normais?*, pensei. *E se forem peculiares e, em vez de no presente, fomos parar em outra fenda?*

Aí vi dois meninos com espadas brilhantes lutando perto de uma parede com máquinas de vendas, cada encontro de sabres soando com um *TEC* fraco e plástico, e a realidade entrou em foco. Aquelas pessoas de aparência estranha não eram peculiares. Eram nerds. Com certeza absoluta, estávamos no presente.

A uns sete metros de distância, as portas do elevador se abriram. Aceleramos e nos jogamos para dentro, amortecendo o impacto com as mãos apoiadas na parede do fundo enquanto Addison se estatelava sobre as patas

cambaleantes. Eu me virei bem a tempo de ver duas coisas através do vão da porta se fechando: o acólito saindo da multidão e indo em nossa direção a toda velocidade e, lá atrás nos trilhos, onde o trem estava partindo, o etéreo saltando do teto do último vagão para o teto da estação. Com a língua segurando um suporte de luz, balançou pendurado como uma aranha, os olhos negros brilhando para mim.

Então as portas se fecharam e começamos a subir lentamente, e alguém estava dizendo:

— Onde é o incêndio, parceiro?

Um homem de meia-idade estava parado no canto do elevador, fantasiado e com expressão de escárnio. Sua camisa estava rasgada, seu rosto estava coberto de falsos cortes e, preso à extremidade de um braço, no estilo Capitão Gancho, havia uma serra elétrica suja de sangue.

Emma o viu e deu um passo para trás.

— Quem é você? — perguntou ela.

— Ah, o que é isso? — disse ele, parecendo levemente ofendido.

— Se você quiser mesmo saber onde é o fogo, não responda — ameaçou Emma.

Ela começou a erguer as mãos, mas eu estendi o braço e a detive.

— Ele não é ninguém — falei.

— Achei que tivesse feito uma escolha óbvia este ano — murmurou o homem. Ele arqueou a sobrancelha e ergueu um pouco a serra elétrica. — Eu sou Ash. Vocês sabem… *Uma noite alucinante III*.

— Nunca ouvi falar de nenhum dos dois — disse Emma. — Quem é sua *ymbryne*?

— Minha o quê?

— Ele só está imitando um personagem — tentei explicar, mas ela não estava me ouvindo.

— Não importa quem você é — disse ela. — Um exército cairia bem, e não estamos podendo escolher. Onde está o resto dos seus homens?

O homem revirou os olhos.

— Ha, ha! Caras, vocês são engraçados. Todo mundo está no centro de convenções, é óbvio.

— Ele está usando uma *fantasia* — sussurrei para Emma. Depois, para o cara: — Ela não vê muitos filmes.

— Uma fantasia? — Emma franziu a testa. — Mas ele é adulto.

— E daí? — disse o homem, nos olhando de cima a baixo. — E *vocês*, quem

deveriam ser? Idiotas Andantes? A Liga dos Babacas Extraordinários?

— Peculiares — esclareceu Addison, cujo ego não permitiu mais que ficasse em silêncio. — E eu sou o sétimo filhote do sétimo filhote de uma longa e ilustre linhagem de…

O homem desmaiou antes que Addison pudesse terminar, e sua cabeça bateu no chão com um barulho que me fez encolher.

— Você *precisa* parar de fazer isso — disse Emma, e depois não conteve o riso.

— Ele mereceu — disse Addison. — Que pessoa mal-educada. Agora, rápido, pegue a carteira dele.

— De jeito nenhum! — falei. — Não somos ladrões.

Addison zombou de mim.

— Eu diria que precisamos dela mais que ele.

— Por que raios ele está vestido desse jeito? — perguntou Emma.

A campainha do elevador tocou, e as portas começaram a se abrir.

— Acho que você está prestes a descobrir — falei.

* * *

As portas do elevador se abriram, e, como mágica, o mundo à luz do dia se descortinou à nossa frente, tão claro que tivemos que proteger os olhos. Enchi o pulmão com o bem-vindo ar fresco quando saímos na calçada abarrotada. Havia pessoas fantasiadas por toda parte: super-heróis de lycra, zumbis andando com dificuldade com maquiagem pesada, garotas estilo anime com olhos de guaxinim brandindo machados. Eles se congregavam em grupos improváveis e se espalhavam por uma rua com trânsito bloqueado, atraídos como mariposas para um grande prédio cinza onde uma grande faixa anunciava: CONVENÇÃO DE QUADRINHOS.

Emma recuou na direção do elevador.

— O que é isso tudo?

Addison espiou por cima dos óculos para o Coringa de cabelo verde que retocava a maquiagem.

— A julgar pelos trajes, parece alguma espécie de feriado religioso.

— Tipo isso — falei, conduzindo Emma de volta para a calçada. — Mas não se assuste, eles são apenas normais fantasiados, e é isso o que nós parecemos para eles. Só precisamos nos preocupar com aquele acólito. — Deixei de mencionar o etéreo, na esperança de que o tivéssemos despistado ao

desaparecer no elevador. — Deveríamos encontrar um lugar para nos esconder até ele sumir, e depois voltar discretamente para o metrô...

— Isso não vai ser necessário — disse Addison, e entrou trotando em uma rua cheia, fungando.

— Ei! — chamou Emma, atrás dele. — Aonde você vai?

Mas ele já estava fazendo a volta.

— Demos muita sorte! — disse ele, agitando a cauda curta e cotó. — Meu focinho me diz que nossos amigos foram tirados do metrô aqui, pela escada rolante. Viemos, no fim das contas, pelo caminho certo!

— Graças às aves! — disse Emma.

— Acha que consegue seguir o rastro? — perguntei.

— Você *acha* que eu posso? Eles não me chamam de Addison, o Incrível, por nada! Ora, não há aroma, fragrância e perfume peculiar que eu não fareje a centenas de metros de...

Addison se distraía com facilidade quando o tema era sua própria grandeza, mesmo com assuntos urgentes em questão, e sua voz orgulhosa e grave tinha uma tendência a se prolongar.

— Está bem, já entendemos — falei, mas ele continuou a falar por cima, agora caminhando, seguindo o nariz.

— ... eu poderia encontrar um peculiar em um amontoado de etéreos, ou uma *ymbryne* em um aviário...

Nós o seguimos pela multidão fantasiada, entre anões de pernas de pau, desviando de um bando de princesas mortas-vivas e em uma rota de quase colisão com um Pikachu e um Edward Mãos de Tesoura que estavam valsando na rua. *Claro que nossos amigos foram trazidos por aqui*, pensei. Era a camuflagem perfeita, não apenas para nós, que em meio a tudo aquilo parecíamos totalmente normais, mas também para acólitos raptando um bando de crianças peculiares. Mesmo se alguma delas tivesse ousado gritar por ajuda, quem as teria levado a sério? Todas as pessoas à nossa volta estavam atuando, improvisando lutas teatrais, rosnando em fantasias monstruosas, gemendo como zumbis. Alguns garotos estranhos gritando sobre estarem sendo raptados por pessoas que queriam roubar suas almas? Isso não causaria nenhuma estranheza.

Addison andou em círculo farejando o chão, então se sentou, perplexo. Discretamente, porque mesmo naquela multidão um cachorro falante seria um choque, eu me abaixei e perguntei a ele qual era o problema.

— Eu simplesmente... err... Parece que eu acabei de...

— Perder o rastro? — disse Emma. — Achei que seu faro fosse infalível.

— Eu apenas me *confundi* com a trilha. Mas não entendo como... Ela traz bem nitidamente até este ponto, então desaparece.

— Amarre os sapatos — disse Emma de repente. — Agora.

Olhei para baixo.

— Mas não estão...

Ela segurou meu antebraço e me puxou para baixo.

— Amarre. Os. Sapatos — repetiu, e em seguida articulou uma palavra sem emitir som: *acólito*!

Nós nos agachamos ali, abaixo das cabeças da multidão espaçada. Aí veio um ruído alto de estática, e uma voz distorcida por um walkie-talkie:

— Código 141! Todas as equipes se apresentem ao Recanto imediatamente!

O acólito estava perto. Nós o ouvimos responder com uma voz rouca e de sotaque estranho:

— Aqui é M. Estou seguindo os foragidos. Solicito permissão para continuar a busca. Câmbio.

Troquei um olhar tenso com Emma.

— Negada, M. Limpadores vão varrer a área depois. Câmbio.

— O garoto parece ter alguma influência sobre os limpadores. A varredura pode não ser eficiente.

Limpadores. Ele devia estar falando dos etéreos. E *com certeza* estava falando sobre mim.

— Negada! — disse a voz, entre estalidos. — Retorne imediatamente, ou passe a noite no poço. Câmbio.

— Entendido — murmurou o acólito em seu walkie-talkie, e foi embora.

— Temos que segui-lo — disse Emma. — Ele pode nos levar aos outros!

— E direto ao covil dos leões — disse Addison. — Se bem que, eu suponho, isso não pode ser evitado.

Eu ainda estava atônito.

— Eles sabem quem sou — falei baixinho. — Devem ter visto o que fiz.

— Isso mesmo — disse Emma. — O que deu um susto e tanto neles!

Eu me ergui para ver o acólito se afastar. Ele seguiu através da multidão, saltou um cavalete de bloqueio de trânsito e correu na direção de um carro de polícia estacionado.

Fomos atrás. Olhei ao redor, tentando imaginar o movimento seguinte dos sequestradores. Às nossas costas havia uma multidão e, à frente, além do bloqueio, carros circulavam a quadra em busca de vaga para estacionar.

— Talvez nossos amigos tenham vindo até aqui a pé — falei. — Depois

foram postos em um carro.

Animado, Addison se ergueu nas patas traseiras para espiar por cima do cavalete de bloqueio.

— Sim! Deve ser isso. Garoto esperto!

— Por que você está tão contente? — perguntou Emma. — Se eles foram levados de carro, a essa altura podem estar em qualquer lugar!

— Então vamos *segui-los* a qualquer lugar — disse Addison incisivamente. — Mas duvido que estejam muito longe. Meu velho mestre tinha uma casa perto daqui, e conheço bem esta parte da cidade. Não há docas importantes nem saídas óbvias de Londres por perto, mas *há* algumas entradas de fendas. É muito mais provável que eles tenham sido levados para uma delas. Agora me levantem!

Eu fiz isso, e com minha ajuda ele passou por cima da barreira e começou a farejar do outro lado. Em segundos, Addison tinha encontrado outra vez o rastro de nossos amigos.

— Por aqui! — disse ele, apontando para a rua na direção do acólito, que tinha entrado no carro de polícia e estava indo embora.

— Parece que vamos dar uma caminhada — falei para Emma. — Você acha que consegue?

— Vou dar um jeito — disse ela. — Desde que a gente encontre outra fenda em algumas horas. Senão, vou começar a ficar com cabelo branco e pés de galinha.

Ela sorriu, como se aquilo fosse motivo de piada.

— Não vou deixar que isso aconteça — respondi.

Saltamos o bloqueio de trânsito. Dei uma última olhada na estação.

— Está vendo o etéreo? — perguntou Emma.

— Não, não sei onde ele está. E isso me preocupa.

— Vamos nos preocupar com uma coisa de cada vez — disse ela.

* * *

Caminhamos o mais depressa que Emma conseguia, ficando do lado da rua que ainda estava mergulhado na sombra da manhã, atentos à polícia e seguindo o faro de Addison. Passamos por uma área industrial perto das docas, o rio Tâmisa se revelando sombriamente através dos vãos entre os armazéns. Depois adentramos o bairro comercial elegante onde lojas deslumbrantes eram coroadas por prédios reluzentes. Acima dos telhados, captei vislumbres da

cúpula da Catedral de St. Paul, inteira outra vez, o céu limpo e azul ao seu redor. Todas as bombas já tinham caído, e os bombardeiros havia muito tempo desapareceram — derrubados, desmontados, aposentados e acumulando poeira por trás de cordas em museus, sendo observados por estudantes tolos para quem aquela guerra parecia tão distante quanto as Cruzadas. Para mim tinha sido, literalmente, ontem. Era difícil acreditar que aquelas eram as mesmas ruas laterais esburacadas pelas quais corremos por nossas vidas em meio a um blecaute, na noite anterior. Estavam irreconhecíveis, shopping centers aparentemente conjurados das cinzas, e as pessoas que caminhavam por ali também eram totalmente diferentes, de cabeça baixa, grudadas a celulares, com roupas de marca. De súbito, o tempo presente me pareceu estranho, trivial e confuso. Eu me senti como um daqueles heróis míticos que luta para voltar do mundo inferior apenas para descobrir que o mundo acima está exatamente tão amaldiçoado quanto o de baixo.

Então me dei conta: *eu estava de volta*. Estava outra vez no presente, e tinha chegado ali sem a intervenção da srta. Peregrine... O que supostamente era impossível.

— Emma, como eu cheguei aqui?

Ela manteve os olhos fixos na rua à frente, atenta a qualquer problema que pudesse surgir.

— Chegou aonde? A Londres? — indagou ela. — De trem, seu bobo.

— Não. — Baixei a voz. — Quero dizer ao *agora*. Você disse que a srta. Peregrine era a única que podia me mandar de volta.

Ela se virou para olhar para mim, semicerrando os olhos.

— Sim — disse ela lentamente. — Era a única.

— Ou era o que você pensava...

— Não... era a única. Tenho certeza disso. É assim que funciona.

— Então como eu cheguei aqui?

Ela pareceu perdida.

— Não sei, Jacob. Talvez...

— Ali! — disse Addison, empolgado, e interrompemos o assunto para olhar. Seu corpo estava rígido, apontando para o fim da rua na qual acabáramos de entrar. — Estou captando dezenas de rastros de peculiares... dezenas e mais dezenas. E são frescos!

— O que isso significa? — perguntei.

— Outros peculiares sequestrados foram trazidos por aqui, não foram só nossos amigos — disse Emma. — O esconderijo dos acólitos deve estar por

perto.

— Perto *daqui*? — falei. A quadra tinha apenas lanchonetes e lojas cafonas de suvenires lado a lado, e estávamos emoldurados pela vitrine iluminada por néon de um restaurante vagabundo. — Acho que eu estava imaginando algum lugar… *mais maligno*.

— Como um calabouço em algum castelo abandonado — disse Emma, balançando a cabeça.

— Ou um campo de concentração cercado de guardas e cercas de arame farpado — falei.

— Na neve. Como o desenho de Horace.

— Talvez ainda encontremos um lugar assim — disse Addison. — Lembrem-se, deve ser apenas a entrada de uma fenda.

Do outro lado da rua, turistas tiravam fotos de si mesmos diante de uma das clássicas cabines telefônicas vermelhas da cidade. Então nos notaram e tiraram uma foto de nós.

— Ei! — disse Emma. — Sem fotos!

As pessoas estavam começando a olhar fixamente. Como não estávamos mais cercados pelo público da convenção de quadrinhos, nos destacávamos tanto quanto se tivéssemos uma melancia na cabeça.

— Sigam-me — disse Addison. — Todos os rastros levam a esse caminho. Por aqui.

Fomos correndo atrás dele.

— Pena que Millard não está aqui — falei. — Ele poderia explorar este lugar sem ser notado.

— Ou, se Horace estivesse aqui, talvez se lembrasse de algum sonho que nos ajudasse — disse Emma.

— Ou arranjasse roupas novas para nós — acrescentei.

— Melhor parar, senão eu choro — disse Emma.

Chegamos a um cais bastante agitado. O sol reluzia na água de uma enseada do turvo rio Tâmisa, e grupos de turistas com viseiras e pochetes entravam e saíam de grandes barcos, cada um oferecendo passeios turísticos de Londres mais ou menos idênticos.

Addison parou.

— Eles foram trazidos até aqui — disse ele. — Parece que foram postos em um barco.

Seguimos seu focinho através da multidão até um ancoradouro vazio. Os acólitos tinham realmente carregado nossos amigos em um barco, e agora

precisávamos continuar atrás deles, mas com o quê? Demos a volta no cais à procura de transporte.

— Isso não vai adiantar — resmungou Emma. — Estes barcos são grandes e cheios demais. Precisamos de um pequeno, algo que a gente mesmo possa pilotar.

— Esperem um instante — disse Addison, farejando.

Ele saiu correndo, o focinho junto às tábuas de madeira. Nós o seguimos ao longo do cais e por uma pequena rampa sem identificação que era ignorada pelos turistas e que levava para uma doca inferior, abaixo da rua, quase ao nível da água. Não havia ninguém por perto. Estava deserta.

Addison parou ali, com uma expressão de concentração profunda.

— Peculiares vieram por aqui.

— *Nossos* peculiares? — perguntou Emma.

Ele tornou a farejar a doca e sacudiu a cabeça.

— Não os nossos. Mas há muitos rastros aqui, novos e velhos, fortes e esmaecidos, todos misturados. Esta é uma passagem muito usada.

À nossa frente, a doca se estreitava e desaparecia sob o cais principal, onde era engolida pelas sombras.

— Muito usada por quem? — perguntou Emma, espiando, inquieta, a escuridão. — Nunca ouvi falar na entrada de uma fenda embaixo de uma doca em Wapping.

Addison não tinha resposta. Não havia mais nada a fazer além de dar um passo de cada vez e explorar, e foi o que fizemos, entrando apreensivamente nas sombras. Conforme nossos olhos se adaptavam, outro cais surgiu à vista, um completamente diferente daquele ensolarado e agradável acima de nós. As tábuas ali embaixo estavam verdes e apodrecidas, quebradas em alguns pontos. Um amontoado de ratos guinchando se dispersou por trás de uma pilha de latas velhas, depois saltou uma distância curta entre a doca e o interior de um bote de aparência antiga que balançava na água escura entre as estacas de madeira cobertas de limo.

— Muito bem — disse Emma. — Acho que, em nossa situação, vai servir.

— Mas está cheio de ratos! — disse Addison, horrorizado.

— Não por muito tempo — disse Emma, acendendo uma pequena chama na mão. — Ratos não gostam muito da minha companhia.

Como não parecia haver ninguém para nos deter, fomos até o barco, com o cuidado para desviar das tábuas de aparência mais frágil, e começamos a desamarrá-lo da doca.

— PAREM! — disse uma voz grave, do interior do barco.

Emma deu um grito, Addison ganiu, e eu quase morri de susto. Havia um homem sentado no barco. Como não o tínhamos visto até então?! Ele ficou de pé, se erguendo lentamente, centímetro a centímetro, até assomar sobre nós. Tinha pelo menos dois metros de altura, seu corpo enorme envolto em uma capa e o rosto oculto por um capuz escuro.

— Eu... eu sinto muito — gaguejou Emma. — É que... pensamos que o barco estivesse...

— Muitos tentaram roubar de Sharon! — trovejou o homem. — Agora seus crânios servem de lar para criaturas marinhas!

— Juro que não estávamos tentando...

— Nós estamos de partida — ganiu Addison, recuando. — Por isso, nos desculpe por incomodarmos o cavalheiro.

— SILÊNCIO! — berrou o barqueiro, dando um enorme passo para cima da doca. — Qualquer um que vem por meu barco deve PAGAR O PREÇO.

Eu estava completamente aterrorizado, e quando Emma gritou "CORRAM!", eu já estava me virando para ir. Mas tínhamos dado apenas alguns passos quando meu pé atravessou uma tábua podre e desabei de cara na doca. Tentei me levantar, mas minha perna estava muito enfiada no buraco. Eu estava preso, e quando Emma e Addison fizeram a volta para me ajudar, era tarde demais. O barqueiro já tinha nos alcançado, sua grande figura se erguendo acima de nós e rindo, com gargalhadas cavernosas que ecoavam ao nosso redor. Podia ser um truque da escuridão, mas eu poderia jurar ter visto um rato cair do seu capuz e outro escorregar da manga de sua capa enquanto ele erguia o braço lentamente em nossa direção.

— Saia de perto de nós, seu louco! — gritou Emma, batendo palmas para acender uma chama.

Apesar de a chama que Emma produziu nada ter feito para expulsar a escuridão do interior do capuz do barqueiro (desconfiei que nem o sol poderia fazer isso), conseguimos ver o que ele tinha na mão estendida, que não era uma faca nem uma arma. Era um pedaço de papel, preso entre o polegar e o indicador comprido e branco.

Ele o estava estendendo para mim, se curvando muito para que eu conseguisse alcançar.

— Por favor — disse ele, com calma. — Leia.

Hesitei.

— O que é isso?

— O preço. E mais algumas informações sobre meus serviços.

Tremendo de medo, peguei o papel. Todos nos debruçamos para ler à luz da chama de Emma.

Ergui os olhos para o barqueiro gigante.

— Então esse é você? — perguntei, desconfiado. — Você é… Sharon?

— O próprio — respondeu o homem, com uma voz escorregadia que fez os pelos da minha nuca se arrepiarem.

— Pela boa ave, você quase nos matou de susto! — disse Addison. — Todas essas ameaças e gargalhadas eram mesmo necessárias?

— Minhas desculpas. Eu estava dormindo, e vocês me assustaram.

— *Nós* assustamos *você*?

— Por um instante, achei que vocês estivessem mesmo tentando roubar meu barco. — Ele riu.

— Ha, ha! — fez Emma, forçando uma risada. — Não, estávamos só… conferindo se estava amarrado direito.

Sharon se virou para examinar seu bote, que estava amarrado com simplicidade a uma das estacas de madeira.

— E o que acharam? — perguntou ele, e surgiu sob seu capuz um meio-sorriso como uma lua crescente branca e sombreada.

"O QUE IMPORTA É O DESTINO, NÃO A VIAGEM"

SHARON - PASSEIOS NO RIO

REALIZANDO PASSEIOS DIÁRIOS E CRUZEIROS ROMÂNTICOS DESDE 1693

PREÇO

DISCRIÇÃO GARANTIDA

UMA MOEDA DE OURO

VENHA CONFERIR NOSSAS OFERTAS!

— Totalmente… em ótimas condições — falei, finalmente conseguindo soltar a perna do buraco. — Na verdade... hum, uma amarração muito boa.

— Eu mesma não podia ter feito um nó melhor — disse Emma, me ajudando a me levantar.

— Por falar nisso — disse Addison —, os que *tentaram*… Eles estão todos… — Ele olhou para a água escura e engoliu em seco.

— Isso não importa — disse o barqueiro. — Agora vocês me acordaram, e estou a seu serviço. O que posso fazer por vocês?

— Precisamos alugar seu barco — disse Emma, com firmeza. — Sem você.

— Não posso permitir isso — disse Sharon. — Eu sempre conduzo o barco.

— Ah, é uma pena! — disse Addison, virando-se, ansioso para partir.

Emma o pegou pela coleira.

— Espere! — chiou ela. — Nós não terminamos aqui. — Ela deu um sorriso simpático para o barqueiro. — Sabe, soubemos que muitos peculiares passam por este… — ela olhou ao redor à procura da palavra certa — … lugar. É porque há uma entrada de fenda por perto?

— Não sei do que você está falando — disse Sharon, sem rodeios.

— Está bem, sim, é claro, você não pode simplesmente *admitir* isso. Eu entendo perfeitamente. Mas você está em companhia segura conosco. Obviamente, *nós somos*…

Eu a cutuquei com o cotovelo.

— Emma, não!

— Por que não? Ele já viu o cachorro falar, já me viu fazer fogo. Se não pudermos falar honestamente…

— Mas não sabemos se *ele* é — falei.

— Claro que ele é — disse ela, e olhou para Sharon. — Você é, não é?

O barqueiro nos encarou, impassível.

— Ele é, não é? — perguntou Emma a Addison. — Você não consegue farejar isso nele?

— Não, não com clareza.

— Bem, imagino que não importe, desde que não seja um acólito. — Ela deu um olhar malicioso para Sharon. — Você não é, é?

— Sou só um homem de negócios — disse ele sem se alterar.

— Que está acostumado a encontrar cães falantes e garotas que fazem fogo com as mãos — disse Addison.

— Em meu ramo, conhece-se uma grande variedade de pessoas.

— Vou direto ao ponto — falei, sacudindo um pé para tirar a água, depois o

outro. — Estamos procurando alguns amigos nossos. Achamos que eles podem ter passado por aqui mais ou menos na última hora. A maioria crianças, alguns adultos. Um era invisível, uma podia flutuar…

— Seria difícil não notar — disse Emma. — Um bando de acólitos estava apontando armas para eles.

Sharon cruzou os braços em um grande X preto.

— Como eu disse, todo tipo de gente contrata meu barco, e todos confiam em minha discrição absoluta. Não vou comentar sobre minha clientela.

— É mesmo? — disse Emma. — Com licença, um instante.

Ela me puxou para o lado para sussurrar em meu ouvido:

— Se ele não começar a falar, vou ficar com muita raiva.

— Não faça nada irresponsável — sussurrei em resposta.

— Por quê? Você acredita nessa bobagem de crânios e criaturas marinhas?

— Na verdade, sim. Sei que ele é um canalha, mas…

— Canalha? Ele praticamente admitiu fazer negócios com acólitos. Pode até *ser* um!

— Mas ele é um canalha útil. Tenho a sensação de que ele sabe exatamente para onde nossos amigos foram levados. É só uma questão de fazer as perguntas certas.

— Então vá em frente — disse ela, mal-humorada.

Olhei para Sharon e falei, com um sorriso:

— O que você pode me contar sobre seus passeios?

Ele se animou.

— Finalmente um assunto sobre o qual posso falar livremente. Por acaso tenho alguma informação bem aqui…

Ele se virou rapidamente e foi até uma estaca próxima. Uma prateleira havia sido pregada nela, e sobre a prateleira havia um crânio vestindo um antigo traje de aviador (capacete de couro, óculos e um cachecol vistoso). Preso entre seus dentes havia vários panfletos, e Sharon pegou um deles e o entregou a mim. Era uma brochura turística barata que parecia ter sido impressa quando meu avô era criança. Folheei as páginas enquanto Sharon pigarreava e falava.

— Vamos ver... As famílias gostam do pacote Fome e Chamas… De manhã, subimos o rio e vemos artefatos de guerra vikings lançarem carneiros doentes por cima das muralhas da cidade, depois comemos um belo almoço frio em caixinhas e voltamos à noite através do Grande Incêndio de 1666, que é uma verdadeira maravilha depois do anoitecer, com as chamas refletidas na água, muito bonito. Ou, se tivermos apenas algumas horas, temos uma adorável

execração pública perto da Doca das Execuções, bem ao pôr do sol, popular entre casais em lua de mel, quando excelentes piratas de língua suja fazem discursos pitorescos antes de serem enforcados. Por uma pequena taxa, podem até tirar fotos com eles.

No interior da brochura havia ilustrações de turistas sorridentes se divertindo nos locais que ele descrevera. Na última página havia uma foto de um dos clientes de Sharon posando com um bando de piratas ameaçadores brandindo facas e armas de fogo.

— Peculiares fazem isso por *diversão?* — perguntei, assombrado.

— Isso é perda de tempo — sussurrou Emma, que toda hora olhava às nossas costas, ansiosa. — Aposto que ele está só tentando ganhar tempo até a chegada da próxima patrulha de acólitos.

— Acho que não — falei. — Espere só...

Sharon prosseguia como se não tivesse nos ouvido:

— ... e vocês podem ver todas as cabeças dos lunáticos dispostas em lanças enquanto passamos por baixo da Ponte de Londres! Por último, nossa excursão mais requisitada, que é, pessoalmente, minha favorita. Mas... ah, não importa — disse ele timidamente, acenando com a mão. — Pensando bem, duvido que estejam interessados no Recanto do Demônio.

— Por que não? — disse Emma. — É muito simpático e agradável?

— Na verdade, é um local um tanto sinistro. Sem dúvida não é lugar para crianças...

Emma bateu o pé, fazendo toda a doca apodrecida balançar.

— É para onde nossos amigos foram levados, não é? — gritou ela. — Não é?

— Não perca a calma, senhorita. Sua segurança é minha maior preocupação.

— Pare de nos enrolar e diga o que tem lá!

— Bem, se insistem... — Sharon fez um som como se estivesse entrando em uma banheira quente e começou a esfregar as mãos, que pareciam de couro, como se sentisse prazer só de pensar. — Coisas ruins — disse ele. — Coisas terríveis. Coisas malignas. O que você quiser, desde que o que você queira seja ruim, terrível e vil. Várias vezes sonhei pendurar meu remo e me aposentar lá um dia, talvez abrir um abatedouro na Rua do Lodo...

SHARON
Passeios no rio

Mais um cliente satisfeito!

— Como se chama mesmo esse lugar? — perguntou Addison.

— Recanto do Demônio — disse o barqueiro, desejoso.

Addison estremeceu do focinho ao rabo.

— Eu conheço — disse o cão com gravidade. — É um lugar terrível… O cortiço mais depravado e perigoso em toda a longa história de Londres. Já ouvi histórias de animais peculiares levados para lá em gaiolas e postos para lutar em jogos sangrentos. Urxinins contra jumirafas, macacerontes contra flamimbodes… pais contra os próprios filhos! Forçados a mutilar e matar uns aos outros para a diversão de alguns peculiares doentios.

— Revoltante — disse Emma. — Que peculiar iria participar de uma coisa dessas?

Addison sacudiu a cabeça com tristeza.

— Foras da lei… mercenários… exilados…

— Mas *não há* foras da lei no mundo peculiar! — disse Emma. — Todo peculiar condenado por algum crime é levado pela guarda doméstica para uma fenda de punição.

— Como você sabe pouco do seu próprio mundo! — exclamou, admirado, o barqueiro.

— Criminosos não podem ser presos se jamais forem capturados — explicou Addison. — Se escaparem para uma fenda dessas, sem lei, ingovernável.

— Isso parece um inferno — falei. — Por que alguém escolheria ir para lá?

— O que é o inferno para alguns — disse o barqueiro — é o paraíso para outros. É o último lugar realmente livre. Um local onde você pode comprar ou vender qualquer coisa… — Ele se inclinou em minha direção e baixou a voz. — Ou *esconder* qualquer coisa.

— Como *ymbrynes* e crianças peculiares raptadas? — falei. — É aí que você quer chegar?

— Eu não disse isso. — O barqueiro deu de ombros, pegando um rato puxado da barra de sua capa. — Quieto aí, Percy, papai está trabalhando.

Enquanto ele punha delicadamente o rato de lado, abracei Emma e Addison em um círculo apertado.

— O que vocês acham? — sussurrei. — Será que esse… lugar do *demônio*… pode ser mesmo para onde nossos amigos foram levados?

— Bom, eles precisam manter os prisioneiros dentro de uma fenda, e uma bem antiga — disse Emma. — Do contrário, a maioria de nós ia envelhecer e morrer depois de um ou dois dias.

— Mas por que os acólitos iriam se importar se morrêssemos? — falei. —

Eles só querem roubar nossas almas.

— Pode ser, mas eles não podem deixar que as *ymbrynes* morram. Eles precisam delas para recriar o acontecimento de 1908. Não se lembra do plano maluco dos acólitos?

— Toda aquela história sobre a qual Golan estava falando. Imortalidade e dominar o mundo…

— É. Por isso eles estão há meses raptando *ymbrynes*, e precisam de um lugar para guardá-las onde elas não se transformem em frutas murchas e ressecadas, certo? Ou seja, uma fenda bem antiga. Pelo menos oitenta, cem anos. E se o Recanto do Demônio é mesmo uma selva depravada e sem lei…

— É, sim — confirmou Addison.

— Então parece um lugar perfeito para acólitos esconderem seus cativos.

— Bem no coração da Londres peculiar, aliás — disse Addison. — Bem debaixo do nariz de todo mundo. Vilõezinhos inteligentes…

— Acho que isso resolve as coisas — falei.

Emma caminhou com arrogância na direção de Sharon.

— Queremos três passagens para esse lugar repulsivo e terrível que você descreveu, por favor.

— Estejam bem certos do que vocês querem — disse o barqueiro. — Cordeiros inocentes como vocês nem sempre retornam do Recanto do Demônio.

— Temos certeza.

— Muito bem, então. Mas não digam que não avisei.

— Só tem um problema: não temos as três moedas de ouro — disse Emma.

— É mesmo? — Sharon recolheu os dedos compridos e soltou um suspiro que fedeu como uma tumba aberta. — Normalmente eu insisto em pagamento adiantado, mas esta manhã estou me sentindo generoso. Acho charmoso esse seu otimismo impetuoso. Vocês podem ficar devendo. — Então ele riu, como se soubesse que não iríamos viver para lhe pagar. Em seguida, chegou para o lado e ergueu um braço coberto pela capa na direção do seu barco.

— Bem-vindas a bordo, crianças.

CAPÍTULO DOIS

Antes de embarcar, Sharon montou um grande espetáculo ao tirar de seu barco seis ratos ziguezagueantes, como se uma viagem sem peste fosse um luxo propiciado apenas a peculiares VIPs. Em seguida, ofereceu o braço a Emma e a ajudou a descer da doca. Estávamos sentados os três lado a lado em um banco simples de madeira. Enquanto Sharon desatava as amarras de atracação, eu me perguntei se confiar nele era apenas imprudente ou se cruzava a linha da irresponsabilidade, como tirar um cochilo no meio de uma estrada.

O problema com o limite entre a imprudência e a burrice extrema é que você normalmente não sabe de que lado está até ser tarde demais. Quando a poeira assenta o suficiente para você refletir, o botão já foi apertado, o avião já decolou ou, em nosso caso, o barco já deixou a doca. Enquanto eu observava Sharon nos empurrar para longe dela com o pé descalço, percebi que seu pé, de dedos longos como pequenas salsichas e unhas amareladas e grossas que se curvavam como garras, não tinha um aspecto exatamente humano, então descobri, com uma certeza profunda, de que lado da linha estávamos, e também que era tarde demais para fazer muita coisa em relação a isso.

Sharon puxou o cordão de ignição de um motor de popa muito pequeno, que despertou tossindo uma nuvem de fumaça azulada. Dobrando as pernas de tamanho considerável, ele se abaixou sobre a poça de tecido negro formada por sua capa. Acelerou o motor preguiçoso, em seguida nos conduziu para fora do cais inferior, em direção à luz quente do sol através de pilares altos de madeira que mais pareciam uma floresta. Entramos em um canal, um afluente artificial do Tâmisa, emparedado dos dois lados por prédios de vidro e que se agitava com mais barcos do que uma banheira de criança na hora do banho: rebocadores de um vermelho intenso, barcaças largas e achatadas, barcos de turismo com deques superiores repletos de turistas aproveitando o ar livre. Estranhamente, nenhum deles apontou sua câmera nem sequer pareceu perceber o barco estranho que passou gorgolejando por eles, com um anjo da morte no leme, duas crianças sujas de sangue no banco e um cachorro de óculos espiando pela borda. O que seria esperado. Será que Sharon tinha posto algum feitiço sobre seu barco para que pudesse ser visto apenas por peculiares? Resolvi acreditar que fosse isso, porque não havia lugar nenhum onde se esconder nele caso fosse necessário.

Examinando-o em plena luz do dia, percebi que o bote era extremamente simples, com exceção de uma figura de proa intricadamente entalhada. Tinha a forma de uma serpente gorda e escamosa que se curvava para cima em um S delicado, mas, onde deveria estar a cabeça, havia um globo ocular gigante, sem

pálpebras e grande como um melão, encarando fixamente um ponto adiante.

— O que é isso? — perguntei, passando a mão sobre sua superfície polida.

— Teixo — exclamou Sharon, mais alto que o ronco do motor.

— Deixo o quê?

— É disso que é feito.

— Mas *para que* serve?

— Para ver com ele! — respondeu Sharon, com impaciência.

Ele acelerou mais o motor, possivelmente apenas para abafar minhas perguntas, e, à medida que nossa velocidade aumentou, a proa se ergueu levemente da água. Respirei fundo, saboreando o sol e o vento em meu rosto, e Addison deixou a língua pendurada para fora enquanto se debruçava com as patas na borda, com a expressão mais feliz que eu já vira nele.

Que belo dia para ir ao inferno.

— Então, andei pensando sobre como você chegou aqui — disse Emma. — Como voltou ao presente.

— Certo — falei. — O que você acha?

— Só tem uma explicação que faz algum sentido, embora não muito. Quando estávamos nos túneis subterrâneos com todos aqueles acólitos e atravessamos para o presente, a razão de você ter vindo conosco em vez de ter continuado em mil oitocentos e sei lá quanto, sozinho de repente, é que, de algum modo, a srta. Peregrine estava lá por perto e o ajudou a atravessar sem que ninguém soubesse.

— Não sei, Emma, isso parece… — Hesitei, sem querer ser rude. — Você acha que ela estava escondida no túnel?

— Estou dizendo que é possível. Não temos ideia de onde ela estava.

— Os acólitos estão com ela. Caul admitiu isso!

— Desde quando você acredita em alguma coisa que os acólitos dizem?

— Aí você me pegou — falei. — Mas, como Caul estava se gabando de estar com ela, achei que estivesse dizendo a verdade.

— Pode ser… ou ele disse isso para nos deixar arrasados e nos dar vontade de desistir. Ele estava tentando convencer a gente a se render a seus soldados, lembra?

— Verdade — falei, franzindo o cenho. Meu cérebro estava começando a se embaralhar com todas as possiblidades. — Está bem. Digamos que a srta. P. estava conosco no túnel. Por que ela teria se dado ao trabalho de me mandar de volta ao presente como prisioneiro dos acólitos? Nós estávamos a caminho de ter nossa segunda alma sugada. Eu estaria melhor se tivesse ficado preso

naquela fenda.

Por um instante, Emma pareceu realmente aturdida. Então seu rosto se iluminou.

— A menos que você e eu *devamos* resgatar todos os outros. Talvez tudo tenha sido parte do plano dela.

— Mas como ela podia saber que a gente ia conseguir escapar dos acólitos?

Emma olhou de esguelha para Addison.

— Talvez ela tenha tido ajuda — murmurou.

— Hum, essa sequência de eventos inventada está ficando *realmente* improvável. — Respirei fundo e escolhi as palavras com cuidado. — Sei que você quer acreditar que a srta. Peregrine está por aí em algum lugar, livre, olhando por nós. Eu quero, também…

— Quero tanto que chega a doer… — disse ela.

— Mas se ela estivesse livre, não teria entrado em contato de algum jeito? E se *ele* estivesse envolvido — falei em voz baixa, apontando com a cabeça na direção de Addison —, já teria mencionado isso a essa altura, não acha?

— Não se ele tivesse jurado segredo. Talvez seja perigoso demais contar a qualquer pessoa, mesmo a nós. Se soubéssemos do paradeiro da srta. Peregrine e alguém *soubesse* que sabemos, poderíamos revelar sob tortura…

— E ele não? — falei, um pouco alto demais, e o cachorro olhou para nós, suas bochechas inflando e a língua se agitando de modo ridículo quando atingidas pelo vento.

— Ei! — exclamou ele. — Já contei cinquenta e seis peixes, mas acho que um ou dois podem ser pedaços de lixo que ainda não afundaram. O que vocês estão cochichando?

— Ah, nada — disse Emma.

— Não sei por que não acredito — murmurou ele. Mas sua desconfiança foi rapidamente superada por seus instintos. — Peixe! — E sua atenção se voltou imediatamente para a água. — Peixe… peixe… lixo… peixe…

Emma deu um riso sinistro.

— É uma ideia completamente maluca, eu sei. Mas meu cérebro é uma máquina de produzir esperança.

— Que bom — falei. — O meu só cria as piores situações possíveis.

— Então precisamos um do outro.

— É. Mas acho que já sabíamos disso.

A ondulação regular do barco nos juntava e afastava, juntava e afastava.

— Vocês têm certeza de que não preferem fazer o passeio romântico? —

perguntou Sharon. — Não é tarde demais.

— Certeza absoluta — falei. — Estamos em uma missão.

— Então sugiro que abram a caixa na qual estão sentados. Vocês vão precisar do que está aí dentro quando atravessarmos.

Abrimos o tampo articulado do banco e encontramos ali dentro uma grande lona.

— Para que serve isso?

— Para se esconder — respondeu Sharon, e ele virou em um canal ainda mais estreito, margeado por prédios residenciais de aspecto luxuoso. — Consegui manter vocês fora de vista até agora, mas a proteção que posso oferecer não funciona no interior do Recanto, e tipos repulsivos costumam ficar à procura de presas fáceis logo na entrada. E vocês são, sem a menor dúvida, presas fáceis.

— Eu *sabia* que você estava armando alguma coisa — falei. — Nem um único turista sequer olhou para nós.

— É mais seguro observar atrocidades históricas serem cometidas quando os participantes não conseguem enxergar vocês — disse ele. — Não posso permitir que meus clientes sejam levados por invasores vikings, posso? Imagine como vão avaliar o serviço!

Estávamos nos aproximando depressa de um túnel com cerca de trinta metros de comprimento, uma espécie de extensão do canal sob uma ponte, acima da qual se avolumava um prédio que lembrava um armazém ou uma fábrica antiga. Na outra ponta do túnel brilhava um semicírculo de céu azul e água cintilante. Entre onde estávamos e aquele ponto, havia apenas escuridão. Assim como todas as entradas de fenda que eu já tinha visto, parecia um lugar qualquer.

Puxamos a enorme lona, que ocupou metade do barco. Rastejamos para debaixo dela, Emma deitada ao meu lado, e puxamos a borda até o queixo como se fossem lençóis. Conforme o barco flutuava sob a ponte para o interior das sombras, Sharon desligou o motor e o escondeu embaixo de uma lona menor. Então ele ficou de pé e estendeu uma vara dobrável, enfiou-a na água até tocar o fundo e começou a nos impulsionar para a frente em movimentos longos e silenciosos.

— Por falar nisso, estamos nos escondendo de que tipos repulsivos? Acólitos? — perguntou Emma.

— Há mais maldade no mundo peculiar do que apenas seus odiados acólitos — disse Sharon, sua voz ecoando pelo túnel de pedra. — Um oportunista disfarçado de amigo pode ser tão perigoso quanto um inimigo declarado.

Emma deu um suspiro.

— Você precisa ser sempre tão vago?

— Suas cabeças! — repreendeu ele. — Você também, cachorro.

Addison farejou e entrou embaixo da lona, então puxamos a borda por cima de nossos rostos. Estava escuro e quente embaixo do tecido, e havia um cheiro muito forte de óleo de motor.

— Estão com medo? — sussurrou Addison no escuro.

— Nada fora do normal — disse Emma. — Você está, Jacob?

— A ponto de vomitar. Addison?

— Claro que não — disse o cão. — O medo não é uma característica de minha raça.

Mas então ele se aninhou entre mim e Emma, e senti todo o seu corpo tremendo.

* * *

Algumas travessias são tão rápidas e suaves como autoestradas, mas aquela foi como descer por uma tábua de lavar roupa toda esburacada, fazer uma curva fechada de repente, depois despencar de um precipício, tudo em completa escuridão. Quando finalmente terminou, eu estava tonto e com a cabeça latejando. Eu me perguntei que mecanismo invisível tornava algumas travessias mais difíceis que outras. Talvez a viagem fosse apenas tão brutal quanto o destino, e aquela tenha parecido uma aventura por uma região selvagem porque foi exatamente o que fizemos.

— Chegamos — anunciou Sharon.

— Está todo mundo bem? — perguntei, tateando à procura da mão de Emma.

— Precisamos voltar — gemeu Addison. — Deixei meus rins do outro lado.

— Fiquem quietos até que eu encontre algum lugar discreto para vocês desembarcarem — disse Sharon.

É impressionante como sua audição se torna mais aguçada no instante em que você não pode mais usar os olhos. Enquanto eu jazia em silêncio sob a lona, fiquei hipnotizado pelos sons de uma era perdida florescendo ao nosso redor. No início, havia apenas o chapinhar da vara de Sharon na água, mas logo vieram outros barulhos, todos se misturando para pintar uma cena elaborada em minha mente. A batida regular de madeira contra água pertencia, imaginei, aos remos de um barco que passava repleto de peixes. Ouvi mulheres gritarem entre si e

as visualizei debruçadas nas janelas, em casas de frente umas para as outras, trocando fofocas por sobre o canal enquanto estendiam roupa na corda. Mais à frente, crianças gargalhavam enquanto um cachorro latia, e identifiquei, ao longe, vozes cantando ao ritmo de martelos: "Escutem o bater dos martelos, escutem as batidas nos pregos!"

Em pouco tempo eu estava imaginando limpadores de chaminés incansáveis usando cartolas e descendo pelas ruas cheios de um charme rústico, e pessoas se reunindo para superar os fardos da vida com um brilho nos olhos e uma canção.

Não pude evitar. Tudo o que eu sabia sobre cortiços vitorianos eu aprendera da versão musical extravagante de *Oliver Twist*. Quando eu tinha doze anos, participei de uma montagem no teatro comunitário. Fui o Órfão Número Cinco, se querem saber, e fiquei com tanto medo do público na noite do espetáculo que fingi ter intoxicação alimentar e assisti a tudo das coxias, de figurino, com um balde entre as pernas para vomitar.

Enfim, essa era a cena na minha cabeça quando percebi que a lona tinha um buraquinho perto do meu ombro (roído por ratos, sem dúvida) e, me movendo um pouco, descobri que podia espiar através dele. Em segundos, a paisagem feliz inspirada no musical que eu imaginara derreteu como uma pintura de Salvador Dalí. O primeiro horror a me saudar foram as casas que margeavam o canal — se bem que chamar aquilo de casas era generosidade. Em toda a sua arquitetura desconjuntada e apodrecida, era impossível encontrar uma única linha reta. Pareciam curvadas como uma fileira de soldados exaustos que pegaram no sono em posição de sentido; davam a impressão de que a única coisa que as impedia de cair direto na água era o fato de estarem apoiadas umas sobre as outras de um jeito muito apertado — isso e a argamassa de imundície preta e verde que sujava a parte de baixo com camadas grossas e lamacentas. Ao lado de cada uma de suas entradas frágeis havia uma caixa semelhante a um caixão, mas só percebi o que eram quando ouvi um grunhido alto sair de uma delas e vi algo cair na água por baixo, então me dei conta de que os sons de batidas na água que eu ouvira não vinham de remos, mas de latrinas, que contribuíam para a própria imundície que mantinha tudo aquilo de pé.

As mulheres que gritavam entre si de lados opostos do canal estavam debruçadas em janelas frente a frente, tal como eu imaginara, mas não estavam pendurando roupa e sem dúvida não estavam fofocando, pelo menos não mais; agora estavam trocando insultos e proferindo ameaças. Uma brandia uma garrafa quebrada e ria bêbada enquanto a outra bradava epítetos que eu mal conseguia compreender ("Você não passa de uma rameira fedida que

deitava até com o diabo por um tostão!") — o que era irônico, se eu entendi o significado corretamente, porque ela mesma estava nua até a cintura e não parecia se importar que a vissem. As duas pararam para assoviar para Sharon quando passamos, mas ele as ignorou.

Ansioso para apagar aquela imagem da cabeça, consegui substituí-la por algo ainda pior: à nossa frente havia um bando de garotos balançando as pernas no alto de uma passarela frágil sobre o canal. Eles balançavam um cachorro acima da água por uma corda amarrada às patas traseiras, afundando a pobre criatura na vala e gargalhando quando seus latidos desesperados se transformavam em bolhas. Resisti à vontade de chutar a lona para longe e gritar com eles. Pelo menos Addison não conseguiu ver. Se tivesse visto, nenhuma argumentação o teria impedido de ir atrás deles com os dentes à mostra, acabando com nosso esconderijo.

— Estou vendo o que você está fazendo — murmurou Sharon para mim. — Se quer dar uma olhada ao redor, só espere um pouco, porque logo o pior disso vai ficar para trás.

— Você está espiando? — sussurrou Emma, me cutucando.

— Talvez — falei, ainda olhando.

O barqueiro mandou a gente calar a boca. Retirando a vara da água, ele desembainhou o cabo e expôs uma lâmina curta, estendendo-a em seguida para cortar a corda quando passamos pelos meninos. O cachorro caiu na água e nadou agradecido para longe, e, berrando de raiva, os garotos começaram a catar coisas para arremessar em nós. Sharon seguiu em frente, ignorando-os como fizera com as mulheres, até um talo voador de maçã errar sua cabeça por centímetros. Então ele deu um suspiro, se virou e, calmamente, puxou para trás o capuz da capa, apenas o suficiente para que os garotos pudessem vê-lo, mas eu não.

Seja lá o que tenham visto, quase os matou de susto, porque todos saíram correndo da ponte, um deles com tal rapidez que tropeçou e caiu na água fétida. Rindo sozinho, Sharon ajeitou o capuz antes de voltar a olhar para a frente.

— O que aconteceu? — perguntou Emma, alarmada. — O que foi isso?

— Uma recepção do Recanto do Demônio — respondeu Sharon. — Agora, se quiserem ver onde estamos, podem descobrir um pouco o rosto, e vou tentar proporcionar a vocês um passeio guiado digno de suas moedas com o tempo que nos resta.

Puxamos a beira da lona até o queixo, e tanto Emma quanto Addison engoliram em seco: ela, acho, pela visão; ele, a julgar por seu focinho franzido,

pelo fedor. Era surreal, como um ensopado de esgoto cozinhando em fogo lento por toda a nossa volta.

— Você se acostuma — disse Sharon, lendo minha expressão retorcida.

Emma agarrou minha mão e gemeu:

— Ah, é *horrível*...

E era. Agora que eu podia ver com os dois olhos, o lugar parecia ainda mais infernal. As fundações de todas as casas estavam virando gosma. Uma confusão de passarelas de madeira, algumas tão estreitas quanto uma tábua e emaranhadas sobre o canal como cama de gato. Suas margens fedorentas estavam abarrotadas de lixo, e nelas rastejavam formas espectrais que chafurdavam no rio. As únicas cores eram preto, amarelo e verde, a bandeira da imundície e podridão, mas principalmente preto. O preto sujava todas as superfícies, manchava todos os rostos, riscava o ar em colunas que se erguiam de chaminés por toda a nossa volta e, de forma mais sinistra, de grandes dutos de fábricas ao longe, que se anunciavam a todo minuto com os estrondos industriais, profundos e primitivos como tambores de guerra, tão poderosos que abalavam todas as janelas ainda não quebradas.

— Isso, amigos, é o Recanto do Demônio — começou Sharon, com uma voz escorregadia e alta o suficiente para que apenas nós escutássemos. — População atual de sete mil duzentos e seis, população oficial, zero. Os pais da cidade, em sua sabedoria, se recusam sequer a reconhecer sua existência. Esse corpo charmoso de água em cuja corrente estamos deslizando atualmente chama-se Valão da Febre, e os dejetos industriais, excrementos e carcaças de animais que fluem permanentemente em seu interior são fonte não só de seu odor encantador, mas também de epidemias tão regulares que você poderia acertar seu relógio por eles, e tão espetaculares que toda esta área foi apelidada de "a Capital do Cólera". Apesar disso — ele ergueu um braço drapejado de preto na direção de uma moça que levava um balde até a água —, para muitas dessas almas desgraçadas, ela serve tanto como esgoto quanto fonte.

— Ela não vai beber isso! — disse Emma, horrorizada.

— Em poucos dias, depois que as partículas pesadas forem para o fundo, ela vai retirar o líquido mais claro do alto.

Emma se encolheu.

— Não...

— Sim. Uma vergonha, terrível — disse Sharon, com naturalidade, e em seguida continuou a declamar fatos como se os recitasse de um livro: — As principais ocupações dos cidadãos são coletar lixo e atrair estranhos para o

Recanto para acertá-los na cabeça e roubá-los. Por diversão, ingerem quaisquer líquidos inflamáveis à disposição e cantam mal a plenos pulmões. Os principais produtos de exportação da área são rejeitos de ferro fundido, farinha de osso e miséria. Entre os pontos turísticos importantes estão…

— Não é engraçado — interrompeu Emma.

— Perdão?

— Eu disse que não é engraçado! Essas pessoas estão sofrendo e você está fazendo piada com isso!

— Não estou fazendo piada — respondeu Sharon altivamente. — Estou fornecendo a vocês informações preciosas que podem salvar suas vidas. Mas se preferem mergulhar nessa selva envoltos em ignorância…

— Não preferimos — falei. — Ela sente muito. Por favor, continue.

Emma me lançou um olhar de reprovação, ao que eu respondi com a mesma censura. Aquela não era hora de defender o politicamente correto, mesmo que Sharon parecesse um pouco insensível.

— Falem baixo, pelo Hades — disse Sharon, irritado. — Agora, como eu dizia… Entre os principais destaques estão a Prisão Infantil de St. Rutledge, uma instituição de pensamento avançado que prende órfãos antes que tenham a oportunidade de cometer qualquer crime, poupando a sociedade de grandes custos e problemas; o Asilo de Lunáticos, Vigaristas e Criminalmente Perversos de St. Barnabus, que funciona como ambulatório para pacientes que se voluntariam a ser atendidos, e está quase sempre vazio; e a Rua da Fumaça, que está em chamas há oitenta e sete anos devido a um incêndio subterrâneo que ninguém se deu ao trabalho de apagar. Ah — disse ele, apontando para um espaço aberto enegrecido entre casas na margem. — Aqui fica uma das extremidades, que, como podem ver, está totalmente queimada.

Vários homens trabalhavam na área aberta, martelando pregos em uma armação de madeira para o que supus ser a reconstrução de uma das casas incendiadas, e, quando nos viram passar, pararam para gritar alô para Sharon, que respondeu apenas com um breve aceno, como se estivesse levemente envergonhado.

— Amigos seus? — perguntei.

— Parentes distantes — murmurou ele. — Construir forcas é nosso ofício de família.

— Construir *o quê*? — perguntou Emma.

Antes que ele pudesse responder, os homens tinham retomado o trabalho, cantando alto enquanto batiam seus martelos.

— Escutem o bater dos martelos, escutem as batidas nos pregos! Como é divertido construir forcas, a cura de todos os males!

Se eu não estivesse tão horrorizado, talvez tivesse começado a rir.

* * *

Seguimos em frente pelo Valão da Febre. Como mãos se fechando à nossa volta, o canal parecia se estreitar a cada impulso da vara de Sharon, às vezes de maneira tão drástica que as passarelas que o cruzavam se tornavam desnecessárias; você podia praticamente cruzar o canal saltando de um telhado para outro, o céu cinzento não passava de uma fresta entre eles, sufocando tudo abaixo em sombras. Durante todo o tempo, Sharon tagarelou informações, como um livro didático que tivesse ganhado vida. Em apenas alguns minutos, ele conseguira cobrir as tendências de moda do Recanto do Demônio (perucas roubadas penduradas na cintura eram populares), seu produto interno bruto (firmemente no negativo) e a história de seu povoamento (pelo empreendimento de fazendeiros criadores de vermes no início do século XII). Ele estava começando a falar dos destaques de sua arquitetura quando Addison, que passou o tempo todo se contorcendo junto a mim, finalmente o interrompeu:

— Você parece saber até o mínimo detalhe sobre esse buraco dos infernos, com exceção de tudo o que poderia ser remotamente útil para nós.

— Tal como? — disse Sharon, perdendo a paciência.

— Em quem podemos confiar, aqui?

— Em absolutamente ninguém.

— Como podemos encontrar os peculiares que vivem nesta fenda? — perguntou Emma.

— Vocês não querem fazer isso.

— Onde estão os acólitos que raptaram nossos amigos? — perguntei.

— É ruim para os negócios saber coisas como essa — retrucou Sharon, sem alterar a voz.

— Então nos deixe sair deste maldito barco e vamos andar por aí e descobrir por conta própria! — disse Addison. — Estamos perdendo um tempo precioso, e seus monólogos intermináveis estão me dando sono. Contratamos um barqueiro, não uma professora!

Sharon pigarreou.

— Eu devia jogar vocês no Valão por serem tão rudes, mas, se fizesse isso,

nunca receberia as moedas de ouro que me devem.

— Moedas de ouro! — disse Emma, chegando a cuspir de nojo. — E o bem-estar de seus companheiros peculiares? E sua *lealdade*?

Sharon riu.

— Se eu me preocupasse com coisas assim, estaria morto há muito tempo.

— E todos nós estaríamos muito felizes com isso — murmurou Emma, e virou o rosto.

Enquanto conversávamos, tentáculos de neblina tinham começado a dar uma volta no barco. Não era nada como a névoa cinza de Cairnholm; aquela era pegajosa e marrom-amarelada, a cor e a consistência de sopa de abóbora. Seu aparecimento repentino pareceu deixar Sharon desconfortável, e, à medida que a visão do horizonte se reduzia, sua cabeça virava rapidamente de um lado para outro, como se ele estivesse atento a problemas, ou à procura de um local para nos deixar.

— Tsc, tsc, tsc. Isso é mau sinal — reclamou o barqueiro.

— É só neblina — disse Emma. — A gente não tem medo de neblina.

— Nem eu — disse Sharon. — Mas isto não é neblina. É *turvação*, e é feita pelo homem. Coisas feias acontecem na turvação, e precisamos sair dela o mais rápido possível.

Ele ordenou que nos cobríssemos, e obedecemos. Voltei a espiar pelo furo. Momentos depois, um barco surgiu da turvação e passou perto, seguindo na direção oposta. Havia um homem nos remos e uma mulher sentada no assento, e, apesar de Sharon ter desejado um bom dia, eles apenas olharam de volta, e continuaram olhando até estarem bem longe de nós, outra vez engolidos pela turvação. Resmungando baixo, Sharon nos manobrou na direção da margem esquerda e de uma doca pequena que eu mal conseguia ver. Mas, quando ouvimos passos nas tábuas de madeira e um murmúrio baixo de vozes, Sharon se apoiou em sua vara para nos desviar bruscamente para outro lado.

Andamos em ziguezague de margem para margem à procura de um lugar para desembarcar, mas cada vez que nos aproximávamos, Sharon via algo de que não gostava e se afastava outra vez.

— Abutres — murmurava. — Abutres por toda parte…

Eu mesmo não vi nada até passarmos por baixo de uma passarela caindo aos pedaços que um homem atravessava. Enquanto deslizávamos abaixo dele, o homem parou e olhou para baixo. Ele abriu a boca e respirou fundo, prestes a gritar por ajuda, pensei, mas, em vez de uma voz, o que saiu de sua boca foi um jato de fumaça amarela densa que se lançou em nossa direção como água de

uma mangueira de incêndio.

Entrei em pânico e prendi a respiração. E se fosse gás venenoso? Mas Sharon não estava cobrindo o rosto nem pegando nenhuma máscara, estava apenas murmurando "tsc, tsc, tsc" enquanto o hálito do homem girava à nossa volta, se misturando com a turvação e reduzindo nossa visibilidade a nada. Em poucos segundos, o homem, a passarela sobre a qual ele estava e as duas margens foram apagadas.

Descobri a cabeça (ninguém podia nos ver agora, afinal) e falei baixinho:

— Quando você disse que essa coisa era feita pelo homem, achei que estivesse falando de chaminés, não literalmente…

— Oh, uau — disse Emma, se descobrindo. — Para que serve isso?

— Os abutres turvam uma área para encobrir suas atividades — disse Sharon. — E para cegar suas presas. Para sorte de vocês, eu não sou uma presa fácil.

Ele retirou sua vara comprida da água, passou-a sobre nossas cabeças e a usou para tocar o globo ocular na proa de seu barco. O globo ocular começou a brilhar como um farol de neblina, penetrando a turvação à nossa frente. Em seguida, ele retornou a vara à água e, se apoiando com força sobre ela, girou o barco em círculo lentamente, varrendo a água à nossa volta com sua luz.

— Mas se eles estão fazendo isto, eles são peculiares, não são? — supôs Emma. — E, se são peculiares, talvez sejam amigáveis.

— Os puros de coração não acabam como piratas do valão — disse Sharon, e depois parou de girar o barco quando nossa luz se fixou sobre outro barco que se aproximava. — E por falar no diabo…

Nós os vimos com bastante nitidez, mas tudo o que eles podiam ver de nós era uma florescência brilhante. Não era grande vantagem, mas pelo menos nos permitia saber quem eram antes de termos que nos recolher embaixo da lona. Eram dois homens em um barco cerca de duas vezes maior que o nosso. O primeiro operava um motor de popa quase silencioso, e o segundo levava um porrete.

— Se eles são tão perigosos — sussurrei —, por que estamos simplesmente esperando por eles?

— Já entramos muito fundo no Recanto para conseguir escapar deles agora, e muito provavelmente consigo tirar a gente dessa só na conversa.

— E se não conseguir?

— Talvez vocês precisem nadar para escapar.

Emma olhou para a água negra e oleosa e disse:

— Eu prefiro morrer.

— A escolha é sua. Agora, recomendo que desapareçam, crianças, e não movam um músculo aí embaixo.

Puxamos outra vez a lona sobre nossas cabeças. No instante seguinte, uma voz forte chamou:

— Olá, barqueiro!

— Olá — respondeu Sharon.

Ouvi remos chapinharem na água, e então senti um solavanco quando o outro barco bateu contra o nosso.

— A que vem por aqui?

— Apenas para um passeio de barco — disse Sharon, despreocupadamente.

— E que belo dia para isso! — respondeu o homem, rindo.

O segundo homem não estava para brincadeira.

— O que tem embaixo do pano? — resmungou ele, com um sotaque quase incompreensível.

— O que eu levo no meu barco é assunto meu.

— Qualquer coisa que passe pelo Valão da Febre é assunto *nosso*.

— Cordas velhas e quinquilharias, se querem saber — disse Sharon. — Nada interessante.

— Então não vai se importar se dermos uma olhada — disse o primeiro homem.

— E nosso trato? Já não paguei vocês este mês?

— Não tem mais trato nenhum — disse o segundo. — Acólitos pagam cinco vezes mais as taxas normais por alimentadores rechonchudos. E quem deixar qualquer alimentador escapar… vai para o poço, ou pior.

— O que poderia ser pior que o poço? — disse o primeiro.

— Nem quero descobrir.

— Agora, cavalheiro, seja razoável — disse Sharon. — Talvez seja hora de renegociar. Posso oferecer termos competitivos com qualquer um…

Alimentadores. Senti um calafrio, apesar do calor abafado que aumentava sob a lona devido ao rápido aquecimento das mãos de Emma. Torci para que ela não precisasse usar seus poderes, mas os homens não estavam cedendo, e temi que o barqueiro não conseguisse levá-los na lábia por muito tempo. Uma luta, porém, seria um desastre. Mesmo que pudéssemos enfrentar os homens no barco, os abutres, como Sharon os chamara, estavam por toda parte. Imaginei uma multidão se formando, vindo atrás de nós em barcos, atirando das margens, saltando das passarelas, e comecei a congelar de medo. Eu realmente não

queria descobrir o que significava *alimentadores*.

Mas aí ouvi um som esperançoso, o tilintar de moedas sendo trocadas, e o segundo homem dizendo:

— Nossa, ele está *forrado*! Eu poderia me aposentar na Espanha com ess…

Mas quando minhas esperanças começavam a crescer, senti um nó no estômago. Uma sensação familiar surgiu em minha barriga, e percebi que estivera se formando, lenta e gradualmente, havia algum tempo. Começou como uma coceira, depois, uma dor entorpecida, e agora essa dor estava maior, a pontada que denunciava a proximidade de um etéreo.

Mas não qualquer etéreo. *Meu* etéreo.

A palavra surgiu em minha cabeça sem alerta ou precedente. *Meu.* Ou talvez fosse o contrário. Talvez *eu* pertencesse a *ele*.

Nenhuma das opções era garantia de segurança. Eu imaginava que ele quisesse me matar tanto quanto qualquer outro etéreo, só que algo havia contido essa vontade temporariamente. Era a mesma força magnética misteriosa que levara o etéreo até mim e girara a agulha da bússola dentro de mim na direção dele, e era essa agulha que me dizia que o etéreo agora estava perto.

Logo seríamos capturados, ou assassinados por aqueles homens, ou talvez fôssemos assassinados pelo próprio etéreo. Decidi, então, que se a gente conseguisse chegar à margem em segurança, a primeira coisa que eu faria seria me livrar dele de uma vez por todas.

Mas onde estava ele? Se estava tão perto quanto parecia, estaria nadando em nossa direção no Valão, e eu sem dúvida teria ouvido uma criatura com sete membros dando braçadas de peito. Aí a agulha girou e mergulhou, e eu soube, praticamente vi, que ele estava *embaixo* d'água. Etéreos, aparentemente, não precisavam respirar com frequência. No instante seguinte, ouvi um baque surdo quando ele se grudou ao fundo de nosso barco. Todo mundo levou um susto com o barulho, mas só eu sabia o que era. Desejei poder avisar meus amigos, mas tive que permanecer imóvel, seu corpo a apenas centímetros de distância, do outro lado das tábuas de madeira sobre as quais estávamos deitados.

— O que foi isso? — ouvi o primeiro homem dizer.

— Não escutei nada — mentiu Sharon.

Solte, falei, movimentando os lábios em silêncio, na esperança de que o etéreo ouvisse. *Vá embora e nos deixe em paz*. Mas, em vez disso, ele começou a fazer um som triturante contra a madeira; eu o visualizei arranhando o fundo do barco com seus dentes compridos.

— Eu ouvi, tão claro quanto o dia — disse o segundo homem. — O barqueiro está tentando fazer a gente de otário, Reg!

— Acho que está, sim — disse o primeiro.

— Garanto a vocês, nada poderia estar mais longe da verdade — disse Sharon. — É essa droga de barco quebrado. Já passou da hora de uma revisão.

— Esqueça. Acabou o trato. Mostre o que você tem aí.

— Ou vocês podem permitir que eu aumente minha oferta — disse Sharon. — Vamos considerar isso um brinde pela gentileza de vocês.

Os homens discutiram em voz baixa.

— Se a gente deixar ele ir e outra pessoa pegar ele com alimentadores, vamos para o poço.

— Ou pior.

Vá embora, vá embora, vá EMBORA, implorei para o etéreo.

Bam, bam, BAM, respondeu ele, batendo no casco.

— Puxe esse pano! — exigiu o primeiro homem.

— Senhor, se esperar apenas um instante...

Mas os homens estavam determinados. Nosso barco balançou como se alguém estivesse subindo. Houve gritos, e em seguida ouvi passos perto de nossas cabeças quando a briga começou.

Não faz sentido se esconder agora, pensei, e os outros pareceram concordar. Vi os dedos brilhantes de Emma pegarem a borda da lona.

— Quando eu contar três — sussurrou ela. — Prontos?

— Na ponta das patas — rosnou Addison.

— Espere — falei. — Primeiro, vocês precisam saber... Embaixo do barco tem...

Então a lona foi arrancada, e eu nunca terminei a frase.

* * *

Foi tudo muito rápido. Addison mordeu o braço que puxara a lona e Emma atacou o homem, esfolando seu rosto com dedos escaldantes. Ele cambaleou para trás gritando e caiu na água. Sharon tinha sido derrubado na disputa, e o segundo homem estava de pé acima dele com o porrete erguido. Addison saltou sobre ele e abocanhou sua perna. O homem se virou para se livrar do cão, o que deu a Sharon tempo para se levantar e acertá-lo no estômago. O homem se dobrou ao meio, e Sharon o desarmou com um giro traiçoeiro da vara.

O homem resolveu desistir enquanto podia e saltou de volta para seu barco.

Sharon arrancou a lona que cobria o motor de popa, puxou o cabo de ignição, e nosso barco ligou no momento em que um terceiro acelerou para nosso lado em meio à turvação. Dentro dele havia mais três homens, um deles com um revólver apontado direto para Emma.

Gritei para que ela se abaixasse e saltei sobre seu corpo no momento do disparo, que provocou uma nuvem de fumaça branca. Aí o homem a apontou para Sharon, que largou o acelerador e levantou os braços. E esse teria sido nosso fim, acho, se uma torrente de palavras estranhas não tivesse começado a brotar e jorrar de mim, altas e firmes e estrangeiras a meus ouvidos.

Afunde o barco deles! Use suas línguas para afundar o barco deles!

Na fração de segundo que levou para todo mundo se virar e olhar para mim, o etéreo saiu do fundo do casco e lançou suas línguas sobre o outro barco. Elas dispararam de dentro da água, se enrolaram na extremidade da popa e viraram o barco de ponta-cabeça em um mortal invertido que jogou os três homens para fora.

O barco caiu de cabeça para baixo sobre dois deles.

Sharon poderia ter aproveitado a oportunidade para acelerar e nos tirar dali, mas permaneceu congelado, em choque, com os braços ainda no ar.

O que não era problema. Eu ainda não tinha acabado.

Aquele, falei, olhando para o homem do revólver se debatendo na água.

Aparentemente, o etéreo podia me ouvir embaixo d'água, porque momentos depois que eu disse isso o homem gritou, olhou para baixo e foi sugado para o fundo. Desapareceu assim, e imediatamente a água onde estivera floresceu vermelha.

— Eu não falei para *comê-lo*! — falei em inglês.

— O que você está esperando? — gritou Emma para Sharon. — Vamos!

— Está bem, está bem — gaguejou o barqueiro.

Ele se sacudiu para voltar a si, baixou a mão e acelerou forte. O motor zuniu, e Sharon virou o leme e nos girou em curva fechada, derrubando Emma, Addison e a mim. O barco empinou e seguiu em frente, e então começamos a navegar por espirais de turvação, voltando pelo caminho por onde viéramos.

Emma olhou para mim, eu a olhei de volta e, apesar de estar alto demais para escutar qualquer coisa acima do motor e da circulação do sangue em nossos ouvidos, tive a impressão de ver ao mesmo tempo em seu rosto medo e euforia, uma expressão que dizia: *Você, Jacob Portman, é maravilhoso e assustador*. Mas, quando ela finalmente falou, só consegui entender uma palavra: *Onde?*

Pois é, onde? Eu esperava que a gente conseguisse escapar do etéreo enquanto ele estivesse acabando com o pirata do valão, mas agora, interpretando meu estômago, eu soube que ele ainda estava perto, seguindo logo atrás, muito provavelmente usando uma de suas línguas como cabo de reboque.

Perto, articulei com os lábios.

Seus olhos brilharam, e ela assentiu uma vez, bruscamente: *Bom*.

Sacudi a cabeça. Ela não estava com medo? Por que ela não conseguia ver como aquilo era perigoso? O etéreo tinha provado sangue e acabara de deixar para trás uma refeição inacabada. Quem podia saber que tipo de maldade ainda tinha dentro dele? Mas a forma como ela olhava para mim... Só aquela leve ponta de sorriso já me energizava, e eu sentia que podia fazer qualquer coisa.

Estávamos nos aproximando rápido da ponte e do peculiar que produzia a turvação. Ele estava à nossa espera, agachado com um rifle apoiado na grade da passarela, o qual estava apontado em nossa direção.

Nós nos agachamos. Ouvi dois tiros. Ao erguer os olhos outra vez, vi que ninguém tinha sido atingido.

Estávamos passando embaixo da ponte. Em um instante estaríamos do outro lado, e ele poderia atirar outra vez. Eu não podia deixar que fizesse isso.

Eu me virei e gritei *Ponte!* em língua de etéreo, e a criatura pareceu entender exatamente o que eu queria dizer. As duas línguas que não estavam segurando nosso barco se lançaram para cima e, com uma chicotada úmida, cada uma delas envolveu os suportes frágeis da ponte. Todas as três línguas se desenrolaram e se esticaram como elástico estendido ao limite. O etéreo emergiu da água com o formato de uma estrela do mar, devido às línguas que seguravam ao mesmo tempo o barco e a ponte.

O barco desacelerou tão depressa que foi como se alguém tivesse puxado o freio de emergência; todos fomos jogados para a frente, sobre o piso da embarcação. A passarela gemeu e balançou, e o peculiar que apontava para nós tropeçou e deixou cair a arma. Ou a passarela ou o etéreo iam ceder. Ele estava gemendo como um porco ferido, como se fosse se rasgar ao meio, mas quando o peculiar se abaixou para pegar a arma, pareceu que a ponte ia aguentar, o que significava que eu tinha trocado toda a nossa velocidade e o nosso impulso por nada. Agora éramos alvos que nem se moviam.

Solte!, gritei para o etéreo.

Ele não soltou; jamais ia me largar por vontade própria. Por isso, corri para a parte de trás do barco e me debrucei sobre a popa. Uma de suas línguas estava enrolada no leme. Ao lembrar como o toque de Emma uma vez fizera a língua

de um etéreo soltar seu tornozelo, eu a puxei até lá e disse a ela que queimasse o leme. Ela fez isso e quase caiu pela borda para alcançar, então o etéreo gritou e soltou.

Foi como soltar um estilingue. O etéreo voou e bateu na ponte com um estrondo; toda a estrutura cambaleante cedeu e desmoronou no valão. Ao mesmo tempo, a parte de trás de nosso barco voltou a tocar a água, e o motor, outra vez submerso, nos impulsionou para a frente. A aceleração repentina nos derrubou como pinos de boliche. Sharon conseguiu se segurar ao leme, se firmou e nos desviou bruscamente de uma rota de colisão com o muro do canal. Voamos pelo centro do valão, deixando um V negro em nosso rastro na água.

Nós nos agachamos caso mais balas voassem. Parecíamos estar fora de perigo imediato. Os abutres estavam em algum lugar atrás de nós, e eu não podia imaginar como eles iriam nos alcançar.

Arfando, Addison perguntou:

— Foi a mesma criatura que encontramos no metrô, não foi?

Percebi que estava prendendo o fôlego, então soltei o ar e, em seguida, assenti. Emma olhou para mim, esperando por mais, mas eu ainda estava processando a informação, todos os meus nervos vibrando com a estranheza do que acabara de acontecer. Uma coisa eu sabia: dessa vez eu quase o pegara. Era como se, a cada encontro, eu mergulhasse um pouco mais fundo no centro nervoso do etéreo. As palavras saíam com mais facilidade, pareciam menos estrangeiras à minha língua, encontravam menos resistência do etéreo. Ainda assim, era como um tigre no qual eu conseguira botar uma coleira de cachorro. A qualquer momento ele podia decidir se voltar e me dar uma mordida, ou em qualquer um de nós. E mesmo assim, por razões além de minha compreensão, ele não fez isso.

Talvez, pensei, com mais uma ou duas tentativas, eu conseguisse controlar aquilo. E então… Meu Deus.

Então seríamos imbatíveis.

Olhei para trás, para o fantasma da ponte, poeira e restos de madeira subindo em turbilhão pelo ar no lugar onde momentos antes se erguia a estrutura. Nos destroços abaixo, conferi se algum membro irrompia na superfície, mas havia apenas um redemoinho de lixo sem vida. Tentei sentir, mas meu estômago agora era inútil, torcido e vazio. Aí a névoa cor de lama se fechou às nossas costas e encobriu a vista.

Logo quando eu precisava de um monstro, ele tinha se matado.

* * *

A turvação diminuía lentamente, e o barco balançou quando Sharon reduziu a velocidade e desviou para a direita em direção a uma quadra de cortiços medonhos. Ficavam à beira do canal, formando uma parede longa e ininterrupta que não se parecia com casas, mas com os limites externos de um labirinto, uma fortaleza, ameaçador e com poucos pontos de entrada. Deixamos a correnteza nos arrastar lentamente, à procura de um lugar para entrar. Foi Emma quem finalmente viu um, apesar de precisar estreitar os olhos para identificar algo mais que um truque das sombras.

Chamar aquilo de beco seria um exagero. Era um desfiladeiro estreito como a lâmina de uma faca, cuja distância de parede a parede era da largura dos ombros e cinquenta vezes isso de altura, com a entrada marcada por uma escada coberta de musgo aparafusada bem apertado. Eu só podia ver um pouco adiante antes que a passagem se ocultasse, fazendo uma curva para a escuridão sem sol.

— Para onde ela vai? — perguntei.

— Para onde os anjos temem passar — respondeu Sharon. — Este não é o ponto de desembarque que eu teria escolhido para vocês, mas suas escolhas, agora, são limitadas. Vocês têm certeza de que não preferem ir logo embora do Retiro? Ainda há tempo.

— *Absoluta* — disseram Emma e Addison simultaneamente.

Quanto a mim, eu adoraria debater a questão, mas agora era tarde demais para desistir. *Trazê-los de volta ou morrer tentando* era algo que eu dissera nos últimos dias. Era hora de avançar.

— Nesse caso, terra à vista — disse Sharon secamente. Ele pegou a amarra de atracação embaixo de seu assento, jogou-a sobre a escada e nos puxou na direção da margem. — Todo mundo para fora, por favor. Olhem onde pisam. Esperem, deixem-me ajudar.

Sharon subiu a escada escorregadia com a agilidade de quem já havia feito aquilo muitas vezes. Quando estava no alto, se ajoelhou na margem e estendeu a mão para nos ajudar a subir, um de cada vez. Emma foi primeiro, depois entreguei um Addison nervoso e agitado, e então, como eu era orgulhoso e tolo, subi a escada sem pegar a mão de Sharon; quase escorreguei.

Quando estávamos todos seguros em terra, o barqueiro desceu de volta pela escada. Ele deixara o motor em ponto morto.

— Espere um minuto — disse Emma. — Aonde você vai?

— Embora daqui! — respondeu Sharon, saltando da escada para o barco. — Vocês poderiam jogar a corda?

— Eu, não! Você primeiro precisa nos mostrar aonde ir. Não temos ideia de onde estamos.

— Não faço passeios em terra. Sou estritamente um guia de barcos.

Nós nos entreolhamos sem acreditar.

— Pelo menos nos dê indicações! — implorei.

— Ou melhor ainda, um mapa — disse Addison.

— Um mapa! — exclamou Sharon, como se aquilo fosse a coisa mais tola que ele já tivesse ouvido. — Há mais passagens de ladrões, túneis de assassinos e covis ilegais no Recanto do Demônio do que em qualquer outro lugar do mundo. É impossível mapear este lugar! Agora deixem de ser infantis e me passem minha corda.

— Não até que você nos conte algo útil! — disse Emma. — O nome de alguém que possa nos ajudar, que não vá tentar nos vender para os acólitos!

Sharon deu uma gargalhada.

Emma assumiu uma postura desafiadora.

— Deve haver *um*.

Sharon fez uma reverência.

— Você está falando com ele! — Em seguida subiu a escada até a metade e pegou a corda das mãos de Emma. — Chega disso. Adeus, crianças. Tenho quase certeza de que nunca mais verei vocês de novo.

E com isso ele entrou no barco, enfiando a vara em uma poça de água até o tornozelo. Sharon soltou um gritinho agudo e se abaixou para olhar. Parecia que os tiros que erraram nossas cabeças tinham aberto alguns furos no casco, provocando vazamentos.

— Vejam o que vocês fizeram! Meu barco foi esburacado por balas!

Os olhos de Emma brilharam.

— O que *nós* fizemos?

Sharon fez uma inspeção rápida e concluiu que os danos eram graves.

— Estou ilhado! — anunciou ele dramaticamente, depois desligou o motor, retraiu sua vara até ficar do tamanho de uma bengala e subiu a escada outra vez. — Vou encontrar um artesão qualificado para consertar meu bote — disse ele, passando apressado por nós. — E não quero vocês me seguindo.

Nós o seguimos em fila indiana pela passagem estreita.

— E por que não? — berrou Emma.

— Por que vocês estão amaldiçoados! Azar! — Sharon agitou os braços para

trás como se espantasse moscas. — Chispa daqui!

— O que quer dizer com "chispa"? — Ela correu alguns passos e segurou o braço de Sharon, coberto pela capa.

Ele girou rapidamente para trás e se soltou com um puxão, e pensei por um instante que fosse bater em Emma. Fiquei tenso, pronto para saltar sobre ele, mas sua mão apenas ficou ali parada, um alerta.

— Já perdi a conta de quantas vezes percorri esta rota e nunca fui atacado por piratas do Valão. Nunca fui forçado a deixar minha proteção e a usar meu motor a gasolina. E nunca, *nunca,* meu barco foi avariado. Vocês são problema demais, não valem a pena, simples assim, e não quero ter mais nada a ver com vocês.

Enquanto ele falava, olhei para a passagem mais adiante, atrás dele. Meus olhos ainda estavam se adaptando à escuridão, mas o que vi foi aterrorizante: sinuosa e intricada como um labirinto, ela era margeada por soleiras sem portas, mais parecendo uma boca desdentada, e estava viva, com ruídos sinistros — murmúrios, arranhões, passos rápidos. Mesmo naquele momento, eu podia sentir olhos famintos a nos observar, facas sendo sacadas.

Não podíamos ser deixados ali sozinhos. Só nos restava implorar.

— Vamos pagar o dobro do que prometemos — falei.

— E consertamos seu barco — interveio Addison.

— Não me interessa o maldito trocado de seus bolsos! — disse Sharon. — Não veem que estou arruinado? Como posso voltar ao Recanto do Demônio? Acham que os abutres vão me deixar em paz, agora que meus clientes mataram dois deles?

— O que você queria que a gente fizesse? — disse Emma. — A gente teve que lutar para se defender!

— Não seja tolinha. Eles jamais teriam forçado a questão se não fosse por... por aquilo... — Sharon olhou para mim, sua voz se reduzindo a um murmúrio. — Você podia ter mencionado mais cedo que estava em conluio com *criaturas da noite*!

— Hã... eu não diria exatamente "em conluio com"...

— Não tenho medo de muita coisa neste mundo, mas, como regra geral, mantenho distância de monstros sugadores de almas, e aparentemente tem um seguindo vocês como um cachorro. Imagino que ele vá aparecer a qualquer minuto.

— Improvável — disse Addison. — Não se lembra de alguns momentos atrás, quando uma passarela caiu na cabeça dele?

— Só uma passarelinha pequena — disse Sharon. — Agora, se me dão licença, preciso ver um homem para tratar a respeito do meu barco.

E, com isso, foi embora apressado.

Antes que pudéssemos alcançá-lo, Sharon virou uma esquina e, quando chegamos até lá, ele havia sumido, talvez desaparecido em um daqueles túneis que mencionara. Andamos em círculos, confusos e com medo.

— Não acredito que ele tenha simplesmente nos abandonado desse jeito! — falei.

— Nem eu — disse Addison. — Na verdade, não acho que ele tenha feito isso, acho que está negociando. — O cachorro limpou a garganta, sentou sobre as patas traseiras e se dirigiu aos telhados com uma voz trovejante: — Bom senhor! Pretendemos resgatar nossos amigos e nossas *ymbrynes*, e escreva o que eu digo, nós vamos resgatá-los, e quando fizermos isso, e eles souberem como você nos ajudou, vão ficar *muito* agradecidos.

Ele deixou que isso ecoasse por algum tempo, depois prosseguiu:

— Não importa a compaixão. Que se dane a lealdade! Se for uma pessoa tão inteligente e ambiciosa quanto acho que é, vai reconhecer uma oportunidade extraordinária de progresso ao ver uma. Já estamos em dívida com você, mas tomar moedas de crianças e animais é um modo de vida terrivelmente modesto em comparação com o que poderia significar ter várias *ymbrynes* em débito com você. Talvez aprecie a ideia de ter uma fenda só para você, seu próprio parque de diversões sem outros peculiares para estragar! Em qualquer época e lugar que quisesse: uma ilha tropical exuberante em uma era de paz permanente, algum local discreto em época de praga. O que preferisse.

— Elas poderiam realmente fazer isso? — sussurrei para Emma.

Ela deu de ombros.

— Imagine as possibilidades! — entusiasmou-se Addison.

Sua voz ecoou longe. Esperamos, atentos.

Em algum lugar, duas pessoas discutiam.

Uma tosse seca. Algo pesado foi arrastado escada abaixo.

— Bem, foi um belo discurso — disse Emma, com um suspiro.

— Agora esquece ele — falei, espiando no interior das passagens que se ramificavam para a esquerda, para a direita e em frente. — Por onde?

Escolhemos uma passagem qualquer, logo em frente. Tínhamos dado apenas dez passos quando ouvimos uma voz:

— Eu não iria por esse caminho, se fosse vocês. Esse é o Beco dos Canibais, e não se trata apenas de um apelido engraçadinho.

Lá estava Sharon atrás de nós, as mãos na cintura como um professor de educação física.

— Meu coração deve estar ficando mole com a velhice — disse ele. — Ou isso, ou minha cabeça.

— Isso significa que você vai nos ajudar? — perguntou Emma.

Uma chuva fraca começara a cair. Sharon olhou para cima, deixando que um pouco respingasse em seu rosto escondido.

— Conheço um advogado aqui. Primeiro quero que vocês assinem um contrato determinando o que me devem.

— Certo, certo — disse Emma. — Mas você vai nos ajudar?

— Eu precisaria consertar meu barco.

— E *depois*?

— Depois eu ajudo vocês. Embora não possa prometer resultado nenhum; e quero deixar logo claro que acho vocês uns tolos.

Não conseguimos nos forçar a agradecer, considerando o que ele nos fizera passar.

— Agora, fiquem por perto e sigam todas as minhas instruções ao pé da letra. Vocês mataram dois abutres hoje, e eles vão estar à sua caça, escrevam o que eu digo.

Concordamos imediatamente.

— Se forem pegos, vocês não me conhecem. Nunca me viram.

Fizemos que sim, balançando a cabeça como bonequinhos de mola.

— E, aconteça o que acontecer, nunca, *nunca* toquem sequer em uma gota de ambrosia, ou juro por meus olhos que vocês jamais vão sair deste lugar.

— Não sei o que é isso — falei, e notei que Emma e Addison também não faziam ideia.

— Vocês vão descobrir — disse Sharon de modo sinistro, e, com um movimento de sua capa, ele se virou e mergulhou no labirinto.

CAPÍTULO TRÊS

Pouco antes de uma vaca ser abatida em um matadouro moderno, ela é conduzida por um labirinto sinuoso. As curvas fechadas e os cantos cegos impedem que o animal veja mais que uma curta distância à frente, para que só conheça seu destino nos últimos passos (quando o labirinto se estreita abruptamente e um colar de metal se prende firme em torno de seu pescoço). Mas enquanto nós três corríamos atrás de Sharon para o coração do Recanto do Demônio, surgiu a certeza de saber o que nos esperava, mesmo sem ter a noção de quando ou como ocorreria. A cada passo e cada curva, nos envolvíamos mais em um nó, um que, temia eu, jamais seria desatado.

O ar fétido não circulava, sua única saída era uma fresta irregular de céu acima de nossas cabeças. O caminho entre as paredes irregulares e fora de prumo era tão estreito que em alguns lugares tínhamos que andar de lado, os trechos mais estreitos com manchas pretas devido à oleosidade das roupas dos que haviam passado antes. Não tinha nada natural ali, nada verde, nada vivo, com exceção de bichos rastejantes e de renegados com olhos injetados à espreita por trás de portas e debaixo de bueiros nas ruas, e que sem dúvida teriam saltado sobre nós não fosse nosso guia alto vestido de preto. Estávamos seguindo a própria morte rumo ao poço do inferno.

Fizemos uma curva e depois outra. Cada passagem parecia exatamente igual à anterior. Não havia placas, nenhuma identificação. Ou Sharon se orientava por algum brilhante feito de memória, ou seguia de modo completamente aleatório, tentando despistar quaisquer piratas do Valão que pudessem estar nos perseguindo.

— Você sabe mesmo aonde estamos indo? — perguntou Emma a ele.

— Claro que sei! — resmungou Sharon, virando uma esquina sem olhar para trás.

Então ele parou, voltou e desceu por uma porta um pouco abaixo do nível da rua. No interior havia um porão úmido, com apenas um metro e meio de altura e iluminado pelo mais leve espectro de uma fraca luz amarelada. Atravessamos um corredor subterrâneo às pressas, agachados sobre ossos de animais descartados, o teto tocando nossa cabeça. Passamos por coisas que tentei não ver: algo encolhido em um canto, pessoas dormindo trêmulas em esteiras de palha miseráveis, um garoto maltrapilho deitado no chão com um balde de pedinte preso em um dos braços. No fim, a passagem se abria em uma sala, e, à luz de algumas janelas sujas, uma dupla de lavadeiras ajoelhadas esfregava roupas em uma poça fedorenta de água do Valão.

Subimos mais degraus e saímos, graças a Deus, em um pátio murado

comunal aos fundos de vários prédios. Em outra realidade, talvez contivesse uma faixa de grama feliz ou um pequeno gazebo, mas ali era o Recanto do Demônio, então havia uma lixeira e um chiqueiro. Repleto de moscas, o lixo jogado pelas janelas formava ondas que quebravam contra as paredes, e no centro, cravado de maneira torta na lama, havia um chiqueiro onde um garoto magro guardava um porco ainda mais magro, só um. Perto de uma parede havia uma mulher fumando e lendo um jornal sentada enquanto uma garota, de pé atrás dela, catava lêndeas de seu cabelo. A mulher e a garota não perceberam quando nosso grupo passou, mas o garoto brandiu os dentes de um forcado para nós. Quando ficou claro que não tínhamos interesse por seu porco, ele se agachou de cócoras, exausto.

Emma parou no meio do pátio para olhar as roupas penduradas no alto em cordas presas entre as calhas dos telhados. Ela tornou a observar que nossas roupas sujas de sangue nos faziam parecer autores de um assassinato e sugeriu que trocássemos. Sharon respondeu que assassinos não eram raros ali e a apressou, mas ela bateu o pé, argumentando que um acólito no metrô vira nossas roupas sujas de sangue e enviara um rádio sobre nós para seus camaradas. Estávamos fáceis demais de identificar em uma multidão. Na verdade, acho que era mais porque ela se sentia desconfortável em uma blusa agora endurecida com o sangue de outra pessoa. Eu também me sentia, e, se encontrássemos nossos amigos outra vez, não queria que eles nos vissem daquele jeito.

Sharon concordou a contragosto. Ele estivera nos conduzindo na direção de uma cerca no fim do pátio, mas agora desviou e nos levou para um dos prédios. Subimos dois, três, quatro lances de escada, e até Addison começou a arfar, depois seguimos Sharon por uma porta aberta até um quarto pequeno e esquálido. Uma fenda no teto deixara a chuva entrar, o que distorcia o piso como ondas em um lago. Mofo negro se espalhava pelas paredes. A uma mesa junto de uma janela enfumaçada, duas mulheres e uma garota suavam debruçadas sobre máquinas de costura movidas a pedal.

A NOTICIA

— Precisamos de roupas — disse Sharon, dirigindo-se às mulheres em um tom grave e retumbante que abalou as paredes finas.

Seus rostos pálidos se ergueram. Uma das mulheres pegou uma agulha de costura e a brandiu como uma arma.

— *Por favor* — disse ela.

Sharon puxou o capuz de sua capa um pouco para trás, de modo que apenas as costureiras pudessem ver seu rosto. Elas levaram um susto, depois deram um gemido e desmaiaram sobre a mesa.

— Isso era mesmo necessário? — perguntei.

— Não exatamente — respondeu Sharon, recolocando o capuz. — Mas foi eficaz.

As costureiras estavam montando camisas e vestidos simples com retalhos de tecidos. Os trapos com que trabalhavam estavam empilhados no chão, e os resultados, que tinham mais remendos e costuras que o monstro de Frankenstein, estavam pendurados em uma corda do lado de fora da janela. Enquanto Emma os puxava para dentro, meu olhar percorreu a sala. Era, sem dúvida, mais que um local de trabalho: as mulheres também moravam ali. Havia uma cama montada a partir de restos de madeira. Espiei no interior de uma panela amassada pendurada na lareira e vi os ingredientes de uma sopa esquálida, com pele de peixe e folhas murchas de repolho. As tentativas desmazeladas de decoração (um ramo de flores secas, uma ferradura pregada acima da lareira, um retrato emoldurado da rainha Vitória) deixavam o ambiente mais triste do que se estivesse vazio.

O desespero ali era tangível, oprimia tudo, até o próprio ar. Eu nunca tinha sido confrontado com a miséria absoluta. Será que peculiares podiam mesmo estar vivendo aquelas vidas descartáveis? Enquanto Sharon pegava uma braçada de camisas pela janela, perguntei a ele, que pareceu quase ofendido pela ideia.

— Peculiares jamais se rebaixariam tanto. Esses são habitantes comuns do cortiço, presos em uma repetição infinita do dia em que essa fenda foi feita. Normais ocupam as bordas purulentas do Recanto, mas seu coração pertence a nós.

Elas eram normais. Não só isso, mas normais presas em uma fenda, como aqueles em Cairnholm que as crianças mais cruéis atormentavam durante as brincadeiras de Ataque ao Vilarejo. Tanto parte da paisagem quanto o mar ou os penhascos, disse a mim mesmo. Mas, não sei por quê, olhando para os rostos envelhecidos enfiados em trapos, não me senti menos terrível em roubar delas.

— Vamos reconhecer os peculiares, tenho certeza — disse Emma,

escolhendo entre uma pilha de blusas sujas.

— Isso sempre acontece — disse Addison. — A sutileza nunca foi o forte de nossa espécie.

Tirei minha camisa ensanguentada e a troquei pela alternativa menos imunda que encontrei, o tipo de traje que você receberia em um campo de prisioneiros: sem colarinho e listrado, mangas de comprimentos diferentes, feito com retalhos de um tecido mais áspero que lixa. Mas serviu em mim, e, com a adição de um casaco preto simples que vi jogado sobre as costas de uma cadeira, eu agora parecia alguém que podia plausivelmente ser daquele lugar.

Viramos as costas quando Emma trocou de roupa e pôs um vestido semelhante a um saco de batatas, que ficou muito grande, com sobras de tecido em torno de seus pés.

— Vai ser impossível correr com isso — resmungou.

Ela pegou uma tesoura da mesa da costureira e começou a alterá-lo com a delicadeza de um açougueiro, cortando a barra até o joelho.

— Pronto. — Ela admirou sua obra no espelho. — Um pouco maltrapilho, mas…

Sem pensar, falei:

— Horace pode fazer um melhor para você. — Eu tinha esquecido que nossos amigos não estavam simplesmente esperando por nós na sala ao lado. — Quer dizer… se tornarmos a vê-los…

— Não — disse Emma. Por um instante, ela pareceu triste demais, absolutamente perdida em pensamentos, então virou o rosto, devolveu a tesoura e seguiu determinada na direção da porta. Quando se voltou para nos encarar outra vez, sua expressão tinha endurecido. — Vamos. Já desperdiçamos tempo demais aqui.

Ela tinha essa capacidade impressionante de transformar tristeza em raiva e raiva em ação, o que significava que nada a abatia por muito tempo. Então, Addison, eu e Sharon (que, eu desconfiava, não sabia exatamente com quem estava lidando até então) saímos atrás dela e descemos a escada.

* * *

O Recanto do Demônio (ou ao menos sua porção peculiar) tinha uma área de apenas dez ou vinte quadras. Depois de descer do asilo, soltamos a tábua de uma cerca e nos espremeos por uma passagem sufocante, que conduzia a outra um pouco menos sufocante, que, por sua vez, levava a outra um pouco

mais larga — larga o suficiente para que Emma e eu pudéssemos caminhar lado a lado. Elas continuaram a se alargar, como artérias relaxando após um infarto, até chegarmos a algo que podia realmente ser chamado de rua, com tijolos vermelhos dispostos no meio e calçadas pavimentadas nas laterais.

— Para trás — murmurou Emma.

Nós paramos em uma esquina e observamos escondidos como tropas de elite, as cabeças enfileiradas.

— O que acham que estão fazendo? — perguntou Sharon.

Ele ainda estava na rua e parecia com mais medo de passar vergonha por nossa causa do que de ser morto.

— Procurando pontos de emboscada e rotas de fuga — disse Emma.

— Ninguém vai emboscar ninguém — retrucou Sharon. — Os piratas só operam na terra de ninguém. Eles não vêm atrás de nós aqui; aqui é a Rua da Depravação.

Havia, na verdade, uma placa que informava isso, a primeira que eu vira em todo o Recanto do Demônio. *Rua da Depravação*, dizia em letra manuscrita elegante. *Desencoraja-se a pirataria*.

— Desencorajar? — falei. — E assassinato? Não é visto com reprovação?

— Acredito que o assassinato seja "tolerado com reservas".

— *Alguma coisa* é ilegal aqui? — perguntou Addison.

— As multas por atraso na biblioteca são duras. Dez chicotadas por dia.

— Tem uma biblioteca aqui?

— Duas. Mas uma não empresta livros, pois todos os volumes são encadernados em pele humana e extremamente valiosos.

Saímos lentamente de trás da parede e lançamos um olhar um tanto intrigado ao redor. Na terra de ninguém, eu antecipara a morte a cada curva, mas a Rua da Depravação, sob todas as aparências, era um refúgio de ordem cívica. Lojinhas arrumadas se enfileiravam dos dois lados da rua, com letreiros e vitrines e apartamentos nos sobrados. Não havia nenhum telhado desmoronado nem vidraças quebradas à vista. Também havia gente nas ruas, e elas pareciam sem pressa, caminhando sozinhas ou em duplas, parando de vez em quando para entrar em uma loja ou olhar uma vitrine. Suas roupas não eram trapos. Seus rostos eram limpos. Talvez nada ali fosse novo e brilhante, mas as superfícies desgastadas e a pintura descascada davam a tudo um aspecto artesanal e embotado que era curioso, até charmoso. Minha mãe, se tivesse visto a Rua da Depravação em uma daquelas revistas de viagens folheadas mas nunca lidas que abarrotavam nossa mesinha de centro, teria elogiado sua beleza e reclamado

que ela e meu pai jamais haviam tirado férias de verdade na Europa (*Ah, Frank, vamos!*).

Emma estava visivelmente decepcionada.

— Eu esperava alguma coisa mais sinistra.

— Eu também — falei. — Onde estão todos os antros de assassinos e arenas de esportes sanguinários?

— Não sei em que tipo de negócios vocês acham que as pessoas se envolvem por aqui — disse Sharon. — Mas nunca ouvi falar em um antro de assassinos. Quanto a arenas de esportes sanguinários, só há uma, a de Derek, lá na Rua do Lodo. Um bom sujeito, Derek. Me deve cinco libras...

— E os acólitos? — disse Emma. — E nossos amigos raptados?

— Fale baixo — chiou Sharon. — Assim que resolver meu assunto, vamos encontrar uma pessoa que possa ajudar vocês. Até lá, não repitam isso para ninguém.

Emma confrontou Sharon:

— Então não me faça repetir *isso*. Apesar de estarmos agradecidos por sua ajuda e seu conhecimento, a vida de nossos amigos está com prazo de validade. Não vou ficar parada perdendo tempo simplesmente para evitar aborrecer certas pessoas.

Sharon olhou para ela, em silêncio por um instante.

— Todos temos prazo de validade. Se eu fosse vocês, não teria pressa para descobrir qual é.

* * *

Saímos para encontrar o advogado de Sharon. Ele logo ficou frustrado.

— Eu podia jurar que o escritório ficava nesta rua — disse ele, dando meia-volta. — Mas faz anos que não o vejo. Talvez tenha se mudado.

Sharon resolveu procurar por conta própria e nos mandou esperar ali.

— Volto em alguns minutos. Não falem com ninguém.

Ele saiu andando, nos deixando sozinhos. Nós nos agrupamos na calçada, desconfortáveis, sem saber o que fazer. As pessoas olhavam fixamente para nós ao passar.

— Ele nos enrolou mesmo, não é? — disse Emma. — Fez com que este lugar parecesse um antro de criminalidade, mas, para mim, parece uma fenda como outra qualquer. Na verdade, as pessoas aqui parecem mais normais do que qualquer peculiar que já vi. É como se as características diferentes deles tivessem sido sugadas. É muito entediante.

— Você deve estar brincando — disse Addison. — Eu nunca vi um lugar tão sinistro ou repulsivo.

Nós dois olhamos para ele, surpresos.

— Por que diz isso? — perguntou Emma. — Aqui só tem lojinhas.

— É, mas veja o que elas estão vendendo.

Até então, não tínhamos visto. Logo atrás de nós havia uma vitrine, e nela havia um homem bem-vestido de olhos tristes e barba comprida. Quando viu que tinha nossa atenção, ele balançou de leve a cabeça, ergueu um relógio de bolso e apertou um botão na lateral. No momento em que o apertou, ele congelou, e sua imagem pareceu borrar. Alguns segundos depois, ele se moveu sem se mover, desaparecendo e reaparecendo instantaneamente no canto oposto da vitrine.

— Uau! — falei. — Esse é um truque e tanto!

Ele o fez pela segunda vez, se teletransportando de volta para o outro canto. Enquanto eu assistia, hipnotizado, Emma e Addison seguiram para a vitrine da loja ao lado. Me juntei a eles e vimos uma exibição parecida, só que por trás do vidro havia uma mulher de vestido preto e uma longa fieira de contas em uma das mãos.

Quando percebeu que estávamos olhando, ela fechou os olhos e estendeu os braços como uma sonâmbula. Começou a passar as contas lentamente entre os dedos, girando cada uma delas. Meus olhos estavam tão fixos nas contas que levei alguns segundos para perceber que algo estava acontecendo com seu rosto; estava mudando, sutilmente, a cada conta que ela girava. Com o giro de uma conta, vi o tom de sua pele clarear. Com o seguinte, seus lábios se estreitaram. Em seguida, o cabelo ganhou um tom avermelhado. O efeito cumulativo, entretanto, ao longo do curso de uma dezena de contas, foi tornar seu rosto completamente diferente, transformando os traços suaves e morenos de uma avó nos de uma jovem ruiva de nariz adunco. Foi ao mesmo tempo fascinante e

perturbador.

Quando o espetáculo terminou, me virei para Addison.

— Não entendo — falei. — O que eles estão vendendo?

Antes que ele pudesse responder, um menino pré-adolescente correu até nós e forçou dois cartões em minha mão.

— Dois por um, só hoje! Nenhuma oferta razoável recusada!

Virei os cartões. Um tinha a foto do homem do cronômetro e, no verso, lia-se *J-Edwin Bragg, bilocalizacionista*. O outro mostrava a mulher das contas em transe e dizia G. *Fünke, a mulher das mil caras*.

— Vá embora, não estamos comprando — disse Emma, e o menino olhou para ela de cara feia e saiu correndo.

— Agora viram o que eles estão vendendo? — disse Addison.

Olhei rua abaixo. Havia pessoas como o homem do cronômetro e a mulher das contas em quase toda vitrine ao longo da Rua da Depravação, peculiares prontos para fazer um número, bastava olhar em sua direção.

Arrisquei um palpite:

— Eles estão... se vendendo?

— Com toda a certeza — disse Addison.

— E isso é ruim? — falei, arriscando mais um palpite.

— É — disse Addison bruscamente. — É contra a lei em todo o mundo peculiar, e por uma boa razão.

— A peculiaridade de uma pessoa é um dom sagrado — disse Emma. — Vendê-la desvaloriza o que nós temos de mais especial.

Ela parecia estar repetindo um clichê que havia sido inculcado em sua mente desde a infância.

— Hã... tudo bem.

— Você não está convencido — disse Addison.

— Acho que não vejo nenhum mal. Se eu precisasse dos serviços de uma pessoa invisível e a pessoa invisível precisasse do dinheiro, por que não deveríamos negociar?

— Mas você tem um forte senso moral, e isso o diferencia de noventa e nove por cento da humanidade — disse Emma. — E se uma pessoa, ou apenas uma pessoa de moral abaixo da média, quisesse contratar os serviços de um peculiar invisível?

— O peculiar invisível deveria dizer não.

— Mas as coisas nem sempre são simples assim — disse Emma. — E se vender reduz sua bússola moral. Em pouco tempo você está mergulhando do lado errado da área cinzenta sem saber, fazendo coisas que jamais faria se não tivesse sido pago. E se alguém estiver desesperado, pode se vender para qualquer pessoa, não importa a intenção do outro.

— Para um acólito, por exemplo — acrescentou Addison, de maneira incisiva.

— Está bem, é, isso seria ruim — falei. — Mas vocês acham mesmo que um peculiar faria isso?

— Não seja bobo! — disse Addison. — Olhe só para este lugar. É provavelmente a única fenda na Europa que não foi destruída pelos acólitos! E você acha que isso aconteceu por quê? Porque ela tem sido extremamente útil, tenho certeza, por ter uma população inteira de traidores e informantes dispostos a fazer sua vontade.

— Acho melhor você falar mais baixo — sugeri.

— Faz sentido — disse Emma. — Eles devem ter infiltrado informantes peculiares em nossas fendas. De que outro modo eles poderiam saber tanto? Entradas de fendas, defesas, pontos fracos… só com a ajuda de pessoas assim. — Ela lançou um olhar perverso ao redor, com a cara de quem acabou de tomar leite estragado.

— "Nenhuma oferta razoável recusada" — rosnou Addison. — Traidores, todos eles. Deviam ser enforcados.

— Qual o problema, queridos? Estão tendo um dia ruim?

Viramos e vimos uma mulher parada atrás de nós. (Há quanto tempo ela estava parada ali? O que tinha ouvido?) Estava vestida em estilo profissional e elegante dos anos 1950, com saia na altura do joelho e escarpim preto de salto baixo, e fumava preguiçosamente um cigarro. Seu cabelo tinha um penteado estilo bolo de noiva e seu sotaque era desafinado e americano como o predominante nas planícies do Meio-Oeste.

— Meu nome é Lorraine — disse ela. — Vocês são novos na cidade.

— Estamos esperando uma pessoa — disse Emma. — Estamos… de férias.

— Não diga mais nada! Eu também estou de férias. Estou há cinquenta anos. — Ela riu, mostrando dentes sujos de batom. — Me digam se precisarem de alguma coisa. Lorraine tem a melhor seleção na Rua da Depravação, e isso é fato.

— Não, obrigado — falei.

— Não se preocupe, querido. Eles não mordem.

— Não estamos interessados.

Lorraine deu de ombros.

— Eu só estava sendo simpática. Vocês parecem um pouco perdidos, só isso.

Ela começou a ir embora, mas algo que dissera despertou o interesse de Emma.

— Seleção de quê?

Lorraine se virou de volta e abriu um sorriso malicioso.

— Velhos, novos. Todo tipo de talento. Alguns de meus clientes apenas querem um show, mas outros têm necessidades específicas. Garantimos que todos fiquem satisfeitos.

— O garoto disse "não, obrigado" — disse Addison, de mau humor.

O cão parecia prestes a enxotar a mulher quando Emma entrou na frente dele e disse:

— Eu gostaria de ver.

— Você o quê? — perguntei.

— Eu quero ver — disse Emma, um tom incisivo surgindo em sua voz. — Vamos lá, me mostre.

— Apenas propostas sérias — disse Lorraine.

— Ah, eu estou muito séria.

Eu não sabia o que Emma estava tramando, mas confiava nela o suficiente para acompanhá-la.

— E eles? — disse Lorraine, lançando um olhar desconfiado para Addison e para mim. — Eles são sempre tão rudes?

— São. Mas são legais.

Lorraine semicerrou os olhos em nossa direção, como se imaginasse o que seria necessário para nos ejetar de seu estabelecimento, caso surgisse a necessidade.

— O que você pode fazer? — perguntou ela para mim. — QUALQUER coisa?

Emma limpou a garganta, em seguida esbugalhou os olhos para mim. Eu soube exatamente o que ela estava telegrafando: *Minta!*

— Eu costumava conseguir levitar lápis e coisas — falei. — Mas agora não consigo botar nem unzinho de pé. Acho que estou... com defeito, algo assim.

— Acontece com os melhores. — Ela olhou para Addison. — E ele?

Addison revirou os olhos.

— Eu sou um cão falante, ora.

— Isso é tudo o que você faz? Falar?

— Às vezes parece que sim — não resisti a dizer.

— Não sei por quem me sinto mais insultado — disse Addison.

Lorraine deu um trago final em seu cigarro e o arremessou longe.

— Está bem, doçuras. Sigam-me.

Ela saiu andando. Ficamos parados um instante, debatendo em sussurros.

— E Sharon? — falei. — Ele nos disse para esperar aqui.

— Isso só vai levar um minuto — disse Emma. — E tenho uma sensação de que ela sabe mais sobre o esconderijo dos acólitos do que Sharon.

— E você acha que ela vai revelar essa informação por vontade própria — questionou Addison.

— Vamos ver — disse Emma, e fez a volta para seguir Lorraine.

* * *

O endereço de Lorraine não tinha vitrine nem placa, só uma porta simples com um sino de prata e uma corrente para puxá-la. Lorraine tocou o sino. Esperamos enquanto uma série de trancas era destravada pelo lado de dentro do recinto, e em seguida a porta se entreabriu. Um olho brilhou para nós das sombras.

— Carne fresca? — perguntou uma voz masculina.

— Clientes — respondeu Lorraine. — Deixe-nos entrar.

O olho desapareceu, e a porta se abriu totalmente. Entramos em um vestíbulo formal, no qual o porteiro aguardava para nos examinar. Ele usava um sobretudo pesado com gola alta e um chapéu estilo fedora de abas largas, inclinado tão para baixo que a única coisa que víamos de seu rosto eram os olhos pequeninos e a ponta do nariz. Ele estava impedindo nosso caminho, olhando-nos de cima a baixo.

— Então? — disse Lorraine.

O homem parecia estar decidindo se éramos uma ameaça ou não.

— Está bem — disse ele, se afastando para o lado.

Em seguida, ele fechou e trancou a porta e depois veio atrás de nós enquanto Lorraine nos conduzia por um corredor comprido.

Chegamos a uma mal-iluminada sala de visita que tremeluzia sob a luz de lamparinas a óleo. Era um lugar desleixado e com delírios de grandeza: as paredes eram ornadas com arabescos dourados e cortinas de veludo, o teto abobadado era pintado com deuses gregos bronzeados em túnicas, e colunas de mármore emolduravam a entrada do salão.

Lorraine gesticulou com a cabeça para o porteiro.

— Obrigada, Carlos.

Carlos se afastou para o fundo do salão. Lorraine foi até uma parede protegida por uma cortina e puxou uma corda, e o tecido deslizou para o lado, revelando um painel largo de vidro grosso. Nós nos aproximamos para enxergar e vimos outro aposento pelo vidro. Era muito parecido com aquele em que estávamos, porém menor, e as pessoas estavam relaxando em poltronas e sofás, algumas lendo, enquanto outras cochilavam.

Contei oito delas. Algumas eram mais velhas, grisalhas nas têmporas. Duas, um garoto e uma garota, tinham menos de dez anos. Todos eram, eu me dei conta, prisioneiros.

Addison ia fazer uma pergunta, mas Lorraine o interrompeu com um gesto impaciente.

— Perguntas depois, por favor.

Ela foi até o vidro, pegou um tubo conectado à parede e falou em uma das extremidades.

— Número treze!

Do outro lado do vidro, o menino mais novo se levantou e deu passos arrastados à frente. Suas mãos e pernas estavam acorrentadas, e ele era o único peculiar usando algo que parecia um uniforme de presidiário: um traje listrado com gorro e um número treze costurado grosseiramente. Apesar de não aparentar mais de dez anos, tinha pelos no rosto como um homem: um cavanhaque denso e triangular e sobrancelhas como lagartas, os olhos frios e atentos.

— Por que ele está acorrentado desse jeito? — perguntei, com curiosidade. — Ele é perigoso?

— Vocês vão ver — disse Lorraine.

O garoto fechou os olhos. Pareceu estar se concentrando. No instante seguinte, começou a emergir cabelo por baixo de seu boné, descendo por sua testa. Seu cavanhaque também cresceu, se enrolando em um emaranhado, depois se erguendo e ziguezagueando como uma cobra enfeitiçada.

— Garças dos céus! — exclamou Addison. — Que coisa mais estranha e maravilhosa.

— Agora olhem com atenção — disse Lorraine com um sorriso.

O número treze ergueu as mãos acorrentadas. A extremidade de seu cavanhaque enfeitiçado apontou para a tranca, farejou a fechadura e penetrou no orifício. O garoto abriu os olhos e encarou o espaço à sua frente, sem

expressão. Depois de aproximadamente dez segundos, o cavanhaque emaranhado ficou rígido e começou a vibrar, produzindo uma nota musical aguda que podíamos ouvir do outro lado do vidro.

O cadeado se abriu, e as correntes caíram dos pulsos do garoto.

Ele fez uma leve reverência. Eu contive uma vontade súbita de aplaudir.

— Ele consegue abrir qualquer fechadura do mundo — disse Lorraine, com um toque de orgulho.

O garoto voltou a sua poltrona e sua revista.

Lorraine cobriu o tubo com a mão.

— Ele é um tipo único, assim como todos os outros. Um lê pensamentos, é muito bom nisso. Outro pode atravessar paredes, das mãos até os ombros. Isso é mais útil do que parece, acreditem em mim. A garotinha aqui voa se tomar refrigerante de uva.

— Uau — disse Addison secamente.

— Ela iria adorar fazer uma demonstração — disse Lorraine, e falou no tubo, chamando a menina até a vidraça.

— Não é necessário — disse Emma entre dentes cerrados.

— É o trabalho deles — disse Lorraine. — Cinco, aproxime-se!

A garotinha foi até uma mesa repleta de garrafas, escolheu uma cheia de um líquido roxo e tomou um gole grande. Depois de terminar, ela pousou a garrafa, soltou um soluço delicado e ficou de costas para uma cadeira com espaldar de palhinha. No instante seguinte, ela tornou a soluçar, e seus pés começaram a se erguer do chão, se elevando enquanto sua cabeça permanecia parada. No terceiro soluço, seu corpo tinha se inclinado a noventa graus, e seu único apoio era o encosto da cadeira sob a nuca.

Acho que Lorraine esperava uma reação maior, mas, apesar de impressionados, observávamos em silêncio.

— Plateia difícil — disse ela, e dispensou a menina. — Agora — prosseguiu Lorraine, devolvendo o tubo ao lugar e se virando para nos encarar —, se nenhum desses foi de seu agrado, tenho acordos de empréstimo com outros estábulos. Suas escolhas não estão de modo algum limitadas pelo que veem aqui.

— Estábulos — disse Emma. Sua voz estava calma, mas eu percebia que ela fervilhava logo abaixo da superfície. — Então você admite que os trata como animais.

Lorraine analisou Emma por um instante e lançou um olhar de relance ao homem de sobretudo a postos nos fundos.

— Claro que não — disse ela. — Eles são produtos de alto desempenho. São bem alimentados, descansados, treinados para agir sob pressão e puros como neve que acabou de cair. A maioria nunca tocou em sequer uma gota de ambrosia, e eu tenho os documentos que provam isso em meu escritório. Ou vocês podem simplesmente perguntar a eles. Números treze e cinco! — gritou ela no tubo de comunicação. — Venham e digam a essas pessoas quanto vocês gostam daqui.

O garotinho e a garotinha se levantaram e caminharam lentamente até o vidro. O menino pegou o tubo de comunicação.

— Nós gostamos muito daqui — disse ele roboticamente. — Nossa mãe nos trata muito bem.

Ele entregou o tubo à menina.

— Gostamos de fazer nosso trabalho. Nós… — Ela fez uma pausa, tentando se lembrar de algo. — Nós gostamos do nosso trabalho — balbuciou.

Lorraine os dispensou com irritação.

— Pronto, aí está. Agora posso deixar que vocês experimentem mais um ou dois, mas, além disso, vou precisar que paguem algum sinal.

— Eu gostaria de ver esses documentos — disse Emma, olhando para o homem de sobretudo atrás de nós. — Os que estão em seu escritório.

Seus punhos, cerrados ao lado do corpo, estavam começando a ficar vermelhos. Eu sabia que precisávamos sair dali antes que as coisas ficassem feias. Qualquer informação que aquela mulher pudesse ter não compensava a luta, e resgatar todos aqueles garotos… Bem, por mais frio que possa soar, tínhamos nossas próprias crianças para resgatar primeiro.

— Na verdade, isso não vai ser necessário — falei. Em seguida, me inclinei para perto de Emma e sussurrei: — Vamos voltar depois para ajudá-los. Temos nossas prioridades.

— Os documentos — disse ela, me ignorando.

— Sem problema — retrucou Lorraine. — Venham a meu escritório e vamos falar de negócios.

Então Emma se pôs a caminho, e não havia maneira discreta de detê-la.

O escritório era um closet embutido com uma mesa e uma cadeira

espremidas dentro dele. Assim que Lorraine fechou a porta às nossas costas, Emma saltou sobre ela, empurrando-a com força contra a porta. Lorraine praguejou e gritou por Carlos, mas ficou quieta quando Emma aproximou de seu rosto uma das mãos, que brilhavam quentes como ferro incandescente. Na blusa de Lorraine, duas marcas negras de mão fumegavam onde Emma a empurrara.

Ouvimos um baque surdo na porta e um grunhido do outro lado.

— Diga a ele que você está bem — disse Emma, em voz baixa e dura.

— Estou bem! — disse Lorraine rigidamente.

A porta chacoalhou contra suas costas.

— Diga outra vez.

Lorraine, agora de forma mais convincente:

— Vá embora! Estou fazendo negócios!

Outro grunhido, depois passos se afastando.

— Vocês estão sendo muito burros — disse Lorraine. — Ninguém nunca roubou de mim e saiu vivo.

— Não queremos dinheiro — disse Emma. — Você vai responder a algumas perguntas.

— Sobre o quê?

— Essas pessoas aí fora. Essas crianças. Você as comprou… Você acha que é dona delas?

— Eu nunca comprei ninguém.

— Você comprou e agora está vendendo. Você é uma escravagista.

— Não é assim que funciona. Elas vieram a mim espontaneamente. Sou a agente deles.

— Você é a cafetina deles — vociferou Emma.

— Sem mim eles teriam passado fome. Ou sido levados.

— Levados por quem?

— Vocês sabem por quem.

— Quero ouvir você dizer.

A mulher riu.

— Isso não é uma boa ideia.

— É? — falei, dando um passo à frente. — Por que não?

— Eles têm ouvidos por toda parte, e não gostam que se fale deles.

— Eu já matei acólitos — falei. — Não tenho medo deles.

— Então você é um idiota.

— Vocês acham que eu deveria mordê-la? — disse Addison. — Eu gostaria

muito, só uma vezinha.

— O que acontece quando eles levam as pessoas? — perguntei, ignorando Addison.

— Ninguém sabe — disse ela. — Já tentei descobrir, mas…

— Aposto que você tentou *muito* — disse Emma.

— Eles às vezes vêm aqui — disse Lorraine. — Fazer compras.

— Compras — disse Addison. — É uma bela palavra para isso.

— Usar meu povo… — Ela olhou ao redor. Sua voz se reduziu a um sussurro. — Odeio isso. Você nunca sabe quantos eles vão querer nem por quanto tempo. Mas damos o que eles pedem. Eu reclamaria, mas… não se pode reclamar de nada.

— Aposto que você não reclama do quanto eles pagam — disse Emma, com desprezo.

— Mal é suficiente, ainda mais por causa do que fazem com eles. Tento esconder os pequenos quando sei que eles estão vindo. Eles os trazem de volta maltratados, a memória apagada. Eu digo: "Aonde você foi? O que eles obrigaram você a fazer?", mas as crianças não se lembram de nada. — Ela sacudiu a cabeça. — Mas elas têm pesadelos. Pesadelos feios. É difícil vender a mercadoria depois disso.

— Eu devia vender *você* — disse Emma, lívida e trêmula. — Mas ninguém pagaria porcaria nenhuma.

Enfiei as mãos nos bolsos para impedir que voassem em Lorraine. Havia mais a ser extraído dela.

— E os peculiares que eles sequestram em outras fendas? — perguntei.

— Eles chegam em caminhões. Costumava ser coisa rara. Ultimamente, tem sido o tempo todo.

— Chegou algum deles hoje mais cedo? — falei.

— Há algumas horas — disse ela. — Eles tinham guardas armados por toda parte, bloqueando a rua. Montaram uma operação e tanto.

— Não é isso que eles fazem normalmente?

— Normalmente, não. Acho que se sentem seguros aqui. Essa entrega deve ter sido importante.

Eram eles, pensei. Um tremor de excitação atravessou meu corpo, mas foi imediatamente amortecido por Addison se lançando sobre Lorraine.

— Tenho certeza de que eles se sentem *bem* seguros aqui — rosnou ele. — Em meio a traidores tão perfeitos!

Peguei sua coleira e o segurei.

— Calma!

Addison lutou contra mim, e achei por um momento que ele fosse morder minha mão, mas então ele se acalmou.

— Fazemos o que é preciso para sobreviver — sibilou Lorraine.

— Nós também — disse Emma. — Agora, conte para onde vão esses caminhões, e se você mentir, ou se for uma armadilha, vou voltar e derreter seu nariz até fechar os buraquinhos. — Ela ergueu um dedo em chamas bem perto da ponta do nariz de Lorraine. — Entendido?

Eu quase pude visualizar Emma fazendo aquilo. Ela estava bebendo em um poço profundo de ódio que eu nunca vira revelado por completo antes, e, por mais que fosse útil em situações como aquela, também era um pouco assustador. Eu não gostava de imaginar do que ela seria capaz, considerando a motivação apropriada.

— Eles vão para seu local do Recanto — disse Lorraine, afastando a cabeça do dedo quente de Emma. — Do outro lado da ponte.

— Que ponte? — perguntou Emma, aproximando o dedo.

— No alto da Rua da Fumaça. Mas nem se deem ao trabalho de atravessar, a menos que queiram ver suas cabeças na ponta de uma lança.

Percebi que aquilo era tudo o que iríamos conseguir tirar de Lorraine. Agora teríamos que descobrir o que fazer com ela. Addison queria mordê-la. Emma queria riscar um *E* em sua testa com o dedo calcinante, marcando-a para sempre como ESCRAVAGISTA.

Eu os convenci a não fazer nada disso, então a amordaçamos com a corda das cortinas e a amarramos a uma perna da mesa. Estávamos prestes a deixá-la daquele jeito quando me lembrei de uma última coisa que queria saber.

— Os peculiares que eles sequestram. O que acontece com eles?

— Hummph!

Retirei a mordaça.

— Nenhum escapou para contar — disse ela. — Mas há boatos.

— Sobre?

— Algo pior que a morte. — Ela deu um sorriso, babando. — Acho que vocês vão ter que descobrir, não vão?

* * *

No momento em que abrimos a porta do escritório, o homem de sobretudo do outro lado da sala irrompeu sobre nós com algo pesado na mão. Antes que ele

conseguisse nos alcançar, um grito abafado de alerta soou no escritório e ele parou, mudando de direção para cuidar de Lorraine. Depois que ele entrou, Emma bateu a porta e derreteu a maçaneta, tornando-a uma bola de metal inútil.

Isso nos fez ganhar um ou dois minutos.

Addison e eu disparamos na direção da saída. A meio caminho de lá, eu me dei conta de que Emma não havia nos seguido. Ela estava batendo na janela dos aposentos dos peculiares escravizados.

— Podemos ajudar vocês a escapar! Mostrem onde fica a porta.

Eles se viraram lentamente para nos encarar, estirados em suas poltronas e sofás-camas.

— Joguem alguma coisa para quebrar o vidro! — disse Emma. — Rápido!

Ninguém se mexeu. Eles pareciam confusos. Talvez não acreditassem que um resgate fosse realmente possível, ou talvez não quisessem ser resgatados.

— Emma, não podemos esperar — falei, puxando seu braço.

Ela não desistia.

— Por favor! — gritou no tubo. — Pelo menos mandem as crianças!

Gritos guturais vinham do interior do escritório. A porta se balançou nas dobradiças. Frustrada, Emma bateu no vidro.

— Qual o problema com eles?

Olhares se agitaram. O garotinho e a garotinha começaram a chorar.

Addison puxou a barra do vestido de Emma com os dentes.

— Precisamos ir!

Emma deixou o tubo de comunicação cair e se virou com amargura.

Chegamos correndo à porta e saímos para a calçada. Uma turvação densa e amarelada tinha caído, envolvendo tudo em um véu e bloqueando a visão do outro lado da rua. Quando chegamos correndo ao final da quadra, ouvimos Lorraine gritando atrás de nós, mas sem conseguir enxergá-la; dobramos uma esquina, depois outra, até conseguirmos despistá-la. Paramos para recuperar o fôlego em uma rua deserta, em frente à fachada de uma loja bloqueada por tábuas.

— Isso se chama Síndrome de Estocolmo — falei. — Quando as pessoas começam a simpatizar com seus captores.

— Acho que eles estavam apenas com medo — disse Addison. — Para onde teriam fugido? Esse lugar inteiro é uma prisão.

— Vocês estão errados — disse Emma. — Eles foram drogados.

— Você parece estar bem certa disso — falei.

Ela ajeitou para trás o cabelo que tinha caído sobre seus olhos.

— Quando eu estava trabalhando no circo, depois de fugir de casa, uma mulher me abordou após um de meus números como devoradora de fogo. Ela disse que sabia o que eu era, que conhecia outros como eu e que eu podia ganhar muito mais dinheiro se fosse trabalhar com ela. — Emma olhou para a rua, as faces enrubescidas por conta da corrida. — Eu disse a ela que não queria ir. Ela não parava de insistir. Quando ela finalmente foi embora, eu estava com raiva. Naquela noite, acordei amordaçada e com as mãos algemadas na traseira de uma carroça. Não conseguia me mexer, não conseguia pensar direito. Foi a srta. Peregrine quem me resgatou. Se ela não tivesse me encontrado quando eles pararam para trocar a ferradura do cavalo, no dia seguinte… — Emma apontou com a cabeça para o lugar de onde viéramos. — Eu podia ter acabado como eles.

— Você nunca me contou isso — falei baixinho.

— Não é uma coisa sobre a qual eu goste de falar.

— Sinto muito por isso ter acontecido com você — disse Addison. — Foi aquela mulher lá atrás? Foi ela quem raptou você?

Emma pensou por um instante.

— Aconteceu há muito tempo. Eu bloqueei o pior de tudo, incluindo o rosto da minha raptora. Mas sei de uma coisa: se vocês tivessem me deixado sozinha com aquela mulher, não sei se eu teria conseguido me impedir de tirar a vida dela.

— Todos temos nossos próprios demônios — falei.

Apoiei-me contra uma janela coberta por tábuas, tomado por uma súbita onda de exaustão. Havia quanto tempo estávamos acordados? Quantas horas desde que Caul se revelara? Pareciam dias, apesar de não terem se passado mais de dez ou doze horas. Todo momento desde então fora uma guerra, um pesadelo de luta e terror sem fim. Eu sentia meu corpo formigar, prestes a desmoronar. O pânico era a única coisa que me mantinha de pé, e sempre que ele começava a fraquejar, eu também fraquejava.

Por uma mera fração de segundo, permiti que meus olhos se fechassem. Mesmo naquela breve e curta pausa de escuridão, horrores me aguardavam. Um espectro de morte eterna, agachado e se alimentando do corpo de meu avô, seus olhos chorando óleo. Os mesmos olhos com tesouras de jardim fincadas neles, uivando ao mergulhar em uma cova lamacenta. O rosto de seu mestre contorcido de dor, cambaleando para trás em um vazio, gritando com um tiro na barriga.

Eu já havia matado meus demônios, mas as vitórias eram efêmeras: outros haviam se erguido rapidamente para substituí-los.

Meus olhos se abriram ao som de passos às minhas costas, do outro lado da janela bloqueada. Saltei para longe e me virei. Apesar de a loja parecer abandonada, havia alguém em seu interior, e estava saindo.

Lá estava ele: o pânico. Despertei. Os outros também ouviram o barulho. Agindo por instinto coletivo, nós nos agachamos atrás de uma pilha de lenha próxima. Através dos troncos, espiei a fachada da loja e li o letreiro esmaecido pendurado acima da porta.

Munday, Dyson e Strype, advogados. Odiados e temidos desde 1666.

Uma tranca foi puxada, e a porta se abriu lentamente. Um capuz familiar surgiu: Sharon. Ele olhou ao redor, em seguida saiu e trancou a porta. Enquanto saía correndo na direção da Rua da Depravação, nos consultamos em sussurros sobre ir atrás dele. Será que ainda precisávamos de Sharon? Será que ele era de confiança? Talvez e talvez. O que ele estava fazendo naquela loja com as janelas cobertas? Era aquele o advogado sobre o qual tinha falado? Por que fazer aquilo às escondidas?

Perguntas demais, incertezas demais sobre ele. Decidimos que ficaríamos por nossa conta. Permanecemos onde estávamos e o observamos entrar fantasmagoricamente na turvação e desaparecer.

* * *

Partimos para encontrar a Rua da Fumaça e a ponte dos acólitos. Sem querer correr o risco de outro encontro imprevisível, decidimos procurar sem pedir informações. Isso ficou mais fácil depois que descobrimos as placas de ruas do Recanto do Demônio, que ficavam escondidas nos locais mais inconvenientes — atrás de bancos públicos na altura dos joelhos, penduradas em postes de luz, gravadas em paralelepípedos desgastados no chão. Mesmo com sua ajuda, porém, pegamos tantas ruas erradas quanto certas. Parecia que o Recanto tinha sido projetado para levar à loucura quem estivesse aprisionado dentro dele. Havia ruas que terminavam em muros só para recomeçar em outro lugar. Ruas com curvas tão pronunciadas que faziam espirais sobre si mesmas. Ruas sem nome, ou com dois ou três. Nenhuma era tão limpa ou bem-cuidada quanto a Rua da Depravação, onde claramente um esforço tinha sido feito para criar um ambiente agradável para compradores no mercado de carne peculiar. Tal ideia, agora que eu vira o armazém de Lorraine e ouvira a história de Emma, fazia

meu estômago se revirar.

Enquanto caminhávamos, comecei a entender a geografia singular do Recanto, reconhecendo as quadras menos por seus nomes do que por suas características. Cada rua era diferente, as lojas agrupadas por tipo. A Rua da Depressão contava com dois agentes funerários, um médium, um carpinteiro que trabalhava exclusivamente com "madeira de caixões reutilizada", uma trupe de carpideiras profissionais que fazia bico no fim de semana como quarteto vocal e um contador. A Rua do Lodo era estranhamente alegre, com vasos de flores pendurados nos parapeitos das janelas e casas pintadas de cores vivas; até o abatedouro, que era o prédio principal, era de um convidativo azul-claro, e resisti a um impulso estranho de entrar e pedir para fazer um tour. A Rua do Caramujo, por outro lado, era uma fossa. No meio, havia esgoto correndo a céu aberto, uma população vicejante de moscas agressivas e calçadas transbordando com vegetais apodrecidos, propriedade de um quitandeiro barato que afirmava torná-las frescas outra vez com um beijo.

A Avenida Amortecida tinha apenas quinze metros de comprimento e abrigava um único negócio: dois homens vendendo lanches de uma cesta apoiada em um trenó. Crianças se amontoavam ao redor, pedindo amostras. Addison foi até lá e farejou em torno de seus pés à procura de restos. Eu estava prestes a chamá-lo quando um dos homens gritou:

— Carne de gato! Carne de gato cozida, aqui!

Ele voltou sozinho, o rabo entre as pernas, choramingando.

— Nunca mais vou comer carne, nunca mais…

Nós nos aproximamos da Rua da Fumaça vindos da Mancha Norte. Quanto mais perto chegávamos, mais a quadra parecia definhar, com lojas abandonadas, calçadas mais vazias, o calçamento escurecendo com correntes de cinzas que sopravam em nossos pés, como se a própria rua tivesse sido infectada com alguma morte rastejante. No fim, ela fazia uma curva brusca para a direita, e pouco antes da curva havia uma casa velha de madeira onde um homem igualmente velho ficava de guarda na varanda. Ele varria as cinzas com uma vassoura de pelos curtos, mas as cinzas se acumulavam com tal rapidez que ele mal tinha esperança de conseguir coletá-las.

Perguntei ao homem por que se dava ao trabalho. Ele ergueu os olhos de repente, abraçando a vassoura, como se tivesse medo de que eu a roubasse. Tinha os pés descalços e negros, e a calça estava coberta de fuligem até a altura dos joelhos.

— Alguém precisa fazer isso — respondeu ele. — Não dá para deixar o lugar se acabar.

Quando passamos, ele voltou carrancudo à sua tarefa, apesar de suas mãos artríticas mal conseguirem se fechar em torno do cabo. Havia algo quase régio nele, pensei; uma resistência que eu admirava. Ele era um baluarte que se recusava a abandonar seu posto. O último vigia no fim do mundo.

Passamos por uma zona de prédios em progressiva deterioração enquanto caminhávamos: primeiro havia tinta chamuscada, e mais além as janelas tinham enegrecido e se quebrado; depois, os telhados estavam caindo e as paredes desabando, e por fim, quando chegamos ao cruzamento com a Rua da Fumaça, só restavam seus ossos, um caos de madeiras incineradas e inclinadas, brasas brilhando na cinza como pequenos corações em suas últimas batidas. Paramos e olhamos ao redor, aturdidos. Uma fumaça sulfurosa se erguia de rachaduras profundas do calçamento. Árvores chamuscadas assomavam como espantalhos acima das ruínas. Torrentes de cinzas fluíam pela rua, às vezes com trinta centímetros de profundidade. O mais próximo do inferno a que pretendo chegar.

— Então essa é a entrada principal dos acólitos — disse Addison. — Bem adequado.

— É surreal — falei, desabotoando o casaco. Um calor como o de uma sauna se erguia por toda a volta, irradiando através da sola de meus sapatos. — O que Sharon disse que acontecia aqui?

— Fogo subterrâneo — respondeu Emma. — Eles podem queimar por anos. Famosos pela dificuldade de apagar.

Ouvimos um ruído como o de uma lata de refrigerante gigante sendo aberta, e uma alta labareda alaranjada se projetou de uma fenda na calçada a menos de três metros de nós. Demos um pulo de susto, nos recompondo em seguida.

— Não vamos passar nem mais um minuto aqui do que o necessário — disse Emma. — Para onde?

Só podíamos escolher entre esquerda e direita. Sabíamos que, de um lado, a Rua da Fumaça terminava no Valão, e do outro, na ponte dos acólitos, mas não sabíamos para que lado ficava o quê, e, em meio à fumaça, à neblina e às cinzas sopradas pelo vento, não conseguíamos ver longe em nenhuma direção. Escolher

ao acaso poderia causar um desvio perigoso e um desperdício de tempo.

Estávamos ficando desesperados quando ouvimos, do meio da neblina, uma cantoria fluir em nossa direção. Fugimos da rua para nos esconder entre o esqueleto carbonizado de uma casa. Conforme os cantores se aproximavam, as vozes ficavam mais altas, e então conseguimos compreender as palavras de sua canção estranha:

O carrasco chegou,
na noite antes de enforcar o ladrão.
Eu vim, disse ele, antes de sua morte,
Para lhe dar um alerta.
Vou estrangular seu pescoço, mandá-lo para o poço
E cortar seu braço e lhe fazer maldades
E arrancar seu couro e enterrar você...

Nesse ponto, todos eles pararam para respirar e, em seguida, terminaram:

— EMBAIXO DE SETE PALMOS!

Bem antes de emergirem da neblina, soube de quem eram aquelas vozes. As figuras assumiram forma em macacões e robustas botas pretas, bolsas de ferramentas balançando alegremente ao lado do corpo. Mesmo depois de um dia duro de trabalho, os indomáveis construtores de forcas ainda cantavam a plenos pulmões.

— Abençoadas sejam suas almas desafinadas — disse Emma, rindo baixinho.

Mais cedo, nós os víramos trabalhando na Rua da Fumaça, ao Valão da Febre, então parecia razoável supor que era de lá que estavam vindo. Ou seja, estavam caminhando em direção à ponte. Esperamos que passassem e tornassem a desaparecer na neblina antes de voltar a nos aventurar.

Passamos entre recifes de cinzas que enegreciam tudo: as barras de minha calça, os sapatos e os tornozelos nus de Emma, as pernas inteiras de Addison. Em algum lugar ao longe, os construtores de forca começaram outra música, suas vozes ecoando estranhamente pela paisagem calcinada. Nada à nossa volta além de ruína. De vez em quando ouvíamos uma *rajada* repentina seguida de uma língua de fogo brotando do chão. Nenhuma irrompeu tão perto quanto a primeira. Tivemos sorte; ser assado vivo ali era muito provável.

Um vento surgiu do nada, levantando cinzas e brasas quentes para o alto em um turbilhão preto. Nos viramos e cobrimos o rosto para conseguir respirar. Puxei a gola da camisa para cima da boca, mas não ajudou muito, e comecei a tossir. Emma pegou Addison nos braços, mas começou a sufocar. Arranquei meu casaco e o joguei sobre a cabeça deles. A tosse de Emma melhorou, e ouvi a voz abafada de Addison dizer por baixo do tecido:

— Obrigado!

Tudo o que podíamos fazer era nos encolher ali e esperar o fim da tempestade de cinzas. Eu estava com os olhos fechados quando ouvi algo se mover por perto, e olhando pelas frestas entre os dedos vi algo que até ali, em meio a tudo o que eu testemunhara no Recanto do Demônio, me assustou: um homem caminhando com a maior naturalidade, com um lenço protegendo a boca, mas, fora isso, imperturbável. Ele não tinha problemas em se localizar no escuro porque de cada uma de suas órbitas oculares se projetava um forte feixe de luz branca.

— Boa noite! — chamou ele, movendo seus feixes de luz em minha direção e erguendo o chapéu.

Tentei responder, mas minha boca se encheu de cinza, assim como meus olhos, e, quando os reabri, ele havia desaparecido.

Quando o vento começou a diminuir, tossimos, cuspimos e esfregamos os olhos até conseguirmos funcionar outra vez. Emma pôs Addison no chão.

— Se não tomarmos cuidado, essa fenda vai nos matar antes dos acólitos — disse ele.

Emma me devolveu o casaco e me abraçou com força até o ar clarear. Ela tinha um jeito de me envolver e de aninhar a cabeça no meio do meu peito que não deixava espaço nenhum entre nós, e eu quis muito beijá-la, mesmo ali, cobertos de cinzas dos pés à cabeça.

Addison limpou a garganta.

— Odeio interromper, mas temos mesmo que ir andando.

Desenganchamos nossos braços, um pouco envergonhados, e continuamos a andar. Dali a pouco, figuras pálidas surgiram na névoa adiante. Elas vagavam entre os barracos incrustados nos dois lados da rua. Nós hesitamos, nervosos, mas não havia outro caminho adiante.

— Queixo erguido, costas eretas — disse Emma. — Tentem parecer no mínimo assustadores.

Cerramos fileiras e caminhamos entre eles. Tinham olhos ariscos e de ar selvagem. Todos sujos de fuligem. Vestidos com roupas velhas que haviam

resgatado do lixo. Fechei a cara, fazendo minha melhor imitação de uma pessoa perigosa. Eles recuaram como cães acostumados a apanhar.

Ali havia uma espécie de favela. Barracos baixos feitos de placas de metal à prova de fogo, telhados de lata presos no lugar com pedregulhos e tocos de madeira, lonas como portas, isso quando tinham portas. Uma camada vital de fungos crescendo sobre os ossos de uma civilização queimada. Praticamente inexistente.

Galinhas corriam pela rua. Havia um homem ajoelhado junto a um buraco fumegante na rua cozinhando ovos em seu calor borbulhante.

— Não se aproximem demais — murmurou Addison. — Todos parecem doentes.

Eu também achei. Era o andar manco, os olhares vidrados. Vários usavam sobre a cabeça máscaras toscas ou sacos com cortes na região dos olhos, como se para ocultar a cabeça carcomida pela doença ou para reduzir a transmissão da enfermidade.

— Quem são eles? — perguntei.

— Não tenho ideia — disse Emma. — E não pretendo perguntar.

— Meu palpite é de que eles não são bem-vindos em nenhum outro lugar — disse Addison. — Intocáveis, portadores da praga, criminosos cujos feitos são considerados imperdoáveis até mesmo no Recanto do Demônio. Aqueles que escaparam da forca se estabeleceram aí, no mais fundo, no limite extremo da sociedade peculiar. Exilados dos excluídos dos excluídos.

— Se isso é o limite — disse Emma —, os acólitos não podem estar longe.

— Temos certeza de que essas pessoas são peculiares? — perguntei.

Parecia não haver nada único neles além de sua desventura. Talvez fosse orgulho, mas eu não acreditava que uma comunidade de peculiares, por mais degradada que estivesse, se permitisse viver em tal sordidez medieval.

— Não sei, não me importo — respondeu Emma. — Só andem.

Continuamos de cabeça baixa e com o olhar à frente, fingindo desinteresse na esperança de que aquelas pessoas devolvessem o favor. A maioria permaneceu longe, mas alguns nos seguiram, mendigando.

— Qualquer coisa, qualquer coisa. Uma gota, um vidrinho — disse um, apontando para os próprios olhos.

— Por favor — implorou outro. — Não temos um barato há dias.

O rosto deles estava marcado e com cicatrizes, como se tivessem chorado lágrimas de ácido. Eu mal conseguia olhar.

— Seja lá o que vocês queiram, nós não temos — disse Emma.

Os mendigos se afastaram e ficaram pela rua, nos observando de um jeito sinistro. Outro chamou com voz aguda e arrastada:

— Ei, você aí! Garoto!

— Ignore — murmurou Emma.

Eu o olhei de esguelha, sem virar a cabeça. Ele estava encolhido contra uma parede, em farrapos, apontando para mim com a mão trêmula.

— Você é ele? Garoto! Você é ele, não é? — Ele usava um tapa-olho por cima dos óculos e o levantou para me observar. — Éééééééé. — Assoviou baixo depois abriu um sorriso de gengivas negras. — Eles estão *esperando* por você.

— Quem?

Não aguentei mais. Parei em frente ao mendigo. Emma deu um suspiro de impaciência.

O sorriso dele ficou mais largo, mais louco.

— As mães-poeira e os desatadores! Os malditos bibliotecários e abençoados cartógrafos! Qualquer um que seja todo mundo! — Ele ergueu os braços e fez uma reverência, em falsa veneração, e senti uma onda de fedor forte. — Esperando há muuuuuito *tempo*.

— Por quê?

— Vamos lá — disse Emma. — Ele é obviamente doido.

— O grande espetáculo. O grande espetáculo — disse o mendigo, elevando e baixando a voz como um apresentador de circo. — O maior, o melhor, o definitivo, o último! Está *quuuuuaaaaseeee* aqu...

Fui agitado por um estranho calafrio.

— Não conheço você, e você, com toda a certeza, não me conhece.

Eu me virei e saí andando.

— Claro que conheço — eu o ouvi dizer. — Você é o garoto que fala com etéreos.

Eu congelei. Emma e Addison se viraram para mim, boquiabertos.

Voltei correndo para confrontá-lo.

— Quem é você? — gritei na cara dele. — Quem contou isso?

Mas ele apenas riu e riu, e não consegui arrancar mais nada dele.

* * *

Escapamos quando começava a se formar uma multidão.

— Não olhem para trás — alertou Addison.

— Esqueça — disse Emma. — Ele é maluco.

Acho que todos sabíamos que ele era mais que isso, mas era apenas o que sabíamos. Caminhamos apressados em silêncio paranoico, nosso cérebro zunindo com perguntas irrespondíveis. Ninguém mencionou os pronunciamentos bizarros do mendigo, o que foi um alívio. Eu não tinha ideia do que eles significavam e estava exausto demais para especular, e por causa do arrastar de pés de Emma e Addison eu podia concluir que eles também estavam cansados. Tampouco falamos sobre isso. A exaustão era nossa nova inimiga, e mencioná-la só lhe daria mais poder.

Tentávamos ver algum sinal da ponte dos acólitos à medida que a rua à frente se inclinava em um declive obscurecido pela neblina. Ocorreu-me que Lorraine podia ter mentido para nós. Talvez não houvesse ponte. Talvez ela nos tivesse mandado para aquele poço na esperança de que os habitantes dali nos devorassem vivos. Se ao menos a tivéssemos trazido conosco, poderíamos forçá-la a…

— Lá está! — exclamou Addison, o corpo apontando direto para a frente.

Nós nos esforçamos para ver o que ele estava vendo (mesmo com óculos, a visão de Addison era mais aguçada que a nossa) e, após uns dez passos, conseguimos enxergar, apenas vagamente, como a estrada se estreitava e depois fazia um arco acima de alguma espécie de abismo.

— A ponte! — exclamou Emma.

Começamos a correr, a exaustão momentaneamente esquecida, nossos pés levantando nuvens de poeira negra. No minuto seguinte, quando paramos para respirar, a paisagem tinha clareado. Uma mortalha de névoa esverdeada pairava acima do abismo. Nebulosa, uma parede de pedra branca assomava adiante, e, depois, uma torre alta e pálida, cujo topo se perdia em meio a nuvens baixas.

Era ela: a fortaleza dos acólitos. Havia um vazio incômodo em torno, como um rosto com os traços apagados. Também havia algo errado em seu posicionamento: o grande edifício branco de traços sóbrios contrastava de forma bizarra com a deterioração incinerada da Rua da Fumaça, como se um shopping center aparecesse do nada no meio da Batalha de Azincourt. Eu me enchia de medo e propósito só de olhar, como se pudesse sentir os caminhos diferentes de minha vida tola e desorganizada convergindo na direção de um

único ponto, oculto por aqueles muros. Era isso: aquilo que eu deveria fazer, ou morrer tentando. A dívida que eu tinha que pagar. Aquilo para o que todas as alegrias e terrores de minha vida até então tinham sido um prelúdio. Se tudo acontece por uma razão, minha razão estava do outro lado.

Emma estava rindo. Dei a ela um olhar intrigado, e ela se recompôs.

— É *lá* que eles estão se escondendo? — perguntou ela.

— Parece que sim — disse Addison. — Você acha isso divertido?

— Por quase minha vida inteira, odiei e temi os acólitos. Durante todos esses anos, não sei dizer quantas vezes imaginei o momento em que finalmente iríamos encontrar seu esconderijo, seu covil. Eu esperava no mínimo um castelo sinistro. Muralhas escorrendo sangue. Um lago de óleo fervente. Mas não.

— Então você está decepcionada? — falei.

— Estou, um pouco. — Ela apontou de modo acusador para a fortaleza. — Isso é o melhor que eles podem fazer?

— Também estou decepcionado — disse Addison. — Esperava que tivéssemos ao menos um exército do nosso lado. Mas, aparentemente, talvez não precisemos de um.

— Duvido — falei. — QUALQUER coisa pode estar esperando por nós do outro lado desse muro.

— Então vamos estar *prontos* para qualquer coisa — disse Emma. — O que eles podem jogar contra nós que já não tenhamos enfrentado? Sobrevivemos a balas, bombas, ataques de etéreos… A questão é que finalmente estamos aqui, e, depois de todos esses anos em que eles *nos* emboscaram, finalmente estamos levando a luta até *eles*.

— Tenho certeza de que eles estão tremendo de medo — falei.

— Vou encontrar Caul — prosseguiu Emma. — Vou encontrá-lo e fazer com que ele chore pela mãezinha dele. Vou fazer com que implore por sua vida inútil, depois vou botar as mãos em seu pescoço e apertar até a cabeça dele derreter…

— Não vamos colocar o carro na frente dos bois — falei. — Tenho certeza de que há muitos obstáculos entre nós e ele. Haverá acólitos em toda parte. E, provavelmente, guardas armados.

— Talvez até etéreos — disse Addison.

— Com certeza etéreos — disse Emma.

Ela parecia um pouco empolgada com a ideia.

— Na verdade — falei —, acho que não devemos entrar pelo portão sem saber mais sobre o que está nos esperando do outro lado. Podemos ter apenas

uma chance de fazer isso, e não quero perdê-la.

— Está bem — disse Emma. — O que você sugere?

— Que encontremos um jeito de botar Addison escondido lá dentro. Ele é o que tem mais chances de passar despercebido, pequeno o suficiente para se esconder em quase qualquer lugar, e ele tem o melhor nariz. Pode fazer reconhecimento, depois sair escondido e nos contar o que descobriu. Quer dizer, se ele concordar.

— E se eu não voltar? — disse Addison.

— Aí vamos atrás de você — falei.

O cachorro levou um momento refletindo, mas só um momento.

— Eu aceito, mas com uma condição.

— Pode falar.

— Nas histórias que serão contadas sobre nós após nossa vitória, eu gostaria de ser conhecido como Addison, o Intrépido.

— Assim será — disse Emma.

— Ou melhor: Extremamente Intrépido — disse Addison. — E bonito.

— Fechado — falei.

— Excelente — disse Addison. — É hora de agir, então. Quase todo mundo de quem gostamos no mundo está do outro lado daquela ponte. Cada minuto que passo deste lado é um minuto desperdiçado.

Nós iríamos acompanhar Addison até a ponte, depois esperar ali perto por seu retorno. Começamos a correr ladeira abaixo, uma descida fácil, a favela ao nosso redor ficando mais densa enquanto avançávamos. Os espaços entre os barracos diminuíam até sumir de vez, tudo passando em um vulto, um patchwork de metal carcomido pela ferrugem. Então, abruptamente, os barracos e telheiros terminaram, e por cem metros a Rua da Fumaça voltou a ser uma confusão de paredes desmoronadas e madeiras chamuscadas, uma espécie de zona de separação, talvez imposta pelos acólitos. Pelo menos chegamos à ponte, cuja entrada estava cercada de pessoas, algumas dezenas no total. Enquanto ainda estávamos longe demais para registrar o estado de suas roupas, Addison disse:

— Vejam, um exército acampado fazendo cerco à fortaleza! Eu sabia que não seríamos os únicos a entrar na luta…

A um exame mais próximo, entretanto, aquelas pessoas eram qualquer coisa, menos soldados. Com uma exclamação de decepção, a pequena esperança de Addison se apagou.

— Eles não estão fazendo cerco — falei. — Estão só… deitados.

Eram os moradores mais miseráveis da favela que tínhamos visto até então, jogados nas cinzas, prostrados em posições de tamanho torpor apático que por um momento eu os tomei, mesmo os que estavam sentados, por mortos. Seus cabelos e corpos estavam enegrecidos de cinzas e graxa, e seus rostos tão tomados por feridas e cicatrizes que eu me perguntei se eles eram leprosos. Enquanto abríamos caminho através deles, alguns olharam para cima sem forças, mas, se estavam à espera de alguma coisa, não era de nós, pois baixaram a cabeça outra vez. O único de pé era um menino com um boné de caçador com proteção de orelhas, que rondava entre os adormecidos remexendo seus bolsos. Os que ele acordava o enxotavam, mas não se importavam em segui-lo. Não tinham mesmo nada que valesse a pena roubar.

Tínhamos quase passado quando um gritou:

— Vocês vão morrer!

Emma parou e se virou, desafiadora.

— Como é?

— Vocês vão morrer.

O homem que falou isso estava deitado em uma folha de papelão. Seus olhos amarelos espiavam através de uma cortina de cabelos negros.

— Ninguém atravessa a ponte deles sem permissão.

— Nós pretendemos atravessar mesmo assim. Se você sabe de alguma coisa com a qual devemos tomar cuidado, diga agora!

O mendigo deu um riso contido. O restante ficou em silêncio.

Emma olhou para eles.

— Nenhum de vocês vai nos ajudar?

Um homem começou:

— Tomem cuidado com…

Mas logo outro homem o silenciou.

— Deixe eles irem, e em alguns dias vamos ter seus sumos!

Um gemido de desejo agoniado foi se elevando entre a população dos cortiços.

— Ah, o que eu não daria por um vidro daquilo... — disse uma mulher aos meus pés.

— Por apenas uma gota, uma gota! — disse um homem, erguendo-se de cócoras. — Uma gota dos seus sumos.

— Pare, é tortura — lamentou outro. — Nem falem nisso.

— Para o inferno com todos vocês! — gritou Emma. — Vamos atravessar você, Addison, o Intrépido.

E lhes demos as costas, enojados.

* * *

A ponte era estreita, arqueada no centro, e construída com mármore tão branco que até as cinzas da rua pareciam manter a cautela ao invadi-la. Addison nos parou pouco antes de começarmos a subir.

— Esperem, tem alguma coisa aqui — disse ele, e aguardamos nervosos enquanto ele fechava os olhos e farejava o ar como um vidente lendo uma bola de cristal.

— Precisamos atravessar *agora*, estamos expostos aqui fora — murmurou Emma, mas Addison estava em outro lugar.

Na verdade, não parecíamos estar em grande perigo. Não havia ninguém na ponte, nem guardando o portão gradeado do outro lado. O topo da parede comprida e branca, onde se esperaria ver homens a postos com armas e binóculos, estava igualmente vazio. Além dos muros, a única defesa da fortaleza parecia ser o abismo que a circundava como um fosso, em cujo fundo agitava-se um rio em ebulição que liberava o vapor verde sulfuroso a pairar em volta. Pelo que eu podia ver, a ponte era o único meio de cruzá-lo.

— Ainda decepcionada? — perguntei a Emma.

— Absolutamente insultada — retrucou ela. — É como se eles não estivessem nem querendo nos manter fora.

— É isso o que me preocupa.

Addison arfou e arregalou os olhos, que brilharam, elétricos.

— O que foi? — disse Emma, sem fôlego.

— Apenas um vestígio extremamente leve, mas eu reconheceria o cheiro de Balenciaga Wren em qualquer lugar.

— E os outros?

Addison tornou a farejar.

— Havia outros de nossa espécie com ela. Não sei exatamente quem, nem quantos. A trilha fica um tanto confusa. Muitos peculiares passaram recentemente por este caminho, e não estou falando daqueles — disse Addison, lançando um olhar sinistro para as pessoas sentadas lá atrás. — A essência peculiar deles é muito fraca, quase inexistente.

— Então a mulher que interrogamos estava dizendo a verdade — falei. — É para cá que os acólitos trazem aqueles que capturam. Nossos amigos estiveram aqui.

Desde que eles tinham sido levados, um desespero sufocante estava apertando meu coração, mas naquele momento a pressão relaxou levemente. Pela primeira vez em horas estávamos seguindo mais que apenas esperança e palpites. Tínhamos buscado nossos amigos através de território hostil até a porta dos acólitos. Por si só, isso já era uma pequena vitória, e fez com que eu sentisse, mesmo que momentaneamente, que qualquer coisa era possível.

— Então é até mais estranho não haver ninguém vigiando este lugar — disse Emma, de modo sombrio. — Não gosto nada disso.

— Nem eu. Mas não vejo nenhum outro jeito de atravessar.

— Eu podia muito bem resolver logo isso — disse Addison.

— Vamos com você o mais longe que pudermos — disse Emma.

— Agradeço — respondeu Addison, parecendo nem um pouco intrépido.

Era possível atravessar a ponte correndo em menos de um minuto, calculei, mas por que correr? *Porque*, pensei, com uma frase de Tolkien se materializando em minha cabeça, *não se entra simplesmente caminhando em Mordor*.

Começamos em um passo apressado, seguidos por murmúrios e risos abafados. Olhei de volta para os mendigos. Certos de que estávamos prestes a encontrar algum fim horrível, eles estavam se remexendo, à procura de um melhor ângulo de visão. Só faltava pipoca. Tive vontade de voltar e jogar até o último deles no rio fervente.

Em alguns dias vamos ter seus sumos. Eu não sabia o que isso queria dizer e esperava nunca descobrir.

A ponte ficou mais íngreme. Uma paranoia crescente fazia meu coração bater acelerado. Eu tinha certeza de que algo estava prestes a se abater sobre nós e que não teríamos para onde escapar. Sentia-me como um camundongo correndo na direção de uma ratoeira.

Revisamos nosso plano em sussurros: fazer Addison passar pelo portão, em seguida recuar para os cortiços e encontrar algum lugar discreto para esperar. Se ele não retornasse dentro de três horas, Emma e eu encontraríamos um jeito de entrar.

Estávamos chegando ao alto da ponte, de onde eu conseguia ver um pequeno trecho da descida, até então oculta. Então, os postes de luz gritaram:

— Parem!

— Quem vem aí?

— Ninguém pode passar!

Paramos e olhamos para eles boquiabertos, pasmos ao perceber que não

eram postes de luz, mas cabeças ressecadas empaladas em lanças compridas. Eram horríveis, com a pele esticada e cinzenta, a língua pendurada, e ainda assim, apesar de não estarem ligadas a gargantas, três das cabeças tinham falado conosco. Havia oito no total, montadas em pares dos dois lados da ponte.

Só Addison não pareceu surpreso.

— Não me digam que nunca viram uma cabeça de ponte? — disse ele.

— Parem onde estão! — disse a cabeça à nossa esquerda. — A morte quase certa aguarda aqueles que atravessarem sem permissão!

— Talvez você devesse dizer morte *certa* — disse a cabeça à nossa direita. — *Quase* não parece muito impactante.

— Nós temos permissão — falei, improvisando uma mentira. — Sou um acólito e estou trazendo estes dois peculiares capturados para Caul.

— Ninguém contou *para nós* — disse, com irritação, a cabeça que estava à esquerda.

— Eles parecem capturados para você, Richard? — disse a que estava à direita.

— Não saberia dizer — respondeu a da esquerda. — Corvos arrancaram meus olhos há semanas.

— Os seus também? — disse a da direita. — Que pena.

— A voz dele não parece a de nenhum acólito que *eu* conheça — disse a da esquerda. — Qual o seu nome, senhor?

— Smith — falei.

— Ha. Não temos nenhum Smith — disse a da direita.

— Acabei de ser recrutado.

— Boa tentativa. Não, acho que não vamos deixá-los passar.

— E quem vai nos impedir? — falei.

— Obviamente, não nós — disse a da esquerda. — Só estamos aqui para avisar.

— E informar — disse a da direita. — Sabia que eu me formei em museologia? Nunca quis ser uma cabeça de ponte…

— Ninguém *quer* ser uma cabeça de ponte — reclamou a da esquerda. — Nenhuma criança cresce sonhando se tornar uma cabeça de ponte, ficar alertando o dia inteiro e ter os olhos bicados por corvos. Mas a vida não é sempre um mar de rosas, não é verdade?

— Vamos — murmurou Emma. — Tudo que eles podem fazer é falar conosco.

Nós as ignoramos e seguimos pela ponte, cada cabeça nos alertando de novo

conforme passávamos.

— Não avancem mais! — gritou a quarta.

— Continuem por sua conta e risco! — berrou a quinta.

— Acho que eles não estão escutando — disse a sexta.

— Ah, bom — disse a sétima, lentamente. — Depois, não digam que não avisamos.

A oitava só esticou a língua verde e gorda para nós. Aí passamos por elas e pelo topo da ponte e assim chegamos a um final abrupto, um vão aberto de seis metros onde devia haver pedra, e quase caí nele. Emma me segurou enquanto eu cambaleava para trás, girando os braços.

— Eles não terminaram a droga da ponte! — falei, o rosto corado pela adrenalina e pela vergonha.

As cabeças riam de mim, e, atrás delas, os mendigos na rua.

Se estivéssemos correndo, não teríamos parado a tempo e teríamos caído direto.

— Você está bem? — perguntou Emma.

— Estou bem. Mas *nós* não estamos. Como vamos botar Addison do outro lado, agora?

— Isto é irritante — disse Addison, andando de um lado para outro junto da borda. — Não podemos pular, certo?

— Sem chance — falei. — É longe demais, mesmo a toda velocidade. Mesmo com uma vara de saltar.

— Ah. — Emma olhou para trás. — Você acabou de me dar uma ideia. Eu já volto.

Addison e eu observamos enquanto ela caminhava de volta com determinação pela ponte. À primeira cabeça que chegou, parou, pegou a lança em que estava empalada e puxou.

A lança saiu com facilidade. Enquanto a cabeça protestava, Emma a pôs no chão, plantou o pé em sua cara e deu um puxão forte. A lança soltou-se da cabeça, que saiu rolando pela ponte, berrando de raiva. Emma voltou em triunfo, parou com a lança na beira do vão e a largou por cima, produzindo uma batida metálica alta.

Emma olhou para aquilo e franziu o cenho.

— Bem, não é a Ponte de Londres.

Com cinco metros de comprimento, três centímetros de largura e levemente curvada no centro, parecia a corda bamba de um acrobata de circo.

— Vamos pegar mais algumas — sugeri.

Corremos de um lado para outro, arrancando lanças e as dispondo sobre o vão. As cabeças praguejavam, xingavam e lançavam ameaças vazias. Quando a última delas foi arrancada e rolada para longe, formamos uma pequena ponte de metal, com cerca de trinta centímetros de largura, escorregadia devido aos restos pegajosos das cabeças e chacoalhando ao vento cheio de cinzas.

— Pela Inglaterra — disse Addison, e seguiu balançando hesitantemente sobre as lanças.

— Pela srta. Peregrine — falei, seguindo-o.

— Pelo amor das aves, simplesmente andem — disse Emma, e seguiu atrás de mim.

Addison nos retardava muito. Suas pernas curtas não paravam de escorregar entre as lanças, o que fazia com que rolassem como eixos e me causava um frio terrível na barriga. Tentava me concentrar em onde botar o pé e não olhar para o abismo abaixo, mas era impossível; o rio fervente atraía meus olhos como um ímã, e me peguei me perguntando se estávamos alto o suficiente para que só a queda me matasse ou se eu sobreviveria por tempo o suficiente para sentir ser cozinhado até a morte. Addison, enquanto isso, tinha desistido totalmente de andar e se deitara, começando a rastejar sobre as lanças como uma lesma. Avançamos desse jeito, centímetro indigno após centímetro indigno, até pouco além da metade, e então minhas palpitações se aguçaram e deram lugar a algo diferente: um nó em meu estômago que eu passara a reconhecer muito bem.

Etéreo. Tentei dizê-lo em voz alta, mas minha boca estava seca; quando consegui engolir e pronunciar a palavra, a sensação tinha se multiplicado por dez.

— Que sorte terrível — disse Addison. — Está à nossa frente ou atrás?

Não consegui dizer de imediato, tive que explorar a sensação por um instante até conseguir determinar.

— Jacob! À frente ou atrás? — gritou Emma em meu ouvido.

À frente. Minha bússola interior era certeira, mas não fazia sentido: a descida da ponte agora estava totalmente visível até o portão, e toda a extensão estava deserta. Não havia nada ali.

— Não sei! — respondi.

— Então continue! — retrucou Emma.

Estávamos mais perto da extremidade final do vão do que da inicial; deixaríamos as lanças mais rápido se continuássemos em frente. Engoli meu medo, me abaixei, peguei Addison e comecei a correr, escorregando e balançando nas lanças bambas. O etéreo parecia perto o suficiente para ser

tocado, e eu agora conseguia ouvi-lo, rosnando em nossa direção de algum lugar invisível adiante. Meus olhos seguiram o som até um ponto abaixo de nossos pés, na face interrompida da ponte, onde havia várias aberturas estreitas na pedra.

Ali. A ponte era oca, e havia um etéreo em seu interior. Apesar de seu corpo jamais passar pelas aberturas, as línguas podiam fazê-lo com facilidade.

Passei pelas lanças e cheguei à ponte sólida quando ouvi Emma gritar. Larguei Addison, girei e a vi atrás de mim com uma das línguas do etéreo enrolada em sua cintura, erguendo-a no ar.

Ela gritou meu nome, e eu gritei o dela. A língua a virou de cabeça para baixo e a sacudiu. Ela tornou a gritar. Não havia som pior.

Outra das línguas golpeou a parte de baixo das lanças, e nossa ponte improvisada saiu voando, desmontando-se ruidosamente e mergulhando como palitos de fósforo no abismo. Aí a segunda língua foi na direção de Addison, e a terceira me golpeou no peito.

Caí no chão, sem ar. Enquanto tentava recuperar o fôlego, a língua me agarrou pela cintura e me levantou no ar. A outra segurava Addison pelas patas traseiras. Em um instante, todos os três estávamos pendurados de cabeça para baixo.

O sangue correu para minha cabeça, obstruindo minha visão. Eu ouvia Addison latir e tentar morder aquela língua.

— Não, ela vai largar você! — gritei, mas ele insistia.

Emma também estava indefesa. Se queimasse a língua em torno de sua cintura, o etéreo a largaria.

— Fale com ele, Jacob! — gritou ela. — Faça com que pare!

Eu me virei e vi as aberturas estreitas através das quais suas línguas tinham se espremido. Seus dentes roíam as lajes de pedra. Seus olhos negros se esbugalharam com fome. Estávamos pendurados como frutas em espessas trepadeiras negras, o abismo boquiaberto abaixo.

Tentei falar sua língua.

— PONHA-NOS NO CHÃO! — gritei, mas o que saiu foi meu idioma.

— Outra vez — pediu Addison.

Fechei os olhos e imaginei o etéreo fazendo o que pedi, depois tornei a tentar:

— Ponha-nos na ponte!

Nada. Aquele não era o etéreo que eu conhecia, o velho com quem eu convivera por horas enquanto estava congelado. Aquele era um novo, um estranho, e minha conexão com ele era tênue e fraca. Ele parecia sentir que eu estava procurando uma chave para seu cérebro e nos puxou de repente para

cima, como se estivesse se preparando para nos arremessar no abismo. Eu tinha que me conectar, de algum modo, *rápido*...

— PARE! — gritei, minha garganta áspera, e dessa vez saiu o arranhar gutural da língua de etéreos.

Paramos bruscamente em pleno ar. Por um instante, ficamos ali imóveis, balançando como roupa secando ao vento. Minhas palavras tinham feito alguma coisa, mas não o suficiente. Eu o havia meramente confundido.

— Não consigo respirar — reclamou Emma.

A língua ao seu redor a apertava forte demais, e seu rosto estava ficando roxo.

— Coloque-nos na ponte — falei, em etéreo outra vez, as palavras arranhando minha garganta ao sair. Tudo o que eu falava em etéreo dava a sensação de que eu estava tossindo grampos.

O etéreo fez um movimento incerto. Em um momento de otimismo, acreditei que talvez ele fizesse o que eu pedira. Então ele me jogou para cima e para baixo muito rápido e com força, como quem sacode uma toalha.

Tudo se turvou e ficou preto por um instante. Quando recobrei a consciência, minha língua estava dormente e eu sentia gosto de sangue.

— Diga a ele para nos por no chão! — gritava Addison.

Mas agora eu mal conseguia falar.

— Esdou dendando — balbuciei. Tossi e cuspi o sangue que enchia minha boca. — Poghna-nhos nho chgão. Poghna-nhos...

Eu parei, reorientei meu cérebro. Respirei fundo.

— Coloque-nos no chão — falei em língua de etéreo clara.

Repeti aquilo mais três vezes, na esperança de que penetrasse em algum recôndito do cérebro reptiliano do etéreo.

— Coloque-nos sobre a ponte. Coloque-nos sobre a ponte. Coloque-nos sobre a ponte.

Ele deu um rugido de frustração repentino e assustador, me puxou até as aberturas da ponte onde estava aprisionado e tornou a rugir, borrifando meu rosto com respingos de saliva negra. Depois, ergueu a nós três e nos jogou para o lugar de onde viéramos.

Caímos pelo ar durante o que pareceu tempo demais; estávamos caindo, agora eu tinha certeza disso, mergulhando rumo a nosso fim. Então meu ombro bateu na pedra dura da ponte, e descemos escorregando até o final.

* * *

Estávamos milagrosamente vivos, surrados porém conscientes, os membros ainda conectados ao corpo. Tínhamos descido rolando a ponte lisa de mármore, espalhando a pilha de cabeças quando paramos de rolar. Elas estavam por toda a nossa volta agora, nos provocando enquanto nos recompúnhamos.

— Bem-vindos de volta! — disse a mais próxima. — Nós bem que gostamos de seus gritos de horror. Vocês têm pulmões poderosos!

— Por que vocês não nos contaram que havia um etéreo escondido na maldita ponte? — falei, me balançando até sentar.

Dores surgiam por meu corpo todo, de mãos arranhadas, joelhos ralados e um ombro latejante que provavelmente estava deslocado.

— Onde está a diversão nisso? Surpresas são muito melhores.

— Cócegas deve ter gostado de vocês — disse outra. — Ele comeu as pernas de seu último visitante!

— Isso não é nada — disse uma cabeça com um brinco reluzente de argola, como um pirata. — Certa vez eu o vi amarrar uma corda em um peculiar, baixá-lo no rio por cinco minutos e depois puxá-lo para cima e devorá-lo.

— Peculiar *al dente* — disse o terceiro, impressionado. — Nosso Cócegas é um *gourmet*.

Sem estar totalmente pronto para ficar de pé, me arrastei por pouco mais de um metro até Emma e Addison. Enquanto ela estava sentada esfregando a cabeça, ele testava o peso do corpo sobre uma pata ferida.

— Vocês estão bem? — perguntei.

— Bati a cabeça com bastante força — respondeu Emma, fazendo uma expressão de dor enquanto eu repartia seu cabelo para examinar um filete de sangue.

Addison ergueu uma pata claudicante.

— Temo que esteja quebrada. Imagino que você não tivesse como pedir à fera que nos pusesse no chão com delicadeza.

— Muito engraçado — falei. — Aliás, por que eu simplesmente não disse a ele para matar todos os acólitos e também resgatar nossos amigos?

— Na verdade, eu estava me perguntando a mesma coisa — disse Emma.

— Eu estou *brincando*.

— Bom, eu não.

Limpei seu ferimento com o punho da camisa. Ela respirou fundo e afastou minha mão.

— O que aconteceu lá atrás? — perguntou ela.

— Acho que o etéreo me entendeu, mas eu não consegui fazer com que me

obedecesse. Não tenho uma conexão com esse etéreo como tenho, quer dizer, como eu tinha com o outro.

Aquela fera estava morta, esmagada embaixo de uma ponte e provavelmente afogada, e agora eu sentia um pouco de pena.

— Como você se conectou com o primeiro? — perguntou Addison.

Recontei rapidamente como eu o encontrara congelado até a altura dos olhos e que, depois de uma noite passada em uma comunhão estranhamente íntima, eu tinha, aparentemente, conseguido decifrar alguma parte vital de sua neurologia.

— Se você não tinha conexão com o etéreo da ponte — disse Addison —, por que ele poupou nossas vidas?

— Talvez eu o tenha confundido?

— Você precisa ficar melhor nisso — disse Emma bruscamente. — Precisamos levar Addison para o outro lado.

— Melhor? O que eu devo fazer, ter aulas? Essa coisa vai nos matar na próxima vez que nos aproximarmos dela. Vamos ter que encontrar outro caminho.

— Jacob, *não tem* outro caminho. — Emma afastou um véu de cabelo despenteado da frente do rosto e me olhou fixamente. — *Você* é o caminho.

Eu ia começar a dar uma resposta áspera quando senti uma dor lancinante no traseiro e saltei de pé, berrando. Uma das cabeças tinha me dado uma mordida.

— Ei! — gritei, esfregando o local.

— Enfie-nos de volta em nossas lanças como nos encontrou, vândalo! — disse ela.

Eu a chutei com toda a força possível, e ela caiu na multidão de mendigos. Todas as cabeças começaram a gritar e nos xingar, rolando sem direção certa e de maneira grotesca com o movimento de suas mandíbulas. Xinguei de volta e chutei a cinza do chão em seus horríveis rostos curtidos até que todas começaram a cuspir e engasgar. Então uma coisa pequena e redonda veio voando e me acertou nas costas.

Uma maçã podre. Virei-me para os mendigos.

— Quem jogou isso?

Eles riram como drogados, um riso baixo e abafado.

— Voltem de onde vieram! — gritou um deles.

Eu estava começando a achar que não era uma má ideia.

— Como eles ousam — rosnou Addison.

— Esqueça — falei, minha raiva já passando. — Vamos apenas…

— Como vocês *ousam*! — gritou Addison, lívido, erguendo-se para se dirigir a eles sobre as patas traseiras. — Vocês não são peculiares? Não têm vergonha? Estamos tentando ajudá-los!

— Nos dê um frasco, ou vão se ferrar! — disse uma mulher maltrapilha.

Addison tremia, ultrajado.

— Estamos tentando ajudar vocês — disse ele outra vez. — E aí estão vocês, *aí estão vocês!* Enquanto nossa gente está sendo assassinada, nossas fendas completamente destruídas, aí estão vocês, dormindo nas portas do inimigo! Vocês deviam estar se lançando contra elas! — Ele apontou a pata ferida para eles. — Vocês são todos traidores, e juro que um dia vou vê-los ser arrastados ao Conselho das *Ymbrynes* e punidos.

— Está bem, está bem, não desperdice toda a sua energia neles — disse Emma, ficando de pé com dificuldade.

Então um repolho podre bateu em seu ombro e se esparramou no chão. Ela perdeu a calma.

— Está bem, a cara de alguém vai derreter! — gritou, acenando a mão em chamas para os mendigos.

Durante o discurso de Addison, um grupo estivera murmurando em uma rodinha conspiratória, e agora eles avançaram portando porretes. Um galho serrado. Um cano. A cena estava ficando feia.

— Estamos cansados de vocês — disse um homem cheio de feridas, em um tom de voz preguiçoso. — Vamos jogar vocês no rio.

— Eu quero ver vocês tentarem — disse Emma.

— Eu não quero não — falei. — Acho que devíamos ir embora.

Havia seis deles, três de nós, e estávamos em más condições: Addison mancava, Emma tinha sangue escorrendo pelo rosto, e, graças a meu ombro machucado, eu mal conseguia erguer o braço direito. Enquanto isso, os homens estavam se espalhando e se aproximando. Eles pretendiam nos jogar no abismo.

Emma olhou para a ponte atrás e, em seguida, para mim.

— Vamos. Sei que você consegue nos fazer passar. Mais uma tentativa.

— Não consigo, Emma. *Não consigo*. É sério.

E era. Não estava em meu poder controlar aquele etéreo, pelo menos ainda não, e eu sabia disso.

— Se o garoto diz que não consegue, estou inclinado a acreditar nele — disse Addison. — Precisamos achar outro jeito de sair dessa.

Emma bufou de raiva.

— Como o quê? — Ela olhou para Addison. — Você consegue correr? — Ela

olhou para mim. — Você consegue lutar?

As duas respostas eram não. Eu entendi seu ponto de vista: nossas opções estavam se reduzindo rapidamente.

— Em momentos como este — disse Addison de forma assertiva —, minha espécie não luta. Nós oramos! — Encarando os homens, ele chamou em uma voz retumbante: — Irmãos peculiares, sejam razoáveis! Permitam-me algumas palavras!

Eles não prestaram nenhuma atenção. Enquanto continuavam a fechar nossas rotas de fuga, nós recuamos na direção da ponte. Emma preparava a maior bola de fogo que podia produzir, enquanto Addison se queixava: se os animais da floresta viviam em harmonia, por que nós não podíamos?

— Pensem no simples porco-espinho e seu vizinho, o gambá... Eles desperdiçam energia tentando jogar um ao outro em abismos quando encaram um inimigo em comum, o inverno? Não!

— Ele ficou completamente doido — disse Emma. — Cale a boca e morda um deles!

Olhei ao redor à procura de algo que servisse de arma. Os únicos objetos duros ao alcance eram as cabeças. Peguei uma pelos últimos fios de cabelo.

— Tem outro jeito de atravessar? — gritei em seu rosto. — Rápido, ou vou jogá-lo no rio!

— Vá para o inferno! — praguejou a cabeça, e tentou me morder.

Eu a joguei na direção dos homens, meio desajeitado, com o braço esquerdo. Ela caiu antes de alcançá-los. Virei-me para pegar outra cabeça e repeti a pergunta.

— Claro que tem — escarneceu a cabeça. — Em um caminhão prizzo! Mas, se eu fosse vocês, ia preferir correr o risco com o etéreo da ponte...

— O que é um caminhão prizzo? Me conta ou vou jogar você também!

— Você está prestes a ser atingido por uma — respondeu ela, e então três tiros ecoaram ao longe, *bam, bam, bam,* lentos e calculados, como um alerta. Imediatamente os homens que vinham em nossa direção pararam, e todos se viraram para olhar para a rua.

Havia algo grande com formato de caixa avançando parcialmente em meio a uma nuvem agitada de poeira e cinzas, roncando em nossa direção. Aí veio o ruído de um motor grande reduzindo a velocidade e da escuridão surgiu um caminhão. Era uma máquina moderna de uso militar, todos os rebites e reforços e pneus que chegavam à altura da cintura de um homem. A traseira era um cubo sem janelas, e dois acólitos de colete à prova de balas e armados com

metralhadoras montavam guarda nos estribos.

No momento em que o veículo surgiu, os mendigos entraram em uma espécie de frenesi, rindo e arquejantes por alegria, agitando os braços e juntando as mãos como sobreviventes de um naufrágio em uma ilha deserta sinalizando para um avião passando, e com a mesma rapidez fomos esquecidos. Uma oportunidade de ouro tinha surgido, e não a desperdiçaríamos. Joguei a cabeça para o lado, botei Addison embaixo do braço esquerdo e saí correndo da rua para chegar até Emma. Podíamos ter continuado, saído da Rua da Fumaça e recuado para alguma área mais segura do Recanto do Demônio, mas ali, finalmente, estava nosso inimigo em carne e osso, e, seja lá o que estivesse acontecendo ou prestes a acontecer, era nitidamente importante. Paramos perto da lateral da rua, mal escondidos atrás de um grupo de árvores carbonizadas, e esperamos.

O veículo reduziu e a multidão o cercou, humilhando-se e implorando por *frascos*, por *suulie* e *ambrosia,* por *só uma prova* e *só um pouco*, *por favor, senhor*, revoltantes em sua veneração àqueles carniceiros, tocando as roupas e sapatos dos soldados e recebendo chutes com biqueiras de aço em retorno. Tive certeza de que os acólitos iam começar a atirar, ou acelerar e esmagar aqueles tolos que se colocava entre eles e a ponte. Em vez disso, o caminhão parou e os acólitos começaram a gritar instruções. *Formem uma fila, por aqui, mantenham a ordem ou não vão receber nada!* A multidão entrou em formação como pobres em uma fila de pão, todos assustados e irrequietos em antecipação ao que estavam prestes a receber.

Sem aviso, Addison começou a lutar para ser posto no chão. Perguntei a ele qual era o problema, mas ele só ganiu e se esforçou mais, com uma expressão desesperada, como se tivesse acabado de captar uma trilha de cheiro importante. Emma o beliscou e ele despertou daquilo por tempo suficiente para dizer:

— É ela, é ela… é a srta. Wren.

Então me dei conta de que caminhão *prizzo* era uma gíria para o veículo de prisioneiros e que a carga na traseira da enorme caminhonete dos acólitos era quase certamente humana.

Addison me mordeu. Gritei e o soltei, e no instante seguinte ele saiu correndo. Emma praguejou.

— Addison, não! — gritei.

Mas foi inútil. Ele estava operando por instinto, o reflexo irreprimível de um cão leal tentando proteger seu dono. Pulei para alcançá-lo, mas errei (ele era surpreendentemente veloz para uma criatura com apenas três patas

funcionando direito), então Emma me levantou e juntos saímos atrás dele: deixamos nosso esconderijo e fomos para a rua.

Houve um momento, um breve instante no qual os soldados estavam completamente cercados pela multidão ocupada demais para perceber nossa presença, em que acreditei que conseguiríamos pegá-lo de volta. E isso poderia ter acontecido, não fosse a mudança que se abateu sobre Emma no meio da rua, quando ela viu as portas na traseira do veículo. *Portas com trancas que podiam ser derretidas. Portas que podiam ser abertas*, deve ter pensado, pois eu lia isso na esperança que surgia em seu rosto. Ela passou por Addison sem ao menos tentar pegá-lo e subiu no para-choque da caminhonete.

Gritos dos guardas. Tentei pegar Addison, mas ele escapou e foi para baixo do veículo. Emma estava começando a derreter a maçaneta de uma das portas quando o primeiro guarda brandiu a arma como se fosse um taco de beisebol. O golpe a acertou na lateral do corpo, e Emma caiu no chão. Corri para cima do guarda, pronto para fazer o possível contra ele com meu único braço bom, mas me deram uma rasteira. Eu desabei sobre o ombro machucado e fui tomado por uma explosão de dor.

Ao ouvir o guarda gritar, olhei para cima: ele estava desarmado e agitando uma mão machucada, então começou a tropeçar através do mar selvagem de corpos agitados. Os mendigos o assediavam não apenas implorando, mas exigindo e fazendo ameaças, enlouquecidos, e agora, em algum lugar, um deles tinha uma arma. Aparentando pânico, o guarda acenou para o outro acólito com um *me tire daqui!*, levando as mãos acima da cabeça.

Fiquei de pé com dificuldade e corri até Emma. O outro guarda mergulhou na multidão, atirando para o ar até conseguir resgatar o camarada e voltar para a caminhonete. No momento em que seus pés tocaram os estribos, eles bateram na lateral do veículo, e o motor roncou. Alcancei Emma no momento em que ele partiu na direção da ponte, seus pneus monstruosos cuspindo cascalho e cinza.

Agarrei seu braço para conferir se ela ainda estava inteira.

— Você está sangrando — falei. — Muito.

Era uma declaração óbvia, mas também a melhor maneira que consegui articular quão terrível eu me sentia por vê-la ferida, mancando, com um corte na cabeça e sangue escorrendo pelo cabelo.

— Onde está Addison? — perguntou ela. Mas antes que “Eu não sei” deixasse meus lábios, ela continuou: — Precisamos ir atrás dele. Esta pode ser nossa única chance.

Erguemos os olhos quando o veículo se aproximava da ponte e vimos o guarda atirar em dois mendigos que corriam atrás dele. Quando caíram se retorcendo no chão, soube que Emma estava errada: não havia como perseguir o veículo, não havia como atravessar a ponte. Não havia esperança, e agora os mendigos sabiam. Enquanto alguns caíam, senti seu desespero se transformar em raiva, e, no que pareceu um instante, a raiva se voltou contra nós.

Tentamos correr, mas nos vimos bloqueados por todos os lados. A multidão gritava que tínhamos "arruinado tudo", que agora iam "cortar o fornecimento". Que merecíamos morrer. Começaram a chover golpes sobre nós, tapas, socos, mãos puxando nossos cabelos e roupas. Tentei proteger Emma, mas ela é que acabou me protegendo, por alguns minutos, pelo menos, agitando as mãos ao redor, queimando quem estivesse ao seu alcance. Nem seu fogo era suficiente para mantê-los longe de nós, e os golpes continuaram a nos atingir até que caímos de joelhos, depois em posição fetal no chão, os braços protegendo o rosto, a dor vindo de todas as direções.

Eu tinha quase certeza de que estava morrendo, ou sonhando, porque ouvi naquele momento uma cantoria, um coral alto e agressivo de "Escutem o bater dos martelos, escutem as batidas nos pregos!", mas com cada verso vinha um ruído baixo de golpes surdos e gritos correspondentes.

— É bom *(BONC!)* fazer forcas *(CATCHUNC!)* para todos os males!

Depois de alguns versos e do ruído de pancadas, a chuva de golpes parou e a multidão recuou, cautelosa e resmungando. Vi vagamente, através de uma névoa de sangue e brita, cinco construtores de forca musculosos, com cinturões de ferramentas e martelos erguidos. Eles haviam aberto uma clareira na multidão, e agora estavam à nossa volta, olhando para baixo desconfiados como se nós fôssemos alguma espécie estranha de peixe que eles não esperassem encontrar em suas redes.

— São eles? — disse um dos homens. — Eles não parecem muito bem, primo.

— Claro que são eles! — disse outro, sua voz parecendo um sinaleiro, grave e familiar.

— É o Sharon! — gritou Emma.

Consegui mexer a mão só o suficiente para limpar o sangue de um olho. Lá estava ele, todos os seus dois metros cobertos por capa negra. Eu me senti rir, ou tentando rir. Nunca tinha ficado tão feliz por ver alguém tão feio. Ele estava pegando alguma coisa do bolso, pequenos vidrinhos, e os ergueu acima da cabeça, gritando:

— TENHO O QUE VOCÊS QUEREM BEM AQUI, SEUS DOENTES! PEGUEM E DEIXEM ESSAS CRIANÇAS EM PAZ!

Ele se virou e jogou os frascos na rua. A multidão voou em cima deles, arquejando e gritando, os mendigos prontos para agredirem uns aos outros para consegui-los. Então, ficaram apenas os construtores de forca, levemente desgrenhados pela confusão mas ilesos, botando novamente os martelos nos cintos. Sharon se aproximou com a mão branca como neve estendida em nossa direção.

— Onde vocês estavam com a cabeça, saindo por aí desse jeito? Eu estava morrendo de preocupação!

— É verdade — disse um dos construtores de forca. — Ele estava fora de si. Nos fez procurar vocês por toda parte.

Tentei sentar, mas não consegui. Sharon estava bem acima de nós, olhando para baixo como se examinasse um bicho atropelado.

— Vocês estão inteiros? Conseguem andar? O que diabos esses depravados fizeram com vocês? — perguntou ele com um tom de voz entre um sargento irado e um pai preocupado.

— Jacob se machucou — disse Emma, com a voz entrecortada.

“VOCÊ também”, tentei dizer, mas não consegui fazer a língua se mover. Parecia que ela estava certa: eu sentia a cabeça pesada como pedra e minha visão era um sinal de satélite irregular, boa em um momento, apagada no seguinte. Fui levantado, carregado nos braços de Sharon (ele era muito mais forte do que parecia), e tive um lampejo repentino de pensamento, que tentei dizer em voz alta:

Onde está Addison?

Saiu tudo confuso, mas de algum modo ele me entendeu, e, virando minha cabeça na direção da ponte, ele disse:

— Lá.

De longe, o veículo parecia flutuar em pleno ar. Será que minha concussão estava me pregando peças?

Não. Eu podia ver, agora: a caminhonete estava sendo erguida através do vão pelas línguas do etéreo.

Mas onde está Addison?

— Lá — repetiu Sharon. — Embaixo.

Duas patas traseiras e um corpinho marrom pendiam da parte inferior do veículo. Addison tinha se prendido a alguma parte do chassi com os dentes e conseguira uma carona, o espertinho. E, enquanto as línguas depositavam o

veículo no lado oposto da ponte, pensei: *Boa sorte, cãozinho intrépido. Talvez você seja nossa maior esperança.*

Então eu comecei a apagar, e o mundo se fechou na direção da noite.

CAPÍTULO QUATRO

Sonhos turbulentos, sonhos em línguas estranhas, sonhos com casa, com morte. O absurdo em estranhos fragmentos que se desenrolavam em lampejos de consciência, vertiginosos e instáveis, invenções de meu cérebro abalado. Uma mulher sem rosto soprando poeira em meus olhos. Uma sensação de ser submerso em água morna. A voz de Emma me garantindo que tudo ia ficar bem, eles são amigos, estamos em segurança. Depois, uma escuridão profunda e sem sonhos por não sei quantas horas.

Quando acordei novamente, não estava sonhando e sabia disso. Estava deitado na cama de um quartinho. Uma luz fraca entrava por trás de uma persiana fechada. Então, manhã. Mas de que dia?

Eu vestia um pijama, não minhas roupas velhas e sujas de sangue, os olhos limpos de brita. Alguém estava cuidando de mim. Além disso, apesar de estar cansado até os ossos, sentia pouca dor. Meu ombro parara de doer, assim como minha cabeça. Eu não sabia ao certo o que isso significava.

Tentei sentar. Tive que parar a meio caminho e me apoiar nos cotovelos. Havia uma jarra de água sobre uma mesa de cabeceira. Em um canto do quarto havia um grande guarda-roupa de madeira. No outro (pisquei e esfreguei os olhos), sim, havia um homem dormindo em uma cadeira. Minha mente estava tão devagar que nem me assustei. Apenas pensei: *isso é estranho*. E ele também era. Na verdade, tinha uma aparência *tão estranha* que, por um instante, me esforcei para entender o que estava vendo. Ele parecia um homem composto de metades diferentes: metade de seu cabelo era lambida para baixo, enquanto a outra era toda penteada para cima; metade de seu rosto era barbada, e a outra, bem lisa. Até suas roupas (calças, suéter amarfanhado, colarinho elisabetano com babados) eram metade modernas, metade arcaicas.

— Olá? — falei, hesitante.

O homem deu um grito, ficou tão assustado que caiu da cadeira e aterrissou no chão com um estrondo.

— Ah. Nossa! Minha nossa! — Ele tornou a sentar na cadeira, com os olhos arregalados e as mãos agitadas. — Você acordou!

— Desculpe, não quis assustar você...

— Ah, não, foi tudo culpa minha — disse ele, alisando as roupas e ajeitando a gola com babados. — Por favor, não conte a ninguém que eu dormi vigiando você!

— Quem é você? — perguntei. — Onde estou? — Minha mente estava desanuviando depressa e se enchendo de perguntas. — E onde está Emma?

— Certo, sim! — disse o homem, parecendo aturdido. — Creio que eu não

seja o membro desta casa mais bem-preparado para responder a... bem, a *perguntas*...

Ele sussurrou a palavra, com as sobrancelhas erguidas, como se perguntas fossem proibidas.

— Mas! — Ele apontou para mim. — *Você é* Jacob. — Ele apontou para si mesmo. — *Eu sou* Nim. — Ele fez um rodopio com a mão. — E esta é a casa do sr. Bentham. Ele está muito ansioso para conhecê-lo. Na verdade, devo avisar a ele que você está acordado.

Eu me contorci e me ergui dos cotovelos para sentar reto, esforço que quase me deixou exausto.

— Não ligo para nada disso. Quero ver Emma.

— É claro! Sua amiga...

Ele agitou as mãos como pequenas asas enquanto seus olhos iam de um lado para outro como se pudesse encontrar Emma em um canto do quarto.

— Eu quero ver Emma. Agora!

— Meu nome é Nim! — Ele deu um gritinho. — E devo avisar, sim, sob ordens *estritas*...

Um pensamento apavorante me passou pela cabeça: de que Sharon, o mercenário que era, nos tivesse resgatado da multidão apenas para nos vender como peças de reposição.

— EMMA! — consegui gritar. — CADÊ VOCÊ?

Nim ficou lívido e afundou na cadeira. Acho que o assustei muito.

No instante seguinte, passos se aproximaram pelo corredor. Um homem de jaleco branco surgiu no quarto.

— Você está acordado! — exclamou ele.

Só pude supor que fosse um médico.

— Quero ver Emma! — falei.

Tentei jogar as pernas para fora da cama, mas pareciam pesadas como troncos.

O médico correu até meu lado e me empurrou de volta na direção dos lençóis.

— Não se esforce, você ainda está em recuperação!

O homem de branco mandou que Nim fosse procurar o sr. Bentham. Nim saiu correndo, tocou rapidamente a maçaneta da porta e voou para o corredor. Em seguida, Emma surgiu à porta, sem fôlego e sorrindo, o cabelo caindo sobre um vestido branco limpo.

— Jacob?

Ao vê-la, fui tomado por uma onda de força e me sentei, empurrando o médico para o lado.

— Emma!

— Você está acordado! — disse ela, correndo em minha direção.

— Cuidado, ele está frágil! — alertou o médico.

Controlando-se, Emma me deu o mais delicado dos abraços, depois se sentou na beira da cama ao meu lado.

— Desculpe por não estar aqui quando você acordou. Eles disseram que você ainda ia ficar inconsciente por horas...

— Está tudo bem — falei. — Mas onde estamos? Há quanto tempo estamos aqui?

Emma olhou para o médico. Ele estava escrevendo em um caderninho, mas obviamente escutando. Emma deu as costas para ele e baixou a voz:

— Estamos na casa de um homem rico do Recanto do Demônio. Algum lugar escondido. Sharon nos trouxe aqui há um dia, um dia e meio.

— É só isso? — falei, observando o rosto de Emma. Sua pele estava perfeitamente lisa, os cortes haviam desaparecido e se tornado finas linhas brancas. — Você parece quase curada.

— Eu só tive uns arranhões e levei umas pancadas...

— De jeito nenhum — falei. — Eu me lembro do que aconteceu lá fora.

— Você quebrou uma costela e deslocou um ombro — interveio o médico.

— Eles tinham uma mulher aqui — disse Emma. — Uma curandeira. O corpo dela produz uma poeira poderosa...

— E uma concussão dupla — completou o médico. — Nada que não pudéssemos resolver. Mas você, garoto, você estava quase morto quando chegou aqui.

Toquei o peito, a barriga, todos os lugares em que havia sido golpeado.

Nenhuma dor. Levantei o braço direito e girei o ombro. Nenhum problema aparente.

— Parece que tenho um braço novo — falei, maravilhado.

— Você teve sorte de não precisar de uma cabeça nova — disse outra voz: Sharon, se abaixando para que toda a sua altura passasse pela porta. — Na verdade, é uma vergonha que eles *não tenham* lhe dado uma, porque, pelo visto, a que você já tem está cheia de serragem. Desaparecer daquele jeito, dando no pé sem ao menos saber para onde ir, e depois de todos os meus avisos sobre o Recanto! O que vocês estavam *pensando*? — Ele se aproximou de Emma e de mim, agitando o dedo comprido e branco.

Sorri para ele.

— Oi, Sharon. É bom ver você de novo.

— É. Ha, ha. Agora que está tudo bem, são só sorrisos, mas você quase conseguiu que todos fôssemos mortos lá fora!

— Tivemos sorte — disse Emma.

— É... sorte que *eu* estava lá! Sorte que meus primos construtores de forca estavam disponíveis naquela noite e que consegui alcançá-los antes que eles tivessem bebido cerveja demais no Berço e Caixão! Eles não trabalham de graça, por falar nisso. Estou acrescentando os serviços deles à conta de vocês, junto com meu barco danificado!

— Está bem, está bem! — falei. — Fique tranquilo, está bem?

— O que você estava pensando? — perguntou ele outra vez, seu hálito horrível baixando sobre nós como uma nuvem.

Então aquilo voltou à minha mente, o que eu estivera pensando e meio que esquecera.

— Que você era um grosseirão vigarista! — retruquei. — Tudo é só dinheiro com você, e você provavelmente teria nos vendido como escravos na primeira chance que tivesse! É — falei. — Nós pesquisamos. Sabemos tudo sobre as coisas suspeitas em que vocês, peculiares, se metem por aqui, e se você pensa por um minuto que acreditamos que *você* — eu apontei para Sharon — ou *qualquer um* de vocês — apontei para o médico — está nos ajudando por pura bondade, vocês estão loucos! Por isso, ou nos contam o que querem de nós ou nos deixam ir, porque... nós temos...

Uma onda súbita de exaustão. Minha visão se desfocou.

— ... temos coisas melhores para...

Sacudi a cabeça e tentei me levantar, mas o quarto tinha começado a girar. Emma segurou meus braços, e o médico me empurrou para trás com

delicadeza sobre o travesseiro.

— Estamos ajudando você porque o sr. Bentham nos pediu — disse ele laconicamente. — O que ele quer com você, bom, você mesmo vai ter que perguntar a ele.

— Como eu sempre digo, o senhor Seja-Lá-Quem-For pode ir tomar no *mmmfff*...

Emma pôs a mão sobre minha boca.

— Jacob está um pouco confuso nesse momento — disse ela. — Tenho certeza de que o que ele quis dizer foi: obrigado por nos salvar. Temos uma dívida com o senhor.

— Isso também — murmurei através dos dedos dela.

Eu estava com raiva e com medo, mas também realmente feliz por estar vivo e por ver Emma sã e salva. Quando pensei nisso, toda a agressividade em mim desapareceu, e me enchi de pura gratidão. Fechei os olhos numa tentativa de fazer o quarto parar de girar e aproveitei para escutar o que estavam sussurrando sobre mim.

— Esse garoto é problema — disse o médico. — Não podemos deixar que conheça o sr. Bentham desse jeito.

— O cérebro dele está atordoado — disse Sharon. — Se a garota e eu pudermos apenas conversar com ele em particular, tenho certeza de que ele pode ser trazido à razão. Podemos ter o quarto só para nós?

O médico saiu com relutância. Tornei a abrir os olhos e foquei em Emma, que olhava para mim.

— Onde está Addison? — perguntei.

— Ele atravessou.

— Certo — falei, lembrando. — Teve notícias dele? Ele já voltou?

— Não — disse ela em voz baixa. — Ainda não.

Refleti sobre o que aquilo podia significar, mas não suportei o pensamento.

— Prometemos salvá-lo — falei. — Se ele pode atravessar, nós também podemos.

— Aquele etéreo da ponte pode não ter se importado com um cachorro atravessando — interveio Sharon —, mas você, ele ia esfolar e jogar direto na fervura.

— Vá embora — falei. — Quero conversar com Emma em particular.

— Por quê? Para que vocês possam pular pela janela e fugir de novo?

— Não vamos a lugar algum — disse Emma. — Jacob não consegue nem sair da cama.

Sharon não se convenceu.

— Fico no canto e não presto atenção — disse ele. — É minha melhor oferta.

Ele se encolheu na cadeira de um só braço, e começou a assoviar e a limpar as unhas.

Emma me ajudou a sentar, e apoiamos a testa uma na outra e falamos em sussurros. Por um instante, fiquei tão emocionado com sua proximidade que todas as perguntas que enchiam meu cérebro desapareceram e a única coisa que havia era sua mão tocando meu rosto, acariciando minha bochecha, meu queixo.

— Fiquei tão assustada... — disse Emma. — Eu achei mesmo que tivesse perdido você.

— Estou bem — falei.

Eu sabia que não estava bem, mas me embaraçava ter sido motivo de preocupação.

— Você não estava bem. Não mesmo. Você devia pedir desculpas àquele médico.

— Eu sei. Eu só estava surtado. E desculpe se assustei você.

Ela assentiu, depois virou o rosto. Seus olhos fitaram rapidamente a parede, e, quando voltaram, uma nova dureza brilhava neles.

— Gosto de pensar que sou forte — disse ela. — A razão por eu estar livre agora, e não Bronwyn ou Millard ou Enoch, é que sou forte. Todos contam comigo. Essa sempre fui eu, aquela que podia enfrentar tudo. Como se houvesse um sensor de dor dentro de mim que não liga. Posso bloquear coisas horríveis e seguir em frente, fazer o que precisa ser feito. — A mão dela encontrou a minha em cima dos lençóis. Nossos dedos se entrelaçaram automaticamente. — Mas quando penso em você, como você estava quando o tiraram do chão, depois que aquelas pessoas...

Ela deu um suspiro vacilante e sacudiu a cabeça, como se expulsasse a lembrança.

— Eu simplesmente não aguentei.

— Eu também — falei, me lembrando da dor que sentia sempre que via Emma machucada, o horror que me tomava sempre que ela estava em perigo. — Eu também.

Apertei a mão dela e procurei algo a mais para dizer, mas ela falou primeiro.

— Preciso que você me prometa uma coisa.

— Qualquer coisa.

— Preciso que você não morra.

Abri um sorriso. Mas Emma, não.

— Você não pode morrer — insistiu ela. — Se eu perder você, nada mais vai importar.

Passei os braços em volta dela e a puxei para mim.

— Vou fazer o possível.

— Isso não é suficiente — sussurrou ela. — Prometa para mim.

— Está bem. Não vou morrer.

— Diga "Eu prometo".

— Eu prometo. Diga você também.

— Eu prometo — disse ela.

— Ahhh — disse Sharon delicadamente, do canto. — As doces mentiras ditas pelos namorados...

Nós nos afastamos.

— Você não devia estar escutando! — falei.

— Foi tempo o suficiente — disse ele, arrastando ruidosamente a cadeira pelo chão e a plantando ao lado da cama. — Temos coisas importantes para discutir. Principalmente as desculpas que você me deve.

— Pelo quê? — falei, irritado.

— Questionar meu caráter e reputação.

— Tudo o que eu disse era verdade — respondi. — Esta fenda *está* cheia de vagabundos e marginais, e você *é* um grosseirão que só pensa em dinheiro.

— Sem um pingo de compaixão pelo sofrimento de seu próprio povo peculiar — acrescentou Emma. — Embora, mais uma vez, eu deva agradecer por nos salvar.

— Por aqui a gente aprende a cuidar apenas de si mesmo — disse Sharon. — Todo mundo tem uma história. Um problema. Todo mundo quer alguma coisa de você, e eles estão quase sempre mentindo. Então, sim, eu permaneço desavergonhadamente autocentrado e motivado pelo lucro. Mas ressinto profundamente sua sugestão de que eu teria qualquer tipo de negócio com alguém que negocia carne de peculiares. Só porque sou um capitalista não significa que eu seja um canalha sem coração.

— E como íamos saber disso? — falei. — Tivemos que implorar e subornar você para que não nos abandonasse na doca, lembra?

Ele deu de ombros.

— Isso foi antes que eu me desse conta de quem você é.

Eu olhei para Emma, depois para meu peito.

— Quem *eu* sou?

— Você, meu rapaz... O sr. Bentham está aguardando há muito tempo para falar com você. Desde o primeiro dia em que comecei a trabalhar como barqueiro, há mais de quarenta e tantos anos, Bentham me assegurou entrada e saída livres do Recanto do Demônio se eu prometesse ficar de olho em você enquanto fazia isso. Eu precisava trazer você para conhecê-lo. E agora, finalmente, cumpri minha parte no negócio.

— Você deve ter me confundido com outra pessoa — falei. — Não sou ninguém.

— Ele disse que você seria capaz de falar com etéreos. Quantos peculiares você conhece que conseguem fazer isso?

— Mas ele só tem dezesseis anos — disse Emma. — Dezesseis *mesmo*. Então como pode...

— Foi por isso que demorei a juntar as coisas — disse Sharon. — Precisei falar pessoalmente com o sr. Bentham sobre isso, e era onde eu estava quando vocês fugiram. Você não se encaixa na descrição, sabe? Por todos esses anos, esperei um velho.

— Um velho — falei.

— Isso.

— Que pode falar com etéreos.

— Como eu disse.

Emma apertou minha mão, e trocamos um olhar — *não, não pode ser* —, e então joguei as pernas para fora da cama, subitamente com as energias recarregadas.

— Quero falar com esse tal de Bentham. Agora mesmo.

— Quando ele estiver pronto, falará com você — disse Sharon.

— Não — falei. — Agora.

Por acaso, naquele exato momento houve uma batida na porta. Sharon a abriu e encontrou Nim.

— O sr. Bentham vai se encontrar com nossos convidados para o chá em uma hora — disse ele. — Na biblioteca.

— Não podemos esperar uma hora — reclamei. — Já desperdiçamos tempo demais aqui.

Com isso, Nim ficou um pouco vermelho e inflou as bochechas.

— Desperdiçaram?

— O que Jacob quis dizer é que temos outro compromisso urgente em outro lugar no Recanto e já estamos atrasados.

— O sr. Bentham insiste em se encontrar com vocês de maneira adequada

— disse Nim. — Como ele sempre diz, no dia em que não houver tempo para boas maneiras, o mundo estará completamente perdido para nós. Por falar nisso, eu devo me assegurar que vocês estejam vestidos apropriadamente. — Ele foi até o guarda-roupa e abriu as portas pesadas. No interior, havia várias roupas nos cabides. — Podem escolher o que quiserem.

Emma pegou um vestido de babados e torceu os lábios.

— Isso parece tão errado... Brincar de se enfeitar e tomar chá enquanto nossos amigos e *ymbrynes* são forçados a suportar sabe a ave o quê.

— Estamos fazendo isso por eles — falei. — Só temos que entrar no jogo até Bentham nos contar o que sabe. Pode ser importante.

— Ou ele pode ser apenas um velho solitário.

— Não falem desse jeito sobre o sr. Bentham — disse Nim, franzindo o rosto. — O sr. Bentham é um santo, um gigante entre os homens!

— Ah, calma — disse Sharon. Ele foi até a janela e abriu as persianas, permitindo que uma fraca luz do dia com tom de sopa de ervilha gotejasse no interior do quarto. — Então vamos lá — disse ele para nós. — Vocês dois têm um encontro.

Joguei para trás as cobertas, e Emma me ajudou a sair da cama. Para minha surpresa, minhas pernas aguentaram meu peso. Olhei da janela para uma rua vazia envolta em névoa amarela, e então, com Emma segurando meu braço, fui até o armário escolher uma muda de roupas. Encontrei uma vestimenta em um cabide etiquetado com meu nome.

— Podemos ter alguma privacidade para nos trocar, por favor? — falei.

Sharon olhou para Nim e deu de ombros. As mãos de Nim dançaram.

— Não seria apropriado!

— Ah, eles estão bem — disse Sharon, acenando com a mão. — Não vão fazer nenhuma gracinha, ouviram?

Emma ficou vermelha como um tomate.

— Não faço ideia do que você quer dizer.

— Claro que não. — Ele enxotou Nim do quarto, depois fez uma pausa na porta. — Posso confiar que vocês não vão fugir de novo?

— Por que você acha que a gente vai fugir? — indaguei. — Queremos conhecer o sr. Bentham.

— Não vamos a lugar algum — disse Emma. — Mas porque *você* ainda está aqui?

— O sr. Bentham me pediu para ficar de olho em vocês.

Será que isso significava que Sharon iria nos deter se tentássemos sair?

— Deve ser um baita favor que você deve a ele, hein? — falei.

— Enorme — respondeu Sharon. — Devo minha vida ao homem.

E, se dobrando quase ao meio, ele se espremeu para sair para o corredor.

* * *

— Você muda de roupa ali dentro — disse Emma, apontando com a cabeça para um pequeno banheiro anexo. — Eu vou me trocar aqui. E sem olhar até eu bater!

— Está *beeeem* — falei, exagerando minha decepção para fingir que não fiquei desapontado.

Ver Emma de calcinha era sem dúvida uma perspectiva interessante, mas todas as situações de risco de vida pelas quais havíamos passado deixaram a parte adolescente do meu cérebro um pouco anestesiada. Porém, mais alguns beijos de verdade e meus instintos básicos poderiam começar a acordar novamente.

Mas enfim.

Eu me fechei no banheiro, que era todo de azulejos brancos brilhantes e ornamentos de ferro pesado, e me apoiei na pia para me examinar em um espelho prateado.

Eu estava um lixo.

Meu rosto estava inchado e todo marcado com linhas rosadas feias, que estavam sarando rapidamente, mas ainda presentes, lembranças de cada golpe que eu sofrera. Meu tronco era um mapa de hematomas indolores, porém feios. Havia sangue seco nas dobras das minhas orelhas. Ver aquilo me deixou tonto, e precisei me segurar na pia para me manter de pé. Tive um *flashback* repentino: punhos e pés me golpeando, o chão subindo em minha direção.

Ninguém jamais tentara me matar com as próprias mãos antes. Isso era novidade, muito diferente de ser caçado por etéreos, que corriam por instinto. Diferente, também, de levar tiros: balas eram uma maneira rápida e impessoal de matar. Usar as mãos, porém... isso dava trabalho. Exigia ódio. Era uma coisa estranha e amarga, saber que tal ódio tinha sido dirigido a mim. Que peculiares que nem sabiam meu nome tinham, em um momento de loucura coletiva, me odiado o suficiente para tentar me tirar a vida daquela forma. Senti vergonha por isso, desumanizado, apesar de não conseguir entender exatamente por quê. Era algo sobre o qual eu precisaria refletir, se um dia viesse a ter o luxo do tempo para refletir sobre tais coisas.

Abri a torneira para lavar o rosto. Os canos estremeceram e gemeram, mas, após um grande floreio orquestral, produziram apenas um soluço de água marrom. Aquele sujeito, Bentham, podia ser rico, mas nenhum luxo podia isolá-lo da realidade do lugar infernal onde ele vivia.

Como ele havia ido parar ali?

Ainda mais intrigante: como o homem tinha conhecimento sobre, ou conhecia, meu avô? Sem dúvida era a quem Sharon estava se referindo quando disse que Bentham estava procurando por um velho que podia falar com os etéreos. Talvez meu avô tivesse conhecido Bentham durante seus anos de guerra, depois de deixar a casa da srta. Peregrine mas antes de ter ido para os Estados Unidos. Foi um período decisivo de sua vida sobre o qual ele falava apenas raramente, e nunca com detalhes. Apesar de tudo o que eu descobrira sobre meu avô nos últimos meses, em muitos aspectos ele ainda permanecia um mistério para mim. Agora que ele estava morto, pensei com tristeza, talvez fosse ser assim para sempre.

Vesti as roupas que Bentham me dera, uma camisa azul de estilo estudantil e um suéter cinza de lã e calça preta simples. Tudo coube com perfeição, como se feitos sob medida. Enquanto eu calçava um par de sapatos Oxford de couro marrom, Emma bateu na porta.

— Como você está indo aí dentro?

Abri a porta e me deparei com uma explosão de amarelo. Emma estava péssima em um vestido amarelo-canário enorme com mangas bufantes e uma barra que nadava em torno de seus pés.

Ela deu um suspiro.

— Este era o menor de muitos males da costura, garanto.

— Você parece o Garibaldo — falei, saindo do banheiro e a seguindo. —Esse sr. Bentham é um homem cruel.

Ela não entendeu a referência. Ignorando meu comentário, foi até a janela e olhou para fora.

— Hum. Bom.

— O que é bom? — perguntei.

— Esse beiral. É do tamanho da Cornualha, e há apoios por toda parte. Mais seguro que um trepa-trepa.

— E por que nos preocuparíamos com a segurança do beiral? — perguntei, me juntando a ela.

— Porque Sharon está vigiando o corredor, então obviamente não podemos sair por aquele caminho.

Às vezes parecia que Emma tinha conversas inteiras comigo dentro de sua cabeça, conversas das quais eu não participava, e se frustrava ao me ver confuso quando finalmente as explicava. Seu cérebro trabalhava tão rápido que de vez em quando disputava corrida contra si mesmo.

— Não podemos ir a lugar nenhum — falei. — Temos que encontrar Bentham.

— E nós vamos. Mas nem morta vou passar a próxima hora sem fazer nada neste quarto. O santo sr. Bentham é um exilado que vive no Recanto do Demônio. O que significa que ele é um bandido perigoso com passado sórdido. Quero dar uma olhada ao redor e ver o que podemos descobrir. Vamos voltar antes que alguém perceba que sumimos. Palavra de honra.

— Ah, bem, uma operação secreta. Então estamos vestidos perfeitamente.

— Muito engraçado.

Eu estava com sapatos de sola dura que faziam cada passo soar como uma martelada, ela estava com um vestido mais amarelo que um sinal de perigo tóxico, e eu mal tinha encontrado a energia para ficar sobre meus dois pés. Mesmo assim, concordei. Emma costumava estar certa sobre essas coisas, e eu tinha passado a contar com seus instintos.

— Caso alguém note a gente, que se dane — disse ela. — Pelo visto, o homem já esperou séculos para conhecer você. Ele não vai nos expulsar agora por causa de um pequeno passeio.

Ela abriu a janela e subiu no beiral. Botei a cabeça para fora com cautela. Estávamos dois andares acima de uma rua vazia na área "boa" do Recanto do Demônio. Reconheci uma pilha de lenha: foi onde me escondi quando Sharon saiu da loja de aspecto abandonado. Diretamente abaixo de nós ficava o escritório de advocacia de Munday, Dyson e Strype. Não havia tal firma, é claro. Era uma fachada, uma entrada secreta para a casa de Bentham.

Emma me ofereceu a mão.

— Sei que você não é um grande fã de alturas, mas não vou deixar que você caia.

Depois de ser pendurado acima de um rio fervente por um etéreo, aquela pequena queda não parecia tão assustadora. E Emma tinha razão: o beiral era largo, e saliências decorativas e rostos de gárgulas se projetavam por toda a fachada, criando apoios naturais para as mãos. Eu saí, me segurei e fui me arrastando atrás dela.

Quando o beiral fez uma curva e tivemos quase certeza de que estávamos em paralelo com um corredor fora da vista de Sharon, tentamos abrir uma

janela.

Estava trancada. Avançamos e tentamos a seguinte, mas também estava trancada, assim como a terceira, a quarta e a quinta janelas.

— O prédio está acabando.

— A próxima vai — disse Emma.

— Como você sabe?

— Sou clarividente.

E, com isso, ela a chutou, jogando estilhaços de vidro no interior do aposento e os derrubando na frente do prédio.

— Não, você é uma vândala.

Emma sorriu para mim e derrubou os últimos cacos do batente com as costas da mão.

Ela entrou pela abertura. Eu a segui, um pouco relutante, para o interior de um quarto escuro e cavernoso. Nossos olhos precisaram de um momento para se ajustar. A única luz vinha do caixilho da janela que acabáramos de quebrar, seu brilho fraco revelando a borda do paraíso de um acumulador compulsivo. Engradados e caixas de madeira se amontoavam até o teto em pilhas mal sustentadas, deixando apenas um pequeno corredor entre elas.

— Tenho a sensação de que Bentham não gosta de jogar coisas fora — disse Emma.

Em resposta, disparei um espirro triplo rápido. O ar estava repleto de poeira. Emma me desejou saúde e acendeu uma chama na mão, que ergueu até o engradado mais próximo. Estava identificado como *Rm. AM-157.*

— O que você acha que tem dentro deles?

— Precisamos de um pé de cabra para descobrir — disse Emma. — Esses são resistentes.

— Achei que você fosse clarividente.

Ela fez uma careta para mim.

Sem um pé de cabra, nos arriscamos a entrar mais no ambiente, Emma aumentando a chama à medida que deixávamos para trás a luz definhante da janela. A passagem estreita entre as caixas conduzia através de uma porta com arco e para outra sala, que era igualmente escura e quase tão atulhada quanto a primeira. Em vez de caixas, estava abarrotada de objetos volumosos escondidos por lençóis brancos. Emma estava prestes a puxar um deles, mas, antes que fizesse isso, segurei seu braço.

— Qual o problema? — disse ela, irritada.

— Pode haver algo horrível embaixo disso.

— Sim, exatamente — disse ela, e arrancou a cobertura, o que levantou um ciclone de pó.

Quando a poeira baixou, vimos nosso reflexo esmaecido em um mostruário com tampo de vidro do tipo que se encontra em museus. Chegava na altura da cintura e tinha cerca de quatro metros quadrados. Em seu interior, muito arrumados e etiquetados, havia uma casca de coco entalhada, um pente feito de vértebra de baleia, um pequeno machado de pedra e alguns outros objetos cuja utilidade não era imediatamente óbvia. Havia uma placa no vidro com os dizeres: *Objetos usados em residências de peculiares na Ilha de Espírito Santo, Novas Hébridas, região do Pacífico Sul, cerca de 1750.*

— Hum — disse Emma.

— Estranho — respondi.

Ela recolocou o lençol, apesar de haver pouca utilidade em cobrir nossos rastros (não tinha como desquebrar a janela), e seguimos lentamente pela sala, descobrindo outros objetos aleatoriamente. Todos eram expositores de museu, de diferentes tipos. Os conteúdos tinham pouca relação uns com os outros, exceto o fato de terem pertencido ou sido utilizados por peculiares. Um continha uma seleção de sedas de cores vivas usadas por peculiares no Extremo Oriente por volta de 1800. Outro exibia o que parecia, à primeira vista, um grande corte transversal de tronco de árvore, mas a um exame mais aproximado era uma porta com dobradiças de ferro e uma maçaneta feita de um nó de árvore. Sua placa de identificação dizia *Entrada da casa de um peculiar na Grande Floresta Hiberniana, cerca de 1530.*

— Uau — disse Emma, se aproximando para ver melhor. — Nunca soube que há tantos de nós no mundo.

— Ou havia — falei. — Se é que ainda estão por aí.

O último mostruário que olhamos estava identificado como *Armas de peculiares hititas, cidade subterrânea de Kaymakli, sem data*. O intrigante era que no interior só víamos besouros e borboletas mortos.

Emma levou sua chama em minha direção para olhar para mim.

— Acho que podemos afirmar que Bentham é um aficionado por história. Pronto para seguir em frente?

Passamos apressados por mais duas salas cheias de mostruários cobertos por lençóis e chegamos a uma escada se serviço, que subimos até o andar seguinte. A porta do andar abria para um corredor longo, opulento e acarpetado que parecia se prolongar para sempre, com os mesmos espaços entre uma porta e outra e papel de parede repetido, criando uma impressão estonteante de

infinitude.

Espionamos os quartos enquanto caminhávamos pelo corredor. O mobiliário era igual, a disposição era igual, o papel de parede era igual: todos tinham cama, mesa de cabeceira e guarda-roupa, igual ao quarto onde eu me recuperara. Um padrão de ramos de papoulas vermelhas serpenteava pelo papel de parede e continuava pelo carpete em ondas hipnóticas, fazendo com que o lugar inteiro parecesse estar sendo lentamente recuperado pela natureza. Na verdade, os quartos seriam totalmente indiferenciáveis não fosse por pequenas placas de latão pregadas às portas, que davam a cada um deles um nome único. Todos tinham uma sonoridade exótica: *Quarto dos Alpes*, *Quarto Gobi*, *Quarto Amazonas*.

Devia haver uns cinquenta quartos, e estávamos na metade do corredor, agora correndo, certos de que não havia nada útil a ser descoberto ali, quando um golpe de ar soprou sobre nós, tão frio que arrepiou minha pele.

— Eeeiiiii! De onde veio isso? — perguntei.

— Será que alguém deixou alguma janela aberta?

— Mas não está frio lá fora — falei, e Emma deu de ombros.

Continuamos. O ar esfriava à medida que avançávamos. Finalmente, viramos uma curva e chegamos a um trecho do corredor onde pingentes de gelo haviam se formado no teto e o carpete cintilava congelado. O frio parecia emanar de um quarto em especial, e paramos diante dele, observando flocos de neve serem soprados um por um pela fresta sob a porta.

— Isso é muito estranho — falei, tremendo.

— Definitivamente — concordou Emma. — Até para meus padrões.

Dei um passo à frente, meus pés esmagando o carpete coberto de neve, para examinar a placa na porta. *Quarto Sibéria*.

Olhei para Emma. Ela olhou para mim.

— Provavelmente é só um ar-condicionado superpotente — disse ela.

— Vamos descobrir — falei. Levei a mão à maçaneta e tentei abri-la, mas ela não girou. — Está trancada.

Emma levou a mão à maçaneta e a manteve ali por vários segundos. Começou a escorrer água enquanto o gelo derretia de seu interior.

— Não trancada — disse ela —, congelada.

Ela girou a maçaneta e empurrou, mas a porta se abriu apenas alguns centímetros; havia neve empilhada do outro lado. Encostamos o ombro em sua superfície e, ao contar três, empurramos. A porta se abriu, e uma lufada de ar ártico soprou sobre nós. Neve flutuava por toda parte, entrando em nossos

olhos, no corredor às nossas costas. Protegendo o rosto, olhamos no interior. Era mobiliado como os outros quartos (cama, guarda-roupa, mesa de cabeceira), mas havia montes indistintos de branco enterrados sob pilhas enormes de neve.

— O que é isto? — falei, gritando para ser ouvido acima do uivo do vento. — Outra fenda?

— Não pode ser! — respondeu Emma, gritando. — Nós já estamos em uma!

Inclinando-nos contra o vento, entramos para olhar mais de perto. Achei que a neve e o vento estivessem entrando por uma janela aberta, mas aí a agitação do ar diminuiu, e percebi que não havia janela nenhuma, nem mesmo uma parede no fundo do quarto. De nossos dois lados erguiam-se paredes cobertas de gelo. Havia um teto, e provavelmente existia um carpete em algum lugar sob nossos pés, mas no local onde deveria haver uma quarta parede, o aposento dava lugar a uma caverna de gelo e, além disso, ao ar livre, a um espaço aberto e a uma vista infinita de neve branca e rochas negras.

Aquilo era, pelo que eu podia compreender, a Sibéria.

Uma trilha solitária escavada na neve seguia através do quarto e pela brancura adiante. Seguimos pelo caminho e saímos do quarto para a caverna, maravilhados com tudo ao redor. Pingentes gigantes de gelo pendiam do teto e se erguiam do chão como uma floresta de árvores brancas.

Emma não se impressionava fácil (ela tinha quase cem anos, vivenciados entre coisas peculiares), mas aquele lugar parecia enchê-la de um verdadeiro assombro.

— É impressionante! — disse ela, se abaixando para pegar um punhado de neve. Ela o jogou em mim, rindo. — Não é impressionante?

— É — falei batendo os dentes. — Mas o que isso está fazendo aqui?

Passamos pelos pingentes de gelo gigantes e emergimos no espaço aberto. Olhando para trás, não consegui mais ver o quarto; estava perfeitamente camuflado no interior da caverna.

Emma saiu correndo na frente, então se virou e disse, com urgência na voz:

— Por aqui!

Eu caminhei com dificuldade pela neve cada vez mais profunda até chegar a seu lado. A paisagem era bizarra. Diante de nós havia um campo branco e plano, além do qual o solo mergulhava em dobras profundas e onduladas, como fendas de geleiras.

— Não estamos sozinhos — disse Emma, e apontou para um detalhe que eu não percebera: um homem parado na borda de uma fenda na neve, olhando para o fundo.

— O que ele está fazendo? — perguntei, de forma mais ou menos retórica.

— Procurando alguma coisa, aparentemente.

O homem caminhou devagar ao longo da fenda na geleira, sempre olhando para baixo. Após cerca de um minuto, percebi que estava tão frio que eu não conseguia mais sentir o rosto. Uma lufada de vento e neve soprou e apagou a cena.

Quando o vento cessou, um instante depois, o homem estava olhando diretamente para nós.

Emma ficou tensa.

— Ops.

— Você acha que ele nos vê?

Emma olhou para seu vestido amarelo forte.

— Acho.

Ficamos ali parados por um instante, com olhos fixos no homem que nos encarava do outro lado daquela desolação branca, então ele saiu correndo em nossa direção. Estava a centenas de metros de distância em meio a neve profunda e uma paisagem de fissuras onduladas. Não estava claro se ele queria nos fazer mal, mas estávamos em um lugar onde não deveríamos estar, e ir embora parecia a melhor coisa a fazer, uma decisão reforçada por um uivo, do tipo que eu ouvira apenas uma vez, no acampamento dos ciganos.

Um urso.

Uma olhada rápida para trás confirmou: um urso negro gigante tinha subido por uma das fendas no gelo para se juntar ao homem na neve, e *os dois estavam vindo atrás de nós*, o urso se aproximando muito mais depressa que o homem.

— URSO! — gritei, constatando o óbvio.

Tentei correr, mas meus pés congelados se recusaram a cooperar. Aparentemente imune ao frio, Emma agarrou meu braço e me arrastou. Recuamos de volta para a caverna, atravessamos o quarto aos tropeções e saímos pela porta, em torno da qual soprava um véu de neve que estava enchendo o corredor. Fechei a porta às nossas costas, como se isso fosse deter um urso, refizemos nossos passos pelo corredor comprido, descemos as escadas e voltamos ao museu morto de Bentham para nos esconder em meio a seus fantasmas cobertos de pano branco.

* * *

Emma e eu nos escondemos atrás de uma parede e de um enorme monólito coberto por lençol no canto mais distante que encontramos, confinando a nós mesmos em um espaço tão estreito que não podíamos nos virar para olhar um para o outro, e o frio do qual corrêramos se estabelecia com firmeza em nossos ossos. Ficamos em silêncio e tremendo, rígidos como manequins, a neve em nossas roupas derretendo em poças aos nossos pés. A mão esquerda de Emma pegou a minha direita, e este era todo o calor e significado que conseguíamos trocar. Estávamos desenvolvendo uma língua que era intraduzível em palavras, um vocabulário especial de gestos, olhares, toques e beijos que ficava mais rico, intenso e complexo a cada hora. Era fascinante e essencial e, em momentos como aquele, me tornava menos frio e me deixava com um pouco menos de medo.

Quando, após alguns minutos, nenhum urso apareceu para nos devorar, ousamos trocar sussurros.

— Aquilo em que estávamos era uma fenda? — perguntei. — Uma fenda dentro de uma fenda?

— Não sei o que era aquilo — respondeu Emma.

— Sibéria. Era o que estava escrito na porta.

— Se aquilo era a Sibéria, então o quarto era uma espécie de portal, não uma fenda. E portais não existem, claro.

— Claro — respondi, apesar de não ser tão estranho acreditar que, em um mundo onde existiam fendas de tempo, houvesse também portais. — E se na verdade fosse apenas uma fenda antiga? — sugeri. — Talvez da Era Glacial, com dez ou quinze mil anos? O Recanto do Demônio devia ser daquele jeito na época.

— Não acho que exista uma fenda tão antiga.

Meus dentes batiam.

— Não consigo parar de tremer — falei.

Emma apertou o corpo contra o meu e esfregou minhas costas com a mão quente.

— Se eu pudesse criar um portal para algum lugar — falei —, a Sibéria não estaria no topo da minha lista de escolhas.

— Para onde você iria, então?

— Hummm... Havaí, talvez? Se bem que talvez isso seja chato. Todo mundo diria o Havaí.

— Eu não.

— Para onde você iria?

— Para o lugar de onde você é — disse Emma. — Flórida.

— Mas por que você iria querer ir para lá?

— Acho que seria interessante conhecer onde você cresceu.

— Isso é carinhoso — falei. — Mas lá não é grande coisa. É bem tranquilo.

Ela apoiou a mão em meu ombro e exalou um hálito cálido sobre meu braço.

— Parece o paraíso.

— Você está com neve no cabelo — falei, mas derreteu quando eu tentei limpar.

Sacudi a água fria da mão para o chão, e nesse momento percebi nossas pegadas. Havíamos deixado uma trilha de neve derretida que provavelmente conduzia direto para nosso esconderijo.

— Que idiotas nós somos — falei, apontando para nossos rastros. — Devíamos ter deixado os sapatos para trás!

— Está tudo bem — disse Emma. — Se não nos encontraram até agora, provavelmente...

Passos barulhentos e pesados ecoaram pela sala, acompanhados do som da respiração de um animal grande.

— De volta para a janela, o mais depressa possível — sussurrou Emma, e nos esgueiramos de nosso esconderijo.

Tentei correr, mas escorreguei em uma poça. Agarrei a coisa mais próxima à mão, que por acaso era o lençol que cobria o objeto grande atrás do qual estávamos escondidos. O lençol rasgou quando puxei, revelando outro mostruário com um sonoro *raassssg!* e me derrubando no chão em uma pilha de pano amarfanhado.

Quando olhei para cima, a primeira coisa que vi foi uma garota, e não era

Emma, que estava de pé ao meu lado. A garota estava no interior do mostruário, por trás do vidro. Ela tinha um rosto perfeitamente angelical, um vestido de babados e um arco no cabelo, e um olhar vidrado, no que parecia a rigidez permanente de um ser humano empalhado.

Eu me apavorei. Emma se virou para ver por que eu estava apavorado, e então *ela* se apavorou.

Ela me colocou de pé e nós corremos.

* * *

Eu tinha me esquecido completamente do cara nos perseguindo, do urso, da Sibéria. Só queria sair daquela sala, ficar longe da garota empalhada, longe de qualquer possibilidade de que eu e Emma acabássemos como ela, mortos e trancafiados atrás de vidro. Agora eu sabia tudo o que precisava saber sobre aquele sujeito, Bentham. Ele era alguma espécie de colecionador pervertido, e eu tinha certeza de que, se olhássemos por baixo de mais lençóis, encontraríamos mais espécimes como a menina.

Fizemos uma curva correndo só para encontrar, alta à nossa frente, uma montanha aterrorizante de três metros de pelo e garras. Gritamos, tentamos parar de correr, mas era tarde demais, então escorregamos e caímos em uma pilha aos pés do urso. Nós nos encolhemos ali, esperando morrer. Um hálito quente e fedorento passou por nós. Algo úmido e áspero esfregou um lado do meu rosto.

Eu tinha sido lambido por um urso. Eu tinha sido lambido por um urso, e alguém estava *rindo*.

— Acalmem-se, ele não vai morder! — disse esse alguém, e descobri o rosto para ver um focinho comprido e peludo olhando para mim.

O urso tinha falado? Ursos falam sobre si mesmos na terceira pessoa?

— O nome dele é PT — prosseguiu alguém. — Meu guarda-costas. Ele é bem amigável, desde que você esteja do meu lado. PT, sente-se!

PT se sentou e começou a lamber a pata em vez de meu rosto. Eu girei de frente, limpei a gosma do rosto e finalmente vi o dono da voz. Era um homem de idade, um cavalheiro, com um leve sorriso malicioso que complementava seu traje impecável: cartola, luvas e um colarinho branco alto que se erguia do paletó escuro.

Ele fez uma leve reverência e uma saudação com o chapéu.

— Myron Bentham, a seus serviços.

— Para trás, devagar — sussurrou Emma ao meu ouvido; nos levantamos juntos e caminhamos de lado para fora do alcance do urso. — Não queremos nenhum problema, senhor. Só nos deixe ir e ninguém se machuca.

Bentham estendeu os braços e sorriu.

— Vocês são livres para partir a hora que quiserem. Mas seria uma grande decepção. Vocês acabaram de chegar, e temos muito o que conversar.

— É? — falei. — Talvez possa começar explicando aquela garota ali no mostruário!

— E o Quarto Sibéria! — disse Emma.

— Vocês estão nervosos, com frio e molhados. Não preferem discutir isso bebendo uma xícara de chá quente?

Sim, mas eu não ia dizer isso.

— Não vamos a lugar nenhum com o senhor até sabermos o que está acontecendo aqui — disse Emma.

— Muito bem — retrucou Bentham, sem perder um pingo de seu bom humor. — Foi meu assistente que vocês surpreenderam no Quarto Sibéria. E, como vocês provavelmente notaram, o quarto leva a uma fenda do tempo na Sibéria.

— Mas isso é impossível — disse Emma. — A Sibéria fica a milhares de quilômetros de distância.

— Cinco mil seiscentos e quinze — respondeu ele. — Mas tornar possível a viagem entre fendas é o trabalho da minha vida. — Ele se virou para mim. — Sobre aquele mostruário que você descobriu, é Sophronia Winstead, a primeira criança peculiar nascida na família real da Inglaterra. Teve uma vida fascinante, apesar de um pouco trágica, no fim. Tenho todos os tipos de peculiares notáveis aqui em meu *peculiarium*, conhecidos e desconhecidos, famosos e infames, todos os quais terei o prazer de lhes mostrar. Não tenho nada a esconder.

— Ele é um psicopata — murmurei para Emma. — Só quer nos empalhar e nos acrescentar à coleção.

Bentham riu. (Sua audição, aparentemente, era muito aguçada.)

— São apenas modelos em cera, meu rapaz — explicou ele. — Sou um colecionador e conservador, sim, mas não de humanos. Acredita mesmo que esperei tanto tempo para conhecer você só para arrancar suas entranhas e o trancar em um mostruário?

— Eu já soube de hobbies mais estranhos — falei, pensando em Enoch e seu exército de homúnculos. — O que quer de nós?

— Tudo a seu tempo — disse ele. — Vamos aquecê-los e secá-los primeiro. Depois, chá. Depois...

— Não quero ser grosseira — interrompeu Emma —, mas já passamos tempo demais aqui. Nossos amigos...

— Por enquanto, eles estão bem — disse Bentham. — Já investiguei a situação e a hora deles não está tão próxima quanto vocês imaginam.

— Como o senhor sabe? — indagou Emma. — O que quer dizer com a hora deles não está tão...

— O que o senhor quer dizer com investigou? — falei ao mesmo tempo.

— Tudo a seu tempo — repetiu Bentham. — Sei que é difícil, mas vocês precisam ser pacientes. Há muita coisa a contar, e vocês estão em uma condição lastimável. — Ele estendeu um braço em nossa direção. — Vejam, estão tremendo.

— Então está bem — falei. — Vamos tomar chá.

— Excelente! — exclamou Bentham, e bateu com a bengala duas vezes no chão. — PT, venha cá!

O urso rosnou de um jeito agradável, ficou de pé nas patas traseiras e caminhou, se balançando como uma pessoa gorda de pernas curtas e grossas, até Bentham. Ao chegar lá, o animal abaixou-se e o levantou no ar, carregando-o como um bebê, uma pata sustentando suas costas, e a outra, suas pernas.

— Sei que é uma maneira inusitada de viajar — disse Bentham por cima do ombro peludo de PT —, mas eu me canso com facilidade. — Ele apontou para a frente com a bengala e disse: — PT, biblioteca.

Emma e eu observamos pasmos quando PT saiu andando com o sr. Bentham no colo.

Isso não é algo que se vê todo dia, pensei. O que era verdade em relação a praticamente tudo o que eu tinha visto naquele dia.

— PT, pare! — ordenou Bentham.

O urso parou. Bentham acenou para nós.

— Vocês vêm?

Nós estávamos parados, olhando fixamente.

— Desculpe — disse Emma, e corremos para alcançá-los.

* * *

Seguimos pelo labirinto atrás de Bentham e seu urso.

— Seu urso é peculiar? — perguntei.

— Sim, é um urxinim — respondeu Bentham, acariciando com ternura o ombro de PT. — Eles são a companhia preferida das *ymbrynes* na Rússia e na Finlândia, e domar urxinins é uma arte antiga e respeitada entre os peculiares de lá. Têm força para enfrentar um etéreo, mas ao mesmo tempo são afáveis o suficiente para cuidar de uma criança; são mais quentes que cobertores elétricos em noites frias e são guarda-costas assustadores, como vocês vão ver aqui... PT, esquerda!

Enquanto Bentham exaltava as virtudes dos urxinins, chegamos a uma pequena antessala. Sob uma abóbada de vidro no centro do ambiente havia três mulheres e, atrás delas, um urso gigante de aspecto sinistro. Levei um susto até me dar conta de que estavam imóveis: mais um dos expositores de Bentham.

— Esta é a srta. Waxwing, a srta. Troupial e a srta. Grebe* — disse Bentham. — E seu urxinim, Alexi.

O urxinim, após uma olhada mais atenta, parecia estar protegendo as *ymbrynes* de cera. As senhoras posavam calmamente em torno do animal enquanto ele se erguia nas patas traseiras, congelado em pleno urro enquanto golpeava um inimigo com a pata. Sua outra pata repousava quase delicadamente sobre o ombro de uma das *ymbrynes*, e os dedos dela estavam segurando uma de suas garras compridas, como se para demonstrar seu domínio descontraído sobre uma criatura tão temível.

— Alexi era tio-avô de PT — disse Bentham. — Diga olá para seu tio, PT!

PT grunhiu.

— Ah, se você pudesse fazer isso com etéreos — sussurrou Emma para mim.

— Quanto tempo leva para se treinar um urxinim? — perguntei a Bentham.

— Anos. Urxinins são naturalmente muito independentes.

— Anos — murmurei para Emma.

Emma revirou os olhos.

— E Alexis é feito de cera também? — perguntou ela a Bentham.

— Ah, não, ele é empalhado.

Aparentemente, a aversão de Bentham a empalhar pessoas peculiares não se estendia a animais peculiares. Se Addison estivesse ali, pensei, certamente teríamos problemas.

Senti um calafrio. Emma passou a mão quente em minhas costas. Bentham também percebeu.

— Perdoem-me! Tenho tão poucas visitas que não consigo deixar de exibir minha coleção quando elas aparecem. Agora, não paro de prometer chá, e chá nós teremos!

Bentham apontou a bengala, e PT voltou a caminhar. Saímos das salas de armazenamento de artefatos cobertos por lençóis e os seguimos por outras partes da casa. Em muitos aspectos, era a casa média de um homem rico: havia um hall de entrada com colunas de mármore, uma sala de jantar formal com tapeçarias nas paredes e mesa com lugar para dezenas de pessoas, salas cujo único objetivo parecia ser exibir móveis dispostos com bom gosto. Mas em cada aposento, junto com todo o resto, sempre havia alguns objetos da coleção peculiar de Bentham.

— Espanha, século XV — disse ele, apontando para uma armadura reluzente erguida em um corredor. — Eu a mandei fazer novinha. Cai em mim como uma luva!

Finalmente chegamos à biblioteca, a mais bonita que eu já vira. Bentham mandou que PT o pusesse no chão, limpou o pelo do paletó e nos convidou a entrar. O salão tinha três andares de pé-direito, no mínimo, com prateleiras que se erguiam a alturas estonteantes. Uma série de escadarias, passarelas e escadas deslizantes tinha sido construída para alcançá-las.

— Confesso que não li todos — disse Bentham. — Mas estou trabalhando nisso.

Ele nos conduziu na direção de um batalhão de sofás que cercavam uma lareira flamejante cujo calor enchia o aposento. Sharon e Nim aguardavam junto ao fogo.

— Chamar a *mim* de "grosseirão que não merece confiança"! — chiou Sharon, mas, antes que ele me repreendesse mais, Bentham o mandou nos

buscar cobertores. Estávamos sob a proteção das boas graças do mestre, e as reclamações de Sharon teriam que esperar.

Em menos de um minuto, estávamos sentados em um sofá e enrolados em cobertores. Nim movimentava-se à nossa volta preparando chá em bandejas douradas, e PT, enroscado diante do fogo, entrava rapidamente em um estado de hibernação. Tentei resistir à sensação e à satisfação aconchegante que começava a baixar sobre mim e me concentrar em nossos negócios inacabados — as grandes perguntas e os problemas aparentemente insolúveis. Nossos amigos e *ymbrynes*. A tarefa absurda e desesperada que tínhamos imposto a nós mesmos. Era o bastante para me esmagar, se pensasse em tudo ao mesmo tempo. Então pedi a Nim três torrões de açúcar e leite suficiente para deixar o chá branco, em seguida o bebi em três goles e pedi mais.

Sharon tinha recuado para um canto, onde podia demonstrar seu aborrecimento mas ainda escutar nossa conversa.

Emma estava ansiosa para dispensar as formalidades.

— Então — disse ela —, podemos conversar agora?

Bentham a ignorou. Ele estava sentado à nossa frente, mas olhando fixamente para mim, com um sorrisinho muito estranho.

— O que foi? — perguntei, limpando uma gota de chá do queixo.

— É inacreditável — retrucou ele. — Você é a imagem cuspida e escarrada.

— De quem?

— Seu avô, é claro.

Baixei minha xícara de chá.

— O senhor o conheceu?

— Conheci. Ele foi meu amigo, há muito tempo, quando eu precisei muito de um.

Olhei para Emma. Ela ficara um pouco pálida e estava apertando a xícara.

— Ele morreu há alguns meses — falei.

— É. Eu fiquei muito triste quando soube — disse Bentham. — E, para ser honesto, fiquei surpreso, por ele ter durado tanto quanto durou. Eu achava que ele havia sido morto anos atrás. Ele tinha muitos inimigos, mas era extremamente talentoso, seu avô.

— Qual era exatamente a natureza de sua amizade? — quis saber Emma, com o tom de uma interrogadora da polícia.

— E você deve ser Emma Bloom — disse Bentham, finalmente olhando para ela. — Já ouvi falar muito sobre você.

Ela pareceu surpresa.

— Ouviu?

— Ah, sim. Abraham gostava muito de você.

— Isso é novidade para mim — disse ela, corando.

— Você é ainda mais bonita do que ele dizia.

Ela cerrou os dentes.

— Obrigada. Como o senhor o conheceu?

O sorriso de Bentham feneceu.

— Direto aos negócios, então.

— Se não se importar.

— Nem um pouco — disse ele, apesar de sua atitude ter esfriado alguns graus. — Bem, vocês me perguntaram sobre o Quarto Sibéria, e sei, srta. Bloom, que não ficou satisfeita com a resposta que dei.

— Sim, mas estou... nós estamos mais interessados no avô de Jacob e em saber por que o senhor nos trouxe aqui.

— Os dois estão relacionados, prometo. O quarto, e esta casa em geral, é o lugar por onde começar.

— Está bem — falei. — Conte-nos sobre a casa.

Bentham respirou fundo, juntou os dedos e os levou aos lábios por um instante, pensando. Então, ele disse:

— Esta casa está cheia de artefatos valiosíssimos que eu trouxe de uma vida de expedições, mas nenhum é mais valioso que a própria casa. É uma máquina, um equipamento que eu mesmo inventei. Eu a chamo de Polifendador.

— O sr. Bentham é um gênio — disse Nim, depositando um prato de sanduíches à nossa frente. — Servido, sr. Bentham?

Bentham o dispensou com um aceno.

— Mas nem isso é exatamente o essencial — prosseguiu ele. — Minha história começa muito antes da construção desta casa, quando eu era um rapaz da sua idade, Jacob. Meu irmão e eu nos considerávamos exploradores. Olhávamos para os mapas de Perplexus Anomalous e sonhávamos visitar todas as fendas que ele descobrira. Descobrir novas e visitá-las não apenas uma vez, mas várias. Assim, esperávamos tornar o mundo peculiar grandioso outra vez. — Ele se inclinou para a frente. — Vocês entendem o que quero dizer?

Franzi a testa.

— Torná-lo grandioso... com mapas?

— Não, não apenas com mapas. Pergunte a si mesmo: o que nos torna fracos, como um povo?

— Acólitos? — sugeriu Emma.

— Antes mesmo que eles existissem — insistiu Bentham.

— Perseguição por normais?

— Não. Isso é apenas um sintoma de nossa fraqueza. O que nos torna fracos é a *geografia*. Há, por minhas estimativas grosseiras, cerca de dez mil peculiares hoje no mundo. Sabemos disso como sabemos que deve haver outros planetas no universo que abrigam vida inteligente. É matematicamente obrigatório. — Ele sorriu e bebeu seu chá. — Agora imaginem dez mil peculiares, todos com talentos incríveis, todos no mesmo lugar e unidos por uma causa comum. Eles seriam um poder a ser respeitado, não?

— Imagino que sim — disse Emma.

— Com toda a certeza, sim — disse Bentham. — Mas estamos divididos pela geografia em centenas de subunidades fracas (dez peculiares aqui, doze ali), porque é extraordinariamente difícil viajar de uma fenda no Outback australiano, por exemplo, até uma fenda no Chifre da África. Não há apenas os perigos inerentes dos normais e do mundo natural a levar em conta, mas os perigos de envelhecer rapidamente durante uma viagem longa. A tirania da geografia impossibilita todas as visitas a fendas distantes, excetuando as mais apressadas, mesmo nesta era moderna de viagens aéreas.

Ele fez uma pausa por um instante antes de prosseguir, varrendo a sala com o olhar.

— Então agora imaginem que houvesse uma ligação entre aquela fenda na Austrália e a da África. De repente, essas duas populações poderiam desenvolver uma relação. Fazer negócios uma com a outra. Aprender uma com a outra. Se juntar para defender uma à outra em tempos de crise. Surgem todos os tipos de possibilidades excitantes que antes eram impossíveis. E, gradualmente, quanto mais dessas conexões fossem feitas, o mundo peculiar seria transformado de uma coleção de tribos distantes escondidas dentro de fendas isoladas em uma nação poderosa, unida e forte.

Bentham fora se animando ao falar, e nesse último trecho levantara as mãos e abrira os dedos, como se tentasse agarrar uma barra de exercícios invisível.

— Por isso a máquina? — arrisquei.

— Por isso a máquina — disse ele, baixando as mãos. — Nós estávamos procurando, meu irmão e eu, um modo mais fácil de explorar o mundo peculiar e, em vez disso, nos deparamos com um modo de uni-lo. O Polifendador deveria ser a salvação de nosso povo, uma invenção que mudaria para sempre a natureza da sociedade peculiar. Ele funciona assim: você começa aqui, na casa, com o transportador, que é uma parte pequena da máquina. Cabe na mão —

disse ele, espalmando a própria mão. — Você sai com ele de casa, sai da fenda e cruza o presente até outra fenda, que pode ser do outro lado do mundo ou na aldeia vizinha. E quando você volta para cá, o transportador recolheu e trouxe a assinatura da outra fenda, uma espécie de DNA, que pode ser usada para produzir uma segunda entrada para ela, aqui, no interior desta casa.

— Naquele corredor do andar de cima — disse Emma. — Com todas as portas e plaquinhas.

— Exatamente — disse Bentham. — Cada quarto daqueles é a entrada de uma fenda que meu irmão e eu, ao longo de muitos anos, coletamos e trouxemos para cá. Com o Polifendador, a árdua jornada inicial do primeiro contato tem que ser feita apenas uma vez, e cada viagem de volta depois disso é instantânea.

— Como instalar linhas de telégrafo — disse Emma.

— Isso mesmo. E dessa forma, teoricamente, a casa se torna um repositório de todas as fendas em toda parte.

Fiquei pensando naquilo. Em como tinha sido difícil chegar à fenda da srta. Peregrine da primeira vez. E se, em vez de ter que ir até aquela ilhota na costa do País de Gales, eu pudesse ter entrado na fenda da srta. Peregrine do meu armário em Englewood? Eu podia ter vivido as duas vidas, em casa com meus pais, e ali, com meus amigos e Emma.

Só que... Se isso tivesse existido, vovô Portman e Emma nunca precisariam ter se separado. O que foi uma frase tão estranha que me deu um calafrio na espinha.

Bentham parou e tomou um gole de chá.

— Frio — disse ele, e o pôs na mesa.

Emma se desenrolou do cobertor, ficou de pé, foi até a poltrona de Bentham e enfiou a ponta do dedo em seu chá. Em um instante estava fervendo outra vez.

Ele sorriu para ela.

— Fantástico.

Ela retirou o dedo.

— Uma pergunta.

— Aposto que sei o que é — disse Bentham.

— Está bem. O que é?

— Se uma coisa tão maravilhosa existe, por que você não ouviu falar nela até agora?

— É isso — disse Emma, e voltou a se sentar ao meu lado.

— Você nunca ouviu falar nela, ninguém ouviu, devido ao problema infeliz com meu irmão. — A expressão de Bentham se fechou. — A máquina nasceu com a ajuda dele, mas acabou sendo sua desgraça. Na verdade, o Polifendador nunca foi usado como ferramenta para unir nosso povo, como era a intenção, mas exatamente com o objetivo contrário. O problema começou quando percebemos que a tarefa de visitar todas as fendas do mundo para podermos recriar suas entradas aqui era, no mínimo, risível, tão além de nossas habilidades que beirava o delírio. Precisávamos de ajuda, e muita. Por sorte, meu irmão era um sujeito tão carismático e convincente que recrutar toda a ajuda de que precisávamos se revelou fácil. Em pouco tempo tínhamos um pequeno exército de peculiares jovens e idealistas dispostos a arriscar até a vida para nos ajudar a realizar nosso sonho. O que não percebi na época foi que meu irmão tinha um sonho diferente do meu.

Com algum esforço, Bentham se levantou.

— Há uma lenda — continuou ele. — Talvez você a conheça, srta. Bloom. — Batendo com a bengala, ele foi até as estantes e pegou um livro pequeno. — É a história de uma fenda perdida. Uma espécie de mundo do além, onde nossas almas peculiares ficam guardadas depois que morremos.

— Abaton — disse Emma. — Claro, eu já ouvi falar. Mas é só uma lenda.

— Talvez você possa contar a história — disse ele. — Em benefício de nosso amigo neófito.

Bentham voltou claudicando para o sofá e me entregou o livro. Era fino, verde e tão velho que as bordas se desfaziam. Na capa estava impresso *Contos peculiares*.

— Eu já li isso! — falei. — Uma parte, pelo menos.

— Esta edição tem quase seiscentos anos — disse Bentham. — Foi a última a trazer a história que a srta. Bloom está prestes a contar, pois foi considerada perigosa. Durante algum tempo, contá-la era considerado um crime, e por isso o livro que você tem em mãos é o único volume na história do mundo peculiar a jamais ter sido banido.

Abri o livro. Todas as páginas eram manuscritas em uma caligrafia extremamente ornamentada e precisa, e as margens eram cheias de ilustrações.

— Faz muito tempo que eu não a escuto — disse Emma com hesitação.

— Eu a ajudo enquanto conta — disse Bentham, sentando-se delicadamente no sofá. — Vá em frente.

— Bom — começou Emma —, diz a lenda que, antigamente, milhares e

milhares de anos atrás, havia uma fenda especial para onde iam os peculiares quando morriam.

— O céu peculiar — falei.

— Não exatamente. Não ficávamos lá por toda a eternidade, nem nada. Era mais como uma... biblioteca. — Ela parecia insegura sobre a escolha da palavra e olhou para Bentham. — Certo?

— Certo — disse ele, balançando a cabeça afirmativamente. — Era como se as almas dos peculiares fossem algo precioso e com estoque limitado, e seria um desperdício levá-las conosco para o túmulo. Em vez disso, no fim de nossas vidas, devíamos fazer uma peregrinação à biblioteca, onde nossas almas seriam depositadas para serem usadas por outros no futuro. Mesmo em questões espirituais, nós, peculiares, sempre tivemos uma mente frugal.

— A primeira lei da termodinâmica — falei.

Ele olhou para mim sem entender.

— A matéria não pode ser criada nem destruída. Nem almas, nesse caso. — (Às vezes me surpreendo com as coisas que lembro da escola.)

— Imagino que o princípio seja parecido — disse Bentham. — Os antigos acreditavam que havia apenas um determinado número de almas peculiares disponível para a humanidade e que, quando um peculiar nascia, ele ou ela apanhava uma, da mesma forma que eu ou você pegaríamos um livro emprestado na biblioteca. — Ele fez um gesto para as estantes à nossa volta. — Mas quando sua vida, seu prazo de empréstimo, terminava, a alma tinha que ser devolvida. — Bentham gesticulou para Emma: — Por favor, continue.

— Então. Havia essa biblioteca. Eu sempre a imaginei cheia de livros bonitos e reluzentes, cada um contendo a alma de um peculiar. Por milhares de anos as pessoas pegaram almas emprestadas e as devolveram pouco antes de morrer, e estava tudo bem. Então, um dia, alguém descobriu que era possível invadir a biblioteca, mesmo que você não estivesse prestes a morrer. E ele entrou lá e roubou o lugar. Roubou as almas mais poderosas que encontrou e as usou para provocar o caos. — Emma olhou para Bentham. — Certo?

— Os fatos estão corretos, embora a narração seja um pouco sem graça — disse Bentham.

— Usou? — falei. — Como?

— Combinando os poderes delas com o seu próprio — explicou Bentham. — Os guardas da biblioteca acabaram matando o vilão, recuperaram as almas roubadas e acertaram as coisas. Mas o caminho tinha sido descoberto, digamos assim. O conhecimento de que nossa biblioteca podia ser violada se tornou um

veneno que se espalhou por nossa sociedade. Quem quer que controlasse a biblioteca poderia dominar todo o mundo peculiar, e em pouco tempo mais almas foram roubadas. Foi o início de um período sombrio, no qual os loucos por poder travavam batalhas épicas uns contra os outros pelo controle de Abaton e da Biblioteca de Almas. Muitas vidas se perderam. A terra ficou arrasada. Fome e doenças reinaram enquanto peculiares com poderes além da imaginação se matavam com enchentes e raios. Foi daí que os normais tiraram suas histórias de deuses lutando pela supremacia no céu. Sua *Fúria de Titãs* foi nossa batalha pela Biblioteca de Almas.

— Achei que o senhor tivesse dito que a história não era real — falei.

— Estou chegando lá — disse Bentham, então se virou para Nim, que estava parado ali perto. — Você pode ir, Nim. Não precisamos mais de chá.

— Desculpe, senhor, não era minha intenção escutar, mas esta é minha parte favorita.

— Então, sente-se!

Nim se sentou no chão com as pernas cruzadas e apoiou o queixo nas mãos.

— Como eu estava dizendo, por um período curto mas terrível a destruição e a desgraça se abateram sobre nosso povo. O controle da Biblioteca mudou de mãos frequentemente, acompanhado de imenso derramamento de sangue. Então, um dia, isso parou. O autoproclamado rei de Abaton tinha sido morto em batalha, e quem o matara estava a caminho de tomar para si a Biblioteca, mas ele nunca a encontrou. Da noite para o dia, a fenda simplesmente desapareceu.

— Desapareceu? — falei.

— Estava lá um dia e, no dia seguinte, não estava — disse Emma.

— Puf — disse Nim.

— De acordo com a lenda, a Biblioteca de Almas ficava nas colinas da antiga cidade de Abaton. Mas, quando o futuro rei chegou para reclamar seu prêmio, a Biblioteca tinha sumido. Assim como a cidade. Desaparecidas como se jamais tivessem estado ali. Havia apenas um prado verde e plano em seu lugar.

— Isso é loucura — falei.

— Mas isso não é verdade — disse Emma. — É só uma história antiga.

— *A lenda da fenda perdida* — falei, lendo a página em que o livro estava aberto em minhas mãos.

— Talvez nunca saibamos se Abaton é um lugar real — disse Bentham, os lábios se abrindo em um sorriso de esfinge. — É isso o que faz dele uma lenda. Mas, como boatos de tesouros escondidos, o fato de a história ser uma lenda não impediu pessoas, ao longo dos séculos, de procurar por ele. Dizem que o próprio

Perplexus Anomalous dedicou anos à procura da fenda perdida de Abaton, e foi assim que ele começou a descobrir tantas das fendas que aparecem em seus famosos mapas.

— Eu não sabia — disse Emma. — Pelo menos alguma coisa boa saiu disso, então.

— E uma coisa muito ruim — acrescentou Bentham. — Meu irmão também acreditava na história. Por tolice, eu lhe perdoei essa fragilidade e a ignorei, percebendo tarde demais como ela o dominava completamente. Àquela altura, meu carismático irmão convencera nosso pequeno exército de jovens recrutas de que era verdade. Abaton era real. Era possível descobrir a Biblioteca de Almas. Perplexus chegara muito perto, ele lhes dissera, e tudo o que restava fazer era completar seu trabalho. Aí o grande e perigoso poder contido na Biblioteca poderia pertencer a nós. A eles.

"Esperei demais, e essa ideia se tornou um câncer. Eles procuraram muito pela fenda perdida, montando uma expedição após outra, cada fracasso apenas abastecendo seu ardor. O objetivo de unificar o mundo peculiar foi esquecido. Durante todo o tempo, meu irmão se interessara apenas em governá-lo, como os antigos supostos deuses peculiares. E quando tentei desafiá-lo e reconquistar o controle da máquina que eu construíra, ele me acusou de traidor, voltou os outros contra mim e me trancou em uma cela."

Bentham estava apertando o cabo da bengala como se fosse um pescoço que desejasse torcer, mas então ergueu os olhos, seu rosto tão emaciado quanto uma máscara de morte.

— Talvez a essa altura vocês tenham adivinhado seu nome.

Meus olhos foram imediatamente para Emma. Os dela estavam arregalados como luas. Nós falamos juntos:

— Caul.

Bentham balançou a cabeça afirmativamente.

— O nome verdadeiro dele é Jack.

Emma inclinou-se para a frente.

— Então sua irmã é...

— Minha irmã é Alma Peregrine.

* * *

Ficamos olhando boquiabertos para Bentham. Será que o homem à nossa frente podia mesmo ser irmão da srta. Peregrine? Eu sabia que ela tinha dois,

pois os mencionara uma ou duas vezes e até me mostrara uma foto deles de quando crianças. Ela me contou a história, também, de como sua busca por imortalidade os levou ao desastre de 1908 que transformou a eles e a seus seguidores em etéreos e, mais tarde, nos acólitos que conhecíamos e temíamos. Mas ela jamais mencionara nenhum dos irmãos pelo nome, e sua história tinha pouca semelhança com a que Bentham acabara de expor.

— Se o que diz é verdade — falei —, então o senhor deve ser um acólito.

— O sr. Bentham *não* é — disse Nim, boquiaberto.

Ele estava pronto para se levantar e defender a honra de seu mestre quando este o deteve com um aceno.

— Está tudo bem, Nim. Eles ouviram apenas a versão de Alma. Mas há furos no que ela sabe.

— Não ouvi o senhor negar — disse Emma.

— Eu não sou um acólito — disse Bentham bruscamente.

Ele também não estava acostumado a ser questionado por tipos como nós, e seu orgulho estava começando a aparecer por baixo do verniz de gentileza.

— Então não se importaria se checássemos — falei. — Só para podermos ter certeza...

— Nem um pouco — disse Bentham.

Ele se levantou apoiado na bengala e manquejou pela terra de ninguém entre nossos sofás. PT levantou a cabeça, preguiçosamente curioso, enquanto Nim deu as costas, com raiva por seu mestre ter que se submeter a humilhações.

Emma e eu nos aproximamos. Ele era surpreendentemente alto, por isso se abaixou um pouco para que não tivéssemos que ficar na ponta dos pés e esperou enquanto examinávamos o branco de seus olhos à procura de lentes de contato ou outro embuste. Suas pupilas estavam terrivelmente injetadas, como se ele não dormisse havia dias, mas, fora isso, nada havia de suspeito.

Nós recuamos.

— Está bem, o senhor não é um acólito — falei. — Mas isso significa que não pode ser o irmão de Caul.

— Infelizmente, o conjunto de hipóteses com o qual vocês estão trabalhando está errado — disse ele. — Fui responsável por meu irmão e seus seguidores se transformarem em etéreos, mas eu mesmo nunca me transformei em um.

— O *senhor* criou os etéreos? — disse Emma. — Por quê?

Bentham se virou e olhou fixamente para o fogo.

— Foi um erro terrível. Um acidente. — Nós esperamos pela explicação. Pareceu lhe custar um grande esforço desencavar a história de onde ele a havia

escondido. — Foi minha culpa deixar as coisas se estenderem por tanto tempo — disse ele severamente. — Eu tentava me convencer de que meu irmão não era tão perigoso quanto parecia. Só quando ele me aprisionou é que percebi como eu estava errado, e aí era tarde demais para agir.

Ele se aproximou do calor do fogo e se ajoelhou para acariciar a barriga grande do urxinim, deixando que os dedos se perdessem nos pelos.

— Eu sabia que Jack precisava ser detido, e não apenas por minha causa, nem por haver qualquer risco de que algum dia encontrasse a Biblioteca de Almas. Não, estava claro que suas ambições tinham crescido para além disso. Ele passou meses transformando nossos recrutas na infantaria de um movimento político perigoso. Ele criou para si a imagem de um oprimido lutando para tirar o controle da sociedade do que ele chamou de a "influência infantilizadora das *ymbrynes*".

— As *ymbrynes* são a razão de nossa sociedade ainda existir — disse Emma, com amargura.

— Sim. Mas, sabe, meu irmão era terrivelmente invejoso. Desde quando éramos pequenos, Jack invejava o poder e o status de nossa irmã. Nossas habilidades inatas eram mínimas em comparação com as dela. Em seu terceiro aniversário, as velhas *ymbrynes* que cuidavam de nós sabiam que Alma era um grande talento. As pessoas a paparicavam muito, e isso deixava Jack maluco. Quando ela era bebê, ele a beliscava só para vê-la chorar. Quando ela treinava se transformar em ave, ele a perseguia e arrancava suas penas.

Vi uma chama raivosa se formar nos dedos de Emma, que ela apagou em seu chá.

— Com o tempo, só piorou — disse Bentham. — Jack conseguiu canalizar e explorar a mesma inveja venenosa latente em alguns de nossos irmãos peculiares. Ele organizou reuniões e fez discursos, arregimentando descontentes para sua causa. O Recanto do Demônio era terreno fértil, pois muitos dos peculiares daqui eram exilados, alienados pelo matriarcado das *ymbrynes* e hostis a ele.

— Os Asas de Terracota — disse Emma. — Antes de os acólitos se tornarem acólitos, era assim que chamavam a si mesmos. A srta. Peregrine nos ensinou um pouco sobre eles.

— "Não precisamos das asas delas!", Jack costumava pregar. "Vamos criar nossas próprias asas!" Ele dizia isso metaforicamente, é claro, mas eles costumavam desfilar usando asas falsas como símbolo de seu movimento. — Bentham se levantou e nos conduziu às estantes de livros. — Olhem aqui. Ainda

tenho uma ou duas fotos dessa época. Algumas ele não conseguiu destruir. — Ele pegou um álbum na estante e abriu na foto de uma grande multidão ouvindo um homem falar. — Ah, aqui está Jack fazendo um de seus discursos de ódio.

A multidão, quase exclusivamente homens, usava grandes chapéus duros e estava aglomerada em grande número, se equilibrando sobre caixas e se agarrando no alto de cercas para ouvir o que Caul tinha a dizer.

Bentham virou a página e nos mostrou outra foto: dois rapazes saudáveis de terno e chapéu, um com sorriso franco, o outro, inexpressivo.

— Esse à esquerda sou eu, e Jack é o da direita — disse Bentham. — Jack sorria apenas quando estava tentando conseguir alguma coisa de alguém.

Por fim, ele virou na foto de um garoto com um par de asas parecendo de coruja que se estendiam de seus ombros. O garoto estava sentado em um pedestal e olhava para a câmera com um desprezo silencioso, um olho oculto por trás de seu chapéu inclinado. No pé estava escrito *Não precisamos das asas delas*.

— Um dos cartazes de recrutamento de Jack — explicou Bentham.

Bentham aproximou a segunda foto e observou o rosto do irmão.

— Sempre houve algo sombrio nele. Algo que eu me recusava a ver. A visão de Alma era mais aguçada, e ela afastou Jack mais cedo. Jack e eu éramos próximos em idade e mentalidade, ou pelo menos era o que eu pensava. Éramos parceiros, cúmplices. Mas ele ocultava a verdadeira personalidade de mim. Eu não o via como era até o dia em que disse: "Jack, você tem que parar com isso." Então ele me espancou e me jogou em um buraco escuro para morrer. Mas era tarde demais.

NÃO PRECISAMOS DAS ASAS DELAS

Bentham ergueu o rosto. Seus olhos refletiam o brilho do fogo.

— É um grande impacto perceber que você não significa nada para o próprio irmão.

Ele ficou em silêncio por um instante, a mente imersa naquela lembrança horrenda.

— Mas o senhor não morreu — disse Emma. — O senhor os transformou em etéreos.

— Sim.

— Como?

— Eu os enganei.

— Para que se transformassem em monstros horríveis?

— Eu nunca quis transformá-los em monstros. Só queria me livrar deles. — Ele voltou rígido para o sofá e se instalou nas almofadas. — Eu estava faminto, quase morto, quando tive a ideia: a história perfeita com a qual enganar meu irmão. Uma mentira tão antiga quanto a própria humanidade. A fonte da juventude. Com o dedo, eu a desenhei na terra do chão de minha cela: os passos de uma técnica obscura de manipulação de fendas que podia reverter, e eliminar para sempre, os riscos do envelhecimento rápido. Ou era o que parecia. Na verdade, isso era apenas um efeito colateral do que os passos realmente descreviam, que era um procedimento arcano e praticamente esquecido para demolir fendas, rápida e permanentemente, em uma emergência.

Eu visualizei o botão de "autodestruição" de um clichê de ficção científica. Uma supernova em miniatura; estrelas piscando e se apagando.

— Nunca esperei que meu truque funcionasse tão bem — disse Bentham. — Um membro do movimento cuja simpatia eu conquistara espalhou minha técnica como se fosse sua, e Jack acreditou nela. Ele levou seus seguidores a uma fenda distante para realizar os procedimentos, e lá, eu esperava, eles iriam fechar a porta atrás de si para sempre.

— Mas não foi isso o que aconteceu — disse Emma.

— Foi quando metade da Sibéria explodiu? — perguntei.

— A reação foi tão forte que durou um dia e uma noite — disse Bentham. — Há fotos disso, e das consequências...

Ele apontou para o álbum no chão com a cabeça e esperou enquanto encontrávamos as fotos. Uma delas, tirada à noite em algum matagal nebuloso, tinha uma faixa de fogo na vertical, um jato enorme e distante de energia luminescente que brilhava no céu noturno como uma chuva de prata do tamanho de um arranha-céu. A outra era um vilarejo em ruínas feito de

entulho, casas destroçadas e árvores descascadas. Só de olhar para aquilo, eu quase podia ouvir o uivo de um vento solitário; o silêncio palpável de um lugar cuja vida fora repentinamente roubada.

Bentham sacudiu a cabeça.

— Nunca em meus devaneios mais loucos eu imaginei o que sairia rastejando daquela fenda demolida — disse ele. — Por um breve período, as coisas permaneceram quietas. Liberado do confinamento, comecei a me recuperar. Recuperei o controle da minha máquina. Parecia que a idade das trevas do meu irmão tinha chegado a um fim, mas era apenas o começo.

— Foi o início da Guerra dos Etéreos — disse Emma.

— Logo começamos a ouvir histórias sobre criaturas feitas de sombras. Elas estavam emergindo das florestas destruídas para se alimentar de peculiares, e de normais, e de animais, e de qualquer coisa que passasse entre suas mandíbulas.

— Já vi um comer um carro — disse Nim.

— Um carro? — perguntei.

— Eu estava dentro — respondeu ele.

Esperamos que ele explicasse.

— E? — disse Emma.

— Eu escapei — disse ele, dando de ombros. — A barra de direção ficou presa na garganta do etéreo.

— Posso continuar? — disse Bentham.

— É claro, senhor, minhas desculpas.

— Como eu estava dizendo, não havia muita coisa que pudesse deter essas novas abominações, com exceção da velha barra de direção e entradas de fendas. Por sorte, tínhamos muitas dessas. Então lidamos com o problema dos etéreos ficando quietos em nossas fendas, saindo apenas quando não havia opção. Os etéreos não acabaram com nossas vidas, mas as tornaram extremamente mais difíceis, isoladas e perigosas.

— E os acólitos? — perguntei.

— Imagino que ele esteja chegando a isso — disse Emma.

— Estou. Cinco anos depois de encontrar meu primeiro etéreo, encontrei meu primeiro acólito. Bateram em minha porta depois da meia-noite. Eu estava em casa, em segurança no interior da minha fenda, ou ao menos era o que pensava. Quando abri a porta, lá estava meu irmão Jack, um pouco abatido, mas com a mesma aparência de sempre, com exceção dos olhos mortos, que estavam vazios como papel em branco.

Emma e eu, de pernas cruzadas, nos inclinamos na direção de Bentham, atentos a cada palavra. Ele mirou fixamente em um ponto acima de nossas cabeças com olhos assombrados.

— Ele havia consumido peculiares suficientes para encher sua alma de etéreo e se transformar em algo que lembrava meu irmão, mas não era exatamente. O pouco de humanidade ao qual ele se agarrara ao longo dos anos havia desaparecido completamente, se esvaído com a cor de seus olhos. Em relação a um peculiar, um acólito é como a cópia da cópia da cópia do original. Perde-se detalhe, cor...

— E a memória? — perguntei.

— Jack preservou a dele. Uma pena. Do contrário, poderia ter se esquecido de tudo sobre Abaton e a Biblioteca de Almas. E o que eu tinha feito com ele.

— Como ele descobriu que foi você? — perguntou Emma.

— Resultado de intuição de irmão. Por fim, um dia, quando não tinha nada melhor para fazer, ele me torturou até que confessei. — Bentham apontou para as pernas com a cabeça. — Nunca consegui me recuperar completamente, como vocês podem ver.

— Mas ele não matou o senhor — falei.

— Acólitos são criaturas pragmáticas, e vingança não é um grande motivador — disse Bentham. — Jack estava mais obcecado que nunca em encontrar Abaton, mas, para fazer isso, precisava da minha máquina, e de mim, para operá-la. Eu me tornei seu prisioneiro e seu escravo, e o Recanto do Demônio, o quartel-general secreto de um contingente pequeno mas influente de acólitos dedicados a encontrar e abrir a entrada da Biblioteca de Almas. Que é, vocês devem ter percebido a essa altura, o grande objetivo deles.

— Achei que eles quisessem recriar a reação que os transformou em etéreos — falei. — Só que maior e melhor. "Fazer certo dessa vez" — falei, fazendo aspas no ar.

Bentham franziu o cenho.

— Onde você ouviu isso?

— Um acólito nos disse pouco antes de morrer — disse Emma. — Ele disse

que era por isso que precisavam de todas as *ymbrynes*. Para tornar a reação mais poderosa.

— Isso não faz nenhum sentido — disse Bentham. — Provavelmente apenas uma história falsa para colocar vocês na pista errada. Embora seja possível que o acólito que contou essa mentira acreditasse nela. Só o círculo mais íntimo de Jack sabe da busca por Abaton.

— Mas se eles não precisam das *ymbrynes* para sua reação, por que se dar ao trabalho de raptá-las? — perguntei.

— Porque a fenda perdida de Abaton não está apenas perdida — disse Bentham. — Segundo a lenda, antes de se perder, ela também foi trancada por *ymbrynes*. Doze delas, para ser exato, que se reuniram de doze cantos distantes do mundo peculiar. Para tornar a abrir Abaton, se você conseguir encontrá-la, seriam necessárias as mesmas doze *ymbrynes*, ou suas sucessoras. Então não é surpresa que meu irmão tenha sequestrado exatamente doze *ymbrynes*, que ele passou muitos anos caçando e localizando.

— Eu sabia — falei. — Tinha que ser algo mais que apenas recriar a reação que os transformou em etéreos.

— Então ele encontrou — disse Emma. — Caul não teria entrado em ação e raptado as *ymbrynes* se não soubesse onde fica Abaton.

— Achei que você tivesse dito que era uma lenda — falei. — Agora está falando como se fosse real. Qual das duas opções?

— A posição oficial do Conselho de *Ymbrynes* é que a Biblioteca de Almas não passa de uma história — disse Bentham.

— Não ligo para o que diz o Conselho — disse Emma. — O que *você* diz?

— Minhas opiniões são muito pessoais — respondeu ele evasivamente. — Mas se a Biblioteca for real e Jack conseguir abri-la, ele ainda não vai conseguir roubar suas almas. Ele não sabe, mas precisa de um terceiro elemento, uma terceira chave.

— E qual é? — perguntei.

— Ninguém pode pegar os vasos de almas. Para quase todo mundo, eles seriam invisíveis e intangíveis. Nem as *ymbrynes* podem tocá-los. Nas histórias, só adeptos especiais, chamados bibliotecários, conseguem vê-los e manuseá-los, e há mil anos não nasce um bibliotecário. Se a Biblioteca existe, Jack vai encontrar apenas estantes vazias.

— Bom, isso é um alívio — falei.

— Sim e não — disse Emma. — O que ele vai fazer quando descobrir que as *ymbrynes*, que passou tanto tempo caçando, não lhe servem de nada? Vai ficar

furioso!

— É isso o que mais me preocupa — disse Bentham. — Jack tem um gênio ruim, e quando o sonho que ele acalenta há tanto tempo morrer...

Tentei imaginar o que isso representava (todas as torturas de que um homem como Caul seria capaz), mas minha mente afastou a ideia. Aparentemente, os mesmos horrores tinham sido transmitidos a Emma, porque o que ela disse em seguida foi duro e carregado de raiva:

— Nós vamos resgatá-las.

— Temos um objetivo em comum — disse Bentham. — Destruir meu irmão e seus semelhantes, e salvar minha irmã e as dela. Juntos, creio que podemos fazer os dois.

Naquele momento, ele pareceu tão pequeno, afundado no sofá enorme com a bengala apoiada nas pernas raquíticas, que eu quase ri.

— Como? — perguntei, incrédulo. — Precisaríamos de um exército.

— Incorreto — retrucou ele. — Os acólitos poderiam repelir com facilidade um exército. Por sorte, temos algo ainda melhor do que isso. — Ele olhou para Emma e para mim, os lábios se curvando em um sorriso. — Temos vocês dois. E, para sua sorte, vocês têm a mim. — Bentham se apoiou na bengala e se levantou devagar. — Precisamos botar vocês dois dentro da fortaleza.

— Ela parece bem impenetrável — falei.

— Porque é, dentro dos padrões normais — respondeu Bentham. — Nos anos em que o Recanto do Demônio era uma fenda de prisão, ela foi projetada para deter o pior do pior. Depois que os acólitos voltaram para cá, eles a adotaram como lar, e o que tinha sido uma prisão à prova de fugas se tornou sua fortaleza impenetrável.

— Mas o senhor sabe como entrar — sugeriu Emma.

— Talvez, se vocês puderem me ajudar — disse Bentham. — Quando Jack e seus acólitos vieram, eles roubaram o coração do Polifendador. Eles me forçaram a quebrar minha própria máquina, copiar suas fendas e recriá-las no interior de sua fortaleza para que pudessem continuar seu trabalho em um local mais protegido.

— Então existe... *outro* Polifendador? — falei.

Bentham assentiu.

— O meu é o original, e o deles é a cópia. Os dois estão ligados e há portais em ambos que levam um ao outro.

Emma se endireitou no assento.

— Quer dizer que podemos usar sua máquina para entrar na deles?

— Correto.

— Então por que o senhor não fez isso? — indaguei. — Por que não fez isso há anos?

— Jack quebrou minha máquina de maneira tão definitiva que eu achei que ela jamais poderia ser consertada — disse Bentham. — Por anos, apenas um quarto permaneceu funcional: o que leva à Sibéria. Mas, apesar de termos buscado com insistência, não encontramos uma passagem por lá para a máquina de Jack.

Lembrei-me do homem que víramos observando o interior da fenda na geleira, à procura, aparentemente, de uma porta afundada na neve.

— Precisamos abrir outras portas, outros quartos — disse Bentham. — Mas, para fazer isso, preciso de uma reposição adequada para a peça que Jack roubou, o dínamo no coração do meu Polifendador. Desconfiava fazia muito tempo de que haveria algo que talvez funcione, uma coisa muito poderosa e perigosa que, apesar de existir bem aqui no Recanto do Demônio, nunca me tinha sido possível obter. Até agora.

Ele se virou para mim.

— Meu garoto, eu preciso que você me traga um etéreo.

* * *

Concordei, é claro. Naquele momento, eu teria dito sim a qualquer coisa se achasse que pudesse ajudar a libertar nossos amigos. Entretanto, só depois de dizer isso e de Bentham ter fechado a mão em torno da minha é que me ocorreu que eu não tinha ideia de onde *conseguir* um etéreo. Eu tinha certeza de que havia muitos no interior da fortaleza dos acólitos, mas já havíamos determinado que não havia como entrar lá. Foi quando Sharon saiu das sombras que estavam crescendo nos cantos da sala e nos deu uma boa notícia.

— Lembram-se de seu amigo que foi esmagado por uma ponte que caiu? Na verdade, ele não está totalmente morto. Eles o tiraram do Valão há algumas horas.

— Eles? — falei.

— Os piratas. Eles o acorrentaram e o puseram em uma jaula no fim da Rua do Lodo. Soube que está provocando um tumulto e tanto.

— É isso, então — disse Emma, ficando tensa de tão empolgada. — Vamos roubar o etéreo e trazê-lo para cá, reiniciar a máquina do sr. Bentham, abrir uma porta para dentro da fortaleza dos acólitos e trazer nossos amigos de volta.

— Simples! — disse Sharon, e deu uma risada. — Exceto pela última parte.

— E a primeira — falei.

Emma parou perto de mim.

— Desculpe, amor. Eu ofereci seus serviços sem perguntar. Você acha que consegue lidar com esse etéreo?

Eu não tinha certeza. Era verdade que eu conseguira fazê-lo executar alguns movimentos espetaculares no Valão da Febre, mas controlá-lo como se fosse um filhote e conduzi-lo por todo o caminho até a casa de Bentham era pedir muito de minhas habilidades rudimentares. Minha confiança, também, estava baixa como nunca depois de meu último encontro desastroso. Mas tudo dependia de eu ser capaz de fazer isso.

— Claro que consigo — demorei demais para dizer. — Quando podemos ir?

Bentham bateu palmas.

— É esse o espírito!

O olhar de Emma permaneceu em meu rosto. Ela percebia que eu estava fingindo.

— Podem partir assim que estiver pronto — disse Bentham. — Sharon vai ser seu guia.

— Não podemos esperar — disse Sharon. — Depois que os locais se divertirem com aquele etéreo, acho que vão matá-lo.

Emma ergueu a frente do vestido de babados.

— Nesse caso, acho que devíamos trocar de roupa.

— É claro — disse ele, e mandou que Nim fosse nos buscar roupas mais adequadas para nossa tarefa.

Ele retornou um minuto depois, trazendo botas de solado grosso e calças e jaquetas de trabalho modernas: pretas, impermeáveis e com tecido meio elástico.

Fomos para quartos separados nos trocar e em seguida nos encontramos no corredor, apenas Emma e eu em nossas roupas de aventura. Grosseiras e sem forma, elas deixavam Emma com aparência levemente masculinizada (apesar de não de um jeito ruim), mas ela não reclamou. Apenas amarrou o cabelo para trás, ergueu a cabeça em posição de sentido e me fez continência.

— Sargento Bloom se apresentando para o serviço.

— O soldado mais bonito que eu já vi — falei, fazendo uma imitação terrível de Jon Wayne.

Havia uma correlação direta entre meu nível de nervosismo e a quantidade de piadas idiotas que eu fazia. E naquele momento eu estava praticamente

tremendo, meu estômago uma torneira vazando e pingando ácido por todas as minhas entranhas.

— Acha mesmo que podemos fazer isso? — falei.

— Acho.

— Você nunca duvida, não é?

Emma sacudiu a cabeça.

— A dúvida é como um furo de alfinete em um bote de borracha.

Ela se aproximou, e nos abraçamos. Senti seu corpo tremendo muito de leve. Ela não era à prova de balas. Eu sabia que minha fé vacilante em mim mesmo estava começando a abrir um buraco na dela, e a confiança de Emma era o que mantinha tudo unido. Era o bote salva-vidas.

Eu passara a ver sua confiança em mim como algo irresponsável. Para ela, parecia que era só eu estalar os dedos para fazer etéreos dançarem. Como se eu estivesse permitindo alguma fraqueza interna bloquear minha habilidade. Parte de mim se ressentia disso, e parte de mim se perguntava se talvez ela estivesse certa.

A única maneira de descobrir era se aproximar do etéreo com uma crença inabalável de que eu podia dominá-lo.

— Eu gostaria de me ver como você vê — sussurrei.

Ela me abraçou mais apertado, e eu decidi tentar.

Sharon e Bentham chegaram ao corredor.

— Prontos? — perguntou Sharon.

Nós nos soltamos.

— Prontos — falei.

Bentham apertou minha mão, depois a de Emma.

— Estou muito feliz que estejam aqui — disse ele. — É prova, acho, de que as estrelas estão começando a se alinhar a nosso favor.

— Espero — disse Emma.

Estávamos prestes a sair quando me veio à mente uma pergunta que eu queria fazer o tempo todo, e me ocorreu que, no pior dos casos, aquela poderia ser minha última chance de perguntar.

— Sr. Bentham, não conversamos sobre meu avô. Como o senhor o conheceu? Por que estava procurando por ele?

As sobrancelhas de Bentham se ergueram abruptamente e ele deu um sorriso rápido, como se quisesse encobrir o momento de surpresa.

— Estava com saudade dele, só isso — disse. — Éramos velhos amigos, e esperava tornar a vê-lo um dia.

Eu sabia que essa não era toda a verdade e via que Emma também sabia disso, mas não havia tempo para investigar mais a fundo. Naquele momento, o futuro era uma preocupação muito maior que o passado.

Bentham ergueu a mão para se despedir.

— Cuidado lá fora — disse ele. — Estarei aqui, preparando meu Polifendador para o retorno triunfante da missão. — Em seguida, voltou mancando até sua biblioteca, e o ouvimos gritar para o urxinim: — PT, levante-se! Temos trabalho a fazer!

Sharon nos conduziu por um corredor comprido, balançando o cajado de madeira e batendo os pés enormes e descalços no chão de pedra. Quando chegamos à porta que dava para a rua, ele parou, abaixou-se para ficar de nossa altura e expôs suas regras básicas.

— É perigoso aonde vamos. Restam pouquíssimas crianças peculiares sem dono no Recanto do Demônio, por isso as pessoas vão notar vocês. Não falem a menos que se dirijam a vocês. Não olhem ninguém nos olhos. Sigam-me a uma pequena distância, mas nunca me percam de vista. Vamos fingir que vocês são meus escravos.

— O quê? — disse Emma. — Não vamos, *não*.

— É o mais seguro a fazer — disse Sharon.

— É humilhante!

— É, mas vai levantar menos suspeitas.

— Como fazemos isso? — perguntei.

— Façam apenas o que eu disser, imediatamente e sem questionar. E mantenham uma expressão levemente vidrada.

— Sim, mestre — falei roboticamente.

— Não assim — disse Emma. — Ele quer que a gente imite as crianças daquele lugar horrível da Rua da Depravação.

Relaxei o rosto e disse com voz inexpressiva:

— Olá, somos todos muito felizes aqui.

Emma estremeceu e virou o rosto.

— Muito bom — disse Sharon, e depois olhou para Emma. — Agora, você.

— Se somos obrigados a isso — disse ela —, vou fingir ser muda.

Isso bastava para Sharon. Ele abriu a porta e nos botou para fora no fim de tarde.

---

* Em português, respectivamente: “tagarela-europeu”, “corrupião” e

“mergulhão”. (N. da E.)

CAPÍTULO CINCO

O ar lá fora era uma sopa amarelada de aspecto tóxico, tão intenso que eu não conseguia dizer a posição do sol no céu, só sabia que devia estar caminhando para o fim da tarde, a luz lentamente se esvaindo. Andávamos alguns passos atrás de Sharon, nos esforçando para acompanhar sempre que ele avistava algum conhecido na rua e acelerava para evitar conversar. As pessoas pareciam conhecê-lo; ele tinha uma reputação, e acho que estava com medo de a arruinarmos.

Seguimos pela estranhamente alegre Rua do Lodo, com suas flores em jardineiras nas janelas e casas pintadas com cores vivas, e entramos na Rua do Caramujo, onde o calçamento dava lugar a lama, e as casas, a cortiços decrépitos. No fim de um beco sem saída miserável, alguns homens estavam reunidos, todos de chapéu puxado tão para baixo que a aba quase chegava aos olhos. Eles pareciam estar de guarda na porta de uma casa com as janelas em blecaute. Sharon nos disse para ficar ali, e esperamos enquanto ele foi conversar com eles.

O ar cheirava levemente a gasolina. Ao longe, vozes altas e risos irrompiam e silenciavam, irrompiam e silenciavam. Era o som de homens em um bar de esportes assistindo a um jogo, só que não podia ser isso; esse era um som estritamente moderno, e não havia televisões ali.

Um homem com a calça respingada de lama saiu da casa. Quando a porta se abriu, as vozes ficaram mais altas e em seguida se calaram quando a porta bateu. Ele atravessou a rua carregando um balde. Nós nos viramos, observando enquanto ele caminhava na direção de algo que eu não havia notado: dois filhotes de urso acorrentados a um poste serrado na beira da rua. Era muito triste olhar para eles. Tinham pouco mais de um metro de folga em suas correntes e estavam sentados no chão enlameado observando o homem se aproximar, as orelhas peludas achatadas para trás, aparentando algo como medo. O homem derramou alguns restos pútridos diante deles e saiu sem dizer uma palavra. Toda a cena me deixou extremamente deprimido.

— São urxinins em treinamento — disse Sharon, e nos viramos e o vimos parado. — Esportes sangrentos são um grande negócio por aqui, e lutar contra um urxinim é considerado o maior desafio. Lutadores iniciantes precisam dar um jeito de treinar, então começam enfrentando filhotes.

— Isso é horrível — falei.

— Os urxinins, porém, têm o dia de folga, graças à nossa criatura. — Sharon apontou para a casinha. — Ele está ali dentro, nos fundos. Mas, antes de entrarmos, devo avisar: este é um antro de ambrosia, e vai haver peculiares aí que estão completamente fora de si. Não falem com eles, e, o que quer que vocês façam, não olhem nos olhos deles. Conheço pessoas que ficaram cegas assim.

— Como assim, ficaram cegas? — falei.

— Exatamente isso. Agora me sigam e não façam mais nenhuma pergunta. Escravos não questionam seus donos.

Vi Emma cerrar os dentes. Seguimos Sharon quando ele se dirigiu aos homens reunidos junto da porta da casa.

Sharon falou com os homens. Eu me esforcei para tentar escutar enquanto mantinha uma distância razoável para um escravo e desviava os olhos. Um deles disse a Sharon que havia uma "taxa de entrada", e ele sacou uma moeda da capa e pagou. Outro perguntou sobre nós.

— Ainda não dei nome — disse Sharon. — Comprei ontem. Ainda estão muito verdes, não ouso tirar os olhos de cima deles.

— É isso mesmo? — perguntou o homem ao se aproximar de nós. — Não têm nomes?

Sacudi a cabeça, fazendo-me de mudo como Emma. O homem nos olhou de cima a baixo. Eu queria sair da minha pele.

— Eu já não o vi em algum lugar? — indagou, inclinando-se para mais perto.

Eu não respondi nada.

— Talvez na vitrine do Lorraine's — sugeriu Sharon.

— Não — disse o homem, e acenou com a mão. — Ah, tenho certeza de que vou me lembrar.

Arrisquei olhar diretamente para ele só depois que ele tinha virado para outro lado. Se fosse um pirata do Valão, não era um daqueles com os quais nós tivéramos problemas. Ele tinha uma atadura sobre o queixo e outra na testa. Vários outros homens tinham curativos semelhantes, e um usava tapa-olho. Eu me perguntei se eles haviam se ferido lutando contra urxinins.

O homem do tapa-olho abriu a porta para nós.

— Divirtam-se — disse ele. — Mas eu não os mandaria para a jaula hoje, a menos que esteja pronto para varrê-los do chão.

— Só viemos assistir e aprender — disse Sharon.

— Homem esperto.

Acenaram para que entrássemos, e fomos depressa bem atrás de Sharon, ansiosos para escapar dos olhares à espreita na porta. Sharon, com seus mais de dois metros, teve que se curvar para passar pela porta, e ficou curvado o tempo todo em que estávamos lá dentro, de tão baixo que era o teto. O aposento em que entramos era escuro e fedia a fumaça, e até que meus olhos se ajustassem eu só conseguia ver pontos esparsos de uma ofuscante luz laranja. Lentamente, o lugar tornou-se visível, iluminado por candeeiros a óleo de pavio tão curto que emitiam pouco mais de luz que fósforos. Era longo e estreito, com camas beliche embutidas nas paredes como nas entranhas sem luz de um navio oceânico.

Eu tropecei em algo e quase perdi o equilíbrio.

— Por que está tão escuro aqui? — murmurei, já quebrando minha promessa de não fazer perguntas.

— Os olhos ficam sensíveis quando passam os efeitos da ambrosia — explicou Sharon. — Até uma luz fraca do dia é quase insuportável.

Foi quando percebi as pessoas nas camas, algumas deitadas dormindo, outras sentadas em ninhos de lençóis amarfanhados. Elas nos observavam, fumando indiferentemente e falando em murmúrios. Algumas falavam sozinhas, desfiando monólogos incompreensíveis. Várias tinham o rosto enfaixado, como os homens na porta, ou usavam máscara. Quis perguntar sobre as máscaras, mas queria ainda mais pegar aquele etéreo e ir embora dali.

Abrimos uma cortina de contas penduradas e entramos em uma sala um pouco mais iluminada e consideravelmente mais cheia que a primeira. Havia um homem corpulento de pé em uma cadeira junto à parede oposta, indicando as pessoas para uma de duas portas.

— Lutadores à esquerda, espectadores à direita! — gritava. — Façam suas apostas no salão!

Ouvi gritos a algumas salas de distância, e no momento seguinte a multidão se abriu para permitir a passagem de três homens, dois dos quais arrastando o terceiro, que estava inconsciente e sangrando. Eles foram seguidos por assovios e vaias.

— É assim que são os perdedores! — berrou o homem na cadeira. — E assim — disse ele, apontando para uma sala lateral — é que são os covardes.

Espiei no interior, onde havia dois homens sob guarda em estado lastimável para que todos vissem. Estavam cobertos de alcatrão e penas.

— Que eles sejam uma lembrança — disse o homem. — Todos os lutadores devem passar dois minutos na jaula, no mínimo!

— E o que é você? — perguntou Sharon a mim. — Um lutador ou um espectador?

Senti um aperto no peito enquanto tentava imaginar o que estava prestes a acontecer: eu não ia apenas domar aquele etéreo, mas fazê-lo diante de uma plateia violenta e potencialmente hostil, e em seguida tentar sair. Eu me vi torcendo para que ele não estivesse ferido demais, porque tinha a sensação de que iria precisar de sua força para abrir uma saída para nós. Aqueles peculiares não iam abrir mão de seu brinquedo novo sem uma briga.

— Lutador — falei. — Para controlar ele de verdade, vou ter que chegar perto.

Emma me encarou e sorriu. *Você consegue*, disse seu sorriso, e eu soube, naquele momento, que conseguiria. Entrei pela porta dos lutadores com confiança renovada, seguido por Sharon e Emma.

A confiança durou aproximadamente quatro segundos, que foi o tempo que levou para eu entrar na sala e perceber o sangue empoçado e espalhado por todo o chão e as paredes. Chegava a formar um rio que conduzia a um corredor iluminado e saía por uma porta aberta, através da qual eu via outra multidão e, logo depois, as barras de uma grande jaula.

Gritos estridentes vieram de fora. O combatente seguinte estava sendo chamado.

Um homem emergiu da penumbra de uma sala à nossa esquerda. Estava com o peito nu e usava uma máscara branca simples. Ele parou no fim do corredor por um instante, como se reunisse coragem. Então jogou a cabeça para trás e ergueu um pequeno frasco de vidro.

— Não olhem — disse Sharon, nos empurrando contra uma parede.

Mas eu não consegui me controlar.

Lentamente, o homem derramou líquido negro do frasco em cada um dos buracos dos olhos da máscara. Em seguida, jogou fora o frasco vazio, baixou a cabeça e começou a gemer. Por alguns segundos, ele pareceu paralisado, mas aí seu corpo estremeceu, e dois cones de luz branca se projetaram dos buracos dos olhos da máscara. Mesmo na sala iluminada eles eram nítidos.

Emma levou um susto. O homem, que achava estar sozinho, se virou em nossa direção, surpreso. Os feixes de luz de seus olhos passaram sobre nossa cabeça, e a parede acima de nós ficou chamuscada.

— Só de passagem! — explicou Sharon, com um tom que conseguia dizer ao mesmo tempo *Olá, amigo!* e *Por favor, não nos mate com essas coisas*.

— Passem, então — resmungou o homem.

A essa altura, os feixes de luz estavam começando a diminuir em seus olhos e, no momento em que ele se virou, tremeluziram e apagaram. O homem desceu o corredor e saiu, deixando duas pequenas nuvens de fumaça se revolvendo em seu rastro. Depois que ele se foi, arrisquei olhar para o papel de parede acima de nossas cabeças. Duas marcas de queimado amarronzadas marcavam a trilha feita na parede pela luz. Graças a Deus ele não tinha me olhado nos olhos.

— Antes de darmos sequer mais um passo — falei para Sharon —, acho melhor você explicar essa coisa.

— Ambrosia — disse Sharon. — Os lutadores tomam para aumentar suas habilidades. O problema é que não dura muito, e quando termina, você fica mais fraco que antes. Se você faz dela um hábito, sua habilidade se reduz a quase nada, até que você toma mais ambrosia. Em pouco tempo você está tomando não só para lutar, mas para usar seus poderes peculiares. Você se torna dependente do fornecedor. — Ele apontou com a cabeça para a sala à nossa direita, onde murmúrios criavam um contraponto estranho aos grupos barulhentos do lado de fora. — Foi o maior truque já armado pelos acólitos, fazer essa coisa. Ninguém aqui vai traí-los, não enquanto estiverem viciados em ambrosia.

Espiei no interior da sala para ver qual a aparência de um traficante de drogas peculiar e captei um vislumbre de uma pessoa com uma máscara barbada bizarra flanqueada por dois homens com armas nas mãos.

— O que aconteceu com os olhos daquele homem? — perguntou Emma.

— Os feixes de luz são um dos efeitos colaterais — disse Sharon. — Outro é que, dentro de alguns anos, a ambro derrete seu rosto. É assim que você conhece os usuários pesados: eles usam máscaras para esconder o dano.

Enquanto eu e Emma trocávamos um olhar de repulsa, uma voz no interior da sala nos chamou.

— Olá, vocês — disse o traficante. — Entrem aqui, por favor.

— Desculpe — falei. — precisamos ir...

Sharon cutucou meu ombro e chiou.

— Você é um escravo, lembra?

— Ah, sim, senhor — falei, e fui até a porta.

O homem mascarado estava sentado em uma cadeirinha em uma sala com afrescos pintados nas paredes. Ele se mantinha em uma imobilidade incômoda, um braço descansando sobre uma mesa lateral e as pernas cruzadas. Seus pistoleiros ocupavam dois cantos da sala, e em outro havia um baú de madeira sobre rodas.

— Não tenha medo — disse o traficante, gesticulando para que eu entrasse. — Seus amigos podem vir, também.

Avancei dois passos na sala, com Sharon e Emma logo atrás de mim.

— Nunca vi você por aqui antes — disse o traficante.

— Acabei de comprar — disse Sharon. — Ele não tem nem um...

— Eu estava falando com você? — respondeu o traficante, bruscamente, e Sharon ficou quieto. — Não, eu não estava.

O traficante esfregou a barba falsa e pareceu me analisar através dos olhos vazados da máscara. Eu me perguntei como seria sua aparência por baixo, e quanto de ambrosia seria preciso derramar no rosto para derretê-lo. Então senti um calafrio e desejei não ter imaginado.

— Você está aqui para lutar — disse ele.

Confirmei.

— Bem, você está com sorte. Acabei de receber um lote de ambro de primeira qualidade, então suas chances de sobreviver aumentaram incrivelmente!

— Não preciso de nada, obrigado.

Ele olhou para seus pistoleiros à procura de alguma reação, mas eles permaneceram com uma expressão pétrea, e riu.

— Isso aí fora é um etéreo, sabia? Já ouviu falar neles?

Eles eram tudo em que eu conseguia pensar, especialmente naquele ali fora. Eu estava desesperado para seguir meu caminho, mas aquele cara assustador nitidamente controlava o lugar, e irritá-lo seria um problema a mais.

— Já ouvi falar neles — respondi.

— E como acha que vai se sair contra um?

— Acho que vou me sair bem.

— Apenas bem? — O homem cruzou os braços. — O que quero saber é: devo apostar dinheiro em você? Você vai ganhar?

Eu lhe disse o que ele queria ouvir.

— Sim.

— Bom, nesse caso, você vai precisar de ajuda.

Ele ficou de pé, foi até o armário de remédios e abriu as portas. O interior cintilou com frascos de vidro, fileiras deles, todos cheios até a borda com um líquido escuro, com rolhas pequeninas tampando os gargalos. O sujeito destampou um deles e o levou até mim.

— Tome — disse ele, estendendo o frasco. — Isso amplia seus melhores atributos em dez vezes.

— Não, obrigado — falei. — Eu não preciso.

— É o que todos dizem no início. Depois que apanham, e se sobrevivem para isso, todos tomam.

Ele girou o frasco em sua mão e o ergueu contra a luz fraca. A ambrosia no interior se agitou com partículas brilhantes e prateadas. Eu olhei fixamente, mesmo a contragosto.

— De que é feita? — perguntei.

Ele riu.

— Teia de aranha e asa de morcego. — Ele o estendeu outra vez em minha direção. — Sem custo.

— Ele disse que não quer — disse Sharon bruscamente.

Achei que o traficante fosse agredi-lo, mas em vez disso inclinou a cabeça na direção de Sharon e disse:

— Eu não conheço você?

— Acho que não — respondeu Sharon.

— Claro que sim — disse o traficante, balançando a cabeça afirmativamente. — Você era um dos meus melhores clientes. O que aconteceu?

— Larguei o vício.

O traficante se aproximou.

— Parece que você esperou demais — disse ele, e puxou de maneira provocadora o capuz de Sharon.

Sharon segurou a mão do traficante. Os guardas ergueram as armas.

— Cuidado — disse o traficante.

Sharon o segurou por mais um instante e o soltou.

— Agora — disse o traficante, virando-se em minha direção. — Você não vai recusar uma amostra grátis, vai?

Eu não tinha a menor intenção de tirar a rolha daquilo, mas parecia que a melhor maneira de acabar com a situação era aceitar. Então foi o que fiz.

— Bom rapaz — disse o traficante, e nos enxotou da sala.

— Você era viciado? — sussurrou Emma para Sharon. — Por que não nos contou?

— Que diferença teria feito? — disse Sharon. — Sim, eu tive alguns anos ruins. Aí Bentham me acolheu e fez com que eu me livrasse da droga.

Eu me virei para olhá-lo, tentando imaginar.

— Bentham fez isso?

— Como eu disse, devo minha vida ao homem.

Emma pegou o vidro e o ergueu. Sob a luz mais forte, as partículas prateadas no interior do líquido negro brilhavam como pequenos flocos de sol. Era hipnotizante, e não consegui deixar de imaginar, apesar dos efeitos colaterais, como algumas gotas poderiam ampliar minhas habilidades.

— Ele não falou o que tem aí dentro — disse Emma.

— Nós — disse Sharon. — Pequenos pedaços de nossas almas roubadas, esmagadas e servidas pelos acólitos. Uma parte de todo peculiar que eles sequestram acaba em um vidro como esse.

Emma empurrou o frasco para longe, horrorizada. Sharon o pegou e guardou em sua capa.

— Nunca se sabe quando um desses pode ser útil — disse ele.

— Não posso acreditar que você tomou esse negócio, ainda mais sabendo do que é feito.

— Eu nunca disse que tinha orgulho de mim.

Todo o esquema diabólico era perfeito em sua maldade. Os acólitos tinham transformado os peculiares do Recanto do Demônio em canibais, famintos pelas próprias almas. Viciá-los em ambrosia garantia o controle sobre a população. Se não libertássemos logo nossos amigos, as almas deles seriam as próximas a encher aqueles vidros.

Ouvi o rugido do etéreo, soando como um grito de vitória, e o homem que víramos tomar ambrosia um minuto antes foi arrastado pela porta e passou por nós no corredor, sangrando e inconsciente.

Minha vez, pensei, e uma onda de adrenalina me fez estremecer.

* * *

Nos fundos do antro de ambrosia havia um pátio murado cuja peça central era uma jaula isolada de cerca de quatro metros quadrados, as barras grossas facilmente capazes de conter um etéreo, ao que parecia. Uma linha fora pintada na terra a uma distância da jaula que correspondia aproximadamente ao

alcance das línguas do etéreo, e o público, composto de cerca de quarenta peculiares de aparência grosseira, tinha sabiamente se posicionado atrás dela. Havia jaulas menores em torno dos muros do pátio, no interior das quais um tigre, um lobo e o que parecia um urxinim adulto (animais de menor interesse, ao menos em comparação com um etéreo) eram mantidos para lutar outro dia.

A atração principal podia ser vista andando de um lado para outro no interior da jaula grande, acorrentada a uma estaca pesada de ferro por uma corrente em torno do pescoço. Seu estado era tão lastimável que fiquei tentado a sentir pena dele. O etéreo havia sido pintado com tinta branca e estava manchado de lama em algumas partes, o que o deixava visível para todos, mas também com um aspecto um pouco ridículo, como um dálmata ou um mímico. Mancava muito e deixava trilhas de sangue negro, e suas línguas musculosas, que normalmente estariam chicoteando o ar antes de uma luta, arrastavam-se inertes atrás dele. Ferido e humilhado, ele estava longe da visão assustadora à qual eu havia me acostumado, mas o público, que nunca vira um etéreo, parecia impressionado. O que fazia sentido: mesmo naquele estado muito prejudicado, a criatura conseguira nocautear vários lutadores em sequência. Ele ainda era muito perigoso e muito imprevisível. E era por isso, imaginei, que havia homens com armas a postos em volta do pátio. Era melhor prevenir do que remediar.

Eu me aproximei de Sharon e Emma para planejar a estratégia. O problema, concordamos, não era me colocar na jaula com o etéreo. Não era nem controlá-lo, pois estávamos trabalhando com a suposição de que eu conseguiria fazer isso. O problema seria tirar o etéreo dali, levá-lo para longe daquelas pessoas.

— Você acha que consegue derreter aquela corrente que tem no pescoço dele? — perguntei a Emma.

— Se eu tivesse dois dias para fazer isso — disse ela. — Acho que não dá para explicar para todo mundo que precisamos muito do etéreo e que vamos devolvê-lo depois de terminar, né?

— Você não ia conseguir nem falar a frase inteira — disse Sharon, olhando para o público turbulento. — Isso é mais diversão do que esses meliantes tiveram em anos. Sem chance.

— Próximo lutador! — gritou uma mulher que observava de uma janela no segundo andar.

Longe da plateia, um pequeno grupo de homens discutia sobre qual deles iria lutar em seguida. Já havia bastante sangue encharcando o chão no interior da jaula, e nenhum parecia com pressa para contribuir com mais. Estavam tirando

a sorte no palitinho, e um homem corpulento com o peito nu tinha acabado de pegar o mais curto.

— Sem máscara — disse Sharon, notando o bigode farto do homem e seu rosto relativamente sem cicatrizes. — Deve ser iniciante.

O homem reuniu coragem e se exibiu para o público. Com uma voz alta com sotaque espanhol, disse a eles que nunca havia sido derrotado em uma luta, que ia matar o etéreo e guardar sua cabeça como troféu e que sua habilidade peculiar de cura ultrarrápida tornaria impossível para o etéreo lhe infligir um ferimento mortal.

— Estão vendo essas marcas de beleza? — disse ele, virando-se para exibir uma coleção de cicatrizes feias em forma de garras nas costas. — Foram feitas por um urxinim na semana passada. Tinham três centímetros de profundidade — afirmou ele. — E se curaram no mesmo dia! — Ele apontou para o etéreo na jaula. — Essa coisa velha e enrugada não tem a menor chance!

— Agora o etéreo *sem dúvida* vai matá-lo — disse Emma.

O homem derramou um frasco de ambrosia nos olhos. Seu corpo se enrijeceu, e feixes de luz se projetaram de suas pupilas, deixando marcas de queimadura no chão que pareciam cataratas. Um instante depois, eles se apagaram. Depois de se fortificar assim, ele caminhou com confiança na direção da porta da jaula, onde um homem com um chaveiro grande o recebeu para destrancá-la.

— Fiquem de olho no cara com as chaves — falei. — Podemos precisar delas.

Sharon enfiou a mão no bolso e puxou pelo rabo um rato que se debatia.

— Ouviu isso, Xavier? — disse ele ao rato. — Vá pegar as chaves.

Ele o largou no chão, e o roedor saiu correndo.

O lutador prepotente entrou na jaula e começou a encarar o etéreo. Ele retirara uma faca pequena do cinto e assumira uma postura com os joelhos flexionados, mas, além disso, mostrava pouco apetite por uma luta. Parecia estar usando a lábia para deixar o tempo transcorrer, fazendo um discurso com toda a arrogância e fanfarronice de um lutador profissional.

— Venha me pegar, seu animal! Não estou com medo! Vou cortar suas línguas e fazer um cinto para segurar minhas calças! Vou palitar os dentes com suas unhas e botar sua cabeça na minha parede!

Entediado, o etéreo o observava.

O lutador fez seu show: passou a faca pelo próprio antebraço e, quando o sangue começou a brotar, ergueu o ferimento, que cicatrizou antes que uma única gota atingisse o chão.

— Sou invencível! — gritou. — Não tenho medo!

De repente, o etéreo rugiu e fingiu avançar na direção do homem, o assustando a tal ponto que ele deixou cair a faca e protegeu o rosto com os braços. Parecia que o etéreo tinha se cansado dele.

O público caiu em uma gargalhada desenfreada (e nós também), e o homem, de rosto vermelho de vergonha, se abaixou para pegar a faca. Agora o etéreo estava se movendo em sua direção, as correntes tilintando, as línguas estendidas, mas com as pontas cerradas feito um punho.

Só então o homem se deu conta de que teria que enfrentar o monstro se quisesse resgatar sua dignidade, então deu alguns passos hesitantes à frente enquanto brandia a faca. O etéreo lançou uma de suas línguas pintadas na direção dele. O homem a golpeou com a faca, e acertou em cheio. Cortado, o etéreo guinchou e encolheu a língua e em seguida rosnou para o homem como um gato furioso.

— Isso vai lhe ensinar a não atacar Don Fernando! — gritou o homem.

— Esse cara não aprende nunca — falei. — Provocar etéreos é má ideia.

Ele parecia ter acuado o etéreo, que recuava enquanto o homem se aproximava, ainda gritando e brandindo a faca. Quando o etéreo não podia mais recuar, com as costas contra as barras da jaula, o homem ergueu a faca.

— Prepare-se para morrer, filho do demônio! — gritou ele, e atacou.

Por um instante, eu me perguntei se teria que intervir para salvar o etéreo, mas logo ficou claro que ele havia montado uma armadilha. Estendida frouxa pelo chão por trás do homem estava toda a corrente do etéreo, que a agarrou e puxou violentamente para um lado, mandando Don Fernando voando de cabeça contra uma estaca de metal. *Bonc*, e ele apagou, inerte no chão. Outro nocaute.

Ele tinha sido um fanfarrão tão descarado que a multidão não conseguiu deixar de vibrar.

Uma equipe de homens com tochas e bastões com pontas eletrificadas entrou na jaula e manteve o etéreo longe enquanto o lutador, inconsciente, era arrastado para fora.

— Quem é o próximo? — gritou a árbitra.

Os lutadores restantes trocaram olhares de apreensão e voltaram a discutir. Ninguém queria entrar na jaula.

Exceto por mim.

O desempenho ridículo do homem e o truque do etéreo tinham me dado uma ideia. Não era um plano certeiro, nem mesmo um plano bom, mas era alguma coisa, e isso era melhor que nada. Nós (o etéreo e eu) íamos fingir sua morte.

* * *

Tomei coragem e, como costuma acontecer quando estou fazendo algo um pouco corajoso ou muito idiota, meu cérebro se desconectou do corpo. Eu parecia me observar de longe enquanto acenava um braço para a árbitra e gritava:

— Sou o próximo!

Se até aquele instante eu estava invisível, então todos, público e lutadores, se viraram para me encarar.

— Qual é seu plano? — sussurrou Emma para mim.

Eu tinha um, mas estivera tão concentrado em elaborá-lo que deixara de compartilhar com Emma e Sharon, e agora não tinha tempo para explicar a eles. O que, provavelmente, era melhor. Se eu falasse, temia que parecesse ridículo, ou ainda pior, impossível, e aí eu ia perder a coragem.

— Acho que é melhor se eu simplesmente mostrar a vocês — falei. — Mas com certeza não vai funcionar se não conseguirmos aquelas chaves.

— Não se preocupe, Xavier está encarregado do trabalho — disse Sharon.

Ouvimos um guincho, olhamos para baixo e vimos o rato em questão com um pedaço de queijo na boca. Sharon o pegou e o repreendeu.

— Eu falei *chaves*, não queijo!

— Eu pego as chaves — assegurou Emma. — Só me prometa que você vai voltar inteiro.

Prometi.

Ela me desejou sorte e me beijou na boca. Em seguida, olhei para Sharon, que inclinou a cabeça para mim como que para dizer *Espero que você não esteja esperando um beijo meu também,* e eu apenas ri e caminhei na direção dos lutadores.

Eles estavam me olhando de cima a baixo. Eu tinha certeza de que me achavam maluco, mas nenhum deles tentou me deter. Afinal de contas, se aquele garoto mal-preparado que nem ia tomar um vidro de ambrosia antes da luta queria se lançar contra a fera e cansá-la um pouco, era um presente que eles estavam dispostos a aceitar. E se morresse tentando, era só um escravo

mesmo. Ao pensar nisso, surgiu em mim um ódio por eles, e aquilo me lembrou os pobres peculiares raptados cujas almas extraídas estavam flutuando nos frascos que todos eles seguravam, o que me deixou com ainda mais raiva. Fiz o possível para canalizar toda essa raiva em determinação e concentração inabaláveis, mas era uma distração, acima de tudo.

Mesmo assim, enquanto o homem com as chaves abria a jaula, olhei para dentro e vi, para minha surpresa e satisfação, que não estava sendo assolado por dúvidas, nem assombrado por visões de minha morte iminente, nem por ondas insistentes de terror. Eu já tinha me encontrado e exercido o controle sobre aquele etéreo duas vezes; aquela seria a terceira. Apesar da raiva, eu estava calmo e silencioso, e dentro desse silêncio descobri que as palavras de que precisava estavam à minha espera, prontas para serem ditas.

O homem abriu a porta, e eu entrei na jaula. Ele havia acabado de fechá-la quando o etéreo partiu em minha direção, sacudindo as correntes como um fantasma raivoso.

Linguarudo, não me desaponte agora.

Ergui a mão para esconder a boca e falei, em etéreo gutural:

Pare.

O etéreo parou.

Sente-se, falei.

Ele se sentou.

Fui banhado por uma onda de alívio. Eu não tinha nada com que me preocupar; restabelecer a conexão foi fácil como pegar as rédeas de uma égua velha e dócil. Controlar o monstro era um pouco como lutar com alguém muito menor que eu: ele estava imobilizado e se debatendo, tentando se libertar, mas tão subjugado por minha força que representava pouco perigo. Mas aí a facilidade com que eu controlava o etéreo se transformou por si só em um novo tipo de problema. Não havia jeito simples de tirar o monstro da jaula a menos que todos acreditassem que ele estava morto e não fosse mais uma ameaça, e não havia como alguém acreditar que ele estava morto se minha vitória fosse fácil demais. Eu era um garoto magro sem o estímulo da ambrosia; eu não podia simplesmente lhe dar um tapa e fazer com que tombasse. Para que aquela luta fosse realmente convincente, eu precisava criar um espetáculo.

Como eu o "mataria"? Sem dúvida não com as mãos nuas. Procurando inspiração pela jaula, meus olhos se depararam com a faca do lutador anterior, que ele deixara cair perto da estaca de metal. O etéreo estava parado junto da estaca, o que era um problema, por isso peguei um punhado de cascalho, corri

repentinamente em sua direção e joguei.

Canto, falei outra vez, cobrindo a boca. O etéreo se virou e correu para o canto, dando a impressão de que o punhado de pedras o havia assustado. Aí corri até a estaca, peguei a faca do chão e recuei, um gesto de bravura que me rendeu um assovio de alguém no público.

Raiva, falei, e o etéreo rugiu e agitou as línguas como se estivesse furioso com meu movimento ousado. Olhei para trás e vi Emma no meio do público, e reparei que ela se movia sorrateiramente na direção do homem com as chaves.

Bom.

Eu precisava tornar as coisas difíceis para mim. *Avance sobre mim*, ordenei, e assim que o etéreo deu alguns passos em minha direção eu o mandei lançar uma língua e me segurar pela perna.

Ele fez isso, a língua me acertando com uma pontada de dor e se enrolando duas vezes em minha canela. Aí fiz o etéreo me derrubar e me arrastar em sua direção pelo chão enquanto eu fingia tentar encontrar um lugar para me segurar.

Quando passei pela estaca de metal, joguei os braços em volta dele.

Para cima, falei. *Sem força*.

Apesar de minhas palavras não descreverem muito bem, o etéreo pareceu entender exatamente, como se apenas ao visualizar uma ação em minha cabeça e falar uma ou duas palavras em voz alta eu pudesse transmitir um parágrafo de informação. Então, quando o etéreo puxou para cima enquanto eu me agarrava à estaca, levantando meu corpo no ar, foi exatamente como eu havia imaginado.

Estou ficando bom nisso, pensei, com certa satisfação.

Eu me debati e gemi por alguns segundos no que eu esperava que se parecesse com dor de verdade, então soltei a estaca. O público, esperando que eu estivesse prestes a ser morto no que provavelmente era a luta mais curta até então, começou a caçoar e a me xingar.

Era minha hora de começar a atacar.

Perna, falei. O etéreo mais uma vez lançou uma língua em torno da minha perna.

Puxe.

Ele me puxou enquanto eu chutava e me debatia.

Boca.

Ele abriu a boca como se fosse me engolir inteiro. Virei rapidamente o corpo e cortei a língua em torno de meu tornozelo. Na verdade, não cortei o etéreo,

mas disse a ele para soltar depressa e gritar para dar essa impressão. O etéreo obedeceu, berrando e em seguida recolhendo as línguas para dentro da boca. Para mim, pareceu uma atuação ruim (houve um segundo de diferença entre minha ordem e a resposta), mas aparentemente o público acreditou. As vaias se transformaram em vivas para um confronto que estava ficando interessante, com um adversário fraco que talvez, no fim das contas, tivesse uma chance.

No que eu torci para que não parecesse uma cena de luta de filme barato, o etéreo e eu nos enfrentamos e trocamos alguns golpes. Eu o ataquei, e ele me derrubou. Golpeei com a faca, e ele recuou. Ele uivou e agitou as línguas no ar enquanto rondávamos um ao outro. Ainda o fiz me erguer com a língua e me sacudir (com delicadeza), até (fingi) esfaquear a língua e ele (provavelmente de maneira delicada demais) me derrubar novamente.

Arrisquei olhar outra vez para Emma, que estava parada no meio do grupo de lutadores, perto do homem com as chaves. Ela gesticulou para mim, riscando uma linha sobre a garganta.

Pare de brincar.

Certo. Hora de acabar com aquilo. Respirei fundo, tomei coragem e parti para o *grand finale*.

Corri na direção do etéreo com a faca erguida. Ele lançou uma língua em minhas pernas. Saltei por cima, e ele lançou outra em minha cabeça, da qual me abaixei.

Tudo como planejado.

O que deveria acontecer em seguida era que eu saltaria por cima de outra língua aos meus pés, depois fingiria esfaquear o etéreo no coração, mas, em vez disso, a língua me acertou direto no peito, com a força de um boxeador peso-pesado, jogando-me de costas e me deixando sem ar. Fiquei ali, atônito, incapaz de respirar enquanto o público vaiava.

Para trás, tentei dizer, mas não tinha ar nos meus pulmões.

De repente, ele estava em cima de mim, com as mandíbulas escancaradas e berrando de raiva. O etéreo tinha escapado do meu comando ainda que por um instante, e não estava contente. Eu precisava recuperar o controle, e rápido, mas suas línguas tinham prendido meus braços e uma perna, e seu arsenal de dentes reluzentes se fechava em meu rosto. Eu estava apenas recuperando o fôlego, inalando profundamente o fedor do etéreo, e, em vez de falar, engasguei.

Podia ter sido meu fim não fosse a anatomia estranha dos etéreos: felizmente, ele não podia fechar a boca em volta da minha cabeça com as línguas estendidas. Tinha que soltar meus membros antes de arrancar minha

cabeça a mordidas, e, no momento em que senti sua língua soltar meu braço (o braço com a mão que ainda segurava a faca), fiz a única coisa em que pude pensar para me preservar: esfaqueei para cima.

A faca penetrou fundo na garganta do etéreo. Ele gritou e rolou para longe, com as línguas se agitando e tentando pegar a faca.

O público foi à loucura.

Eu finalmente consegui respirar direito e me sentei para ver o etéreo se debater no chão a alguns metros de distância, o sangue negro jorrando do pescoço ferido. Percebi, sem nem um pingo da satisfação que poderia ter sentido em outras circunstâncias, que eu provavelmente tinha acabado de matar a criatura. *Realmente* matado, o que não era nem de longe o plano. Pelo canto do olho, vi Sharon agitando as mãos abertas para mim, sinal universal de *você acabou de estragar tudo*.

Eu me levantei, determinado a salvar o que pudesse. Retomei o controle sobre o etéreo e disse a ele para relaxar. Que ele não sentia dor. Aos poucos, ele parou de lutar, e suas línguas caíram no chão. Em seguida, caminhei ate ele, arranquei a faca sangrenta de seu pescoço e a ergui para mostrar ao público. Eles gritaram e aplaudiram, e eu fiz o possível para parecer triunfante quando, na verdade, me sentia um fracasso gigantesco. Eu estava com um medo mortal de ter acabado de estragar o resgate de nossos amigos.

O homem com as chaves abriu a porta da jaula, e dois outros correram até lá para conferir o etéreo.

Não se mexa, murmurei enquanto o examinavam, um deles apontando uma arma para a cabeça do etéreo enquanto o outro o cutucou com uma vara e, em seguida, posicionou a mão embaixo de suas narinas.

Não respire.

Ele não respirou. Na verdade, o etéreo se saiu tão bem em fingir estar morto que eu também teria me convencido não fosse pela conexão que ainda havia entre nós.

Os homens acreditaram. O examinador jogou a vara para longe, ergueu meu braço como uma luta de boxe e me declarou vencedor. A multidão vibrou outra vez, e vi dinheiro trocar de mãos, as pessoas que tinham apostado contra mim decepcionadas, resmungando enquanto pagavam em notas.

Logo espectadores estavam entrando na jaula para dar uma olhada melhor no etéreo supostamente morto, Emma e Sharon entre eles.

Emma me abraçou.

— Está tudo bem — disse ela. — Você não teve escolha.

— Ele não está morto — sussurrei. — Mas está ferido. Não sei quanto tempo ele tem. Precisamos sair daqui.

— Então foi bom eu ter conseguido isso — disse ela, botando um chaveiro em meu bolso.

— Rá! — falei. — Você é genial!

Mas, quando me virei para destrancar a corrente do etéreo, me vi bloqueado por um enxame de gente clamando para se aproximar dele. Todo mundo queria dar uma olhada na criatura, tocá-la, arrancar um tufo de seu pelo ou um torrão de terra ensopada de sangue como lembrança. Comecei a enfiar o braço entre elas, mas as pessoas não paravam de me deter para apertar minha mão e me dar tapinhas nas costas.

— Isso foi incrível!

— Tem sorte, garoto.

— Tem *certeza* de que não usou ambrosia?

Durante todo o tempo eu estava entoando baixinho para o etéreo ficar no chão e permanecer se fingindo de morto, porque eu podia senti-lo começar a ficar inquieto, como uma criança que tivesse permanecido sentada por tempo demais. Ele estava nervoso e ferido, e foi necessário até o último grama de minha concentração para impedir que se levantasse e enchesse as mandíbulas com toda a tentadora carne peculiar que o cercava.

Eu tinha finalmente alcançado a corrente do etéreo e estava procurando o cadeado quando o traficante de ambrosia me abordou, sua máscara barbada assustadora a poucos centímetros de meu rosto.

— Acha que não sei o que você está fazendo? — disse ele, acompanhado por seus dois guardas armados. — Você acha que sou cego?

— Não sei do que você está falando.

Por um preocupante segundo, achei que ele tivesse me descoberto e soubesse que o etéreo não estava realmente morto. Mas seus homens não estavam nem olhando para ele.

Ele me pegou pela gola do casaco.

— Ninguém me enrola! Este é o *meu* lugar!

As pessoas começaram a recuar. O cara com certeza tinha má reputação.

— Ninguém está enrolando ninguém — ouvi Sharon dizer às minhas costas. — Apenas se acalme.

— É impossível trapacear um trapaceiro — disse o traficante. — Você vem aqui dizendo que ele é carne fresca, nunca lutou nem com um filhote de urxinim antes, e aí isso? — Ele apontou para o etéreo caído. — Nem em um milhão de

anos!

— Ele está morto! — falei. — Pode conferir, se quiser.

O traficante soltou meu casaco e pôs as mãos em volta do meu pescoço.

— EI! — ouvi Emma dizer.

Os guardas apontaram as armas para ela.

— Minha única pergunta — disse o traficante — é: o que você está vendendo?

Ele começou a apertar minha garganta.

— Vendendo? — falei com dificuldade.

Ele deu um suspiro, irritado por ser forçado a explicar.

— Você vem no *meu* lugar, mata *meu* etéreo e convence *meus* clientes de que não precisam comprar meu produto?

Ele achou que eu fosse um traficante de drogas rival, disposto a dominar seus negócios. Loucura.

E apertou com mais força.

— Solte o garoto — implorou Sharon.

— Se você não toma ambrosia, então o que é? O que você está vendendo?

Tentei responder, mas não conseguia. Eu olhei para as mãos dele, que entendeu minha dica e afrouxou um pouco a pressão.

— Fale — disse ele magnanimamente.

O que eu disse em seguida provavelmente soou como uma tosse seca.

O da esquerda, falei em língua de etéreo. Então o etéreo se sentou como o monstro de Frankenstein ganhando vida, e os poucos peculiares ainda por perto gritaram e correram. O traficante se virou para olhar e eu lhe dei um soco na máscara; os guardas não sabiam em quem atirar primeiro, em mim ou no etéreo.

Essa fração de segundo de indecisão foi sua ruína. No tempo que levou para eles virarem a cabeça, o etéreo tinha lançado todas as suas três línguas no guarda mais próximo. Uma o desarmou enquanto as duas restantes o seguraram pela cintura, o levantaram e o usaram para derrubar o outro.

Restamos apenas eu e o traficante. Ele pareceu entender que era eu quem controlava o etéreo, então caiu de joelhos e começou a implorar.

— Este lugar pode ser seu — falei para ele. — Mas aquele etéreo é *meu*.

Eu o fiz envolver o pescoço do traficante com a língua. Disse a ele que iríamos embora com o etéreo e que a única maneira de ele sobreviver seria nos deixar sair em paz.

— Sim, sim — concordou ele com voz trêmula. — Sim, é claro...

Destranquei o cadeado e desacorrentei o etéreo. Com a multidão observando, Emma, Sharon e eu conduzimos o etéreo claudicante na direção da porta aberta da jaula, com o traficante à nossa frente dizendo “Não atirem! Não atirem!” da melhor forma que podia com uma língua de etéreo enrolada no pescoço.

Trancamos a jaula às nossas costas com a maioria dos espectadores ainda dentro, em seguida saímos pelo antro de ambrosia, de volta pelo caminho por onde havíamos entrado, e chegamos à rua. Fiquei tentado a fazer um pit-stop para destruir o estoque de ambrosia do traficante, mas decidi que não valia o risco. Que se entupissem com aquilo. Além disso, talvez fosse melhor não desperdiçá-la, se houvesse uma mínima chance de aquelas almas roubadas um dia se reunirem com seus donos.

Deixamos o traficante de quatro na sarjeta, tentando respirar, sua máscara pendurada em uma orelha. Estávamos prestes a deixar para trás toda aquela cena repulsiva quando ouvi um pequeno rosnado e me lembrei dos filhotes de urxinim.

Olhei de volta para eles, em agonia. Eles estavam puxando com força as correntes, querendo vir conosco.

— Não podemos — disse Sharon, insistindo para que eu prosseguisse.

Eu podia tê-los deixado se não tivesse avistado Emma. *Faça isso*, articulou ela com os lábios sem emitir som.

— Vai levar apenas um segundo — falei.

No fim, foram necessários quinze segundos para fazer o etéreo arrancar a estaca onde os filhotes estavam acorrentados, e, àquela altura, uma gangue de viciados furiosos tinha se reunido diante do antro de ambrosia. Pareceu valer a pena, porém, quando partimos seguidos por aqueles filhotes, arrastando correntes e estaca, lentos e sobrecarregados, até que meu etéreo, em uma iniciativa própria, os tomou nos braços e os carregou.

* * *

Rapidamente ficou óbvio que tínhamos um problema. Havíamos caminhado apenas algumas quadras, mas as pessoas na rua já tinham percebido o etéreo. Para todo mundo, menos eu, era apenas uma coleção semivisível de manchas de tinta, mas ainda assim atraía atenção. Como não queríamos que ninguém visse aonde estávamos indo, precisávamos encontrar um modo mais sutil de voltar para a casa de Bentham.

Nos esgueiramos por uma rua lateral. No momento em que parei de forçá-lo a andar, o etéreo caiu agachado, exausto. Ele parecia tão frágil ali no chão, sangrando, com o corpo todo encolhido, as línguas recolhidas na boca. Sentindo sua agonia, os filhotes que ele resgatara esfregaram nele o focinho molhado e agitado, e o etéreo reagiu com um rosnado baixo que pareceu quase carinhoso. Não consegui evitar sentir uma pontada de afeto pelos três, quase irmãos distantes.

— Odeio dizer, mas isso é quase fofo — disse Emma.

Sharon escarneceu.

— Pode vestir ele de tutu rosa, se quiser. Ainda assim, é uma máquina de matar.

Nós discutimos maneiras de levá-lo até a casa de Bentham sem que morresse no caminho.

— Eu podia fechar essa ferida no pescoço dele — disse Emma, oferecendo a mão que apenas começava a brilhar.

— Parece arriscado demais — falei. — A dor poderia acabar com o meu controle.

— Talvez a curandeira de Bentham possa ajudar — disse Sharon. — Só precisamos chegar até ela rápido.

Minha primeira ideia foi ir correndo pelos telhados. Se o etéreo tivesse forças, ele poderia ter subido a parede de um prédio nos carregando e seguido para a casa de Bentham fora de vista. Mas naquele instante eu não tinha nem certeza se andar era uma opção. Em vez disso, sugeri que lavássemos a tinta branca do etéreo para que ninguém o visse, apenas eu.

— Não, de jeito nenhum, não senhor — disse Sharon, sacudindo a cabeça vigorosamente. — Eu não confio nessa coisa. Quero ficar de olho nele.

— Ele está sob controle — falei, levemente ofendido.

— Até agora.

— Concordo com Sharon — disse Emma. — Você está indo muito bem, mas o que acontece se você estiver em outra sala, ou pegar no sono?

— Por que eu sairia da sala?

— Para ir ao banheiro? — disse Sharon. — Você está planejando levar seu etéreo de estimação ao toalete?

— Hum — falei. — Acho que vou pensar nisso quando chegar a hora.

— A tinta fica — disse Sharon.

— Está bem — falei, irritado. — Então, o que fazemos?

Uma porta se abriu ruidosamente no beco e dela saiu uma nuvem de vapor.

Um homem emergiu empurrando um carrinho com rodinhas, que estacionou no beco antes de tornar a entrar.

Corri para dar uma olhada. A porta pertencia a uma lavanderia, e o carrinho estava cheio de lençóis sujos. Caberia uma pessoa pequena, ou um etéreo encolhido.

Tenho que admitir: roubei o carrinho. Eu o empurrei de volta até os outros, o esvaziei e fiz com que o etéreo entrasse. Em seguida, empilhamos a roupa suja em cima, pusemos os filhotes de urxinim dentro e empurramos aquilo tudo pela rua.

Ninguém olhou para nós duas vezes.

CAPÍTULO SEIS

Quando chegamos à casa, estava quase escuro. Nim nos conduziu para o hall de entrada, onde Bentham nos aguardava ansioso. Nem se deu ao trabalho de nos cumprimentar.

— Por que vocês trouxeram esses urxinins? — perguntou ele, com os olhos apontando para o carrinho de roupa suja. — Onde está a criatura?

— Aqui.

Desci os filhotes e comecei a remover os lençóis.

Bentham olhava, mas mantinha distância. Os lençóis por cima eram brancos, mas ficavam mais ensanguentados à medida que eu ia tirando, se transformando em um casulo negro quando cheguei ao fundo. Retirei o último e lá estava ele, uma coisa pequena e murcha encolhida em posição fetal. Era difícil acreditar que aquela criatura patética era a mesma que havia me causado tantos pesadelos.

Bentham se aproximou.

— Meu Deus! — exclamou ele, olhando para os lençóis ensanguentados. — O que fizeram com ele?

— Na verdade, fui eu que fiz isso. Não tive escolha — falei.

— Ele estava prestes a engolir a cabeça de Jacob — explicou Emma.

— Você não o matou, matou? — perguntou Bentham. — Ele não nos serve de nada morto.

— Acho que não — falei, e mandei o etéreo abrir os olhos, e ele o fez, muito lentamente. Ainda estava vivo, mas fraco. — Só não sei por quanto tempo ele ainda aguenta.

— Nesse caso, não temos um segundo a perder — disse Bentham. — Precisamos chamar minha curandeira agora e torcer pelos céus para que sua poeira funcione em etéreos.

Nim foi mandado com urgência para buscar a curandeira. Enquanto esperávamos, Bentham nos conduziu até a cozinha e nos ofereceu biscoitos e fruta enlatada. Por causa dos nervos ou de todas as coisas repulsivas que tínhamos visto, nem Emma nem eu estávamos com apetite. Beliscamos a comida por educação enquanto Bentham nos atualizava sobre o que acontecera enquanto estivéramos fora. Ele disse que fizera todos os preparativos necessários na máquina, estava tudo pronto. Só faltava conectar o etéreo.

— Tem certeza de que vai funcionar? — perguntou Emma.

— Tenho toda a certeza de quem nunca sequer tentou — respondeu ele.

— Será que isso não vai machucá-lo? — quis saber, me sentindo estranhamente protetor em relação ao etéreo, mesmo que apenas pelo

trabalhão que tivera com o resgate.

— É claro que não — disse Bentham, indiferente.

A curandeira chegou, e quase gritei de surpresa quando a vi. Não por causa de sua aparência, que era bem estranha, mas porque eu tinha certeza absoluta de já tê-la visto, mesmo sem saber onde, ou como eu consegui me esquecer de um encontro com alguém tão diferente.

As únicas partes visíveis de seu corpo eram o olho e a mão esquerda. O restante estava escondido por trás de dezenas de metros quadrados de tecido: xales, cachecóis, um vestido com a saia armada em forma de sino. Ela parecia não ter a mão direita, e a esquerda estava apoiada nos braços de um rapaz de pele negra e olhos grandes e vivos. Ele usava uma camisa de seda vistosa e um chapéu de aba larga e conduzia a curandeira, como se ela fosse cega ou deficiente.

— Eu sou Reynaldo — disse o jovem, com forte sotaque francês. — E esta é a Mãe Poeira. Eu falo por ela.

A Mãe Poeira se inclinou na direção de Reynaldo e sussurrou algo em seu ouvido. Reynaldo olhou para mim.

— Ela espera que você esteja se sentindo melhor.

Foi então que me dei conta de onde eu a havia visto: em meus sonhos, ou no que eu achava terem sido sonhos, enquanto me recuperava do ataque.

— Sim, muito melhor — falei, nervoso.

Bentham deixou de lado as formalidades.

— Você consegue curar um desses? — perguntou, conduzindo Reynaldo e a Mãe Poeira até o carrinho. — É um etéreo, visível para nós apenas onde foi pintado.

— Ela pode curar qualquer ser que tenha um coração pulsante — disse Reynaldo.

— Então, por favor — suplicou Bentham. — É muito importante que a gente salve a vida dessa criatura.

Por meio de Reynaldo, a Mãe Poeira deu ordens. Tirem a fera do carrinho, disseram, então Emma e eu viramos o etéreo no chão. Coloquem na pia, disseram, então Emma e Sharon me ajudaram a erguê-lo e botar no fundo da pia comprida e funda. Limpamos seus ferimentos com água da torneira, com cuidado para não lavar muito da tinta branca. Em seguida, a Mãe Poeira examinou o etéreo enquanto Reynaldo me pedia para identificar todos os lugares em que ele estava ferido.

— Marion — disse Bentham, se dirigindo informalmente à Mãe Poeira —, você não precisa curar todos os cortes e feridas. Não queremos a criatura em plena forma. Só queremos ela com vida. Entende?

— Sim, sim — disse Reynaldo, sem lhe dar atenção. — Nós sabemos o que estamos fazendo.

Bentham pigarrou e deu as costas, demonstrando com exagero seu descontentamento.

— Agora ela vai fazer a poeira — disse Reynaldo. — Cheguem para trás, e cuidado para não a inalarem, pois coloca você para dormir na hora.

Nós recuamos. Reynaldo prendeu uma máscara contra poeira sobre o nariz e a boca e em seguida desamarrou o xale que envolvia o que restava do braço direito da Mãe Poeira. O coto por baixo tinha apenas alguns centímetros de comprimento e terminava bem acima de onde ficaria o cotovelo.

Com a mão esquerda, a Mãe Poeira começou a esfregar o coto, que liberou um pó branco e fino que ficou suspenso no ar. Prendendo a respiração, Reynaldo passou a mão no ar e recolheu a poeira. Nós assistimos, fascinados e com certa repulsa, até que ele reuniu cerca de trinta gramas, e o braço da Mãe Poeira foi reduzido na mesma quantidade.

Reynaldo transferiu a poeira para a mão de sua mentora. Ela se debruçou sobre o etéreo e soprou um pouco em sua cara da mesma forma que fizera comigo, segundo minhas lembranças. O etéreo a inalou e então teve um espasmo. Todo mundo deu um pulo para trás, menos a Mãe Poeira.

Não se levante, fique quieto, falei, mas nem precisava, pois era uma reação automática ao pó, explicou Reynaldo: o corpo reduzindo a uma marcha mais lenta. Enquanto a Mãe Poeira espalhava mais pó sobre o corte no pescoço do etéreo, Reynaldo nos contou que aquilo podia curar feridas e induzir o sono, dependendo de quanto fosse usado. Enquanto falava, uma espuma branca se desenvolveu em volta do ferimento do etéreo e começou a brilhar. O pó da Mãe

Poeira, disse Reynaldo, era *ela* e, sendo assim, de quantidade limitada. Ela se desgastava um pouco sempre que curava alguém.

— Espero que essa não pareça uma pergunta grosseira, mas por que a senhora faz isso se faz mal para você? — disse Emma.

A Mãe Poeira parou por um instante, se virou para que o olho bom pudesse ver Emma e falou no tom mais alto que já a ouvimos falar, um balbucio embaralhado de alguém sem língua.

Reynaldo traduziu.

— Eu faço — disse ele — porque é assim que fui escolhida para servir.

— Então... obrigada — disse Emma com humildade.

A Mãe Poeira anuiu com um gesto de cabeça e voltou à sua tarefa.

* * *

A recuperação do etéreo não seria instantânea. Ele estava profundamente sedado e só iria despertar depois que se recuperasse dos ferimentos mais graves, um processo que provavelmente levaria a noite toda. Como o etéreo tinha que estar acordado quando Bentham o "conectasse" à sua máquina, a fase dois de nosso plano de resgate teria que aguardar várias horas. Até lá, a maioria de nós estava enfurnada na cozinha: Reynaldo e a Mãe Poeira, que tinha que reaplicar com frequência sua poeira sobre a ferida do etéreo, e Emma e eu, porque eu não me sentia confortável deixando o etéreo sozinho, apesar de ele estar em sono profundo. O etéreo agora era uma responsabilidade minha, do mesmo modo que um bicho sem adestramento era responsabilidade de quem o levara para casa. Emma também ficou por perto, porque eu, de certo modo, tinha me tornado *sua* responsabilidade (e ela, minha), e se eu dormia, ela fazia cócegas para me acordar ou me contava histórias sobre os bons tempos no lar da srta. Peregrine. Bentham verificava de vez em quando, mas na maior parte do tempo estava fazendo varreduras de segurança da casa com Sharon e Nim, paranoico com a possibilidade de que os soldados de seu irmão atacassem a qualquer momento.

Conforme a noite passava, Emma e eu conversamos sobre o que nos aguardava no dia seguinte. Supondo que Bentham conseguisse fazer sua máquina funcionar outra vez, era possível que em questão de horas nos encontrássemos dentro da fortaleza dos acólitos. Poderíamos voltar a ver nossos amigos e a srta. Peregrine.

— Se formos muito sorrateiros e tivermos muita, muita sorte — disse

Emma. — E se...

Ela hesitou. Estávamos sentados lado a lado em um banco comprido de madeira encostado a uma parede, e nesse momento ela se virou de um jeito que não permitia ver seu rosto.

— O quê? — falei.

Ela olhou de volta para mim, com uma expressão sofrida.

— Se eles ainda estiverem vivos.

— Eles estão.

— Não, estou cansada de fingir. A essa altura, os acólitos podem ter coletado as almas dos nossos amigos para fazer ambrosia. Ou, em vez disso, ter percebido que as *ymbrynes* são inúteis e decidido torturá-las, ou podem ter sugado suas almas, ou feito de exemplo para alguém que tenha tentado escapar...

— Pare com isso — falei. — Não faz *tanto* tempo.

— Quando chegarmos lá, serão quarenta e oito horas, pelo menos. E muitas coisas horríveis podem acontecer em quarenta e oito horas.

— A gente não precisa imaginar todas elas. Você parece Horace falando todos os piores cenários possíveis. Não faz sentido a gente ficar se torturando até saber com certeza o que aconteceu.

— Faz, sim. Tem uma razão muito boa para a gente se torturar com isso. Se a gente considerar todas as piores possibilidades e uma delas se revelar verdadeira, não vamos estar totalmente despreparados.

— Eu acho que nunca conseguiria me preparar para uma coisa dessas.

Ela levou as mãos à cabeça e deu um suspiro trêmulo. Era coisa demais em que pensar.

Naquele instante, quis dizer a ela que a amava. Achei que isso pudesse ajudar, nos apoiar em algo sobre o qual estávamos seguros em vez de nos ancorar em incertezas, mas não havíamos dito as palavras um para o outro muitas vezes, e eu não consegui falar naquele momento, diante de dois completos estranhos.

Quanto mais eu pensava no meu amor por Emma, mais isso fazia com que eu me sentisse trêmulo e enjoado, exatamente por nosso futuro ser tão incerto. Eu precisava imaginar um futuro para mim em que Emma também estivesse, mas era impossível visualizar nossas vidas no futuro, mesmo que apenas o dia seguinte. Era uma luta constante, não ter ideia do que o amanhã reservava. Sou cauteloso por natureza, um planejador, alguém que gosta de saber o que tem depois da esquina à frente e da próxima, e toda aquela experiência, desde o

momento em que me aventurei na casca abandonada da casa da srta. Peregrine até então, tinha sido uma longa queda livre no vazio. Para sobreviver, eu tinha que me transformar em uma nova pessoa, alguém flexível, seguro e corajoso. Alguém de quem meu avô ficaria orgulhoso. Mas minha transformação não havia sido total. Esse novo Jacob nascera a partir do antigo, e eu ainda tinha muitos momentos de pavor absoluto, além de desejar jamais ter ouvido falar da srta. Peregrine e de querer que o mundo parasse de girar para que eu pudesse apenas relaxar por alguns minutos. Eu me perguntei, com uma dor profunda, qual Jacob amava Emma. Era o novo, que estava pronto para qualquer coisa, ou o antigo, que precisava apenas de algo a que se apegar?

Decidi que não queria pensar nisso naquele momento, o que era um jeito nitidamente do velho Jacob de lidar com as coisas, e me concentrei na distração mais óbvia: o etéreo, e o que iria acontecer quando ele acordasse. Pelo jeito, eu teria que abrir mão dele.

— Eu gostaria de levá-lo com a gente — falei. — Com ele, ia ser muito fácil arrebentar qualquer um que entrasse em nosso caminho. Mas acho que ele tem que ficar para trás para manter a máquina em funcionamento.

Emma ergueu a sobrancelha.

— Não vá se afeiçoar demais. Lembre-se, se você der um mínimo de oportunidade, essa coisa vai comer você vivo.

— Eu sei, eu sei — falei, em meio a um suspiro.

— E talvez não fosse tão fácil arrebentar tudo, tenho certeza de que os acólitos sabem lidar com etéreos. Afinal, eles já *foram* etéreos.

— É um dom único que você tem — disse Reynaldo, falando conosco pela primeira vez em mais de uma hora.

Ele tirara uma folga de monitorar a ferida do etéreo para revirar os armários de Bentham à procura de comida, e agora ele e a Mãe Poeira estavam sentados a uma mesinha dividindo um pedaço de queijo com veios azuis.

— Mas é um dom estranho — respondi. Eu tinha passado um tempo pensando em como era estranho, mas não conseguira articular isso até então. — Em um mundo ideal, não haveria nenhum etéreo. E se não houvesse nenhum etéreo, minha visão especial não teria nada para ver e ninguém iria entender a língua esquisita que eu posso falar. Vocês nem iriam saber que eu tenho uma habilidade peculiar.

— Então é uma coisa boa que você esteja aqui agora — disse Emma.

— É, mas... isso não parece quase aleatório demais? Eu podia ter nascido em qualquer época. Meu avô também. Os etéreos só existem há cem anos, mais ou

menos, mas aconteceu que nós dois nascemos agora, justo quando éramos necessários. Por quê?

— Acho que era para ser assim — disse Emma. — Ou talvez sempre tenham existido pessoas capazes de fazer o que você faz, só que elas nunca souberam. Talvez muitas pessoas passem pela vida sem jamais saber que são peculiares.

A Mãe Poeira se inclinou na direção de Reynaldo e sussurrou algo.

— Ela falou que não é nenhuma das duas coisas — disse Reynaldo. — Seu verdadeiro dom provavelmente não é manipular etéreos, essa é apenas a aplicação mais óbvia.

— O que você quer dizer? O que mais ele poderia ser? — perguntei.

A Mãe Poeira tornou a sussurrar.

— É mais simples que isso — disse Reynaldo. — Do mesmo modo que um violoncelista talentoso não nasceu com aptidão apenas para aquele instrumento, mas para música em geral, você não nasceu apenas para manipular etéreos. Nem você — disse ele a Emma — para fazer fogo.

Emma franziu a testa.

— Tenho mais de cem anos. Acho que, a essa altura, conheço minha habilidade peculiar, e sem dúvida não consigo manipular água, ar ou terra. Acredite em mim, eu tentei.

— Isso não significa que você não possa — disse Reynaldo. — No início da vida, nós reconhecemos alguns talentos em nós mesmos e nos concentramos neles, excluindo outros. Não é que mais nada seja possível, é que mais nada foi cultivado.

— É uma teoria interessante — falei.

— A questão é que não é coincidência você ter a habilidade de manipular etéreos. Seu dom se desenvolveu nessa direção porque isso era necessário.

— Se isso é verdade, então por que nem todos nós podemos controlar etéreos? — disse Emma. — O que Jacob tem seria útil para todo peculiar.

— Porque só o dom básico *dele* era capaz de se desenvolver assim. Em épocas anteriores aos etéreos, os talentos de peculiares com almas semelhantes à dele se manifestavam de outro modo. Dizem que na Biblioteca de Almas trabalhavam pessoas que liam almas de peculiares como se fossem livros. Se esses bibliotecários estivessem vivos hoje, talvez fossem como ele.

— Por que você está dizendo isso? Ver etéreos tem alguma coisa a ver com almas? — perguntei.

Reynaldo consultou a Mãe Poeira.

— Você parece ser um leitor de corações — disse ele. — Você viu bondade no de Bentham, mesmo depois de tudo. Decidiu perdoá-lo.

— Perdoar? Por que eu teria que perdoar Bentham?

A Mãe Poeira soube que tinha falado demais, mas agora não havia jeito. Ela sussurrou alguma coisa para Reynaldo.

— Pelo que ele fez com seu avô — respondeu ele.

Eu me virei para Emma, mas ela parecia tão confusa quanto eu.

— E o que ele fez com meu avô?

— Deixe que eu conto tudo a eles — disse uma voz, da porta, e o próprio Bentham entrou, mancando. — A vergonha é minha, e sou eu quem a deve confessar.

Ele passou devagar pela pia, puxou uma cadeira para longe da mesa e se sentou de frente para nós.

— Durante a guerra, seu avô era altamente valorizado pela facilidade em lidar com etéreos. Nós tínhamos um projeto secreto, alguns técnicos e eu: acreditávamos que seria possível reproduzir a habilidade dele e dar para outros peculiares. Inoculá-los contra etéreos, como uma vacina. Se todos conseguissem ver e sentir essas criaturas, elas deixariam de ser uma ameaça, e a guerra contra sua espécie seria vencida. Seu avô fez muitos sacrifícios nobres, mas nenhum tão grande quanto este: ele concordou em participar.

Emma escutava com o rosto tenso. Eu percebi que ela nunca tinha ouvido aquilo.

— Nós só pegamos um pouco — disse Bentham. — Só um pedaço de sua segunda alma. Achamos que ela pudesse ser utilizada, ou que fosse se recuperar, como quando uma pessoa doa sangue.

— Você tomou a alma dele — disse Emma, com uma voz vacilante.

— Só *esse* tanto. — Bentham ergueu o polegar e o indicador, afastados apenas um centímetro. — Nós a dividimos e ministramos a várias cobaias. Apesar de ter o efeito desejado, não durava muito, e a exposição repetida começou a acabar com suas habilidades naturais. Foi um fracasso.

— E quanto a Abe? — perguntou Emma, com a aspereza especial que ela reservava para aqueles que machucavam as pessoas que ela amava. — O que você fez com ele?

— Ele ficou enfraquecido, e seu talento se diluiu — disse Bentham. — Antes da intervenção, ele se parecia muito com o jovem Jacob. Sua habilidade de controlar etéreos era um fator decisivo em nossa guerra contra os acólitos. Depois da intervenção, porém, ele descobriu que não tinha mais o controle, e

sua segunda visão se turvou. Me disseram que, logo depois, ele deixou completamente o mundo peculiar. Tinha medo de se tornar um risco para seus irmãos peculiares em vez de uma ajuda. Sentia que não podia mais proteger seu povo.

Olhei para Emma. Ela estava com o olhar fixo no chão, o rosto ilegível.

— Uma experiência fracassada não é nada de que se arrepender — disse Bentham. — É assim que se fazem progressos científicos. Mas o que aconteceu com seu avô é um dos maiores arrependimentos de minha vida.

— Foi por isso que ele partiu — disse Emma, erguendo o rosto. — Foi por isso que ele foi para os Estados Unidos. — Ela se virou para mim. Ela não parecia com raiva, mas tinha uma expressão de alívio por começar a entender. — Ele estava com vergonha. Certa vez ele disse isso em uma carta, e eu nunca entendi por quê. Que se sentia envergonhado e não peculiar.

— Isso foi tirado dele — falei.

Agora eu tinha uma resposta para outra pergunta: como um etéreo podia ter superado meu avô em seu próprio quintal. Ele não estava senil, nem particularmente frágil. Mas suas defesas contra etéreos estavam quase todas esgotadas, e havia muito tempo.

— Não é isso que o senhor deve lamentar — disse Sharon, parado na porta de braços cruzados. — Um homem não ia ganhar aquela guerra. A verdadeira vergonha é o que os acólitos fizeram com sua tecnologia. Você criou o precursor da ambrosia.

— Eu tentei pagar minha dívida — disse Bentham. — Não ajudei você? E você? — Ele olhou para Sharon, depois para a Mãe Poeira. Assim como Sharon, parecia que ela também tinha sido viciada em ambro. — Por anos eu quis me desculpar — disse ele, se virando para mim. — Compensar seu avô. Era por isso que estava esse tempo todo procurando por ele. Eu esperava que ele voltasse para me ver, e eu descobrisse um modo de restaurar seu talento.

Emma deu uma risada amarga.

— Depois do que você fez, achou que ele voltaria por mais?

— Eu não achava provável, mas tinha esperanças. Felizmente, a redenção vem de muitas formas. Nesse caso, na forma de um neto.

— Eu não estou aqui para redimir você — falei.

— Ainda assim, sou seu criado. Se eu puder fazer qualquer coisa, basta pedir.

— Apenas nos ajude a trazer nossos amigos e sua irmã de volta.

— Com prazer — disse ele, aparentemente aliviado por eu não ter exigido mais ou me erguido e gritado em sua cara. Talvez eu ainda fizesse isso, pois

minha cabeça estava girando, e eu ainda não tinha descoberto como reagir. — Agora, em relação a como proceder a partir daqui...

— Podemos ter um instante a sós? — disse Emma. — Jacob e eu?

Saímos no corredor para conversar em particular, com o etéreo fora da vista, mas bem perto.

— Vamos fazer uma lista de todas as coisas terríveis que esse homem já fez — disse Emma.

— Está bem. Uma: ele criou os etéreos. Mas sem querer.

— Mas criou. E ele criou a ambrosia, e tirou o poder de Abe, ou a maior parte dele.

Sem querer, eu quase disse outra vez. Mas as intenções de Bentham não eram a questão. Eu sabia aonde ela queria chegar: depois de todas essas revelações, eu não estava tão confiante em botar nossos destinos nas mãos de Bentham, nem em fazer parte de seus planos. Ele podia ter sido bem-intencionado, mas tinha uma ficha lamentável.

— Podemos confiar nele? — perguntou Emma.

— Nós temos escolha?

— Essa não foi minha pergunta.

Pensei por um momento.

— Eu acho que podemos — respondi. — Só espero que o azar dele tenha se esgotado.

* * *

— VENHA RÁPIDO! ELE ESTÁ ACORDANDO!

Gritos ecoaram da cozinha. Emma e eu entramos correndo e encontramos todos encolhidos em um canto, aterrorizados por um etéreo grogue que se esforçava para se sentar, mas tinha conseguido apenas debruçar a parte superior do corpo por cima da borda da pia. Só eu podia ver sua boca aberta, as línguas pendendo inertes sobre o chão.

Feche a boca, falei em etéreo. Ele as sugou de volta para o interior da boca, com um barulho igual ao de alguém comendo espaguete.

Sente-se.

O etéreo não conseguia fazer isso, portanto eu o segurei pelos ombros e fiz com que se sentasse. Apesar disso, ele estava se recuperando com velocidade impressionante e, após alguns minutos, já havia recobrado habilidade motora suficiente para ser conduzido para fora da pia e ficar de pé. Ele não mancava

mais. Tudo o que restara do corte no pescoço era uma leve linha branca, parecidas com aquelas que estavam rapidamente desaparecendo do meu próprio rosto. Enquanto eu observava aquilo, Bentham não conseguia esconder a irritação pelo fato de a Mãe Poeira ter curado tão bem o etéreo.

— Tenho culpa de minha poeira ser tão forte? — disse a Mãe Poeira, por meio de Reynaldo.

Exaustos, eles foram procurar camas. Emma e eu também estávamos cansados, pois estava quase amanhecendo e não tínhamos dormido, mas nosso progresso era animador, e a esperança nos dera um segundo fôlego.

Bentham se virou para nós, com os olhos brilhando.

— É a hora da verdade, amigos. Vamos ver se botamos a velha garota para funcionar outra vez?

Com isso ele queria dizer a máquina, e não havia necessidade de perguntar.

— Não vamos desperdiçar nem mais um segundo — disse Emma.

Bentham chamou o urxinim, e eu avivei meu etéreo. PT surgiu na porta, tomou seu mestre nos braços, e, juntos, eles nos conduziram pela casa. Que quadro estranho devíamos formar se alguém estivesse vendo: um cavalheiro elegante aninhado nos braços de um urxinim, Sharon em sua capa preta ondulante, Emma segurando bocejos com uma mão que não parava de soltar fumaça e eu murmurando com meu etéreo emplastrado de branco, que mesmo em saúde perfeita caminhava se arrastando, como se os ossos não coubessem bem no corpo.

Seguimos pelos corredores e descemos as escadas até as entranhas da casa: salas cheias de maquinaria barulhenta, uma menor que a outra, até que finalmente chegamos a uma porta pela qual o urxinim não conseguiu passar. Nós paramos. PT pôs seu senhor no chão.

— Aqui estamos — disse Bentham, radiante como um pai orgulhoso. — O coração de meu Polifendador.

Bentham abriu a porta. PT esperou do lado de fora enquanto o resto de nós entrou atrás dele.

Na sala pequena, via-se uma máquina temível feita de ferro e aço. Suas entranhas se estendiam de parede a parede, um arranjo confuso de engrenagens, pistões e válvulas reluzentes por causa do óleo. Parecia uma máquina capaz de fazer muito barulho, mas por enquanto estava parada, fria e silenciosa. Um homem sujo de graxa estava de pé entre duas engrenagens gigantes, apertando alguma coisa com uma chave.

— Este é meu assistente, Kim — disse Bentham.

Eu o reconheci: era o homem que nos botou para correr do Quarto Sibéria.

— Eu sou Jacob — falei. — Nós demos um susto em você na neve, ontem.

— O que você estava fazendo lá? — perguntou Emma a ele.

— Congelando quase até a morte — disse o homem, com amargura, e continuou a apertar.

— Kim está me ajudando a encontrar uma entrada para o Polifendador do meu irmão. Se essa porta existe no Quarto Sibéria, provavelmente fica no fundo de uma fenda profunda no gelo. Tenho certeza de que Kim vai ficar grato se seu etéreo conseguir botar no ar algum de nossos outros quartos, onde é provável que haja portas em lugares mais acessíveis.

Kim resmungou, nos olhando de cima a baixo com ar cético. Eu me perguntei quantos anos ele havia passado lutando contra queimaduras de frio e vasculhando as fendas no gelo.

Bentham foi direto ao trabalho: deu ordens curtas para o assistente, que girou alguns seletores e puxou uma alavanca comprida. As engrenagens da máquina emitiram um chiado e gorgolejaram e em seguida giraram um grau.

— Traga a criatura — disse Bentham em voz baixa.

O etéreo estava esperando do lado de fora, e eu o chamei para entrar. Ele passou pela porta e soltou um rosnado baixo e rouco, como se soubesse que algo desagradável estava prestes a lhe acontecer.

O assistente deixou cair a chave inglesa, mas logo a recuperou.

— Aqui é a câmara da bateria — disse Bentham, chamando nossa atenção para uma caixa grande no canto. — Você precisa guiar a criatura para dentro, onde ela vai ser imobilizada.

A câmara parecia uma cabine telefônica feita de ferro fundido e sem janelas. Um emaranhado de tubos saía do topo e se conectava a canos que corriam pelo teto. Bentham pegou a maçaneta da pesada porta e a abriu com um ruído áspero. Eu olhei seu interior. As paredes eram de metal cinza e liso, perfuradas com pequenos buracos, como o interior de um forno. No fundo, havia um conjunto de grossas correias de couro penduradas.

— Isso vai machucar ele? — perguntei.

Eu me surpreendi com a pergunta, e Bentham, também.

— Isso importa? — respondeu ele.

— Eu preferia que ele não se machucasse. Se for possível.

— Não é — disse Bentham. — Mas ele não vai sentir nenhuma dor. A câmara automaticamente se enche de gás sonífero anestésico antes que qualquer coisa aconteça.

— E depois o quê?

Ele sorriu e deu um tapinha no meu braço.

— É muito técnico. Basta dizer que sua criatura vai sair viva da câmara, mais ou menos na mesma condição em que entrou. Agora, poderia, por favor, fazê-la entrar?

Eu ainda não estava convencido, mas também não sabia por que isso importava para mim. Os etéreos nos fizeram passar por um inferno, e pareciam tão desprovidos de sentimentos que causar dor neles deveria ser um prazer. Mas não era. Não tinha vontade nenhuma de matar o etéreo, assim como não tinha vontade nenhuma de matar um animal estranho. Durante o tempo em que conduzi a criatura, me aproximei o suficiente para entender que havia mais em seu interior, e não apenas vazio. Havia uma pequena centelha, uma pequena gota de alma no fundo de um poço profundo. Ele, na verdade, não era etéreo, não de verdade.

Venha, falei, e o etéreo, que estivera se escondendo timidamente no canto, fez a volta em Bentham para chegar à frente da cabine.

Entre.

Eu o senti hesitar. Ele, agora, estava curado, e forte, e se meu controle vacilasse, eu sabia o que ele poderia fazer. Mas eu era mais forte, e ele não seria páreo para mim em uma batalha mental. Ele hesitou, acho, porque eu hesitei.

Desculpe, falei.

O etéreo não se mexeu; *desculpe* era uma informação com a qual ele não sabia o que fazer. Mas eu precisava dizer.

Entre, repeti, e dessa vez o etéreo obedeceu e entrou na câmara. Como mais ninguém iria tocar nele, depois desse ponto Bentham me disse o que fazer. Seguindo suas instruções, empurrei o etéreo contra a parede dos fundos e passei as tiras de couro sobre suas pernas, braços e peito, afivelando bem. Elas tinham sido obviamente projetadas para imobilizar um ser humano, o que levantou perguntas cujas respostas eu não queria naquele momento. Tudo o que importava era seguir adiante com o plano.

Eu saí me sentindo sufocado e em pânico devido aos poucos momentos que

passara no interior.

— Feche a porta — disse Bentham.

Quando hesitei, o assistente se adiantou para fazer isso, mas eu bloqueei sua passagem.

— É meu etéreo — falei. — Eu faço.

Firmei os pés, segurei a maçaneta e então, apesar de tentar não fazer isso, olhei na cara do etéreo. Seus olhos grandes e negros estavam arregalados e assustados, bastante desproporcionais ao corpo pequeno e enrugado como um cacho de figos. Ele estava imóvel e sempre provocaria nojo, mas parecia tão patético que me senti inexplicavelmente terrível, como se estivesse prestes a sacrificar um cachorro inocente que não entendesse por que estava sendo punido.

Todos os etéreos têm que morrer, disse a mim mesmo. Eu sabia que estava certo, mas isso não fez com que eu me sentisse nem um pouco melhor.

Empurrei a porta, que se fechou ruidosamente. O assistente de Bentham enfiou um cadeado gigante na maçaneta, em seguida voltou para os controles da máquina e começou a girar alguns botões.

— Você fez a coisa certa — sussurrou Emma em meu ouvido.

Engrenagens começaram a se mover, pistões a bombear, a máquina inteira a vibrar em um ritmo que fazia com que toda a sala trepidasse. Bentham bateu palmas e sorriu, feliz como uma criança. Aí, do interior da câmara veio um grito como eu nunca tinha ouvido antes.

— Você disse que não ia machucar ele! — gritei com Bentham.

Ele se virou para gritar com o assistente.

— O gás! Você se esqueceu da anestesia!

O assistente se apressou a puxar outra alavanca. Houve um chiado alto de ar comprimido. Um jato de fumaça branca saiu por uma fresta na porta da câmara.

— Pronto — disse Bentham. — Agora ele não sente nada.

Desejei por um instante que Bentham estivesse no lugar do meu etéreo naquela câmara.

Outras peças da máquina ganharam vida. Houve o som de líquido correndo pelos canos no alto. Várias válvulas pequenas perto do teto soavam como sinos. Fluido negro começou a escorrer pelas entranhas da máquina. Não era óleo, mas algo ainda mais escuro e pungente: o fluido produzido constantemente pelos etéreos, que brotava de seus olhos e escorria de seus dentes. Seu sangue.

Eu já havia visto o suficiente e saí da sala sentindo o estômago embrulhado.

Emma me seguiu.

— Você está bem?

Eu não podia esperar que ela entendesse minha reação. Eu mesmo mal a entendia.

— Vou ficar bem — falei. — Isso é o certo a fazer.

— É a única coisa que importa — disse ela. — Estamos muito perto.

Bentham saiu mancando da sala.

— PT, para cima! — ordenou ele, e subiu nos braços do urxinim.

— Está funcionando? — perguntou Emma.

— Já vamos descobrir — respondeu Bentham.

Com meu etéreo imobilizado e trancado no interior de uma câmara de ferro, havia pouco perigo em deixá-lo para trás, mas mesmo assim eu permanecia junto à porta.

Durma, falei. *Durma e não acorde até que isso acabe*.

Saí atrás dos outros, passamos pelas salas de máquinas e subimos vários lances de escada. Chegamos ao corredor comprido e acarpetado no qual quartos com nomes exóticos se enfileiravam. As paredes vibravam com energia; a casa parecia viva.

PT colocou Bentham no chão.

— Hora da verdade! — disse ele.

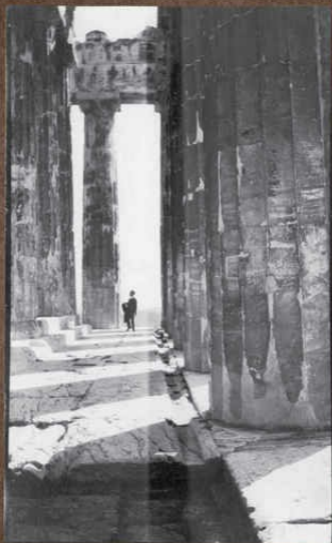
Bentham foi até a porta mais próxima e a abriu.

Uma brisa úmida soprou no corredor.

Eu me adiantei para olhar lá dentro. O que vi me deixou arrepiado. Como no Quarto Sibéria, aquele era um portal para outro lugar e outra época. Os móveis simples do quarto, como a cama, o guarda-roupa e a mesa de cabeceira, estavam cobertos de areia. Não havia parede dos fundos. Em seu lugar havia uma praia curva margeada por palmeiras.

— Eu lhes entrego Rarotonga em 1752! — declarou Bentham, com orgulho. — Olá, Sammy! Há quanto tempo!

Agachado a uma curta distância, havia um homem pequeno limpando um peixe. Ele nos olhou com leve surpresa, em seguida ergueu o peixe e acenou para nós com ele.

— Muito tempo — concordou.

— Isso é bom, então — disse Emma para Bentham. — É isso o que você queria?

— O que eu queria, o que eu sonhava... — Bentham riu enquanto corria para abrir outra porta. Dentro dela havia um desfiladeiro largo cheio de árvores, atravessado por uma ponte suspensa. — Colúmbia Britânica, 1929.

Ele saiu dando piruetas pelo corredor para abrir outra porta (a essa altura, estávamos correndo atrás dele), dentro da qual vi grandes colunas de pedra, as ruínas empoeiradas de uma cidade antiga.

— Palmira! — gritou, batendo a mão espalmada contra a parede. — Viva! Essa coisa funciona mesmo!

* * *

Bentham mal conseguia se conter.

— Meu querido Polifendador — exclamou, estendendo bem os braços. — Como senti sua falta!

— Meus parabéns — disse Sharon. — Estou feliz por estar aqui para testemunhar isso.

A empolgação de Bentham era contagiante. Sua máquina era algo impressionante: um universo contido em um único corredor. Olhando para ele, eu via indícios de outros mundos escapando, vento uivando por trás de uma porta, grãos de areia soprados no corredor por baixo de outra. Em qualquer outro momento, sob quaisquer outras circunstâncias, eu teria corrido para abrir. Mas, naquele instante, apenas uma porta me interessava.

— Qual delas leva ao interior da fortaleza dos acólitos? — perguntei.

— Sim, sim, ao trabalho — disse Bentham se contendo. — Minhas desculpas se me deixei levar um pouco. Botei minha vida nesta máquina, e é bom vê-la funcionando outra vez.

Ele se apoiou em uma parede, de repente esgotado.

— Levar vocês até o interior da fortaleza deve ser algo bastante simples. Atrás dessas portas há pelo menos meia dúzia de pontos de travessia. A questão é: o que vocês vão fazer quando chegarem lá?

— Isso depende — disse Emma. — O que nós vamos encontrar quando chegarmos lá?

— Faz muito tempo desde que estive lá dentro — disse Bentham. — Por isso meu conhecimento está ultrapassado. O Polifendador de meu irmão não se parece com o meu, ele é disposto verticalmente, em uma torre alta. Os

prisioneiros são mantidos em outro lugar. Eles estarão em celas separadas sob forte vigilância.

— Os guardas vão ser nosso maior problema — falei.

— Talvez eu possa ajudar com isso — disse Sharon.

— Você vem com a gente? — perguntou Emma.

— Absolutamente, não! — disse Sharon. — Mas eu gostaria de dar minha colaboração de algum jeito, com o mínimo risco para mim, é claro. Vou criar um distúrbio fora da fortaleza que vai atrair a atenção dos guardas. Isso deve facilitar para que vocês se esgueirem por lá sem serem vistos.

— Que tipo de distúrbio? — perguntei.

— O tipo de que os acólitos menos gostam: um distúrbio civil. Vou fazer com que aqueles vadios da Rua da Fumaça catapultem coisas imundas e em chamas nas paredes até conseguirmos que todos os guardas venham atrás de nós.

— E por que eles ajudariam você? — perguntou Emma.

— Porque há muito mais de onde esse saiu. — Ele levou a mão ao interior da capa e sacou o vidro de ambrosia que pegara de Emma. — Prometa o suficiente disso que eles farão praticamente qualquer coisa.

— Guarde isso! O senhor sabe que não permito ambro em minha casa! — reclamou Bentham.

Sharon se desculpou e guardou o frasco de volta.

Bentham consultou o relógio de pulso.

— Bem, são pouco mais de quatro e meia da manhã. Sharon, imagino que seus perturbadores da paz estejam dormindo. Será que você conseguiria ter seu exército de enfurecidos pronto às seis?

— Com toda a certeza.

— Então cuide disso.

— Fico feliz por poder ajudar.

E, com um movimento da capa, Sharon se virou e saiu apressado.

— Com isso, vocês têm uma hora e meia para se preparar — disse Bentham, apesar de não ficar imediatamente claro quais preparativos podiam ser feitos. — Qualquer coisa que eu tenha está à sua disposição.

— Você tem armas? — perguntei.

Bentham sacudiu a cabeça.

— O PT aqui é toda a proteção de que preciso.

— Explosivos? — perguntou Emma.

— Infelizmente, não.

— Imagino que não tenha uma galinha do Armagedom — falei, mais ou

menos de brincadeira.

— Uma empalhada, entre meus mostruários.

Imaginei jogar a galinha empalhada em um acólito armado e não sabia se ria ou chorava.

— Talvez eu esteja confuso — disse Bentham. — Por que vocês precisariam de armas e explosivos se você pode controlar etéreos? Há muitos no interior da fortaleza. Controle-os, e a batalha estará ganha.

— Não é tão fácil — falei, cansado de explicar. — Leva muito tempo para tomar o controle, mesmo só de um...

Meu avô poderia ter feito isso, eu quis dizer. *Antes de você destruí-lo.*

— Bem, isso é com vocês — disse Bentham, sentindo que tinha me aborrecido. — Seja lá como consigam, as *ymbrynes* devem ser sua prioridade. Tragam-nas de volta primeiro, o maior número possível, começando por minha irmã. Elas são as mais importantes, e estão correndo o maior perigo.

— Concordo com isso — disse Emma. — As *ymbrynes* primeiro, depois nossos amigos.

— E depois o quê? — falei. — Quando eles perceberem que estamos roubando de volta nossos peculiares, eles virão atrás de nós. O que fazemos então?

Seria como roubar um banco: pegar dinheiro era apenas metade do trabalho. Depois, é preciso *escapar* com o dinheiro.

— Vão para onde vocês quiserem — disse Bentham, gesticulando para a extensão do corredor. — Escolham qualquer porta, qualquer fenda. Vocês têm oitenta e sete rotas de fuga em potencial só neste corredor.

— Ele tem razão — disse Emma. — Como eles poderiam nos encontrar?

— Tenho certeza de que vão dar um jeito — falei. — Isso só vai retardá-los.

Bentham ergueu o dedo.

— E é por isso que eu vou preparar uma armadilha para eles e fazer com que pareça que nós nos escondemos no Quarto Sibéria. PT tem uma família grande lá, e eles vão estar à espera logo depois da porta, dispostos e famintos.

— E se os urxinins não conseguirem acabar com eles? — perguntou Emma.

— Aí imagino que nós vamos ter que fazer isso — disse Bentham.

— Então tudo certo — disse Emma, com uma expressão que seria incompreensível não fosse seu tom de voz sarcástico.

Tradução: *sua atitude indiferente me parece loucura*. Bentham havia falado como se toda a coisa fosse tão simples quanto ir ao mercado: entrar, resgatar todo mundo, se esconder, acabar com os vilões e pronto. O que era, é claro,

loucura.

— O senhor percebe que somos apenas duas pessoas? Dois jovens? — perguntei.

— Sim, exatamente — disse Bentham, assentindo com um ar de grande sabedoria. — Isso vai ser uma vantagem. Se os acólitos estão esperando algum tipo de resistência, é um exército em seus portões, não duas crianças dentro da fortaleza deles.

Seu otimismo estava começando a me vencer. Talvez, pensei, nós tivéssemos uma chance.

— Olá, vocês!

Nim vinha correndo em nossa direção, arfante e sem fôlego.

— Ave para o sr. Jacob! — anunciou. — Ave mensageira para o sr. Jacob... Acabou de chegar... está à espera lá embaixo!

Assim que nos alcançou, ele se dobrou ao meio e teve um acesso de tosse.

— Mas como eu posso ter recebido uma mensagem? Ninguém sabe que estou aqui.

Nim desabou no chão.

— Meu Deus — disse Bentham. — Precisamos arranjar um instrutor de educação física para você, Nim. PT, dê uma carona a esse pobre homem!

* * *

O mensageiro estava esperando por ele em um foyer no andar de baixo. Era um papagaio grande e verde. Ele tinha entrado na casa por uma janela aberta, minutos antes, e começou a gritar meu nome, e em determinado momento Nim o pegou e o pôs em uma gaiola.

Ele ainda estava gritando meu nome.

— JAY-cob! JAY-cob!

Sua voz soava como uma dobradiça enferrujada.

— Ele não quer falar com ninguém, só com você — explicou Nim, me apressando na direção da gaiola. — Aqui está ele, sua ave tola! Entregue-lhe a mensagem!

— Olá, Jacob — disse o papagaio. — Aqui quem fala é a srta. Peregrine.

— O quê?! — falei, chocado. — Ela agora é um papagaio?

— Não — disse Emma. — A mensagem é *da* srta. Peregrine. Vá em frente, papagaio, o que ela diz?

— Estou viva e bem, na torre de meu irmão — disse a ave, falando agora em

uma voz que soava assustadoramente humana. — Os outros estão aqui, também: Millard, Olive, Horace, Bruntley, Enoch e o resto.

Emma e eu nos entreolhamos. *Bruntley?*

Como uma secretária eletrônica viva, a ave prosseguiu:

— O cachorro da srta. Wren me contou onde eu poderia encontrar você e a srta. Bloom. Quero dissuadi-los de qualquer tentativa de resgate. Não estamos em perigo aqui, e não há necessidade de arriscar sua vida com proezas tolas. Em vez disso, meu irmão fez esta oferta: entreguem-se a seus guardas na brigada da Rua da Fumaça e não sofrerão mal algum. Insisto que obedeçam. É nossa única opção. Seremos reunidos, e, sob o cuidado e a proteção de meu irmão, todos faremos parte de um novo mundo peculiar.

O papagaio assoviou, indicando que a mensagem havia terminado.

Emma estava sacudindo a cabeça.

— Isso não parece a srta. Peregrine. A menos que ela tenha sofrido uma lavagem cerebral.

— E ela nunca chama os garotos só pelo nome ou sobrenome — falei. — Ela teria dito *senhorita* Bruntley.

— Vocês não acreditam que a mensagem seja autêntica? — disse Bentham.

— Não sei *o que* foi isso — retrucou Emma.

Bentham se inclinou na direção da gaiola e disse:

— Autentique!

A ave nada disse. Bentham repetiu a ordem, cauteloso, e virou o ouvido na direção da ave. Então, de repente, ele se ergueu.

— Ah, droga.

E então eu também ouvi: um tique-taque.

— BOMBA! — gritou Emma.

PT derrubou a gaiola em um canto, nos envolveu em um abraço protetor e deu as costas para a ave. Houve um clarão ofuscante e um estrondo ensurdecedor, mas eu não senti dor; o urso recebera o impacto da explosão. Além de uma onda de pressão que fez meus ouvidos estalarem e arrancou o chapéu de Bentham, seguida por uma sensação de calor calcinante piedosamente breve, tínhamos sido poupados.

Choviam fragmentos de tinta e penas de papagaio enquanto saíamos cambaleantes do foyer. Estávamos todos ilesos, menos o urxinim, que ficou nas quatro patas e nos mostrou as costas com um gemido trêmulo. Elas estavam queimadas, pretas e sem pelos, e, quando viu isso, Bentham gritou de raiva e abraçou o animal pelo pescoço.

Nim foi correndo despertar a Mãe Poeira.

— Sabe o que isso quer dizer? — perguntou Emma.

Ela estava tremendo, de olhos arregalados, e tenho certeza de que eu também. Sobreviver a um ataque de bomba faz isso com uma pessoa.

— Tenho quase certeza de que não foi a srta. Peregrine quem mandou aquele papagaio — falei.

— Obviamente...

— E Caul sabe onde nós estamos.

— Se não sabia antes, agora sabe. Aves mensageiras são treinadas para encontrar pessoas mesmo que o remetente não tenha o endereço.

— Isso significa que eles com certeza pegaram Addison — falei, e me senti arrasado com a ideia.

— Sim... mas também significa outra coisa. Caul está com medo de nós. Ele não teria se dado ao trabalho de tentar nos matar se não fosse assim.

— Pode ser — falei.

— Sem dúvida. E se ele está com medo de nós, Jacob... — Ela semicerrou os olhos para mim. — Isso significa que há alguma coisa do que ter medo.

— Ele não está com medo — disse Bentham, levantando a cabeça das dobras do pescoço de PT. — Deveria, mas não está. O papagaio não foi mandado para matar vocês, só para incapacitar. Parece que meu irmão quer o jovem Jacob vivo.

— Eu? Para quê?

— Só posso pensar em uma razão. Ele soube de sua performance contra o etéreo, e isso o convenceu de que você é bem especial.

— Especial como? — falei.

— Meu palpite é este: ele acredita que você pode ser a última chave para a Biblioteca de Almas. A pessoa que pode ver e manipular os vasos de almas.

— Como a Mãe Poeira disse — sussurrou Emma.

— Isso é loucura — falei. — Será?

— O que importa é que ele acredita — disse Bentham. — Mas isso não muda nada. Vocês vão executar o resgate como planejado, e depois vamos levar vocês, meus amigos e nossas *ymbrynes* o mais longe possível de meu irmão e

seus estratagemas. Mas precisamos nos apressar: a infantaria de Jack vai chegar a esta casa seguindo a pista do papagaio que explodiu. Em breve eles estarão aqui procurando vocês, e vocês precisam partir antes disso. — Ele consultou o relógio de bolso. — Aliás, são quase seis horas em ponto.

Estávamos prestes a sair quando vimos a Mãe Poeira e Reynaldo entrarem apressados.

— A Mãe Poeira gostaria de lhe dar uma coisa — disse ele, e a Mãe Poeira estendeu um objeto pequeno embrulhado em um pano.

Bentham disse que não tínhamos tempo para presentes, mas Reynaldo insistiu.

— Caso vocês enfrentem problemas — disse ele, enfiando o item na mão de Emma.

Emma abriu o tecido grosseiro. A coisa pequena em seu interior primeiro parecia um pedaço de giz, até que Emma a rolou na palma da mão.

Tinha duas articulações e uma unha pintada.

Era um dedo mindinho.

— A senhora não precisava — falei.

Reynaldo percebeu que não tínhamos entendido.

— É o dedo da Mãe Poeira — disse ele. — Esfarelem para usar como quiserem.

Emma arregalou os olhos e abaixou um pouco a mão, como se o dedo tivesse acabado de triplicar de peso.

— Não posso aceitar isto — disse ela. — É demais.

A Mãe Poeira estendeu a mão boa (estava melhor que da vez anterior, um curativo cobrindo o coto onde antes ficava seu mindinho) e fechou a mão de Emma em torno do presente. Ela murmurou, e Reynaldo traduziu:

— Você e ele são nossa última esperança. Eu lhes daria meu braço inteiro se pudesse.

— Não sei o que dizer — falei. — Obrigado.

— Usem com parcimônia — disse Reynaldo. — Um pouquinho dura muito. Ah, e vocês vão querer isso. — Ele tirou duas máscaras do bolso de trás e as agitou. — Senão, vão se botar para dormir junto com seus inimigos.

Eu tornei a agradecer a ele e aceitei as máscaras. A Mãe Poeira nos fez uma pequena reverência, sua saia enorme varrendo o chão.

— Agora nós temos mesmo que ir — disse Bentham, e deixamos PT na companhia dos curandeiros e dos dois filhotes de urxinim, que tinham chegado para abraçar seu ancião ferido.

Voltamos para o corredor das fendas, no andar de cima. Quando chegamos, senti uma leve vertigem, como a tontura repentina de quem se dá conta de que está parado na beira de um abismo: oitenta e sete mundos atrás de oitenta e sete portas, todos dispostos à nossa frente, todas aquelas infinidades se conectando ali como nervos a um tronco cerebral. Estávamos prestes a entrar em uma delas e talvez nunca mais tornar a sair. Eu sentia o velho Jacob e o novo Jacob se digladiando por causa disso, terror e empolgação chegando até mim em ondas sucessivas.

Bentham não parava de falar, caminhando depressa com a bengala. Ele nos disse qual porta usar e onde encontrar a porta dentro daquela porta que nos levaria para o lado da fenda onde estava Caul e como tornar a sair no interior do Polifendador de sua fortaleza. Tudo era muito complicado, mas Bentham prometeu que o caminho era curto e sinalizado por placas. Para se assegurar duplamente de que nós não nos perdêssemos, ele mandou junto seu assistente para nos guiar. O assistente foi chamado para cuidar das engrenagens da máquina e aguardava em silêncio, muito sério, enquanto nos despedíamos.

Bentham apertou nossas mãos.

— Até logo e boa sorte, e obrigado — disse ele.

— Não nos agradeça ainda — retrucou Emma.

O assistente abriu uma das portas e esperou ao lado.

— Tragam minha irmã de volta — disse Bentham. — E, quando encontrarem seus captores — ele ergueu a mão enluvada e cerrou o punho, o couro rangendo ao se apertar —, não tenham piedade.

— Pode deixar — falei, e cruzei a porta.

CAPÍTULO SETE

Entramos no quarto seguindo o assistente de Bentham, passamos pelos móveis de sempre, atravessamos o espaço onde deveria estar a parede dos fundos e saímos em um bosque denso de pinheiros. Era meio-dia, fim do outono ou início da primavera, o ar estava frio e com um travo de fumaça de lenha queimada. Nossos pés faziam muito barulho enquanto caminhávamos por uma trilha antiga, e o trinado de um passarinho e o ronco baixo e crescente de água caindo eram os únicos outros barulhos. O assistente de Bentham falava pouco, o que não era problema algum; Emma e eu estávamos enérgicos, vibrando de tensão, e não tínhamos interesse em conversa fiada.

Passamos pelas árvores e saímos em uma trilha que fazia a volta na encosta de uma montanha. Uma paisagem de rochas cinzentas esparsas e faixas de neve. Pinheiros distantes pareciam as cerdas de uma escova. Corríamos em ritmo moderado, com cuidado para não nos cansarmos cedo demais. Depois de alguns minutos, dobramos uma curva e nos deparamos com uma cachoeira estrondosa.

Ali estava uma das placas prometidas por Bentham: POR AQUI, dizia, claro como o dia.

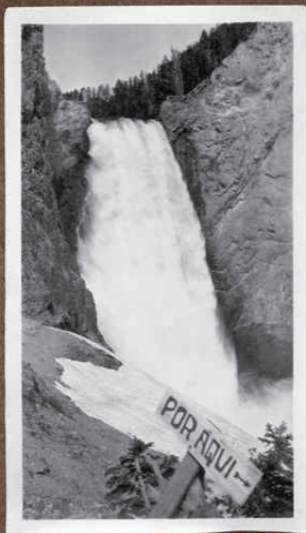
— Onde estamos? — perguntou Emma.

— Argentina — respondeu o assistente.

Obedecendo à placa, seguimos uma trilha que aos poucos foi sendo tomada por árvores e arbustos. Seguimos em frente afastando os arbustos espinhosos, a cachoeira se silenciando às nossas costas. A trilha terminava em um pequeno córrego. Seguimos seu curso por algumas centenas de metros até que ele, também, terminou, a água correndo para uma abertura no pé de uma encosta cuja entrada estava oculta por samambaias e musgos. O assistente se ajoelhou às margens do riacho, afastou uma cortina de ervas e então congelou.

— O que foi? — sussurrei.

Ele sacou uma arma do cinto e atirou três vezes na abertura. De lá veio um grito assustador, e em seguida uma criatura saiu rolando no riacho, morta.

POR AQUI

— O que foi? — tornei a perguntar, olhando fixamente para a criatura. Ela era toda pelo e garras.

— Não sei — respondeu o assistente. — Mas estava esperando por vocês.

Não consegui identificar. Tinha um corpo volumoso, dentes pontiagudos e olhos gigantes e bulbosos, e até eles pareciam cobertos de pelo. Eu me perguntei se Caul a pusera ali, se talvez ele houvesse antecipado o plano do irmão e preparado armadilhas em todos os atalhos para seu Polifendador.

O riacho levou o corpo embora.

— Bentham disse que não tinha nenhuma arma — disse Emma.

— Ele não tem — disse o assistente. — Esta é minha.

Emma olhou para ele com expectativa.

— Bem, nós podemos pegar *emprestada*?

— Não. — Ele a guardou e apontou para a caverna. — Entrem por ali. Refaçam seus passos até o lugar de onde vieram. Aí vocês estarão entre os acólitos.

— Onde você vai estar?

Ele se sentou na neve.

— Aqui.

Olhei para Emma, e ela olhou para trás, nós dois tentando esconder que nos sentíamos muito vulneráveis. Tentando revestir de aço nosso coração. Para nos proteger do que poderíamos ver. Do que poderíamos fazer. Do que poderíamos sofrer.

Desci até o riacho e ajudei Emma a entrar. A água estava tão fria que nos fazia perder as sensações. Eu me abaixei para espiar no interior da caverna e vi a luz do dia brilhando suavemente na outra extremidade. Outra transformação, escuridão em luz, pseudonascimento.

Parecia não haver mais criaturas cheias de dentes à espera no interior, por isso eu afundei na água. O riacho cobriu minhas pernas e minha cintura em um torvelinho congelante que me tirou o fôlego. Ouvi Emma engasgar em seco às minhas costas enquanto fazia o mesmo, em seguida segurei a beirada da caverna e deslizei para dentro.

Estar imerso em água corrente gelada dói como ter o corpo todo perfurado com agulhas. Toda dor é motivadora, especialmente a desse tipo; eu me apressei e avancei com rapidez me apoiando no túnel de pedra, passando por cima de rochas afiadas e escorregadias e por partes baixas do teto, quase sufocando quando a água passava sobre meu rosto. Então saí e me virei para ajudar Emma.

Pulamos para fora da água congelante e olhamos ao redor. O lugar era idêntico ao outro lado da caverna, só não havia assistente, nenhum cartucho de bala na neve, nenhuma pegada. Como se tivéssemos atravessado um espelho e entrado no reflexo de um mundo, com exceção de alguns detalhes.

— Você está azul — disse Emma.

Ela me puxou para a margem e me abraçou. Seu calor passou por mim, devolvendo a sensação aos membros dormentes.

Fomos andando, refazendo cada passo da rota que fizéramos. Encontramos o caminho de volta por entre os arbustos morro acima e passamos pela cachoeira, toda a paisagem exatamente a mesma, exceto pela placa de POR AQUI que Bentham colocara para nós. Ela não estava ali. Aquela fenda não pertencia a ele.

Chegamos outra vez à pequena floresta. Corremos de árvore a árvore, usando cada uma como proteção até chegarmos ao lugar onde a trilha terminava e se transformava em um piso e em seguida em um quarto, emoldurado e oculto por um par de abetos cruzados. Mas aquele quarto era diferente do de Bentham: era espartano, sem mobília, sem papel de parede com papoulas, e o chão e as paredes eram de concreto liso. Entramos e procuramos por uma porta na escuridão, tateando até encontrar uma pequena maçaneta embutida.

Apertamos os ouvidos contra a porta, tentando escutar vozes ou passos. Ouvi apenas ecos indistintos.

Devagar e com cuidado, deslizei a porta e a entreabri. Enfiei a cabeça no vão para observar. Havia um largo corredor de pedra, limpo como um hospital e ofuscantemente claro, as paredes lisas denteadas com portas negras parecidas com túmulos, dezenas delas desaparecendo em uma curva pronunciada.

Era aquilo: a torre dos acólitos. Tínhamos entrado na cova dos leões.

* * *

Ouvi passos se aproximando. Recuei. Não havia tempo para fechar a porta.

Pelo vão, vislumbrei um vulto branco quando um homem passou. Ele caminhava depressa, vestindo um jaleco de laboratório, de cabeça baixa para ler um papel em sua mão.

Ele não me viu.

Esperei que os passos se afastassem e em seguida me espremi pela porta para o corredor. Emma me seguiu.

Esquerda ou direita? Para a esquerda havia uma subida, e para a direita, uma descida. Segundo Bentham, estávamos na torre de Caul, mas os prisioneiros dele estavam em outro local. Precisávamos sair. Descendo, então. Para a direita e para baixo.

Viramos à direita e descemos agarrados à parede do corredor em espiral. As solas de borracha dos meus sapatos rangiam. Eu não tinha percebido o barulho até então, e, no silêncio amplificado do corredor de paredes duras, cada passo fazia com que eu me encolhesse de medo.

Tínhamos seguido por pouco tempo, quando Emma se retesou e jogou o braço à frente do meu peito para me deter.

Nós escutamos. Com nossos passos silenciados, pudemos ouvir outros. Eles estavam à nossa frente, e perto. Corremos para a porta mais próxima, que se abriu com facilidade. Mergulhamos para dentro, a fechamos e apoiamos as costas nela.

O aposento em que entramos era redondo, tanto as paredes quanto o teto. Estávamos no interior de uma grande galeria de águas, com dez metros de diâmetro e ainda em construção. E não estávamos sozinhos. Onde a tubulação terminava e se abria para um dia chuvoso, havia uma dezena de homens sentados em um andaime na forma de tubo, nos encarando estupefatos. Havíamos interrompido seu horário de almoço.

— Ei! Como vocês entraram aqui?

— Eles são crianças — disse outro. — Ei, isso aqui não é parquinho!

Eram americanos, e pareciam não saber o que pensar de nós. Não ousamos responder, por medo de que os acólitos no corredor nos ouvissem, e me preocupei que os gritos dos trabalhadores também atraíssem sua atenção.

— Está com aquele dedo? — sussurrei para Emma. — Agora parece uma boa hora para testar.

Era hora de mostrar o dedo para eles. Botamos as máscaras (molhadas pelo rio, mas ainda utilizáveis), Emma esfarelou um pedacinho do mindinho da Mãe Poeira e nós caminhamos pela tubulação na direção dos homens, tentando lançar a poeira em sua direção. Primeiro, Emma tentou soprá-la de sua mão em concha, mas a poeira apenas se agitou e subiu em uma nuvem em volta de nossas cabeças, o que fez meu rosto formigar e ficar um pouco dormente. Em seguida, eu tentei jogá-la, mas não funcionou. A poeira, aparentemente, não era muito boa como arma ofensiva. Àquela altura, os construtores da tubulação estavam ficando impacientes, e um saltara do andaime para nos retirar à força. Emma guardou o dedo e criou uma chama com a mão, o que causou um *puf!*,

transformando a poeira que pairava no ar instantaneamente em fumaça.

— Ei! — disse o homem.

Ele começou a tossir e logo despencou no chão, ferrado no sono. Quando alguns de seus amigos correram para ajudá-lo, eles também se tornaram vítimas da nuvem de fumaça anestésica e caíram no chão ao seu lado.

Agora os trabalhadores restantes estavam com medo e gritando conosco. Corremos de volta para a porta antes que a situação piorasse. Conferi se a barra estava limpa, e saímos para o corredor.

Quando fechei a porta, o som das vozes dos homens foi completamente emudecido, como se eu não os houvesse apenas fechado lá dentro, mas de algum modo os tivesse desligado.

Corremos um pouco, então paramos e tentamos ouvir passos. Depois corremos mais, paramos de novo e escutamos, intercalando ação e silêncio enquanto descíamos a torre espiralada. Por mais duas vezes, ouvimos a aproximação de pessoas e corremos para nos esconder por trás de portas. Dentro de uma havia uma floresta tropical com os gritos de macacos, e outra abria para um aposento de tijolos, além do qual havia chão de terra batida e assomavam montanhas.

O piso ficou plano, e o corredor, reto. Depois da última curva havia um par de portas duplas com uma claridade de luz natural brilhando por baixo delas.

— Não devia haver mais guardas por perto? — perguntei, nervoso.

Emma deu de ombros e, com um gesto de cabeça, indicou as portas, que pareciam ser a única saída da torre. Eu estava prestes a abri-las quando ouvi vozes do outro lado. Um homem contando uma piada. Eu só conseguia ouvir o burburinho de sua voz, não as palavras, mas era sem dúvida uma piada, porque quando ele terminou houve uma erupção de risos.

— Seus guardas — disse Emma, como um garçom apresentando uma refeição requintada.

Nós podíamos esperar e torcer para que fossem embora, ou abrir a porta e enfrentá-los. A última opção era mais corajosa e rápida, por isso invoquei o novo Jacob e lhe disse que íamos abrir a porta e lutar, e, por favor, que ele não discutisse a questão com o Velho Jacob, que iria inevitavelmente choramingar e resistir. Quando consegui resolver isso tudo, Emma já estava em ação.

Em silêncio e com velocidade, ela abriu uma das portas de vaivém. À nossa frente estavam dispostas as costas de cinco acólitos em uniformes diferentes, todos portando na cintura pistolas modernas como as usadas pela polícia de hoje. Estavam de pé e despreocupados, olhando para o outro lado. Ninguém tinha

visto a porta se abrir. À frente deles havia um pátio cercado de prédios com aparência de alojamentos, e ao fundo erguia-se o muro da fortaleza. Apontei meu dedo na direção do dedo escondido no bolso de Emma e disse *dormir* com a boca, sem emitir som. Com isso eu queria dizer que deixar aqueles acólitos inconscientes e arrastá-los para dentro da torre parecia a atitude mais conveniente a tomar. Ela entendeu, fechou parcialmente a porta e começou a sacar o dedo. Eu peguei as máscaras que estavam guardadas em meu cinto.

Então, ao longe, uma massa flamejante de alguma coisa passou por cima da muralha da fortaleza, voou em nossa direção em um arco gracioso e se estatelou no meio do pátio, espirrando gotas de fogo por toda parte e lançando os guardas em um estado de agitação. Dois se arriscaram a ver o que tinha aterrissado, e, enquanto se abaixavam para examinar a gosma em chamas, outro pedaço chegou voando por cima do muro e acertou um deles. Ele foi derrubado no chão, com o corpo em chamas. (Pelo cheiro, que era forte e viajava rápido, aquilo era uma mistura de gasolina com excremento.)

Os guardas restantes correram para apagá-lo. Um alarme alto começou a soar. Em segundos, acólitos começaram a sair dos prédios em torno do pátio, indo em disparada à muralha. O ataque de Sharon tinha começado, abençoado seja ele, e não poderia ter sido em momento mais preciso. Com alguma sorte, aquilo nos daria cobertura suficiente pelo menos por alguns minutos. Eu não conseguia imaginar que demorasse mais que isso para os acólitos rechaçarem alguns viciados em ambro armados com catapultas.

Examinamos o pátio. Era cercado de prédios baixos por três lados, cada um mais ou menos idêntico ao seguinte. Não havia setas piscando nem letreiros em neon anunciando a presença de *ymbrynes*. Precisaríamos vasculhar o local o mais rápido possível e torcer para termos sorte.

Três dos acólitos haviam corrido até o muro, deixando dois para trás para apagar o que estava coberto por excremento em chamas. Eles o estavam rolando na terra, de costas para nós.

Escolhemos um prédio qualquer — o da esquerda — e corremos na direção da porta. Lá dentro havia uma sala grande abarrotada com o que parecia e cheirava a roupas de segunda mão. Cruzamos um corredor onde se encontravam alinhadas roupas de todos os tipos, de todas as épocas e culturas, todas etiquetadas e organizadas. Um guarda-roupa, talvez, para toda fenda em que os acólitos tivessem se infiltrado. Talvez o cardigã que o dr. Golan sempre usava em nossas sessões estivesse pendurado naquela sala.

Mas nossos amigos não estavam ali, tampouco as *ymbrynes*, por isso saímos pelos corredores à procura de um caminho para o prédio seguinte que não nos levasse de volta ao pátio exposto.

Não havia nenhum. Nós teríamos que arriscar outra corrida lá fora.

Fomos até a porta, observamos pela fresta e esperamos enquanto um retardatário corria pelo pátio, vestindo o uniforme de guarda no caminho. Quando a barra estava limpa, saímos correndo em campo aberto.

Objetos catapultados caíam por toda a nossa volta. Depois de ficar sem

excremento, o exército improvisado de Sharon começara a atirar outras coisas: tijolos, lixo, pequenos animais mortos. Ouvi um desses projéteis proferir uma série de palavrões ao atingir o solo e reconheci a forma enrugada de uma cabeça de ponte girando pelo chão. Se meu coração não estivesse batendo tão tremendamente forte, talvez eu tivesse rido alto.

Conseguimos cruzar o pátio até o prédio em frente. A porta parecia promissora: pesada e de metal, e sem dúvida estaria vigiada se os guardas não tivessem abandonado o posto para se dirigir ao muro. Com certeza havia algo importante no interior.

Era um pequeno laboratório revestido de ladrilhos brancos e com cheiro forte de produtos químicos. Meus olhos foram atraídos por um armário cheio de instrumentos cirúrgicos terríveis, todos de aço e brilhantes. Um zumbido grave atravessava as paredes (a pulsação dissonante de máquinas) e outra coisa, também...

— Ouviu isso? — perguntou Emma, tensa, atenta.

Eu ouvi. Era um som prolongado, acelerado e inarticulado, mas nitidamente humano. Alguém rindo.

Nós trocamos um olhar intrigado. Emma me entregou o dedo da Mãe Poeira e acendeu uma chama na mão, e nós dois pusemos nossas máscaras. Prontos para tudo, pensamos, embora em retrospecto não estivéssemos em nada preparados para o show de horrores que nos aguardava.

Passamos por salas que agora tenho dificuldade em descrever porque tentei apagá-las da memória. Cada uma era um pesadelo pior que o outro. A primeira era um pequeno anfiteatro cirúrgico, a mesa armada com correias e algemas. Recipientes de porcelana junto da parede estavam prontos para recolher fluidos que escorressem. Depois, vinha uma área de pesquisa onde havia crânios pequeninos e outros ossos conectados a equipamentos elétricos e medidores. As paredes estavam cobertas de fotos Polaroid documentando experimentos realizados em animais. Àquela altura, estávamos tremendo, encobrindo os olhos.

O pior ainda estava por vir.

Na sala seguinte havia um experimento real em andamento. Surpreendemos duas enfermeiras e um médico realizando algum procedimento horripilante em uma criança. Eles tinham um menino esticado entre duas mesas, com jornais estendidos embaixo para receber os respingos. Uma enfermeira segurava os pés enquanto o médico agarrava a cabeça e olhava com frieza nos olhos do menino.

Quando se viraram e nos viram com as máscaras de poeira e as mãos em

chamas, eles gritaram por ajuda, mas não havia ninguém para ouvi-los. O médico correu até uma mesa cheia de instrumentos cortantes, mas Emma foi mais rápida que ele e, depois de uma luta breve, ele levantou as mãos em derrota. Encurralamos os adultos no canto e exigimos que nos dissessem onde eram mantidos os prisioneiros. Eles se recusaram a dizer, por isso soprei poeira em seus rostos até desabarem em uma pilha no chão.

O menino estava atônito, mas ileso. Parecia não conseguir produzir mais que um gemido em resposta a nossas perguntas apressadas — *Você está bem? Há outros como você? Onde?* —, por isso achamos melhor escondê-lo provisoriamente. Nós o envolvemos em um lençol para aquecê-lo e, em meio a promessas de voltar, que eu esperava conseguir cumprir, o pusemos em um armário pequeno.

A sala seguinte era ampla e sem divisórias, como uma enfermaria de hospital. Havia vinte ou mais camas acorrentadas às paredes, e peculiares, tanto adultos quanto crianças, presos com correias às camas. Nenhum parecia consciente. Agulhas e tubos serpenteavam das solas de seus pés até bolsas que se enchiam lentamente de líquido negro.

— Eles estão sendo drenados — disse Emma, com a voz trêmula. — Estão extraindo suas almas.

Eu não queria olhar, mas era preciso.

— *Quem está aqui, quem está aqui, quem é você* — murmurava eu enquanto corríamos de cama em cama.

Eu torcia, vergonhosamente, para que nenhum daqueles pobres coitados fosse nosso amigo. Mas reconhecemos vários: a garota telecinética, Melina; os irmãos pálidos, Joe-e-Peter, separados para que não houvesse nenhuma chance de outra explosão destruidora. Seus rostos estavam contorcidos; os músculos, tensos; e os punhos, cerrados mesmo durante o sono, como se os dois fossem presas de sonhos terríveis.

— Meu Deus — disse Emma. — Eles estão tentando lutar contra isso.

— Então vamos ajudar — falei, e, me aproximando do pé da cama de Melina, puxei cuidadosamente a agulha de seu pé.

Uma pequena gota de líquido negro vazou do ferimento. Depois de um momento, o rosto dela relaxou.

— Olá — disse uma voz em outro lugar da sala.

Nos viramos para trás. Havia um homem com as pernas acorrentadas sentado no canto. Ele estava encolhido, parecendo uma bola negra, se balançava e ria sem sorrir, com olhos que pareciam fragmentos de gelo preto.

Fora seu riso frio que tínhamos ouvido ecoar pelas salas.

— Onde estão os outros? — perguntou Emma, se ajoelhando diante dele.

— Ora, eles estão todos bem aqui! — disse o homem.

— Não, os outros. Tem que haver mais.

Ele riu outra vez, seu hálito saindo em uma pequena nuvem gélida, o que era estranho, porque não estava frio na sala.

— Vocês estão em cima deles — disse o homem.

— Diga algo que faça sentido! — gritei, perdendo a calma. — Não temos tempo para isso!

— Por favor — implorou Emma. — Nós somos peculiares. Estamos aqui para ajudar vocês, mas primeiro temos que encontrar nossas *ymbrynes*. Elas estão em qual prédio?

— Vocês. Estão. Em cima deles — repetiu o homem, bem devagar, e suas palavras sopraram uma corrente prolongada de ar gelado em nosso rosto.

Quando eu estava prestes a agarrá-lo e sacudi-lo, o homem levantou um braço e apontou para algo atrás de nós. Eu me virei e percebi, camuflada no chão de lajotas, uma maçaneta e o contorno quadrado da portinhola de um alçapão.

Em cima deles. Literalmente.

Corremos até lá, giramos a maçaneta e puxamos uma portinhola no chão. Uma escadaria de metal descia em espiral pela escuridão.

— Como podemos saber que você está dizendo a verdade? — perguntou Emma.

— Não podem — disse o homem, com razão.

— Vamos tentar — falei.

Não havia, afinal de contas, nenhum outro lugar para ir além de voltar por onde tínhamos vindo.

Emma parecia dividida, seu olhar viajando da escada abaixo para as camas à nossa volta. Eu sabia o que ela estava pensando, mas ela sequer pediu, pois não havia tempo para ir de cama em cama, desconectando todo mundo. Nós teríamos que voltar por eles. Eu só esperava que, quando fizéssemos isso, houvesse algo para o que voltar.

* * *

Emma pegou a escada de metal e desceu pelo buraco escuro no chão. Antes de ir atrás dela, olhei nos olhos do louco e levei o dedo aos lábios. Ele sorriu e copiou meu gesto. Eu esperava que ele levasse aquilo a sério. Guardas logo chegariam ali, e se ele ficasse de boca fechada talvez não nos seguissem pelo alçapão. Comecei a descer a escada e fechei a portinhola atrás de mim.

Emma e eu nos encolhemos no alto, atrás do eixo cilíndrico e estreito da escada em caracol, e olhamos para baixo. Ao sair da sala iluminada acima, nossos olhos demoraram um pouco para se adaptarem àquela masmorra praticamente sem luz, construída com rocha bruta.

Ela apertou meu braço e sussurrou em meu ouvido:

— Celas.

Apontou.

Mal iluminadas, elas surgiram à vista: as grades de uma cela de prisão.

Descemos com cuidado. O espaço começou a se revelar: estávamos no fim de um longo corredor subterrâneo com uma sequência de celas, e, apesar de não conseguirmos ver quem estava dentro delas, eu tive um momento exaltado de esperança. Era ali. Aquele era o lugar que queríamos encontrar.

Então ouvimos um repentino ruído de botas no corredor. Fui tomado por uma onda de adrenalina. Havia um guarda patrulhando, com rifle no ombro e pistola na cintura. Ele ainda não tinha nos visto, mas ia ver a qualquer momento. Estávamos longe demais do alçapão para escapar por onde viéramos e longe demais do chão para pular com facilidade e enfrentar o guarda, por isso nos agachamos e nos encolhemos, na esperança de que o corrimão comprido e estreito fosse suficiente para nos esconder.

Mas não seria. Estávamos quase ao nível dos olhos dele. Ele estava a vinte

passos de distância, depois quinze. Precisávamos fazer alguma coisa.

Então eu fiz.

Eu me levantei e desci a escada. Ele me viu na hora, é claro, mas antes que pudesse dar uma boa olhada eu comecei a falar.

Alto e com autoridade, perguntei:

— Você não ouviu o alarme? Por que não está lá fora defendendo o muro?

Quando ele percebeu que eu não era uma pessoa de quem recebia ordens, eu já tinha chegado ao chão, e quando ele foi pegar sua arma, eu já havia percorrido metade da distância entre nós, arremetendo em sua direção como um jogador de futebol americano. Acertei o guarda com o ombro no instante em que ele puxou o gatilho. A arma rugiu, o tiro ricocheteou atrás de mim. Nós dois nos estatelamos no chão. Cometi o erro de tentar impedir que disparasse outro tiro enquanto tentava usar com ele o dedo da Mãe Poeira, que agora eu guardava no fundo do meu bolso direito. Como eu não tinha braços suficientes para fazer os dois, ele me tirou de cima dele e se levantou. Tenho certeza de que seria meu fim se ele não tivesse visto Emma correndo em sua direção com as mãos em chamas.

O guarda disparou uma saraivada de balas, mas sem alvo e alto demais, o que me deu a oportunidade de ficar de pé e atacá-lo de novo. Eu o derrubei, e caímos pelo corredor, suas costas batendo nas grades de uma das celas. Ele me golpeou com o cotovelo, me atingindo em cheio no rosto, e eu girei e caí. Ele começou a erguer a arma para atirar em mim, e nem Emma nem eu estávamos perto o suficiente para detê-lo.

De repente, um par de mãos carnudas saiu da escuridão, passou pela grade e segurou o guarda pelo cabelo. Sua cabeça foi puxada bruscamente para trás e retiniu contra as barras da grade como um sino.

O guarda ficou imóvel e deslizou para o chão. Em seguida, Bronwyn se adiantou no interior da cela, encostou o rosto nas barras e sorriu.

— Sr. Jacob! Srta. Bloom!

Eu nunca tinha ficado tão feliz por encontrar alguém. Os olhos bons e grandes, o queixo forte, o cabelo castanho escorrido: era Bronwyn! Enfiamos os braços pela grade e a abraçamos da melhor maneira possível. Estávamos tão felizes e aliviados que começamos a balbuciar.

— Bronwyn, Bronwyn — engasgou Emma. — É você mesmo?

— É *você*, senhorita? — disse Bronwyn. — Nós rezamos e torcemos e, ah, eu estava com tanto medo de que os acólitos tivessem pegado vocês...

Bronwyn estava nos apertando contra as grades com tanta força que achei

que eu fosse estourar. As barras eram grossas como tijolos e feitas de algo mais forte que ferro, então percebi que essa era a única razão para Bronwyn não ter escapado de sua cela.

— Não consigo... respirar — gemeu Emma, e Bronwyn se desculpou e nos soltou.

Só então pude olhar direito para ela, e percebi um hematoma no seu rosto e uma marca escura que podia ser uma mancha de sangue na lateral da sua blusa.

— O que eles fizeram com você? — perguntei.

— Nada sério. E algumas ameaças.

— E os outros? Onde estão os outros? — perguntou Emma, novamente em pânico.

— Aqui! — disse uma voz, dos fundos do corredor.

— Aqui! — ecoou outra.

Então eu me virei e vi, apertados contra as grades das celas alinhadas no corredor, o rosto de nossos amigos. Lá estavam eles: Horace e Enoch, Hugh e Claire, Olive ofegando para nós através das grades, do alto de sua cela, de costas contra o teto. Todos ali, todos respirando e vivos, exceto Fiona, que caíra do precipício na coleção de animais da srta. Wren. Mas chorar por ela era um luxo com o qual não podíamos arcar naquele momento.

— Ah, graças às aves, às malditas aves milagrosas! — exclamou Emma, correndo para pegar a mão de Olive. — Vocês não imaginam como estávamos preocupados!

— Não chega nem à metade da preocupação que a gente estava sentindo — disse Hugh, dos fundos do corredor.

— Eu falei que vocês vinham nos buscar! — disse Olive, quase chorando. — Falei várias vezes, mas Enoch sempre dizia que eu era doida de acreditar nisso...

— Não importa, eles estão aqui agora! — disse Enoch. — Droga, por que vocês demoraram tanto?

— Como, em nome de Perplexus, vocês nos encontraram? — perguntou Millard.

Ele era o único que os acólitos tinham se dado ao trabalho de vestir com uniforme de presidiário: um moletom listrado que o tornava fácil de ver.

— Vamos contar toda a história — disse Emma. — Mas primeiro precisamos encontrar as *ymbrynes* e tirar vocês daqui!

— Elas estão no fim do corredor! Depois da porta grande! — exclamou Hugh.

No final do corredor havia uma porta de metal enorme. Parecia pesada o

suficiente para proteger um cofre de banco ou deter um etéreo.

— Vocês vão precisar da chave — disse Bronwyn, apontando para um molho no cinto do guarda inconsciente. — É a dourada grande. Eu tenho vigiado ele!

Corri até o guarda e arranquei as chaves de seu cinto. Aí parei congelado com elas na mão, meus olhos se dividindo entre as portas das celas e Emma.

— Corra e nos solte! — disse Enoch.

— Com qual chave? — perguntei.

Eram dezenas, todas idênticas, menos a dourada.

Emma ficou muito desapontada.

— Ah, não...

Mais guardas iriam chegar em breve, e destrancar todas as celas iria custar minutos preciosos. Por isso, fomos até o fim do corredor, destrancamos a porta e demos a chave para Hugh, cuja cela era a mais próxima.

— Liberte os outros! — falei.

— Depois fique aqui até a gente voltar para buscar vocês — acrescentou Emma.

— Sem chance! Vamos com vocês! — reclamou Hugh.

Não havia tempo para discutir, e no fundo fiquei aliviado ao ouvir isso. Depois de todo aquele tempo lutando sozinhos, eu estava ansioso para ter algum apoio.

Emma e eu abrimos a porta grande que parecia um bunker, demos uma última olhada para nossos amigos e os deixamos.

* * *

Do outro lado da porta havia uma grande sala retangular atulhada de móveis utilitários e iluminada de cima por lâmpadas fluorescentes esverdeadas. Ela estava fazendo sua melhor imitação de um escritório, mas não me enganou. A parede era macia, com espuma à prova de som. A porta era tão grossa que aguentaria uma explosão nuclear. Aquilo não era nenhum escritório.

Podíamos ouvir alguém se mover nos fundos da sala, mas nossa visão estava bloqueada por um arquivo volumoso. Toquei o braço de Emma e gesticulei com a cabeça — *vamos* —, e começamos a avançar em silêncio, na esperança de surpreender quem quer que estivesse ali conosco.

Captei o vislumbre de um jaleco branco e da cabeça parcialmente calva de um homem. Com certeza não era uma *ymbryne*. Será que não tinham ouvido a porta ser aberta? Não, não tinham, e então eu percebi por quê: estavam ouvindo música. Uma voz feminina cantava um rock melódico e grudento, uma

canção antiga que eu já tinha ouvido antes, mas de cujo nome não me lembrava. Era muito estranho, muito deslocado ouvir aquilo justamente ali, naquele momento.

Avançamos lentamente, o som alto o bastante apenas para mascarar nossos passos, e passamos por escrivaninhas cobertas de papéis e mapas. Uma prateleira presa a uma parede continha centenas de vidrinhos cheios de líquido negro com partículas prateadas rodopiando em seu interior. Olhei mais atentamente e vi que todos eles estavam identificados em letras pequenas, com os nomes das vítimas cujas almas continham.

Olhando de trás do arquivo, vimos um homem vestindo um jaleco, de costas para nós, sentado a uma escrivaninha folheando papéis. Ao redor dele havia um show de horrores de anatomia aleatória. Um braço sem pele, com a musculatura exposta; uma coluna vertebral pendurada na parede como se fosse um troféu; alguns órgãos sem sangue espalhados sobre a mesa como peças perdidas de um quebra-cabeça. O homem estava escrevendo alguma coisa, balançando a cabeça, cantarolando junto com a música — algo sobre amor, algo sobre milagres.

Saímos de onde estávamos e seguimos na direção dele. Lembrei onde ouvira a música pela última vez: no dentista, enquanto um instrumento de metal perfurava a carne macia e rosada de minhas gengivas.

— *You make loving fun...*

Agora estávamos a apenas alguns passos de distância. Emma estendeu o braço, pronta para criar fogo. Mas pouco antes de alcançarmos o homem, ele falou conosco:

— Olá, eu estava esperando por vocês.

Era uma voz pegajosa e suave que eu jamais esqueceria. Caul.

Emma invocou chamas que brotaram das palmas de suas mãos com o som do estalo de um chicote.

— Conte onde estão as *ymbrynes* e talvez eu poupe sua vida!

Assustado, o homem girou para trás em sua cadeira. O que vimos nos assustou também: abaixo de seus olhos arregalados, seu rosto era uma ruína de carne derretida. Aquele homem não era Caul, não era sequer um acólito, e não podia ter sido ele quem havia falado. Os lábios do homem estavam fundidos juntos. Nas mãos ele segurava um lápis e um pequeno controle remoto. Havia uma etiqueta com nome em seu jaleco.

Warren.

— Nossa, vocês não fariam mal ao velho Warren, fariam? — Outra vez a voz de Caul, vindo do mesmo lugar que a música: um alto-falante na parede. — Se bem que não faria muita diferença. Ele é só meu residente.

Warren afundou na cadeira giratória, olhando com medo para a chama na mão de Emma.

— Onde está você? — gritou Emma, olhando ao redor.

— Isso não importa! O importante é que vocês vieram me ver. Estou contente! É tão mais fácil que caçá-los!

— Temos um exército inteiro de peculiares a caminho! — blefou Emma. — A multidão em seus portões é só a ponta da lança. Diga onde estão as *ymbrynes* e talvez possamos resolver isso de forma pacífica!

— Exército! — exclamou Caul, rindo. — Com o que sobrou de peculiares em Londres preparados para a luta, não dá para formar nem uma brigada de incêndio, muito menos um exército. Quanto às suas *ymbrynes* patéticas, poupem suas ameaças vazias. Eu mostro com prazer onde elas estão. Warren, você faria as honras?

Warren apertou um botão no controle remoto e, com um movimento barulhento, um painel deslizou para o lado em uma das paredes laterais. Atrás, havia uma segunda parede, feita de vidro, que dava para uma sala ampla envolta em sombras.

Nós nos apertamos contra o vidro, protegendo os olhos com as mãos para enxergar. Aos poucos, surgiu à nossa vista um espaço que lembrava um porão abandonado, com móveis e cortinas pesadas e formas humanas em posturas estranhas, muitas das quais pareciam, como os órgãos soltos na mesa de Warren, ter tido a pele arrancada.

Meu Deus o que ele fez com elas...

Meus olhos correram de um lado para outro. Meu coração batia acelerado no peito.

— Aquela é a srta. Swallow*! — exclamou Emma, e então eu também a vi.

Ela estava sentada de lado em uma cadeira, masculina e de rosto achatado, com tranças perfeitamente simétricas caindo dos dois lados da cabeça. Batemos no vidro e a chamamos, mas ela apenas olhava fixamente, em torpor, sem reagir.

— O que você fez com ela? — gritei. — Por que ela não responde?

— Ela teve parte da alma removida. Isso costuma entorpecer o cérebro.

— Seu canalha! — gritou Emma, e socou o vidro. Warren recuou sua cadeira de rodinhas para o canto. — Seu covarde perverso e desprezível...

— Ah, calma. Eu só peguei *um pouco* de sua alma, e o resto de suas babás está com saúde perfeita, embora seu ânimo, não.

Uma luz forte se acendeu no teto da sala bagunçada, e de repente ficou claro que a maioria das figuras eram apenas bonecos, manequins ou algum tipo de modelo anatômico, pois obviamente não eram reais. Posavam como estátuas, com os tendões e músculos todos flexionados e salientes. Mas entre eles, amordaçadas e amarradas a cadeiras e estacas de madeira, piscando e apertando os olhos contra a luz repentina, havia pessoas reais, vivas. Mulheres. Não tive tempo para contar, mas pareciam ser oito ou dez, a maioria delas mais velha, desgrenhada, mas de aparência respeitável.

Nossas *ymbrynes*.

— Jacob, são elas! — exclamou Emma. — Você está conseguindo ver a senhori...?

A luz se apagou antes que pudéssemos encontrar a srta. Peregrine, e meus olhos, inúteis na escuridão, não viam nada através do vidro.

— Ela está aí, também. Sua ave piedosa, sua babá... — disse Caul, com um suspiro entediado.

— Sua *irmã* — falei, na esperança de injetar alguma humanidade nele.

— Eu odiaria ser obrigado a matá-la. E imagino que isso não será necessário, desde que você me dê o que quero.

— E o que é? — perguntei, me afastando do vidro.

— Nada de mais. Só um pouquinho da sua alma — provocou ele, de um jeito descontraído.

— O quê?! — gritou Emma.

Dei uma risada alta.

— Ora, ora, me escutem! Eu nem quero a alma inteira. Só o suficiente para encher um conta-gotas. Menos ainda do que tirei da srta. Swallow. Sim, isso vai atordoar você por algum tempo, mas em poucos dias você recupera completamente suas faculdades.

— Você quer minha alma porque acha que isso vai ajudar você a usar a Biblioteca. E se apropriar de todo aquele poder.

— Vejo que tem conversado com meu irmão — retrucou Caul. — É bom que você também saiba: estou quase lá. Depois de uma vida inteira de buscas, finalmente encontrei Abaton. E as *ymbrynes*, esse grupo perfeito de *ymbrynes*, destrancaram a porta para mim. Infelizmente, só então eu descobri que precisaria de outro componente. De um peculiar com um talento muito específico, raramente visto no mundo de hoje. Eu quase havia desistido de encontrar tal pessoa quando percebi que talvez o neto de certo peculiar talvez se encaixasse no papel, e aquelas *ymbrynes*, agora inúteis para mim, poderiam servir de isca. E deu certo! Acredito que seja o destino, meu rapaz. Você e eu, nós vamos entrar para a história do mundo peculiar juntos.

— Nós não vamos a lugar nenhum juntos — respondi. — Se você conseguir esse tipo de poder, vai transformar o mundo em um verdadeiro inferno.

— Você não me compreende — prosseguiu ele. — Isso não me surpreende. A maioria não compreende. Sim, tive que transformar o mundo em um inferno para quem ficou em meu caminho, mas agora que quase alcancei meu objetivo, estou pronto para ser generoso. Magnânimo. Clemente.

A música, ainda tocando ao fundo, se reduzira a uma faixa calma e instrumental, tão diferente do meu pânico que até me deu um calafrio.

— Vamos finalmente viver em paz e harmonia — disse ele, com uma voz suave e reconfortante. — E eu serei seu rei, seu deus. Essa é a hierarquia natural do mundo peculiar. Nunca fomos feitos para viver assim, descentralizados e fracos. Governados por mulheres. Não vamos mais nos esconder quando eu estiver no poder. Chega de se encolher de medo pateticamente embaixo das saias das *ymbrynes*. Como peculiares, temos lugar de honra à mesa da humanidade. Vamos governar a terra. Vamos finalmente herdar o que é nosso!

— Se acha que vamos ter algum papel nisso, você está maluco — replicou Emma.

— Eu já esperava isso de você, garota. Você é o típico peculiar criado por *ymbrynes*: sem ambição e sem noção, além de se achar superior. Silêncio, estou falando com o homem — ordenou Caul.

O rosto de Emma ficou tão vermelho quanto a chama em sua mão.

— Continue — falei, pensando nos guardas que provavelmente estavam a caminho e em nossos amigos, que ainda deviam estar atrapalhados com as chaves no corredor.

— Eis minha oferta. Permita que meus especialistas realizem o procedimento em você, e quando eles tiverem obtido o que quero, eu liberto você, seus amigos e suas *ymbrynes*. Elas, então, não vão ser mais nenhuma ameaça para mim.

— E se eu me recusar?

— Se não permitir que eu remova sua alma com facilidade e sem dor, então meus acólitos terão grande prazer em intervir. Entretanto, eles não são conhecidos pelas boas maneiras, e quando terminarem com você, infelizmente não terei condições de impedi-los de prosseguir com suas *ymbrynes*. Então, veja, terei o que quero de qualquer maneira.

— Isso não vai funcionar — disse Emma.

— Está se referindo ao pequeno truque do garoto? Soube que ele é capaz de controlar um etéreo, mas e dois ao mesmo tempo? Ou três, ou cinco?

— Quantos eu quiser — falei, tentando parecer confiante, imperturbável.

— Eu gostaria muito de ver — disse Caul. — Devo tomar isso como sua resposta, então?

— Tome como quiser. Não vou ajudar você — falei.

— Que ótimo — disse Caul. — Assim vai ser muito mais divertido!

Ouvimos Caul rindo pelo sistema de som, depois me assustei com uma campainha alta.

— O que você fez agora? — disse Emma.

Senti uma pontada forte no estômago, e, sem que Caul precisasse explicar nada, pude visualizar exatamente o que estava acontecendo: em um túnel um andar abaixo da sala das *ymbrynes*, um etéreo havia sido libertado do interior das profundezas do complexo. Ele estava se aproximando, subindo na direção de uma grade no chão que se abria lentamente. Logo estaria entre as *ymbrynes*.

— Caul está mandando um etéreo! Ele está chegando àquela sala! — exclamei.

— Vamos começar só com um etéreo — ameaçou Caul. — Se você conseguir lidar com ele, vou apresentar os amigos dele a vocês.

Eu bati no vidro.

— Deixe a gente entrar!

— Com prazer. Warren?

Warren apertou outro botão do controle remoto. Uma parte do vidro do

tamanho de uma porta se abriu.

— Eu vou lá. Você fique aqui e vigie-o! — falei para Emma.

— Se a srta. Peregrine está aí dentro, eu vou também — respondeu ela.

Estava claro que não havia como convencê-la do contrário.

— Então vamos levar ele com a gente — falei.

O assistente tentou fugir às pressas, mas Emma o pegou pelas costas do jaleco.

Passei correndo pela porta e entrei na sala escura e bagunçada, e Emma veio atrás de mim puxando pela gola o internista sem boca, relutante.

Ouvi o barulho da porta de vidro se fechando às nossas costas.

Emma xingou. Eu me virei para olhar.

O controle remoto estava do outro lado da porta, no chão. Estávamos trancados lá dentro.

* * *

Estávamos na sala havia alguns segundos quando Warren conseguiu se soltar de Emma e sair aos tropeções pela escuridão. Emma ia atrás dele, mas eu a segurei; ele não importava, afinal. O que importava era o etéreo, que agora estava quase escapando de sua cova e entrando na sala.

Ele estava faminto. Eu sentia seu apetite torturante como se fosse meu. Em instantes ele iria começar a devorar as *ymbrynes*, a menos que conseguíssemos detê-lo. A menos que *eu* conseguisse detê-lo. Primeiro, pensei, eu teria que encontrá-lo, e a sala estava tão cheia de tralhas e sombras que minha habilidade de ver etéreos não era grande vantagem.

Pedi mais luz a Emma. Ela aumentou o máximo que pôde as chamas em sua mão, mas isso pareceu apenas alongar as sombras.

Para sua segurança, pedi que ficasse perto da porta. Ela se recusou.

— Vamos ficar juntos — disse ela.

— Fique atrás de mim, então. Bem atrás.

Isso, pelo menos, ela me concedeu. Quando passei pela catatônica srta. Swallow, Emma estava vários passos atrás, a mão erguida para iluminar o caminho. O que conseguíamos ver do ambiente parecia um hospital de campanha, mas sem sangue, com formas humanas desconstruídas espalhadas por toda parte.

Chutei sem querer um braço de gesso, que rolou para longe com um ruído seco. Aqui havia um tronco em uma mesa; ali, uma cabeça em um vidro cheio

de líquido, com olhos e boca abertos, quase certamente real, mas não de uma safra recente. Aquele parecia ser o laboratório, câmara de tortura e depósito de Caul, tudo junto. Tal como o irmão, ele era um acumulador de coisas horripilantes. A diferença era que, enquanto Bentham era extremamente organizado, Caul precisava urgentemente de uma empregada.

— Bem-vindo ao playground dos etéreos — disse Caul, sua voz amplificada ecoando pelo aposento. — Conduzimos experimentos neles aqui, os alimentamos, assistimos a eles destroçarem sua comida. Estou me perguntando que parte de vocês ele vai comer primeiro. Alguns etéreos começam com os olhos... Um pequeno tira-gosto...

Tropecei em um corpo, que uivou quando meu pé afundou nele. Olhei para baixo e vi o rosto morto de medo de uma mulher de meia-idade me encarando, de olhos arregalados: uma *ymbryne* que eu não conhecia. Sem parar, eu me abaixei e sussurrei:

— Não se preocupe, vamos tirar você daqui.

Mas não, pensei, não íamos; aquele caos de formas e sombras loucas seria o cenário de nossa morte, o Velho Jacob surgindo, anunciando o fim, impossível de ser calado.

Ouvi algo se mover perto dos fundos da sala, seguido pela sucção úmida da boca de um etéreo se abrindo. Ele estava ali entre nós. Eu mirei em sua direção e corri, tropeçando, me reequilibrando, e Emma também correndo e dizendo:

— Jacob, corra!

— *Jacob, corra!* — arremedou Caul, pelo sistema de som.

Ele tinha aumentado a música: animada, sincopada, demente.

Passamos por três, quatro outras *ymbrynes*, todas amarradas e se debatendo, até que finalmente o vi.

Parei sem fôlego, com a mente em torvelinho diante de todo o seu tamanho. O etéreo era um gigante: várias cabeças mais alto que aquele que eu domara, seu crânio quase arrastando no teto, apesar de sua estrutura encurvada. Ele estava a seis metros de distância, as mandíbulas abertas e as línguas varrendo o ar. Emma caminhou aos tropeções até pouco mais de um metro à minha frente e estendeu a mão, acendendo uma chama ao mesmo tempo que apontava para alguma coisa.

— Ali! Olhe!

Não era o etéreo que ela tinha visto, é claro, mas aquilo em direção à qual ele estava se movendo: uma mulher, de cabeça para baixo e se retorcendo, pendurada como uma peça de carne, suas saias negras se avolumando ao redor

da cabeça. Mesmo daquele jeito, mesmo no escuro, eu a reconheci: era a srta. Wren.

Addison estava pendurado bem ao lado dela. Os dois se debatiam, amordaçados e a poucos metros de um etéreo cujas línguas então se esticaram na direção deles e se enroscaram nos ombros da srta. Wren, puxando-a para dentro da boca.

— PARE! — gritei, primeiro em inglês, em seguida na língua rascante que o etéreo entendia.

Gritei mais uma vez, então mais outra, até que ele parou, não por estar sob meu controle, mas porque, de repente, eu tinha me tornado uma presa mais interessante.

Ele soltou a *ymbryne*, que balançou como um pêndulo. O etéreo virou as línguas em minha direção.

— Tire a srta. Wren de lá enquanto eu atraio o etéreo para longe — falei.

Fui para longe da srta. Wren enquanto falava com o etéreo em um fluxo constante, na esperança de afastá-lo dela e manter sua atenção em mim.

Feche a boca. Sente-se. Deite.

Tirei os olhos da sra. Wren enquanto eu me movia — *bom, bom* — e então, quando eu recuei, ele avançou.

Sim. Certo. E agora?

Levei as mãos aos bolsos. Em um deles, tinha o que restava do dedo que a Mãe Poeira nos dera. No outro, um segredo: um vidro de ambro que eu pegara na sala anterior enquanto Emma não estava olhando. Eu o pegara em uma perda momentânea de confiança. E se eu não conseguisse fazer aquilo por conta própria? E se eu precisasse de um auxílio?

Sente-se, falei. *Pare*.

O etéreo lançou uma das línguas em minha direção. Eu me abaixei atrás de um manequim, que a língua laçou para depois erguê-lo e jogá-lo contra a parede, onde ele se espatifou.

Mergulhei para escapar de uma segunda língua e bati as canelas em uma cadeira caída. A língua atingiu o piso vazio de onde eu acabara de sair. O etéreo, agora, estava brincando comigo, mas logo partiria para o abate. Eu precisava fazer algo, e havia duas coisas que eu podia fazer.

O vidro ou o dedo.

Não havia como controlar aquele etéreo sem o aumento de minhas habilidades, coisa que um frasco de ambro podia proporcionar. O dedo esfarelado da Mãe Poeira, por outro lado, não era algo que eu pudesse jogar para

longe de mim, e eu havia perdido a máscara. Se tentasse usá-lo, só me faria dormir; era pior que nada.

Outra língua bateu no chão ao meu lado. Deslizei para baixo de uma mesa e saquei o vidro do bolso. Fiquei atrapalhado para tirar a rolha, com mãos trêmulas. Será que aquilo iria me transformar em herói ou escravo? Será que um vidro podia me deixar viciado para o resto da vida? E qual seria o pior resultado: ficar viciado e escravo, ou morto no estômago daquele etéreo?

A mesa foi arrebentada, me deixando exposto. Eu me levantei de um pulo. *Pare, pare*, gritei, dando pequenos saltos para trás enquanto as línguas do etéreo se lançavam em minha direção, errando por meros centímetros.

Minhas costas atingiram a parede. Não restava mais para onde ir.

Fui atingido na barriga, então a língua que me acertou se desenrolou e se moveu para se enrolar em meu pescoço. Eu precisava correr, mas estava atordoado, dobrado ao meio, sem fôlego. Aí ouvi um rosnado raivoso que não tinha vindo do etéreo, e um latido vigoroso.

Addison.

De repente, a língua que procurava meu pescoço ficou rígida, como se dolorida, e se retraiu pelo salão. O cão, aquele pequeno boxer, o havia mordido. Eu o ouvi rosnar e latir enquanto começava a lutar contra uma criatura invisível, vinte vezes maior do que ele.

Deslizei para o chão, encostado na parede, e enchi os pulmões de ar outra vez. Ergui o frasco, agora determinado. Convencido de que não tinha chance sem aquilo. Tirei a rolha, ergui o vidro acima dos olhos e joguei a cabeça para trás.

Então ouvi meu nome dito rapidamente no escuro, a pouco mais de um metro de distância.

— Jacob.

Eu me virei para olhar, e ali no chão, deitada em meio a uma pilha de partes humanas, estava a srta. Peregrine. Machucada, amarrada, lutando para falar através de uma nuvem de dor ou drogas, mas ainda assim ali, e me olhando com aqueles olhos verdes penetrantes.

— Não — disse ela. — Não faça isso.

Mal dava para ouvir sua voz, ela mal estava ali.

— Srta. Peregrine!

Baixei o frasco, coloquei a rolha de volta e arrastei as mãos até onde ela estava.

Minha segunda mãe, aquela santa peculiar. Caída, ferida. Talvez morrendo.

— A senhora está bem? — perguntei.

— Abaixe essa coisa. Você não precisa disso — disse ela.

— Preciso, sim. Eu não sou tão bom quanto ele.

Nós dois sabíamos de quem eu estava falando: meu avô.

— É, sim. Tudo de que precisa já está dentro de você. Esqueça esse frasco e use aquilo ali — disse ela, e apontou com a cabeça para algo que estava entre nós: a estaca serrilhada de madeira, parte de uma cadeira quebrada.

— Não posso. Não é suficiente.

— É, sim. Atinja os olhos.

— Não consigo — falei, mas fiz o que ela mandou.

Baixei o frasco e peguei a estaca.

— Bom garoto — sussurrou ela. — Agora vá e faça alguma coisa terrível com isso.

— Vou fazer — falei, e ela sorriu, e sua cabeça tornou a deitar no chão.

Eu me levantei, agora determinado, com a estaca de madeira na mão. Do outro lado do salão, Addison estava montado no etéreo como um peão de rodeio, os dentes cravados profundamente em uma das línguas, rosnando. O cão se segurava com valentia enquanto o etéreo o jogava para a frente e para trás. Emma libertara a srta. Wren da corda em que ela estava pendurada e montava guarda ao lado dela, agitando às cegas as mãos em chamas.

O etéreo empurrou Addison contra uma coluna, e o cão se soltou e caiu.

Parti na direção do etéreo, correndo o mais depressa possível por uma pista de obstáculos de membros espalhados. Mas, como uma mariposa diante da luz, a criatura parecia mais interessada em Emma. Estava começando a se aproximar dela, por isso gritei, primeiro em inglês:

— Ei! Aqui!

Depois, em etéreo:

— *Venha me pegar, canalha!*

Peguei a coisa que estava mais à mão, que por acaso era outra mão, e a joguei. Ela bateu nas costas do etéreo, que se virou para me encarar.

Venha me pegar, venha me pegar.

Por um instante o etéreo ficou confuso, o que foi tempo suficiente para que eu me aproximasse dele sem ficar preso em suas línguas. Eu o apunhalei com a estaca, uma, duas vezes no peito. Ele reagiu como se tivesse sido picado por uma abelha, nada além disso, e me derrubou no chão com uma língua.

Pare, pare, pare, gritei em etéreo, desesperado para que alguma coisa fosse transmitida, mas a fera parecia à prova de bala, totalmente vacinada contra

minhas sugestões. Então me lembrei do dedo, do pequeno toco de poeira em forma de giz em meu bolso. Quando fui pegá-lo, uma língua me envolveu e me ergueu no ar. Ouvi Emma gritando com ele para que me botasse no chão; Caul também.

— Não o coma! — gritou Caul pelo sistema de som. — Ele é meu!

Enquanto tirava o dedo da Mãe Poeira do bolso, o etéreo me largou dentro de suas mandíbulas abertas.

Fiquei preso em sua boca dos joelhos ao peito, preso por seus dentes que começavam a penetrar em minha carne, as mandíbulas se expandindo rapidamente para me engolir.

Aquele seria meu último ato. Meu momento final. Esmigalhei o dedo em minha mão e o enfiei pelo que acreditava ser a garganta do etéreo. Emma estava golpeando a criatura, a queimando, e então, antes que pudesse fechar as mandíbulas e me serrar ao meio com seus dentes, a criatura começou a engasgar. Ela cambaleou para longe de Emma, queimada e sufocando, recuando na direção da grade no chão, de onde saíra rastejando. Estava voltando para seu ninho, onde teria todo o tempo que quisesse para me devorar.

Tentei detê-lo, gritar *Me solte!*, mas ele estava mordendo, e a dor era tão terrível que eu não conseguia nem pensar. Então chegamos à grade e descemos pelo buraco. Sua boca estava tão cheia de mim que ele não conseguiu segurar os degraus na parede e estava caindo, caindo e sufocando, e eu, de algum modo, ainda estava vivo.

Batemos no fundo com o estrondo alto de ossos quebrados, um choque que esmagou nossos pulmões e lançou toda a poeira sedativa que eu enfiara no esôfago do etéreo em uma nuvem no ar ao nosso redor. Conforme a poeira caiu, comecei a sentir seus efeitos, aliviando minha dor e entorpecendo meu cérebro, e devia estar fazendo a mesma coisa com o etéreo, porque ele praticamente parou de me morder, suas mandíbulas relaxando.

Enquanto jazíamos em uma pilha atônita e sedada, correndo na direção do sono, vi se formar na minha frente, através de todas aquelas partículas flutuantes, um túnel úmido e escuro cheio de ossos empilhados. A última coisa que vi antes que a poeira me dominasse foi uma multidão de etéreos, encurvados e curiosos, avançando devagar.

---

* Em português, "andorinha". (N. da E.)

CAPÍTULO OITO

Acordei. Só isso já é digno de nota, acho, se levarmos em conta as circunstâncias.

Eu estava na toca dos etéreos, e ao meu redor havia os corpos empilhados de muitos outros. Eles podiam estar mortos, mas era mais provável que tivessem respirado o que restava do mindinho da Mãe Poeira, e o resultado estava emaranhado em um espaguete fedorento de carne de etéreo, roncando e, em sua maioria, inconsciente.

Fiz uma prece em silêncio agradecendo à Mãe Poeira e me perguntei, com alarme crescente, quanto tempo fazia que eu estava ali embaixo. Uma hora? Um dia? O que havia acontecido com todo mundo lá em cima?

Eu precisava ir. Alguns dos etéreos estavam começando a despertar do sono, como eu, mas ainda estavam zonzos. Com grande esforço, fiquei de pé. Aparentemente, meus ferimentos não eram muito graves, meus ossos não estavam tão quebrados. Cambaleei, tonto, então me equilibrei e comecei a caminhar em meio aos etéreos emaranhados.

Chutei um deles na cabeça por acidente. Com um grunhido, ele acordou e abriu os olhos. Eu congelei, achando que se corresse ele iria apenas me perseguir. O etéreo pareceu me registrar, mas não como ameaça nem refeição em potencial, e tornou a fechar os olhos.

Continuei em frente, posicionando cada pé com cuidado até passar pelo carpete de etéreos e chegar a uma parede. O túnel terminava ali. A saída ficava acima de mim: um poço que subia uns trinta metros até uma grade aberta e aquela sala bagunçada. Havia degraus ao longo do poço, mas estavam espaçados a grande distância, construídos para as línguas acrobáticas de etéreos, não para mãos e pés humanos. Parei, virei-me para o alto e vi ao longe um anel de luz fraca. Tinha esperança de que um rosto amigo surgisse ali, mas não ousei gritar por ajuda.

Eu pulava, desesperado, arranhando a parede dura, tentando chegar ao primeiro degrau. De algum modo eu o alcancei e comecei a subir. De repente, estava mais de três metros acima do chão. (*Como eu tinha feito isso?*) Tornei a saltar e alcancei o degrau seguinte e assim por diante. Eu estava subindo pelo poço, minhas pernas me projetando cada vez mais alto e meus braços alcançando mais longe do que eu sabia ser possível — *isso é loucura* —, até que cheguei ao topo, botei a cabeça para fora e saí para o salão.

Eu não estava nem respirando com dificuldade.

Olhei ao redor, vi a luz da chama de Emma e corri em sua direção pelo chão atulhado. Tentei chamar por ela, mas não conseguia dizer as palavras. Não

importava, lá estava ela no escritório, do outro lado da porta de vidro aberta. Warren estava deste lado, amarrado à cadeira onde antes estava a srta. Swallow, e quando eu me aproximei ele gemeu de medo e derrubou a si mesmo. Então os rostos surgiram na porta: Emma, a srta. Peregrine e Horace, e atrás deles outras *ymbrynes* e amigos, também. Todos ali, vivos, lindos. Eles tinham sido libertados das celas só para serem aprisionados outra vez ali, trancados atrás da porta de bunker à prova de bombas de Caul. Protegidos de etéreos (por enquanto), mas presos.

Pareciam temerosos, e quanto mais eu me aproximava da porta de vidro mais aterrorizados ficavam. *Sou eu*, tentei dizer, mas as palavras não saíram direito, e meus amigos pularam para trás.

Sou eu, Jacob!

O que saiu foi um rosnado rouco e três línguas compridas e gordas que se agitavam no ar à minha frente, cuspidas de minha própria boca em minha tentativa de falar. Então ouvi um dos meus amigos — Enoch, foi Enoch — dizer a coisa terrível da qual eu acabara de me dar conta:

— É um etéreo!

Não, tentei dizer, *não*, mas todas as provas diziam o contrário. Eu, de algum modo, tinha me *tornado um deles*, sido mordido e me transformado como um vampiro, ou morrido, sido reciclado e reencarnado. *Meu Deus meu Deus meu Deus não pode ser...*

Tentei estender as mãos, fazer algum sinal que pudesse ser reconhecido como humano agora que minha boca me havia falhado, mas foram minhas línguas que se estenderam.

Desculpa. Desculpa. Eu não sei dirigir essa coisa.

Emma golpeou com a mão às cegas em minha direção e acertou. De repente, uma dor lancinante me atravessou.

Então acordei.

Outra vez.

Ou melhor, sacudido por uma dor repentina, acordei outra vez em meu corpo, mas no meu corpo humano e ferido, ainda caído e no escuro, entre as mandíbulas imóveis de um etéreo adormecido. Mas eu também era o etéreo lá em cima, recolhendo minha língua na boca e cambaleando para longe da porta. Estava simultaneamente presente tanto em minha mente quanto na do etéreo, e então descobri que podia controlar as duas, podia levantar meu próprio braço e o do etéreo, virar minha própria cabeça e a do etéreo, e fazer tudo isso sem falar, apenas pensando.

Sem me dar conta, sem tentar conscientemente, eu tinha dominado o etéreo a tal ponto (via através de seus olhos, sentia através de sua pele) que era como se eu *fosse* o etéreo. Mas agora uma distinção estava ficando nítida. Eu era aquele garoto falho e de corpo alquebrado, no fundo de um buraco e cercado de monstros grogues. Eles estavam acordando, todos menos aquele que me levara até lá embaixo em suas mandíbulas (ele tinha tanta poeira em seu organismo que poderia dormir por anos), e agora estavam começando a se erguer, sacudindo a dormência de seus membros.

Mas eles não pareciam interessados em me matar. Estavam me observando, em silêncio e atentos. Formavam um semicírculo à minha volta, como crianças bem-comportadas na hora da história. À espera de instruções.

Rolei para fora das mandíbulas do etéreo até o chão. Consegui me sentar, mas estava machucado demais para ficar de pé. Só que eles *podiam* se levantar.

De pé.

Eu não disse isso, sequer pensei, na verdade. Foi mais como *fazer*, só que não fui eu quem fez. Foram eles, onze etéreos, todos ficaram de pé à minha frente em sincronia perfeita. Aquilo era incrível, claro, mas ainda assim senti uma calma profunda se espalhar por mim. Eu estava relaxando nas profundezas mais puras de minha habilidade. Algo como uma reinicialização coletiva, em que todas as mentes foram desligadas ao mesmo tempo, conectadas e religadas em seguida, levara a uma espécie de harmonia, me permitindo penetrar no núcleo inconsciente do meu poder, assim como na mente dos etéreos no exato momento em que suas defesas estavam baixas.

E agora eles eram meus. Marionetes que eu podia controlar com fios invisíveis. Mas por quanto tempo? Quais eram os limites? Quantos eu podia controlar ao mesmo tempo, separadamente?

Para descobrir, comecei a brincar.

No salão acima, deitei o etéreo.

Ele se deitou.

(Eu havia decidido que todos eram *eles*, mesmo sem saber de que sexo eram.)

Fiz aqueles que estavam na minha frente pular.

Eles pularam.

Agora havia dois grupos distintos, o solitário acima e os que estavam na minha frente. Tentei controlar cada um individualmente, fazendo um deles levantar a mão sem que o resto o fizesse. Era difícil, mas não impossível, como querer mexer apenas um dos dedos do pé, e em pouco tempo peguei o jeito da

coisa. Quanto menos consciente eu estivesse ao tentar, mais fácil se tornava. O controle vinha mais naturalmente quando eu apenas imaginava uma ação ser desempenhada.

Eu os mandei até as pilhas de ossos nos fundos do túnel, em seguida fiz com que pegassem ossos com as línguas e jogassem uns nos outros: primeiro, um de cada vez, depois dois, depois três e quatro, acumulando ação sobre ação até chegar a seis. Só quando fiz o etéreo lá em cima ficar de pé e fazer polichinelos os arremessadores de ossos começaram a deixar alguns caírem.

Não acho que estaria me gabando se dissesse que estava indo muito bem. Tinha mesmo um dom natural. Eu podia dizer que, com mais tempo de treino, poderia me tornar um mestre. Eu poderia jogar os dois lados de uma partida de basquete só de etéreos. Poderia fazê-los dançar todos os números de *O lago dos cisnes*. Mas não havia mais tempo para treinar; aquilo teria que bastar. Por isso eu os reuni à minha volta, fiz com que o mais forte me erguesse enrolado por sua língua e me pusesse montado em suas costas, e, um por um, meu exército monstruoso subiu pelo poço e foi para o salão.

* * *

As luzes no teto tinham sido acendidas no ambiente atulhado, e na crueza do brilho eu podia ver que os únicos corpos restantes eram manequins e modelos, pois todas as *ymbrynes* haviam sido retiradas. A porta de vidro que dava para a sala de observação de Caul estava fechada. Fiz os etéreos esperarem enquanto eu me aproximei dela sozinho, exceto pelo etéreo em que estava montado, então gritei para meus amigos, dessa vez com minha própria voz:

— Sou eu! Jacob!

Eles correram até a porta, o rosto de Emma cercado pelos outros.

— Jacob! — A voz dela estava abafada por trás do vidro. — Você está vivo!

Mas, enquanto ela me olhava, seu rosto ficou estranho, como se ela não conseguisse entender o que estava vendo. Percebi que, como estava nas costas do etéreo, eu passava para Emma a impressão de estar flutuando.

— Está tudo bem — falei. — Estou montado em um etéreo! — Dei um tapa no ombro dele para provar que havia algo sólido e de carne embaixo de mim. — Ele está sob meu controle, e esses outros também.

Fiz com que os onze etéreos se adiantassem, batendo os pés para se anunciarem. As bocas de meus amigos estavam ovais de assombro.

— É você mesmo, Jacob? — perguntou Olive.

— O que você quer dizer com “está sob meu controle”? — perguntou Enoch.

— Tem sangue na sua camisa! — exclamou Bronwyn.

Eles abriram a porta de vidro o suficiente apenas para falar através dela. Eu expliquei como caíra no poço dos etéreos e quase fora cortado ao meio por uma mordida, fora entorpecido e posto para dormir e acordara com uma dúzia deles sob meu controle. Como outra demonstração, fiz com que os etéreos pegassem Warren, com a cadeira em que estava amarrado e tudo, e o jogassem de um lado para outro algumas vezes, a cadeira virando de cabeça para baixo até que as crianças começaram a aplaudir e Warren a gemer como se fosse passar mal. Por fim, fiz com que o pusessem no chão.

— Se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, nunca teria acreditado — disse Enoch. — Nem em um milhão de anos!

— Você é fantástico! — ouvi uma voz pequenina dizer, e lá estava Claire.

— Deixe eu dar uma olhada em você! — falei, mas quando me aproximei da porta aberta, ela se encolheu.

Por mais impressionados que estivessem com minhas habilidades, superar o medo natural de um peculiar por etéreos não era coisa fácil, e o cheiro provavelmente também não ajudava.

— É seguro — falei. — Garanto.

Olive foi direto até a porta.

— *Eu* não estou com medo.

— Nem eu — disse Emma. — Eu vou primeiro.

Ela passou pela porta e foi até mim. Fiz o etéreo se abaixar, desci dele e consegui, meio sem jeito, abraçar Emma.

— Desculpe, não consigo ficar de pé sozinho direito — falei, encostando o rosto no dela, meus olhos fechados tocando seu cabelo macio. Não era suficiente, mas por ora teria que bastar.

— Você está ferido. — Ela se afastou para me olhar. — Você tem cortes por toda parte, cortes profundos.

— Não estou sentindo nada. Estou coberto de poeira...

— Isso pode significar que você está dormente, não curado.

— Vou me preocupar com isso depois. Quanto tempo eu fiquei lá embaixo?

— Horas — sussurrou ela. — Achamos que você tivesse morrido.

Toquei sua testa com a minha.

— Eu fiz uma promessa a você, lembra?

— Preciso que me faça uma promessa nova. Pare de me matar de susto.

— Vou fazer o possível.

— Não. Prometa.

— Quando isto acabar, vou fazer qualquer promessa que você quiser.

— Vou me lembrar disso — disse ela.

A srta. Peregrine surgiu na porta.

— É melhor vocês dois virem aqui. E deixem essa fera aí fora, por favor!

— Srta. Peregrine, a senhorita está de pé! — falei.

— Sim, estou me recuperando — respondeu ela. — Fui poupada por minha chegada tardia aqui e por certo nepotismo por parte de meu irmão. Nem todas as minhas irmãs *ymbrynes* tiveram a mesma sorte.

— Eu não a estava poupando, irmã — disse Caul outra vez pelo sistema de som, uma voz trovejante vinda do alto. — Estava apenas deixando o prato mais saboroso para o fim!

— Cale a boca! — gritou Emma. — Quando a gente encontrar você, os etéreos de Jacob vão acabar contigo!

Caul riu.

— Duvido — disse ele. — Você é mais poderoso do que eu imaginava, rapaz, mas não se engane. Você está cercado e sem saída. Apenas adiou o inevitável. Mas se desistir agora, posso considerar poupar alguns de vocês...

Com um movimento rápido das línguas, fiz os etéreos arrancarem os alto-falantes do teto e os destroçarem no chão. A voz de Caul morreu quando peças e fios se espalharam por toda parte.

— Quando o encontrarmos, quero arrancar as unhas dele antes de o matarmos — disse Enoch. — Alguém se opõe?

— Desde que antes eu possa mandar um esquadrão de abelhas por dentro do nariz dele — disse Hugh.

— Não fazemos as coisas assim — disse a srta. Peregrine. — Quando isso tudo terminar, ele vai ser condenado pelas leis das *ymbrynes* e apodrecer em uma fenda de punição pelo resto de sua vida anormal.

— Qual a diversão nisso? — disse Enoch.

A srta. Peregrine lhe lançou um olhar paralisante.

Fiz com que o etéreo me soltasse e, com a ajuda de Emma, manquejei pela porta e fui até a sala de observação. Todos os meus amigos estavam lá, menos Fiona. Vi rostos assustados me observando, deitados junto das paredes e descansando em cadeiras de escritório. As *ymbrynes*.

Mas antes que eu pudesse ir até elas, meus amigos bloquearam meu caminho. Jogaram os braços ao meu redor, segurando meu corpo cambaleante

com seus abraços. Eu me entreguei. Não sentia algo tão carinhoso fazia muito tempo. Aí Addison chegou trotando de maneira tão nobre quanto podia com duas patas machucadas, e eu me soltei para cumprimentá-lo.

— É a segunda vez que você me salva — falei, botando a mão em sua cabeça peluda. — Não sei como vou conseguir lhe pagar.

— Pode começar nos tirando desta maldita fenda — rosnou ele. — Eu me arrependo muito de ter atravessado aquela ponte!

Os que o ouviram riram. Talvez fosse sua natureza canina, mas Addison não tinha filtro, sempre dizia o que pensava.

— A proeza que você fez com aquele veículo foi uma das coisas mais corajosas que eu já vi — falei.

— Fui capturado no minuto em que entrei no complexo. Infelizmente, decepcionei vocês.

De repente, ouvimos um estrondo do outro lado da pesada porta. A sala estremeceu. Pequenos objetos caíram de prateleiras.

— Os acólitos estão tentando explodir a porta — explicou a srta. Peregrine. — Eles estão nisso há algum tempo.

— Vamos cuidar deles — falei. — Mas primeiro quero saber quem está faltando. As coisas vão sair de controle quando abrirmos aquela porta, por isso, se há peculiares em outro lugar deste complexo que precisem ser resgatados, quero me lembrar deles quando formos para a batalha.

Estava tão escuro e cheio de gente que resolvi fazer uma chamada. Chamei os nomes de nossos amigos duas vezes, só para ter plena certeza de que estavam todos ali. Em seguida, perguntei pelos peculiares que haviam sido levados da casa de gelo da srta. Wren junto conosco: o palhaço (jogado no abismo, contou-nos Olive entre soluços entrecortados, por se recusar a obedecer a ordens dos acólitos), o homem dobrável (deixado no metrô em estado grave), a telecinética Melina (no andar de cima e inconsciente, após ter parte de sua alma drenada) e os irmãos pálidos (idem). E havia as crianças que a srta. Wren resgatara: o garoto de aparência comum de chapéu mole e a garota encantadora de serpentes de cabelo crespo. Bronwyn disse que os vira ser levados para outra parte do complexo, onde mais peculiares estavam detidos.

Por fim, contamos as *ymbrynes*. Havia a srta. Peregrine, é claro, de cujo lado as crianças não saíam desde que foram reunidas. Havia muita coisa que eu queria conversar com ela. Tudo que tinha acontecido conosco desde a última vez que a víramos. Tudo que acontecera com ela. Apesar de não haver tempo para dizer nada disso algo passou entre nós, nos momentos breves em que nossos

olhares se cruzavam. Ela olhava para Emma e para mim com certo orgulho e admiração. *Confio em vocês*, diziam seus olhos.

Mas a srta. Peregrine, por mais felizes que estivéssemos em vê-la, não era a única *ymbryne* com a qual tínhamos que nos preocupar. Havia doze no total. Ela nos apresentou a suas amigas: a srta. Wren, que Emma baixara do teto, estava ferida, mas lúcida. A srta. Swallow ainda tinha o olhar vidrado, vago e apático. A mais velha, a srta. Avocet, que não era vista desde que ela e a srta. Peregrine foram raptadas juntas em Cairnholm, ocupava uma cadeira perto da porta. A srta. Bunting, a srta. Treecreeper* e várias outras cuidavam dela, colocando cobertores em seus ombros.

Quase todas pareciam assustadas, o que era atípico para as *ymbrynes*. Elas deveriam ser nossas mentoras e nossas líderes, mas estavam ali presas havia semanas, e tinham visto e feito coisas que as deixaram em estado de choque. (Elas também não tinham a confiança de meus amigos em minha habilidade de controlar uma dúzia de etéreos e se mantinham o mais longe de minhas criaturas que as dimensões da sala permitiam).

Ao fim daquilo, ainda havia uma pessoa entre nós que não tinha sido chamada: um homem barbado de pequena estatura que estava parado em silêncio junto das *ymbrynes*, nos observando através de óculos escuros.

— E quem é esse? — perguntei. — Um acólito?

O homem ficou irado.

— *Não!* — Ele tirou os óculos para nos mostrar seus olhos, que estavam seriamente furiosos. — Eu sou *ele*! — disse, com forte sotaque italiano.

Havia um livro grande com capa revestida de couro em uma mesa a seu lado. Ele apontou para o livro, como se aquilo de algum modo explicasse sua identidade.

Senti uma mão em meu braço. Era Millard, invisível depois de tirar o uniforme listrado.

— Permita-me apresentar o cartógrafo temporal mais famoso da história — disse ele, com grandiloquência. — Jacob, este é Perplexus Anomalous.

— *Buongiorno* — disse Perplexus. — É um prazer.

— É uma honra conhecê-lo — falei.

— Sim — disse ele, empinando o nariz. — É mesmo.

— O que ele está fazendo aqui? E como ainda está vivo? — sussurrei para Millard.

— Caul o encontrou em uma fenda do século XIV em Veneza que ninguém sabia existir. Mas ele está aqui há dois dias, o que significa que pode envelhecer

muito rápido.

Pelo que eu havia aprendido daquelas coisas, Perplexus corria o risco de envelhecer porque a fenda em que vivia era consideravelmente mais antiga que aquela em que estávamos naquele instante, e a diferença entre as duas épocas ia acabar por alcançá-lo.

— Sou seu maior fã! — disse Millard para Perplexus. — Tenho todos os seus mapas...

— Sim, você já me contou isso — disse Perplexus. — *Grazie*.

— Nada disso explica o que ele está fazendo aqui — disse Emma.

— Perplexus escreveu sobre a busca da Biblioteca de Almas em seu diário — disse Millard. — Por isso Caul o localizou, raptou e o obrigou a contar onde ficava.

— Fiz um juramento de sangue de nunca dizer nada — disse Perplexus com extrema tristeza. — Agora estou amaldiçoado para sempre!

— Quero levar Perplexus de volta a sua fenda antes que ele envelheça — disse Millard. — Não vou ser responsável pela perda do maior tesouro vivo do mundo peculiar!

Do outro lado da porta veio outro estrondo, ainda maior e mais alto que o anterior. O salão estremeceu, e pequenos fragmentos de rocha choveram do céu.

— Vamos fazer o possível, querido — disse a srta. Peregrine. — Mas temos que resolver outras coisas primeiro.

* * *

Elaboramos rapidamente um plano de ação, que era o seguinte: abrir a porta e usar meus etéreos para abrir caminho. Eles eram dispensáveis, pareciam em boas condições e minha conexão com eles só estava ficando mais forte. Em relação ao que poderia dar errado, eu sequer ousava imaginar. Nós íamos encontrar Caul, se pudéssemos, mas nossa prioridade era escapar vivos do complexo.

Levei os etéreos para a sala menor. Todos deram a eles um espaço amplo, apertando as costas contra a parede com as mãos no nariz enquanto as criaturas passavam lentamente e se reuniam em torno da porta pesada. O maior deles se ajoelhou e eu o montei mais uma vez, o que me deixou tão alto que precisei me abaixar para evitar que a cabeça tocasse o teto.

Ouvíamos as vozes dos acólitos lá fora no corredor. Sem dúvida eles estavam planejando lançar outra bomba. Resolvemos esperar até que eles a detonassem antes de sair, por isso ficamos ali esperando, um silêncio tenso enchendo a sala.

Por fim, Bronwyn rompeu a tensão:

— Acho que o sr. Jacob devia dizer alguma coisa para todos nós.

— Como assim? — perguntei, fazendo meu etéreo virar para que eu ficasse de frente para todos.

— Bem, você está prestes a nos liderar em uma batalha — disse Bronwyn. — Alguma coisa que um líder diria.

— Algo inspirador — completou Hugh.

— Algo que nos deixe menos aterrorizados — acrescentou Horace.

— É muita pressão — falei, sentindo-me um pouco envergonhado. — Não sei se isso vai deixar alguém menos aterrorizado, mas é algo em que eu andei pensando. Conheço vocês há apenas algumas semanas, mas parece muito mais que isso. Vocês são os melhores amigos que já tive. E é estranho pensar que há apenas alguns meses eu estava em minha casa e nem sabia que vocês eram reais. E ainda tinha meu avô.

Houve ruídos lá fora no corredor, vozes abafadas, a batida de algo de metal caindo no chão.

Continuei, mais alto:

— Sinto saudade de meu avô todos os dias, mas um amigo muito inteligente

uma vez me disse que tudo acontece por uma razão. Se eu não o tivesse perdido, bem, eu nunca teria conhecido vocês. Então acho que tive que perder uma parte da minha família para encontrar outra. Enfim, é assim que me sinto com vocês. Como família. Como um de vocês.

— Você é um de nós — disse Emma. — Você é nossa família.

— Nós amamos você, Jacob — disse Olive.

— Foi uma honra conhecê-lo, sr. Portman — disse a srta. Peregrine. — Você teria deixado seu avô muito orgulhoso.

— Obrigado — falei, ficando emocionado e um pouco envergonhado.

— Jacob? — disse Horace. — Posso lhe dar uma coisa?

— É claro.

Os outros, sentindo que algo particular estava se desenrolando entre nós, começaram a sussurrar entre si.

Horace se aproximou o máximo do etéreo que conseguiu e, tremendo um pouco, estendeu um pedaço quadrado de tecido. Eu o peguei, baixando a mão de meu lugar elevado nas costas do etéreo.

— É um cachecol — disse Horace. — A srta. Peregrine conseguiu me contrabandear um par de agulhas, e eu tricotei na cela. Acredito que isso evitou que eu enlouquecesse lá.

Eu agradeci e o desdobrei. O cachecol era simples e cinza, com franjas amarradas nas extremidades, mas era bem-feito e tinha até um monograma com minhas iniciais. *JP*.

— Uau, Horace, é...

— Não é uma grande obra de arte. Se eu tivesse meu livro de moldes, teria feito melhor.

— É maravilhoso — falei. — Mas como você sabia que ia tornar a me ver?

— Eu tive um sonho — disse ele, com um sorriso tímido. — Você vai usá-lo. Sei que não está frio, mas... para dar sorte?

— É claro — falei, e o enrolei desajeitadamente no pescoço.

— Não, assim nunca vai ficar. Desse jeito.

Ele me mostrou como dobrá-lo ao meio no comprimento, depois enrolá-lo no pescoço e fazer a volta por dentro para dar um nó perfeito, com as extremidades soltas pendendo harmoniosas sobre minha camisa. Não era exatamente um traje de combate, mas mal não faria.

Emma foi lentamente até nós.

— Você sonhou com mais alguma coisa além de moda masculina? — disse ela para Horace. — Tipo onde Caul pode estar escondido?

Horace sacudiu a cabeça e começou a responder:

— Não, mas eu tive um sonho fascinante sobre selos de cartas.

Antes que ele pudesse nos contar mais, surgiu um barulho no corredor que pareceu um caminhão de carga batendo em uma parede, um impacto sônico que nos abalou até a medula. A grande porta no fim da sala explodiu e abriu, lançando dobradiças e estilhaços nas paredes em frente. (Felizmente, todos estávamos longe dela.) Seguiu-se um momento de calma durante o qual a fumaça baixou e todo mundo lentamente se ergueu. Depois, em meio ao zunido de meus ouvidos, ouvi uma voz amplificada dizer:

— Mandem o garoto sozinho e ninguém vai se machucar!

— Não sei por quê, mas não confio neles — disse Emma.

— Não mesmo — disse Horace.

— Nem pense nisso, sr. Portman — disse a srta. Peregrine.

— Eu não pensei — respondi. — Todo mundo pronto?

Murmúrios de aprovação. Conduzi os etéreos para os dois lados da porta, suas mandíbulas articuladas abertas, as línguas prontas. Eu estava prestes a lançar meu ataque surpresa quando ouvi a voz de Caul por um sistema de som no corredor:

— Eles têm o controle dos etéreos! Para trás, homens! Posições defensivas!

— Desgraçado! — exclamou Emma.

O som de botas recuando encheu o corredor. Nosso ataque surpresa tinha sido estragado.

— Não importa! — falei. — Quando você tem doze etéreos, não precisa do fator surpresa.

Era hora de usar minha arma secreta. Em vez da tensão que aumentara antes do ataque, senti o contrário, um relaxamento de minha personalidade completa e atual à medida que minha consciência se acalmava e se dividia entre os etéreos. Então, enquanto eu e meus amigos recuávamos, as criaturas começaram a se lançar para o corredor pela abertura irregular da porta explodida, correndo, rosnando, as mandíbulas abertas, seus corpos invisíveis escavando túneis na fumaça da bomba. Os acólitos atiraram neles, os canos de suas armas reluziram, e eles recuaram. Balas zuniram através da porta aberta no interior da sala onde eu e os outros estávamos nos protegendo, estourando nas paredes às nossas costas.

— Diga quando! — gritou Emma. — Vamos quando você disser!

Com a mente em doze lugares ao mesmo tempo, mal consegui formar uma palavra em inglês em resposta. Eu era eles, aqueles etéreos no corredor, minha

própria carne sofrendo em sintonia com cada tiro que rasgava a deles.

Nossas línguas os alcançaram primeiro: os acólitos que não tinham corrido rápido o suficiente e os corajosos mas tolos que haviam ficado para lutar. Nós os golpeamos e batemos suas cabeças na parede, e um pequeno número parou para — aqui eu tentei desconectar meus próprios sentidos — afundar os dentes neles, engolindo suas armas, silenciando seus gritos, deixando-os feridos e boquiabertos.

Afunilados na escada no fim do corredor, os guardas voltaram a atirar. Uma segunda saraivada de balas nos atravessou, profunda e dolorosa, mas continuamos correndo, agitando as línguas.

Alguns acólitos escaparam pelo alçapão. Outros não tiveram tanta sorte, e, quando pararam de gritar, os jogamos longe. Senti a morte de dois de meus etéreos, seus sinais se apagando de minha mente, a conexão perdida. Aí o corredor ficou limpo.

— Agora! — falei para Emma, o que no momento foi a frase mais complexa que consegui articular.

— Agora! — gritou Emma, virando-se para o resto do grupo. — Por aqui!

Levei meu etéreo para o corredor, agarrado a seu pescoço para não ser arremessado de suas costas. Emma foi atrás de mim com os outros, usando as mãos em chamas como sinais na fumaça. Atacamos juntos pelo corredor, com meu batalhão de monstros à minha frente, meu exército de peculiares atrás. Os mais fortes e mais corajosos lideravam: Emma, Bronwyn e Hugh, depois as *ymbrynes* e o mal-humorado Perplexus, que insistiu em levar seu pesado *Mapa dos dias*. Por último vinham as crianças menores, os tímidos, os feridos.

O corredor cheirava a pólvora e sangue.

— Não olhem! — ouvi Bronwyn dizer quando começamos a passar pelos corpos de acólitos mortos.

Contei enquanto corríamos: havia cinco, seis, sete deles para meus dois etéreos caídos. Eram números encorajadores, mas quantos acólitos havia no total? Quarenta? Cinquenta? Meu medo era haver uma quantidade deles impossível de matar, enquanto nós éramos muitos para proteger, e que em campo aberto fôssemos superados com facilidade, cercados e confundidos. Eu tinha que matar o maior número possível de acólitos antes que eles saíssem do complexo e aquela luta se tornasse uma derrota inevitável.

Minha consciência voltou a se concentrar nos etéreos. Subindo a escada em caracol, o primeiro saiu pelo alçapão, e sobreveio uma dor lancinante, então um vazio.

Ele tinha sido emboscado ao sair.

Fiz com que o próximo a sair pela portinhola pegasse o corpo do morto para usar como escudo. Ele recebeu uma rajada de tiros e avançou pela sala enquanto outros etéreos saltavam pelo alçapão atrás dele. Eu tinha que pressionar os acólitos rápido, afastá-los dos peculiares deitados em camas de hospital por todo lado. Com alguns golpes de nossas línguas, os mais próximos foram derrubados e o restante fugiu.

Mandei meus etéreos atrás deles. Agora éramos tantos, tantas mãos, que desconectar nossos amigos presos ao leito de seus drenos de almas parecia impossível. Nós nos espalhamos e agimos rápido. Em relação ao louco acorrentado e ao garoto que puséramos em um armário, eles estavam mais seguros ali do que conosco. Nós íamos voltar.

Enquanto isso, meus etéreos restantes perseguiam os acólitos na direção da saída do prédio. Os acólitos disparavam descontroladamente para trás enquanto fugiam. Atacando-os com nossas línguas, conseguimos derrubar dois ou três, que encontraram um fim rápido mas pavoroso quando meus etéreos os alcançaram. Um acólito tinha se escondido atrás de uma bancada, onde estava armando uma bomba. Um etéreo o puxou, depois se embolou com ele em uma sala lateral. A bomba explodiu instantes depois. Outro etéreo se apagou de minha consciência.

Os acólitos haviam se espalhado, e mais da metade escapou, saltando por janelas e saindo por portas laterais. Nós os estávamos perdendo. Tínhamos terminado de soltar os peculiares presos à cama e quase alcançáramos meus etéreos, que agora eram sete, além daquele em que eu estava montado. Estávamos perto da saída, na sala dos instrumentos horríveis, e tínhamos uma escolha. Perguntei aos que estavam mais perto de mim: Emma, a srta. Peregrine, Enoch e Bronwyn:

— Usamos os etéreos como cobertura e corremos para a torre? — Minha língua se recuperava conforme diminuíam os etéreos que eu tinha que controlar. — Ou continuamos a lutar?

Surpreendentemente, todos eles concordaram.

— Não podemos parar agora, pessoal — disse Enoch, limpando sangue das mãos.

— Se fizermos isso, eles vão continuar a nos perseguir para sempre — disse Bronwyn.

— Não, não vamos! — disse um acólito ferido, que estava perto, encolhido de medo no chão. — Vamos assinar um tratado de paz.

— Tentamos isso em 1945 — disse a srta. Peregrine. — Não valeu o papel

higiênico em que foi escrito. Temos que continuar lutando, crianças. Talvez não tenhamos outra oportunidade como esta de novo.

Emma ergueu a mão em chamas.

— Vamos queimar este lugar inteiro.

* * *

Mandei meus etéreos correndo do prédio do laboratório para o pátio, atrás dos acólitos restantes. Os etéreos foram novamente emboscados, e mais um foi morto, apagado de minha mente ao morrer. Tirando aquele em que eu estava montado, àquela altura todos tinham recebido ao menos uma bala cada, mas a maioria ainda estava forte. Etéreos, como eu aprendera várias vezes, da pior maneira, eram criaturas resistentes.

Os acólitos, por outro lado, pareciam estar ficando assustados, mas isso não significava que eu podia descartá-los. Não saber ao certo onde eles estavam só os tornava mais perigosos.

Tentei manter meus amigos no interior do prédio enquanto mandava os etéreos em reconhecimento, mas os peculiares estavam com raiva e atacaram, ansiosos para entrar na luta.

— Saiam do caminho! — disse Hugh, tentando afastar a mim e a Emma, que estávamos bloqueando a porta.

— Não é justo que Jacob faça tudo! — disse Olive. — Você já matou metade dos acólitos, mas eu odeio eles tanto quanto você! E odeio há mais tempo, há quase cem anos! Então, vamos lá!

Era verdade: aqueles garotos tinham um século de ódio pelos acólitos para expelir, e eu estava levando toda a glória. Aquela era a luta deles também, e não cabia a mim mantê-los de fora.

— Se vocês querem mesmo ajudar, eis o que podem fazer... — falei para Olive.

Trinta segundos depois, tínhamos saído no pátio aberto, e Horace e Hugh estavam soltando Olive no ar presa por uma corda em torno de sua cintura. Ela se transformou imediatamente em nosso olho valioso no céu, gritando informações que meus etéreos presos ao chão jamais poderiam ter reunido.

— Tem dois à direita, depois do barraco branco pequeno! E outro no telhado! E alguns correndo na direção da muralha grande!

Eles não tinham se espalhado aos quatro ventos, mas estavam, em sua maioria, fora do pátio. Com alguma sorte, ainda poderiam ser pegos. Chamei

meus seis etéreos remanescentes de volta para nós. Espalhei quatro deles em uma falange que iria marchar à nossa frente, e dois às nossas costas como guarda contra ataques pela retaguarda. Isso permitia que eu e meus amigos varrêssemos o espaço entre nós e enfrentássemos os acólitos que pudessem romper nossa barreira de etéreos.

Começamos a marchar, na direção da extremidade do pátio. Montado em meu etéreo pessoal, me sentia como um general a cavalo comandando suas tropas. Emma estava ao meu lado, e os outros peculiares vinham logo atrás: Bronwyn recolhendo tijolos soltos para arremessar, Horace e Hugh segurando a corda de Olive, Millard grudado a Perplexus, que proferia uma torrente constante de impropérios em italiano enquanto se protegia com seu *Mapa dos dias*. No fim, as *ymbrynes* assoviavam e emitiam cantos altos de ave em uma tentativa de recrutar amigos alados para nossa causa, mas o Recanto do Demônio era uma zona tão morta que havia pouquíssimas aves selvagens para ser encontradas. A srta. Peregrine assumira o cuidado da velha srta. Avocet e das poucas *ymbrynes* em estado de choque. Não havia onde as deixar; elas teriam que nos acompanhar na batalha.

Depois do pátio havia uma faixa de terreno aberto com cerca de cinquenta metros de comprimento. Em todo aquele espaço, erguia-se apenas uma edificação pequena, tudo o que existia entre nós e a muralha externa. Era uma estrutura muito curiosa, com telhado de pagode e portas altas ornamentadas, para onde vi alguns acólitos fugirem. Segundo Olive, quase todos os acólitos restantes tinham assumido posições no interior da pequena construção. De um jeito ou de outro, precisávamos expulsá-los de lá.

Um silêncio havia baixado sobre o complexo. Não havia acólitos visíveis em lugar nenhum. Paramos atrás de um muro protetor para discutir nosso movimento seguinte.

— O que eles estão fazendo ali dentro?

— Tentando nos atrair para campo aberto — disse Emma.

— Sem problema. Vou mandar os etéreos.

— Isso não vai nos deixar desprotegidos?

— Não sei se temos escolha. Olive contou pelo menos vinte acólitos lá dentro. Preciso mandar todos os etéreos, senão eles vão ser massacrados.

Respirei fundo. Examinei os rostos tensos e à espera ao meu redor. Mandei os etéreos avançarem um a um pelo terreno aberto na ponta dos pés, na esperança de que assim cercassem o prédio sem serem notados.

Pareceu funcionar: o prédio tinha três portas, e consegui colocar dois etéreos

em cada uma sem que um único acólito mostrasse a cara. Os etéreos ficaram de guarda diante das portas enquanto eu escutava por meio de seus ouvidos. Lá dentro, alguém falava com voz aguda, embora eu não conseguisse identificar as palavras. Aí uma ave trinou. Meu sangue gelou.

Havia *ymbrynes* lá dentro. Outros mais que não sabíamos estarem lá.

Reféns.

Mas, se isso fosse verdade, por que os acólitos não estavam tentando negociar um resgate?

Meu plano original era arrombar todas as portas ao mesmo tempo e atacar. Mas, se havia reféns, especialmente *ymbrynes*, eu não podia arriscar uma ação tão imprudente.

Decidi fazer com que um dos etéreos desse uma olhada lá dentro. Todas as janelas, porém, estavam bloqueadas por persianas; eu teria que mandá-lo por uma porta.

Escolhi o menor etéreo. Estendi sua língua dominante. Ela lambeu e agarrou a maçaneta.

— Vou mandar um deles entrar — falei. — Só um, para dar uma olhada.

Lentamente, o etéreo girou a maçaneta. Quando contei em silêncio até três, o etéreo abriu a porta.

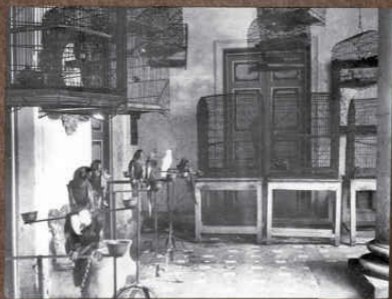
Ele se inclinou para a frente e encostou o olho negro na fresta.

— Estou olhando lá dentro.

Com seus olhos, vi uma faixa de parede com gaiolas enfileiradas, gaiolas de passarinho pesadas e negras de vários tamanhos e formas.

O etéreo abriu mais a porta. Vi mais gaiolas, e agora aves também, dentro e fora da gaiola, acorrentadas a poleiros.

Mas nenhum acólito.

— O que você está vendo? — perguntou Emma.

Não havia tempo para explicar, só para agir. Fiz com que meus etéreos abrissem as portas ao mesmo tempo e entrassem rapidamente.

Havia aves por toda parte, assustadas e piando.

— Aves! — falei. — A sala está cheia de *ymbrynes*!

— O quê? — disse Emma. — Onde estão os acólitos?

— Não sei.

Os etéreos estavam farejando o ar, procurando por todos os cantos.

— Não pode ser! — disse a srta. Peregrine. — Todas as *ymbrynes* sequestradas estão bem aqui.

— Então o que são essas aves? — falei.

Aí, em uma voz rouca de papagaio, ouvi um deles cantar:

— Corra, coelho, corra! Corra, coelho, corra!

E percebi: não eram *ymbrynes*. Eram papagaios. E estavam fazendo tique-taque.

— PARA O CHÃO! — gritei, e todos mergulhamos para o chão atrás do muro do pátio, o etéreo se jogando para trás e me levando com ele.

Mandei meus etéreos na direção das portas, mas as bombas-papagaio estouraram antes que pudessem passar por elas, dez de uma vez, destruindo o prédio e os etéreos em um estrondo terrível. Enquanto terra, tijolos e fragmentos do prédio voavam pelo pátio e choviam sobre nós, senti os sinais dos etéreos morrerem juntos, todos menos um se apagando de minha mente.

Uma nuvem de fumaça e penas se elevou além do muro. Os peculiares e as *ymbrynes* estavam cobertos de terra, tossindo, verificando uns aos outros à procura de buracos. Eu estava em choque, ou algo assim, meu olhar preso em uma faixa respingada no chão onde tinha caído um pedaço esmagado e trêmulo de etéreo. Minha mente passara uma hora se expandindo para acomodar doze deles, e sua morte repentina criou um vácuo desorientador, me deixando atordoado e estranhamente desolado. Mas a crise tem um modo de concentrar a mente, e o que aconteceu em seguida fez com que eu e meu etéreo nos sentássemos eretos rapidamente.

De trás do muro veio o som de muitas vozes gritando juntas, um grito de batalha potente que crescia, e, por baixo, o trovejar de botas. Todo mundo congelou e olhou para mim, o medo vincando seus rostos.

— O que é *isso*? — disse Emma.

— Vou ver — falei, e desci do etéreo e rastejei para olhar do outro lado do muro.

Uma horda de acólitos avançava em nossa direção cruzando o terreno

enfumaçado. Vinte deles em um grupo cerrado, correndo com rifles e pistolas erguidos, os olhos e dentes brancos brilhando. Eles não haviam sido atingidos pela explosão, tendo escapado, supus, para algum abrigo subterrâneo. Tínhamos sido atraídos para uma armadilha, da qual as bombas-papagaio eram apenas o primeiro componente. Agora que nossa melhor arma tinha sido arrancada de nós, os acólitos estavam fazendo seu ataque final.

Houve uma confusão de pânico enquanto os outros olhavam pelo outro lado do muro e viam por si mesmos o ataque da horda.

— O que vamos fazer? — exclamou Horace.

— Lutar! — disse Bronwyn. — Vamos mostrar a eles tudo o que temos!

— Não, temos que fugir enquanto podemos! — disse a srta. Avocet, cujas costas curvadas e cujo rosto com rugas profundas tornavam difícil imaginá-la fugindo. — Não podemos nos dar ao luxo de perder mais peculiares!

— Desculpe, mas eu estava perguntando a Jacob — disse Horace. — Afinal de contas, foi ele que nos trouxe até aqui...

Instintivamente, olhei para a srta. Peregrine, que eu considerava a maior autoridade em questão de autoridade. Ela retribuiu meu olhar e assentiu.

— Sim. Acho que o sr. Portman devia decidir. E rápido, senão os acólitos vão tomar a decisão por você — disse ela.

Eu quase protestei. Todos os meus etéreos estavam mortos, com exceção de um, mas imaginei que aquela fosse a maneira de a srta. Peregrine dizer que acreditava em mim, com ou sem etéreos. Enfim, o que deveríamos fazer parecia óbvio. Em cem anos, os peculiares jamais estiveram tão perto de destruir a ameaça dos acólitos, e se fugíssemos naquele momento, eu sabia que essa chance podia nunca mais voltar. Meus amigos estavam assustados, mas determinados. Prontos, pensei, para arriscar a vida por uma chance de finalmente erradicar a praga dos acólitos.

— Vamos lutar — falei. — Chegamos longe demais para desistir agora.

Se havia alguém entre nós que preferisse ter fugido, ficou quieto. Nem as *ymbrynes*, que tinham feito votos de nos manter em segurança, discutiram. Elas sabiam que tipo de destino nos aguardava se fôssemos recapturados.

— Só precisa dar a ordem — disse Emma.

Ergui a cabeça para olhar acima do muro. Os acólitos estavam se aproximando depressa, menos de trinta metros agora. Mas eu os queria ainda mais perto, para que pudéssemos derrubar com facilidade as armas em suas mãos.

Tiros espocaram. Um grito penetrante veio do alto.

— Olive! Eles estão atirando em Olive! — alertou Emma.

Tínhamos deixado a pobre menina lá no alto. Os acólitos estavam atirando, enquanto ela gritava e debatia os membros como uma estrela do mar. Não havia tempo para puxá-la de volta, mas não podíamos simplesmente deixá-la para prática de tiro ao alvo.

— Vamos dar a eles algo melhor em que atirar — falei. — Prontos?

A resposta deles foi enfática e afirmativa. Subi em meu etéreo, que estava abaixado.

— VAMOS LÁ! — gritei.

O etéreo ficou de pé em um salto, quase me derrubando, e se lançou para a frente como um cavalo de corrida no tiro de largada. Irrompemos de trás do muro, eu e o etéreo liderando o ataque, meus amigos e as *ymbrynes* logo atrás. Soltei um grito de guerra alto, não tanto para assustar os acólitos quanto para acabar com o medo que cravava suas garras em mim, e meus amigos fizeram o mesmo. Os acólitos hesitaram, e por um instante pareceram não conseguir decidir se continuavam o ataque ou paravam e atiravam em nós. Isso deu a mim e ao etéreo tempo suficiente para cobrir grande parte do terreno aberto que nos separava.

Não demorou muito para que os acólitos se decidissem. Eles pararam, apontaram suas armas para nós como um pelotão de fuzilamento e dispararam uma saraivada de balas. Elas passaram zunindo à minha volta, perfurando o chão, acendendo meus receptores de dor ao atingirem o etéreo. Rezando para que ele não tivesse sido atingido em nenhum ponto vital, eu me abaixei bem para me proteger atrás de seu corpo e o conduzi para a frente, mais rápido, usando suas línguas como pernas extras para aumentar nossa velocidade.

O etéreo e eu cruzamos o trecho restante em apenas alguns segundos, com meus amigos logo atrás. Então estávamos em meio a eles, lutando corpo a corpo, e a vantagem era nossa. Enquanto eu me concentrava em derrubar as armas das mãos dos acólitos, meus amigos faziam bom uso de seus talentos peculiares. Emma agitava as mãos como porretes de fogo, cortando através de uma fileira de acólitos. Bronwyn jogou os tijolos que reunira, depois socou e bateu nos acólitos com as mãos nuas. A abelha solitária de Hugh tinha feito amigas, e, enquanto ele as instigava a atacar ("Direto nos olhos, irmãs!"), elas sobrevoavam e mergulhavam sobre nosso inimigo sempre que podiam. O mesmo faziam as *ymbrynes*, que tinham se transformado em aves depois dos primeiros tiros. A srta. Peregrine era a mais temível, seu bico e suas garras grandes botando acólitos para correr, mas até a pequena e colorida srta. Bunting

se mostrou útil, puxando o cabelo de um acólito e bicando sua cabeça com força suficiente para fazê-lo errar o tiro, o que permitiu que Claire saltasse e o mordesse no ombro com a boca grande e de dentes pontiagudos da nuca. Enoch também fez sua parte, revelando de baixo da camisa três homens de barro com garfos como pernas e facas como braços, que ele mandou atacar os tornozelos dos acólitos. Enquanto isso, Olive gritava alertas para nós.

— Atrás de você, Emma! Ele vai pegar a arma, Hugh!

Entretanto, apesar de toda a nossa engenhosidade peculiar, estávamos em desvantagem numérica, e os acólitos estavam lutando como se suas vidas dependessem disso, o que provavelmente era verdade.

A coronha de uma arma atingiu minha cabeça, e eu pendi sem forças do pescoço do etéreo por um instante, o mundo girando. A srta. Bunting foi pega e jogada no chão. Estava um caos, um caos horrível, e os acólitos aproveitaram o momento, nos forçando a recuar.

E então, de trás de mim, ouvi um rugido familiar. Meus sentidos voltaram, e vi Bentham galopando na direção da luta montado nas costas de seu urxinim preto. Os dois estavam encharcados, depois de atravessar pelo Polifendador do mesmo modo que eu e Emma fizéramos.

— Olá, meu jovem! — chamou ele, montando ao meu lado. — Precisando de ajuda?

Antes que eu pudesse responder, meu etéreo foi atingido outra vez, a bala passou pelo lado de seu pescoço e raspou minha coxa, pintando uma linha sangrenta através de minha calça rasgada.

— Sim, por favor! — gritei.

— PT, você escutou o garoto! MATE! — ordenou Bentham.

O urxinim entrou na luta, agitando as patas gigantes e derrubando acólitos para o lado como se fossem pinos de boliche. Um se aproximou correndo e atirou em PT à queima-roupa, no peito, com uma arma pequena. Parecendo meramente incomodado, o urxinim pegou o acólito e o jogou para longe. Logo, com meu etéreo e o urxinim de Bentham trabalhando juntos, nós pusemos os acólitos na defensiva. Quando ficou claro que os deixamos em inferioridade numérica, com suas fileiras reduzidas a não mais que dez, eles fugiram.

— Não deixem que eles escapem! — gritou Emma.

Partimos atrás dos acólitos a pé, voando, nas costas de um urxinim e de um etéreo. Nós os perseguimos pelas ruínas fumegantes da casa dos papagaios, atravessamos o terreno pontilhado de roedores catapultados pela insurreição de Sharon na direção de um portão em arco construído na grande muralha exterior.

A srta. Peregrine gritou do alto, mergulhando sobre os acólitos em fuga. Ela desequilibrou um deles puxando-o pela nuca, mas isso, e mais ataques das abelhas de Hugh, só fizeram com que os nove restantes corressem ainda mais depressa. A vantagem que tinham estava crescendo, e meu etéreo estava começando a enfraquecer, fluido negro escorrendo de meia dúzia de feridas.

Os acólitos corriam às cegas, e a ponte levadiça do portão de ferro se ergueu quando se aproximaram.

— Detenham-nos! — gritei, na esperança de que, do outro lado do portão, Sharon e sua multidão indisciplinada ouvissem.

Então eu percebi: a ponte! Ainda restava outro etéreo, o que estava no interior da ponte. Se eu conseguisse assumir o controle dele a tempo, talvez pudesse impedir que os acólitos escapassem.

Mas não. Eles já tinham atravessado o portão, estavam correndo pela ponte, e eu estava muito para trás. Quando passei pelo portão, o etéreo da ponte já tinha pegado e lançado cinco deles até o outro lado, na Rua da Fumaça, onde havia apenas um pequeno grupo de homens, aparentemente viciados em ambro, o que não era suficiente para detê-los. Os quatro acólitos que ainda não tinham atravessado estavam presos no vão da ponte, esperando sua vez de serem lançados.

Quando meu etéreo e eu começamos a subir a ponte correndo, senti o etéreo no interior da ponte se conectar. Ele estava pegando três dos quatro acólitos e os levando para o outro lado.

Pare, falei alto, em etéreo.

Ou pelo menos foi o que eu achei ter dito, embora algo possa ter se perdido na tradução, e talvez *pare* se pareça muito com *largue* em língua de etéreo. Porque, em vez de parar em pleno ar e trazer os três acólitos que se debatiam apavorados para nosso lado da ponte, o etéreo simplesmente os soltou. (Que estranho!)

Todos os peculiares de nosso lado do abismo e os viciados do outro lado se aproximaram da beira para vê-los despencar, gritando e se agitando durante toda a queda através da névoa verde sulfúrica até — *ploft!* — mergulharem no rio fervente e desaparecerem.

Um viva se ergueu dos dois lados, e uma voz rouca que reconheci disse:

— Bem-feito para eles. Eles davam péssima gorjeta, mesmo!

Era uma das duas cabeças de ponte que ainda estavam em suas lanças.

— Sua mãe nunca lhe disse para não nadar de estômago cheio? — disse a outra. — ESPERE VINTE MINUTOS!

O acólito solitário que restava de nosso lado largou a arma e ergueu as mãos em rendição, enquanto os cinco que conseguiram atravessar estavam desaparecendo rapidamente na nuvem de cinzas erguida pelo vento.

Nós paramos e os observamos ir. Não havia como pegá-los, agora.

— É muito azar — disse Bentham. — Mesmo aquele pequeno número de acólitos pode causar o caos por anos à frente.

— Concordo, irmão, embora honestamente não tivesse percebido que você se importa com o que acontece com o resto de nós.

Nós nos viramos para ver a srta. Peregrine caminhando entre nós, de volta à forma humana, com um xale ajustado discretamente em torno dos ombros. Seus olhos estavam fixos em Bentham; sua expressão, amarga e hostil.

— Olá, Alma! É fantástico rever você! — disse ele, com alegria exagerada. — E é claro que eu me importo... — Ele limpou a garganta de modo esquisito. — Ora, é graças a mim que vocês não estão em uma cela de prisão! Vão em frente, crianças, contem a eles!

— O sr. Bentham nos ajudou muito — admiti, embora na verdade não quisesse me meter em uma briga de irmãos.

— Nesse caso, fico agradecida — disse friamente a srta. Peregrine. — Vou me assegurar de que o Conselho de *Ymbrynes* tome conhecimento do papel que você teve aqui. Talvez elas achem apropriado reduzir sua sentença.

— Sentença? — disse Emma, olhando rispidamente para Bentham. — Que sentença?

Os lábios dele se retorceram.

— Banimento. Vocês não acham que eu viveria neste buraco se fosse aceito em qualquer outro lugar, acham? Fui incriminado injustamente, acusado de...

— Conspiração — disse a srta. Peregrine. — Colaboração com o inimigo. Traição após traição.

— Eu estava atuando como agente duplo, Alma, tentando obter informações de nosso irmão. Já expliquei isso a você! — Ele estava choramingando, as palmas das mãos estendidas como um pedinte. — Você sabe que tenho todos os motivos para odiar Jack!

A srta. Peregrine ergueu a mão para interrompê-lo. Ela já ouvira aquela história antes e não queria escutar outra vez.

— Quando ele traiu seu avô — disse ela para mim. — Essa foi a gota d'água.

— Aquilo foi um *acidente* — disse Bentham, se afastando ofendido.

— Então o que aconteceu com a alma que você extraiu dele? — disse a srta. Peregrine.

— Ela foi injetada em cobaias!

A srta. Peregrine sacudiu a cabeça.

— Fizemos engenharia reversa com seu experimento. Eles receberam almas de animais domésticos, o que só pode significar que você ficou com a de Abe para si mesmo.

— Que alegação absurda! — exclamou ele. — Foi isso o que você disse ao Conselho? É por isso que eu ainda estou apodrecendo aqui, não é? — Eu não soube dizer se ele estava realmente surpreso ou apenas representando. — Sabia que você se sentia ameaçada por meu intelecto e capacidade de liderança superiores. Mas que você chegaria a tais mentiras para me manter fora de seu caminho... Sabe quantos anos eu passei lutando para erradicar o flagelo do uso da ambrosia? Que diabos eu poderia querer com a alma daquele pobre homem?

— A mesma coisa que seu irmão quer com o jovem sr. Portman — disse a srta. Peregrine.

— Não vou nem responder a tal acusação. Só gostaria que essa nuvem de parcialidade se dissipasse para que você enxergasse a verdade: eu estou do seu lado, Alma, sempre estive.

— Você está do lado que servir aos seus interesses no momento.

Bentham deu um suspiro e lançou um olhar derrotado para Emma e para mim.

— Adeus, crianças. Foi um grande prazer conhecer vocês. Vou voltar para casa, agora; salvar todas as suas vidas cobrou um preço e tanto ao corpo deste velho. Mas espero que, um dia, quando sua diretora cair em si, nos encontremos outra vez.

Ele tocou o chapéu, e seu urxinim começou a ir embora em meio à aglomeração de pessoas, de volta para a torre através do complexo.

— Como é melodramático — murmurei, apesar de me sentir um pouco mal por ele.

— *Ymbrynes*! — chamou a srta. Peregrine. — Vigiem-no!

— Ele roubou mesmo a alma de Abe? — perguntou Emma.

— Sem prova, não podemos ter certeza — respondeu a srta. Peregrine. — Mas o resto de seus crimes juntos já lhe valeriam um exílio perpétuo. — Observando Bentham se retirar, sua expressão severa aos poucos se derreteu. — Meu irmão me ensinou uma dura lição. Ninguém nos machuca tanto quanto as pessoas que amamos.

* * *

O vento mudou, lançando sobre nós a nuvem de cinzas que ajudara na fuga dos acólitos. Foi tão rápido que mal pudemos esboçar uma reação. O ar cortante à nossa volta uivava e a luz do dia se apagava. Ouvimos um adejar rápido quando as *ymbrynes* mudaram de forma e sobrevoaram a tempestade. Meu etéreo caiu de joelhos, baixou a cabeça e protegeu o rosto com as duas línguas livres. Ele estava acostumado a tempestades de cinzas, mas nossos amigos não. Estavam entrando em pânico no escuro.

— Fiquem onde estão! Vai passar! — gritei.

— Pessoal, respire através da camisa! — disse Emma.

Quando a tempestade começou a diminuir, ouvi algo do outro lado da ponte que fez os pelos da minha nuca se arrepiarem. Eram três vozes de barítono unidas em uma canção, os versos pontuados por pancadas e gemidos.

— Escutem o bater dos martelos...

Twack!

— Escutem as batidas nos pregos!

— *Ahh, minhas pernas!*

— Como é divertido construir forcas...

— *Me soltem, me soltem!*

— A cura de todos os males!

— *Por favor, chega! Eu desisto!*

Então, quando a cinza começou a rarear, surgiram Sharon e seus três primos musculosos, cada um deles carregando um acólito dominado.

— Bom dia para todos! — gritou Sharon. — Perderam alguma coisa?

Esfregando cinza dos olhos, nossos amigos viram o que eles tinham feito e começaram a vibrar.

— Sharon, você é brilhante! — gritou Emma.

Por toda a nossa volta, as *ymbrynes* estavam pousando e retornando à forma humana. Enquanto vestiam rapidamente as roupas que haviam largado, mantivemos respeitosamente os olhos nos acólitos.

De repente, um deles escapou e saiu correndo. Em vez de persegui-lo, o construtor de forcas escolheu rapidamente um martelo pequeno de seu cinto de ferramentas, firmou os pés e o arremessou. O martelo foi girando direto até a cabeça do acólito, mas o que teria sido um golpe perfeito foi estragado quando o monstro se abaixou. Ele disparou na direção do caos de detritos na beira da rua. Quando o etéreo estava prestes a desaparecer entre dois barracos, abriu-se uma rachadura no chão, e o acólito foi engolfado em um jato de chamas amarelas.

Embora tenha sido uma visão pavorosa, todo mundo vibrou e aplaudiu.

— Viram?! — disse Sharon. — O próprio Recanto quer se livrar deles.

— Isso é maravilhoso — falei. — Mas e Caul?

— Concordo — disse Emma. — Nenhuma dessas vitórias vai importar se não conseguirmos pegá-lo. Certo, srta. Peregrine?

Olhei ao redor, mas não a vi. Emma procurou também, seus olhos examinando o grupo.

— Srta. Peregrine? — chamou ela, o pânico tomando sua voz.

Fiz com que meu etéreo se levantasse totalmente para que eu pudesse ter uma visão melhor.

— Alguém está vendo a srta. Peregrine? — gritei.

Agora todo mundo estava olhando, conferindo o céu caso ela ainda estivesse em voo, e o chão, caso tivesse aterrissado mas ainda não tivesse se transformado em humana.

Então, às nossas costas, um grito alegre interrompeu nossa conversa:

— Não procurem mais, crianças! — Por um momento, eu não consegui identificar a voz. Ela veio outra vez: — Façam o que eu digo e nenhum mal vai acontecer a ela!

Então vi emergir, de sob os galhos de uma pequena árvore enegrecida logo no interior do portão dos acólitos, uma figura familiar.

Caul. Um homem frágil, sem armas na mão nem guardas ao lado. O rosto pálido e retorcido em um sorriso afetado, os olhos cobertos por óculos de sol volumosos, insetiformes. Ele estava bem-vestido, com capa, casaco, fileiras de joias de ouro e uma gravata de seda bufante. Parecia exuberantemente insano, como algum médico louco da ficção gótica que tivesse feito operações demais em si mesmo. E foi sua evidente loucura, eu acho, além do fato de todos sabermos que ele era capaz de verdadeira maldade, que impediu que corrêssemos e o despedaçássemos. Um homem como Caul nunca estava tão indefeso quanto parecia.

— Onde está a srta. Peregrine? — gritei, inspirando um coral de perguntas similares das *ymbrynes* e dos peculiares atrás de mim.

— Exatamente onde é o lugar dela — disse Caul. — Com sua família.

O que restava da nuvem de cinzas foi soprado do complexo atrás dele, revelando Bentham e a srta. Peregrine, esta última em forma humana, prisioneira nos braços do urxinim de Bentham. Embora seus olhos faiscassem de raiva, ela sabia que não adiantava lutar contra um urxinim mal-humorado de garras afiadas.

Parecia um pesadelo recorrente que estávamos condenados a sonhar

repetidas vezes: a srta. Peregrine raptada, dessa vez por Bentham. Ele estava logo atrás do urxinim, com olhos baixos, como se estivesse com vergonha de nos encarar.

Peculiares e *ymbrynes* soltaram gritos de surpresa e raiva.

— Bentham! Solte ela! — gritei.

— Seu canalha traidor! — gritou Emma.

Bentham ergueu a cabeça para olhar para nós.

— Tão pouco tempo, dez minutos atrás. Vocês tinham minha lealdade — disse ele, em tom agudo e arrogante. — Eu podia ter traído vocês para meu irmão dias atrás, mas não fiz isso. — Ele semicerrou os olhos. — Eu escolhi *você*, Alma, porque acreditava, ingenuamente, parece, que se eu ajudasse você e seus protegidos, talvez você visse como havia me julgado com injustiça e superasse os problemas do passado e deixasse nossas diferenças para trás.

— Você vai ser mandado para o Deserto Impiedoso por isso! — gritou a srta. Peregrine.

— Não tenho mais medo de seu pequeno Conselho! — disse Bentham. — Vocês não vão mais me reprimir! — Ele bateu com a bengala no chão. — PT, mordaça!

O urxinim pôs a pata no rosto da srta. Peregrine.

Caul foi na direção do irmão e da irmã, abrindo os braços e o sorriso.

— Benny escolheu defender os próprios interesses, e eu, de minha parte, o parabenizo! Não há nada como uma reunião familiar!

De repente, Bentham foi puxado para trás por uma força invisível. Uma faca brilhou em seu pescoço.

— Faça com que o urxinim solte a srta. Peregrine, ou assuma as consequências! — gritou uma voz familiar.

— Millard! — exclamou alguém, uma das muitas exclamações que percorreram nosso grupo.

Era Millard, sem roupa e invisível. Bentham pareceu aterrorizado, mas Caul pareceu meramente irritado. Ele sacou uma antiga arma de canos múltiplos de um dos profundos bolsos da capa e a apontou para a cabeça de Bentham.

— Se soltá-la, eu *mato* você, irmão.

— Nós fizemos um pacto! — protestou Bentham.

— E você, cedendo às exigências de um garoto pelado com uma faca sem gume, estaria quebrando esse pacto. — Caul engatilhou a arma e a levou à frente até pressioná-la contra a têmpora de Bentham, e se dirigiu a Millard: — Se você me fizer matar meu único irmão, considere sua *ymbryne* morta também.

Millard hesitou por um instante, depois largou a faca e correu. Caul tentou agarrá-lo, mas não conseguiu, e as pegadas de Millard fizeram uma curva e desapareceram em uma trilha de buracos no chão.

Bentham se recompôs e ajeitou a camisa desarrumada. Caul, depois de perder o bom humor, apontou a arma para a srta. Peregrine.

— Agora me escutem! — gritou. — Vocês aí, do outro lado da ponte! Soltem esses guardas!

Só lhes restava obedecer. Sharon e seus primos soltaram os acólitos que seguravam pela gola e recuaram, e o acólito que estava parado do nosso lado da ponte baixou as mãos e pegou sua arma no chão. Em segundos, o equilíbrio de forças tinha mudado completamente, e havia quatro armas apontadas para nosso grupo e uma para a srta. Peregrine. Caul podia fazer o que quisesse.

— Garoto! — disse ele, apontando para mim. — Jogue aquele etéreo no abismo! — Sua voz aguda atingiu meus tímpanos como uma agulha.

Levei meu etéreo até a beira do abismo.

— Agora faça ele saltar.

Parecia que eu não tinha escolha. Era um desperdício terrível, mas talvez fosse melhor assim: o etéreo agora estava sofrendo muito, de seus ferimentos escorria sangue negro, caindo em torno de seus pés. Ele não teria sobrevivido.

Desenrolei sua língua de minha cintura e desci. Minha força tinha retornado o suficiente para que eu ficasse de pé sozinho, mas o etéreo estava morrendo depressa. Assim que saí de suas costas, ele deu um berro delicado, sugou as línguas de volta para o interior da boca e caiu de joelhos, um sacrifício

voluntário.

— Obrigado, quem quer que você seja — falei. — Tenho certeza de que, se um dia você se tornasse um acólito, nunca seria completamente mau.

Pus o pé em suas costas e empurrei. O etéreo caiu para a frente e mergulhou em silêncio no vazio misterioso. Depois de alguns segundos, senti sua consciência desaparecer de minha mente.

Os acólitos do outro lado da ponte saltaram até nosso lado nas línguas do etéreo, a vida da srta. Peregrine novamente ameaçada se eu interferisse. Olive foi puxada do céu. Os guardas começaram a nos conduzir em um grupo compacto e facilmente controlável. Aí Caul gritou por mim, e um dos guardas levou a mão ao interior do grupo e me arrastou para fora.

— Ele é o único que precisa estar vivo — disse Caul para seus guardas. — Se precisarem atirar nele, atirem nos joelhos. Quanto ao resto... — Caul girou a arma na direção do grupo bem compacto e atirou. As pessoas se revoltaram e gritaram. — Atirem no ponto que acharem melhor!

Ele riu e girou com os braços posicionados como uma bailarina em um *plié*. Eu estava prestes a correr em sua direção, pronto para arrancar seus olhos com as mãos nuas sem pensar nas consequências, quando um revólver de cano longo surgiu bem no meio de meu campo de visão.

— Não — grunhiu meu guarda monossilábico, um acólito de ombros largos e careca reluzente.

Caul disparou a própria arma no ar e gritou por silêncio, e todas as vozes se calaram.

— Não chorem, tenho uma surpresa para vocês! — disse ele, se dirigindo ao grupo. — Este é um dia histórico. Meu irmão e eu estamos prestes a chegar ao ápice de uma vida inteira de luta e inovação que vai nos tornar os reis gêmeos do mundo peculiar. E o que seria de uma coroação sem testemunhas? Então vamos levá-los junto. Desde que se comportem, vocês vão ver algo que ninguém jamais testemunhou em mil anos: a dominação e expropriação da Biblioteca de Almas.

— Você tem que prometer uma coisa, ou não vou ajudá-lo — falei para Caul. Eu não tinha muito poder de negociação, mas ele acreditava que precisava de mim, e isso representava alguma coisa. — Prometa que, depois de conseguir o que quer, vai soltar a srta. Peregrine.

— Infelizmente isso não vai ser possível — disse Caul. — Mas vou deixá-la viver. O mundo peculiar vai ser muito mais divertido de governar com minha irmã nele. Depois que eu cortar suas asas, vou mantê-la como minha escrava

pessoal. Alma, o que acha disso?

Ela tentou responder, mas suas palavras se perderam sob a pata carnuda do urxinim.

Caul levou a mão em concha à orelha e riu.

— O que foi isso? Não consigo escutar você!

Então ele se virou e começou a caminhar na direção da torre.

— Vamos! — gritou o guarda, e logo estávamos todos cambaleando atrás dele.

---

* Em português, “trigueirão” e “trepadeira-do-bosque”, respectivamente. (N. do T.)

CAPÍTULO NOVE

Fomos conduzidos à torre alva em ritmo brutal, os acólitos encorajando os retardatários com empurrões e chutes. Sem meu etéreo, eu estava mancando, um caco: tinha ferimentos feios de mordidas no tronco e o efeito da poeira — de anestesia à dor — começou a se dissipar. Eu me esforcei para seguir adiante mesmo assim, tentando pensar em maneiras de nos salvarmos, uma mais implausível que a outra. Sem meus etéreos, todos os nossos poderes peculiares eram superados pelos acólitos e suas armas.

Passamos aos tropeções pelo prédio em ruínas onde meus etéreos tinham morrido, por cima de tijolos cobertos com o sangue de papagaios e acólitos. Marchamos pelo pátio cercado por muros, entramos na torre e subimos o corredor em espiral, passando por um borrão de portas negras idênticas. Caul desfilava à nossa frente como um maestro de banda perturbado, com passos largos e agitando os braços em um momento para em seguida se virar e lançar insultos profanos sobre nós. Atrás dele, o urxinim acompanhava, carregando Bentham em um dos braços e a srta. Peregrine jogada sobre o ombro.

Ela implorou que os irmãos reconsiderassem seus planos.

— Lembrem-se das histórias antigas de Abaton, do fim humilhante que teve todo peculiar que roubou a Biblioteca de Almas! É um poder amaldiçoado!

— Eu não sou mais criança, Alma, não me assusto mais com essas histórias de *ymbrynes* — escarneceu Caul. — Agora segure essa língua, se não quiser perdê-la!

Ela desistiu de tentar convencê-lo e olhou para nós por cima do ombro do urxinim, seu olhar projetando força. *Não fiquem com medo*, ela parecia telegrafar. *Vamos sobreviver a isto também*.

Minha preocupação era que nem todos nós sobrevivêssemos à viagem até o alto da torre. Eu me virei para trás, tentando ver quem tinha sido baleado. Em meio ao grupo apertado às minhas costas, Bronwyn carregava alguém inerte nos braços: a srta. Avocet, eu acho. Uma mão carnuda me deu um tapa na cabeça.

— Olhe para a frente, ou vai perder uma rótula — rosnou o guarda que me conduzia.

Por fim, chegamos ao alto da torre e sua última porta. No corredor à frente, a luz pálida do dia brilhava sobre a parede curva. Havia um deque aberto acima de nós, fato que arquivei para referência futura.

Caul parou radiante em frente à porta.

— Perplexus! — chamou. — *Signor* Anomalous, sim, aí no final da fila! Como devo esta descoberta em parte a suas expedições e seu trabalho árduo, vou dar o crédito a quem merece! Acho que o senhor devia fazer as honras e

abrir a porta.

— Vamos logo, não tenho tempo para cerimônias — disse Bentham. — Deixamos seu complexo sem guardas.

— Não seja tão infantil — disse Caul. — Só vai levar um instante.

Um dos guardas arrastou Perplexus para longe da multidão e o conduziu até a porta. Desde a última vez que eu o vira, seu cabelo e sua barba tinham ficado brancos como alabastro, sua coluna tinha se curvado e rugas profundas sulcavam seu rosto. Ele tinha passado tempo demais longe de sua fenda, e agora sua verdadeira idade estava começando a alcançá-lo. Perplexus parecia prestes a abrir a porta quando foi tomado por um acesso de tosse. Depois de recuperar o fôlego, ele encarou Caul, inspirou fundo e cuspiu uma placa reluzente de catarro na capa dele.

— Seu porco ignorante! — exclamou Perplexus.

Caul ergueu a arma e a levou à cabeça de Perplexus e puxou o gatilho. Houve gritos.

— Jack, não! — berrou Bentham.

Perplexus jogou as mãos para o alto e se virou, mas o único som que a arma fez foi um clique seco.

Caul abriu a arma, olhou no interior da câmara e deu de ombros.

— É uma antiguidade, como você — disse ele para Perplexus, e usou o cano da arma para limpar a capa. — Suponho que o destino tenha agido em seu favor. Melhor assim, pois eu prefiro ver você se transformar em pó do que sangrar até a morte.

Ele gesticulou para que os guardas o levassem embora. Perplexus, murmurando para Caul xingamentos em italiano, foi arrastado de volta ao grupo.

Caul se virou para a porta.

— Ah, para o inferno com isso — murmurou, e a abriu. — Entrem aí, todos vocês.

Lá dentro havia o mesmo quarto familiar, de paredes cinzentas, só que dessa vez a quarta parede ausente se estendia em um corredor longo e escuro. Com alguns empurrões dos guardas, seguimos rápido por ali. As paredes lisas ficaram ásperas e irregulares, até que se abriram em um aposento primitivo iluminado pela luz do dia. O local, feito de pedra e argila, poderia ser chamado de caverna não fosse a porta mais ou menos retangular e duas janelas. Alguém as havia entalhado, e também aquele salão, usando ferramentas para escavá-las na rocha macia.

Fomos conduzidos para fora como um rebanho, para um dia quente e seco. Uma vista estonteante surgiu. Estávamos num lugar alto, cercados por uma paisagem que podia ser um mundo alienígena: elevações e colunas de uma estranha pedra avermelhada assomavam de um lado e, do outro, se descortinavam pela distância, todas perfuradas com portas e janelas rústicas, semelhantes a colmeias. Por elas soprava um vento constante, produzindo um gemido quase humano que parecia emanar da própria terra. Embora o sol não estivesse nem perto de se pôr, o céu tinha um brilho laranja, como se o fim do mundo estivesse fermentando logo além do horizonte. E, apesar das evidências ali de uma civilização, não havia ninguém à vista. Tive uma forte sensação de estar sendo observado, como se estivéssemos invadindo um local proibido.

Bentham desceu de seu urso e removeu o chapéu, estupefato.

— Então, este é o lugar — disse ele, olhando para as colinas.

Caul passou um dos braços sobre os ombros do irmão, de modo fraternal.

— Eu falei que este dia ia chegar. Nós com certeza fizemos um ao outro passar o diabo para chegar aqui, não foi?

— Fizemos — concordou Bentham.

— Mas eu digo que tudo está bem quando acaba bem, porque agora vou poder fazer isto. — Caul se virou para nos encarar. — Amigos! *Ymbrynes*! Crianças peculiares! — Ele deixou que sua voz ecoasse pelos estranhos desfiladeiros lamentosos. — O dia de hoje vai entrar para a história. Bem-vindos a Abaton!

Ele fez uma pausa, esperando aplausos que não vieram.

— Vocês agora se encontram sobre a cidade antiga que protegia a Biblioteca de Almas eras atrás. Ela não era vista em mais de quatrocentos anos, nem conquistada em mil, até que eu a redescobri recentemente! Agora, com vocês como testemunhas...

Ele parou, olhou para baixo por um instante e riu.

— Por que estou desperdiçando minha saliva? Vocês, filisteus, nunca vão apreciar a importância da minha realização. Olhem só para vocês, como jumentos contemplando a Capela Sistina! — Ele deu um tapinha no braço de Bentham. — Vamos, irmão. Vamos lá tomar o que é nosso.

— E nosso também! — disse uma voz atrás de mim. Um dos guardas. — O senhor não vai se esquecer de nós, vai?

— Claro que não — disse Caul, tentando sorrir, mas sem sucesso. Ele não conseguia disfarçar a irritação por ter sido desafiado diante de todos. — A lealdade de vocês vai ser recompensada em dez vezes.

Ele se virou com Bentham e seguiu por uma trilha, com os guardas nos empurrando.

* * *

O caminho calcinado pelo sol se dividia mais e mais, em uma profusão de ramificações e afluentes em direção às montanhas pontiagudas. Seguindo uma rota que ele sem dúvida forçara Perplexus a revelar e que percorrera várias vezes nos últimos dias, Caul nos conduziu com segurança por passagens obscuras e tomadas por arbustos, cada passo seu exalando a arrogância de um colonizador. A sensação que eu tinha de ser observado só crescia, como se as aberturas rústicas na rocha fossem uma colônia de olhos semicerrados, alguma inteligência antiga enclausurada em pedra despertando lentamente de um sono de mil anos.

Eu estava fervilhando de ansiedade, meus pensamentos se atropelando. O que ia acontecer em seguida dependeria de mim. Os acólitos precisavam de mim, afinal de contas. E se eu me recusasse a obedecer? E se eu descobrisse uma maneira de enganá-los?

Eu sabia o que ia acontecer. Caul mataria a srta. Peregrine. Em seguida, começaria a matar as outras *ymbrynes*, uma depois da outra, até que eu lhe desse o que queria. E se eu não desse, ele mataria Emma.

Eu não era forte o suficiente. Eu sabia que faria qualquer coisa para impedir que ele a machucasse, até mesmo dar a Caul as chaves de um poder sem precedentes.

Então pensei uma coisa que me deixou muito assustado: e se eu *não conseguisse* fazer aquilo? E se Caul estivesse errado, e eu não conseguisse ver os vasos de almas, ou se conseguisse ver mas não tocar? Ele não ia acreditar em mim. Ia achar que eu estava mentindo. Ia começar a assassinar meus amigos. E

mesmo que, de algum modo, eu o convencesse de que era verdade que eu não conseguia, ele talvez ficasse tão enfurecido que mataria todo mundo do mesmo jeito.

Rezei em silêncio para meu avô (não sei se é possível rezar para pessoas mortas, mas eu fiz isso) e pedi, se ele estivesse me olhando, que me ajudasse naquilo, me fizesse tão forte e poderoso quanto ele fora antes. *Vovô Portman*, orei. *Sei que isso parece loucura, mas Emma e meus amigos significam tudo para mim, o mundo inteiro, e eu daria com prazer cada pedacinho disso para Caul em troca de suas vidas. Isso me torna mau? Não sei, mas achei que você talvez entendesse. Por isso, por favor me ajude.*

Ao erguer os olhos, me surpreendi ao ver a srta. Peregrine me observando do alto das costas do urso. Assim que seus olhos encontraram os meus, ela afastou o rosto, e vi lágrimas escorrendo por cima da sujeira em sua face pálida. Como se de algum modo ela tivesse me ouvido.

Nossa rota serpenteava por um labirinto antigo de trilhas sinuosas e escadarias recortadas nas montanhas, com degraus desgastados em meias-luas. Em alguns lugares, a trilha praticamente desaparecia, engolida pelo mato. Ouvi Perplexus reclamar que ele levara anos para desvendar o caminho para a Biblioteca de Almas, e que ter aquele ladrão ingrato pisando sobre ela, agora, sem nenhum respeito, era um insulto terrível!

Então ouvi Olive dizer:

— Por que ninguém nunca nos contou que a Biblioteca era real?

— Porque, minha querida, não era permitido — respondeu uma *ymbryne*. — Era mais seguro dizer... — ela fez uma pausa para recobrar o fôlego — ... que era apenas uma história.

Apenas uma história. Mas nunca era apenas uma história. Isso tinha se tornado uma das verdades definidoras da minha vida, pois por mais que eu tentasse manter as histórias aplanadas, bidimensionais, presas em papel e tinta, sempre haveria aquelas que se recusavam a ficar restritas ao interior dos livros. Eu sabia: uma história tinha engolido toda a minha vida.

Estávamos caminhando havia vários minutos ao longo um muro de aspecto simples, o gemido assustador do vento subindo e descendo, quando Caul ergueu a mão e gritou para que todos parassem.

— Fomos longe demais? — perguntou ele. — Eu podia jurar que a gruta era por aqui em algum lugar. Onde está o cartógrafo?

Perplexus foi puxado para a frente do grupo.

— Você não está aliviado por não ter atirado nele? — murmurou Bentham.

Caul o ignorou.

— Onde é a gruta? — perguntou, se aproximando do rosto de Perplexus.

— Ah, talvez ela tenha se escondido de você — provocou Perplexus.

— Não me teste — respondeu Caul. — Vou queimar todas as cópias do seu *Mapa dos dias*. Seu nome estará esquecido em dois segundos.

Perplexus entrelaçou os dedos e deu um suspiro.

— Ali — disse ele, apontando para um ponto atrás de nós.

Tínhamos passado direto.

Caul seguiu até um local no muro encoberto por trepadeiras, uma abertura tão simples e escondida que qualquer um poderia ter passado sem ver. Era mais um buraco que uma porta. Ele afastou as trepadeiras e enfiou a cabeça pela abertura.

— Sim! — disse ele, com a cabeça de novo para fora, e começou a dar ordens. — Só pessoas essenciais têm permissão de passar deste ponto. Meu irmão, minha irmã. — Ele apontou para Bentham e para a srta. Peregrine. — O garoto. — Ele apontou para mim. — Dois guardas e... — Ele procurou na multidão. — Está escuro aqui, vamos precisar de uma lanterna. Você, menina. — Ele apontou para Emma.

Meu estômago deu um nó quando Emma foi trazida.

— Se os outros causarem problemas, vocês sabem o que fazer — disse Caul para os guardas.

Ele apontou a arma para a multidão. Todos gritaram e abaixaram a cabeça, e Caul deu uma gargalhada.

O guarda de Emma a empurrou pelo buraco. O urxinim de Bentham nunca passaria, por isso a srta. Peregrine foi solta, e meu acólito recebeu a tarefa dupla de cuidar tanto dela quanto de mim.

As crianças mais novas começaram a chorar. Quem podia saber se eles iriam tornar a vê-la?

— Coragem, crianças! Eu vou voltar! — gritou a srta. Peregrine para elas.

— Isso mesmo, crianças! Escutem sua diretora! As *ymbrynes* sabem o que é melhor! — cantarolou Caul com escárnio.

A srta. Peregrine e eu fomos empurrados juntos pela abertura, e houve um momento em que, emaranhado nas trepadeiras, consegui sussurrar para ela sem ser notado:

— O que devo fazer quando estivermos aí dentro?

— Tudo o que ele pedir — sussurrou ela em resposta. — Se não o enfurecermos, talvez a gente sobreviva.

Sobreviver, sim, mas a que custo?

Então afastamos as trepadeiras e entramos aos tropeções em um espaço novo: um salão de pedra aberto para o céu. Por um instante meu fôlego me abandonou, de tão chocado que fiquei com o rosto gigante e disforme que nos encarava da parede oposta. Uma parede, era apenas isso, mas uma parede com uma boca aberta como porta e dois olhos tortos como janelas, dois buracos como narinas, e capim comprido semelhante a cabelo e uma barba desgrenhada. Ali, o vento gemia mais alto que nunca, como se a porta em forma de boca estivesse tentando nos alertar para manter distância, em alguma língua antiga na qual as vogais eram pronunciadas por uma semana inteira.

Caul indicou a porta.

— A Biblioteca está à espera.

Bentham retirou o chapéu.

— Extraordinário — disse ele, em voz baixa e reverente. — Ela parece estar cantando para nós. Como se todas as almas em repouso aí dentro estivessem despertando para nos dar boas-vindas.

— Boas-vindas — disse Emma. — Eu duvido disso.

Os guardas nos empurraram na direção da porta. Nós nos encolhemos sob a abertura baixa e entramos em outro salão com aspecto de caverna. Como os outros que víramos em Abaton, havia sido escavado à mão na rocha macia, incontáveis eras antes. Tinha teto baixo e era simples e vazio, com exceção de um pouco de palha e cacos quebrados de cerâmica. Sua característica mais distinta eram as paredes, nas quais haviam sido escavadas dezenas de pequenos nichos. Eles tinham o topo ovalado e a base chata, grandes o suficiente para abrigar uma garrafa ou vela. Nos fundos do salão, várias portas se abriam para a escuridão.

— E então, menino? — disse Caul. — Você consegue ver algum?

Olhei ao redor.

— Algum o quê?

— Não brinque comigo. Algum vaso. — Ele se aproximou de uma parede e passou a mão no interior de um dos nichos. — Vá, pegue um.

Eu me virei lentamente, examinando as paredes. Todos os nichos pareciam vazios.

— Não estou vendo nada — falei. — Talvez não haja nenhum.

— Você está mentindo.

Caul gesticulou com a cabeça para meu guarda, que me deu um soco na barriga.

Emma e a srta. Peregrine gritaram quando caí de joelhos, gemendo. Olhei para mim mesmo e vi sangue escorrendo pela minha camisa, não do soco, mas da mordida do etéreo.

— Por favor, Jack! — gritou a srta. Peregrine. — Ele é só um menino!

— Só um menino, só um menino! — disse Caul com escárnio. — Esta é a verdadeira essência do problema! Você precisa castigá-los como homens, regá-los com um pouco de sangue, para a muda começar a brotar; a planta, a crescer. — Ele se aproximou enquanto girava o cano de sua arma estranha e antiga. — Estiquem a perna dele. Quero dar um tiro limpo no joelho.

O guarda me empurrou para o chão e agarrou minha canela. Meu rosto se afundou na terra, apontado para a parede.

Ouvi o cão da arma ser puxado. Então, enquanto as mulheres imploravam a Caul por piedade, vi algo em um dos nichos da parede. Uma forma que eu não havia percebido antes...

— Espere! — gritei. — Estou vendo algo!

O guarda me virou de frente.

— Pensou melhor, hein? — Caul estava de pé ao meu lado, olhando para baixo. — O que você vê?

Tornei a olhar, piscando. Eu me forcei a me acalmar, e minha visão, a se focalizar.

Ali na parede, surgindo gradualmente à vista como uma foto Polaroid, havia a imagem esmaecida de um vaso de pedra. Um objeto simples, sem adornos, cilíndrica, com um gargalo afunilado e uma rolha de cortiça, sua pedra da mesma cor avermelhada que as estranhas colinas de Abaton.

— É um vaso — falei. — Só um. Está tombado, por isso não percebi logo.

— Levante-se — disse Caul. — Quero ver você pegá-lo.

Aproximei os joelhos do peito, cambaleei para a frente e me levantei, a dor convulsionando em meu tronco. Atravessei o salão com dificuldade e cheguei lentamente ao nicho. Quando passei os dedos no vaso, levei um choque.

— O que foi? — perguntou Caul.

— Está *congelante* — respondi. — Eu não esperava por isso.

— Fascinante — murmurou Bentham.

Ele estava perto da porta, como se reconsiderasse todo aquele empreendimento, nas naquele momento deu um passo adiante.

Enfiei outra vez a mão no nicho, dessa vez preparado para o frio, e peguei o vaso.

— Isso é errado — disse a srta. Peregrine. — Tem a alma de um peculiar aí dentro, e ela deve ser tratada com respeito.

— Ser devorada por mim é o maior respeito que se pode prestar a uma alma — disse Caul. Ele se aproximou e parou ao meu lado. — Descreva o vaso.

— É muito simples. Feito de pedra.

O vaso estava começando a congelar minha mão direita, por isso o passei para a esquerda. Só então vi escrito, com letras altas e floreadas, uma palavra.

Aswindan.

Eu não ia mencionar isso, mas Caul, que estava me observando como um falcão, percebeu.

— O que foi? — perguntou ele. — Estou avisando, não me esconda nada!

— É uma palavra — falei. — Aswindan.

— Soletre.

— A-s-w-i-n-d-a-n.

— Aswindan — repetiu Caul, franzindo o cenho. — Isso é peculiar antigo, não é?

— É óbvio — disse Bentham. — Você não se lembra das aulas?

— Claro que lembro! Eu era um aluno melhor que você, esqueceu? Aswindan. A raiz é *wind*, que denota velocidade!

— Não tenho tanta certeza disso, irmão.

— Ah, *não* tem — disse Caul, com sarcasmo. — Acho que você quer isso para si mesmo!

Caul tentou tomar o vaso de mim. Ele conseguiu envolvê-lo com os dedos, mas assim que o vaso deixou minha mão, seus dedos se fecharam sobre si mesmos, como se, de repente, não houvesse nada entre eles, e o vaso caiu no chão e se espatifou.

Caul xingou e olhou para baixo, atônito, enquanto um líquido azul com brilho forte se empoçava a nossos pés.

— Agora estou vendo! — exclamou ele, empolgado, apontando para a poça azul. — Isso eu posso ver!

— Sim... sim, eu também — disse Bentham, e os guardas concordaram.

Todos viam o líquido, mas não os vasos que o continham e protegiam.

Um dos guardas se abaixou para tocar o líquido azul. No momento em que fez isso, soltou um grito e deu um pulo para trás, agitando as mãos para se livrar. Se o vaso estava congelante, eu só podia imaginar quanto aquela coisa azul era fria.

— Que desperdício — disse Caul. — Eu teria gostado de combinar isso com algumas outras almas selecionadas.

— Aswindan — citou Bentham. — A raiz é *swind*. Que significa *encolher*. Ainda bem que você não tomou essa, irmão.

Caul franziu o cenho.

— Não. Não, tenho certeza de que eu estava certo.

— Não está — disse a srta. Peregrine.

O olhar dele se dividia entre os dois, paranoico, como se estivesse avaliando a possibilidade de estarem aliados contra ele. Então pareceu relaxar.

— Esta é apenas a primeira sala — afirmou ele. — As melhores almas estão mais à frente.

— Concordo — disse Bentham. — Quanto mais longe formos, mais antigas serão as almas, e quanto mais antiga a alma, mais poderosa.

— Então devemos investigar até o coração desta montanha — declarou Caul. — E comê-lo.

* * *

Fomos conduzidos por uma das portas negras, com armas contra as costelas. A sala seguinte era muito parecida com a primeira, com nichos alinhados nas paredes e portas que davam para a escuridão, mas não havia janelas, e apenas uma única lâmina de sol da tarde alcançava o chão coberto de pó. Estávamos deixando para trás a luz do dia.

Caul ordenou que Emma produzisse uma chama. Ordenou que eu contasse o que via nas paredes. Relatei lentamente três vasos, mas minha palavra não era suficiente; ele me fez dar um peteleco em cada um para provar que estavam ali e passar a mão por dezenas de outros nichos para provar que estavam vazios.

Em seguida ele me fez lê-los. *Heolstor*. *Unge-sewen*. *Meaganwundor*. As palavras nada significavam para mim e eram insatisfatórias para ele.

— Almas de escravos sem valor — reclamou Caul para o irmão. — Se queremos ser reis, precisamos das almas de reis.

— Adiante, então — disse Bentham.

Mergulhamos em um labirinto de cavernas aparentemente sem fim. A luz

do dia era uma lembrança. O chão sempre em declive. O ar ficou mais frio. Passagens se ramificavam no escuro como veias. Caul parecia se orientar por um sexto sentido, virando à esquerda ou à direita com confiança. Ele estava louco, nitidamente louco, e eu tinha certeza de que havia nos deixado tão perdidos que, mesmo que conseguíssemos escapar dele, passaríamos a eternidade presos naquelas cavernas.

Tentei imaginar as batalhas que tinham sido empreendidas por aquelas almas: peculiares antigos, titânicos, em luta em meio às colunas e vales de Abaton. Mas isso era fascinante demais. Eu só conseguia imaginar como seria aterrorizante ficar preso ali embaixo, sem luz.

Quanto mais avançávamos, mais vasos eu via nas paredes, como se, muito tempo antes, saqueadores tivessem atacado as salas mais externas, mas algo os tivesse impedido de chegar tão longe, um saudável instinto de autopreservação, talvez. Caul gritou comigo querendo atualizações, mas tinha parado de exigir provas de que nichos estavam ocupados e quais estavam vazios, e só de vez em quando me fazia ler em voz alta o rótulo de um vaso. Ele estava à caça de uma presa maior e parecia ter decidido que havia pouca coisa que valesse a pena naquela parte da Biblioteca.

Prosseguimos em silêncio. As salas ficaram maiores e mais grandiosas, de seu jeito rústico, os tetos se elevando e as paredes se afastando. Agora tinha vasos por toda parte: enchendo todos os nichos, empilhados em colunas totêmicas nos cantos, enfiados em fendas e rachaduras; o frio que emanava deles refrigerava o ar. Tremendo, abracei meu próprio corpo. Minha respiração se condensava à minha frente e a sensação de ser observado que me assombrara antes retornou. Aquela biblioteca, assim chamada, era um vasto mundo inferior, uma catacumba e um esconderijo para a segunda alma de todo peculiar que já vivera antes do último milênio, centenas de milhares delas. Esse grande acúmulo de almas tinha começado a exercer uma pressão estranha sobre mim, comprimindo as vias aéreas em minha cabeça e meus pulmões, como se eu estivesse descendo gradualmente em águas profundas.

Eu não era o único. Até os guardas estavam nervosos, se assustando com pequenos ruídos e olhando para trás o tempo todo.

— Você ouviu isso? — perguntou meu guarda.

— As vozes? — disse outro.

— Não, mais como água, água corrente...

Enquanto eles conversavam, dei uma olhada rápida para a srta. Peregrine. Será que ela estava com medo? Não, ela parecia estar aguardando

pacientemente, à espera e observando. Isso me confortou um pouco, e também o fato de que ela podia ter assumido a forma de ave e escapado de seus captores muito tempo antes, mas não o fizera. Enquanto eu e Emma fôssemos prisioneiros, ela também seria. Talvez isso fosse mais que seu instinto protetor. Talvez ela tivesse um plano.

O ar ficou ainda mais frio, um suor fino em meu pescoço se transformando gradualmente em água gelada. Caminhamos com dificuldade por uma câmara tão repleta de vasos que era preciso saltar por cima para não chutar ou derrubar, embora os pés de todos os outros passassem através deles. Eu me sentia sufocado pelos mortos. Ali só havia espaço para ficar de pé, como a plataforma de uma estação de trem na hora do rush, Times Square na noite de ano-novo, todo mundo nos encarando com rosto inexpressivo e aborrecido ao nos ver. (Eu podia *sentir* isso, se não exatamente ver). Por fim, até Bentham perdeu a coragem.

— Irmão, espere — disse ele sem fôlego, segurando Caul. — Não acha que já fomos longe o bastante?

Caul se virou lentamente para ele, seu rosto igualmente dividido entre sombra e o brilho de fogo.

— Não, não acho.

— Mas tenho certeza de que essas almas aqui são suficientemente...

— Ainda não encontramos.

— Encontramos o quê, senhor? — arriscou meu guarda.

— Eu vou saber quando vir! — repreendeu-o Caul.

Então ele ficou tenso e saiu correndo pela escuridão.

— Senhor! Espere! — gritaram os guardas, nos empurrando atrás dele.

Caul desapareceu brevemente antes de reaparecer na extremidade da câmara, iluminado por um facho de luz azul suave. Ele estava parado meio envolvido em seu interior, enfeitiçado por algo. Quando o alcançamos e fizemos uma curva, vimos o que era: um túnel comprido em que brilhava uma luz azul-celeste. Uma abertura quadrada na outra extremidade estava incandescente com a mesma luz. Além disso, ouvia-se um ruído vago e constante, como água corrente.

Caul bateu palmas e gritou:

— Estamos perto, por Deus!

Ele avançou apressado pelo corredor, enlouquecido, e fomos forçados a segui-lo, tropeçando ao correr. Quando chegamos ao fim, a luz que nos envolvia estava tão atordoante que todos cambaleamos até parar, cegos demais para ver

aonde estávamos indo.

Emma deixou que suas chamas morressem. Não eram necessárias ali. Protegendo os olhos com os dedos, o espaço lentamente surgiu em minha visão. Banhado em cortinas ondulantes de luz azul diáfana, era a maior caverna que tínhamos visto: um espaço circular enorme, como uma colmeia, com uns trinta metros de largura na base, mas afunilando em um único ponto no topo, vários andares acima. Cristais de gelo reluziam em toda a superfície, em todos os nichos e em cada um dos milhares de vasos, que chegavam a alturas impossíveis, ornamentando as paredes.

Apesar do frio congelante, havia água corrente ali: brotava de uma bica em forma de cabeça de falcão, caía em um canal pequeno que circundava a sala na base das paredes e corria para um tanque raso nos fundos da sala, ladeado por pedra negra lisa na extremidade mais distante. Essa água era a fonte da luz celestial na caverna. Como o material no interior dos vasos de almas, tinha um brilho azul fantasmagórico e bruxuleava em ciclos regulares, mais fraca e mais brilhante, como se respirasse. Tudo isso poderia ser estranhamente tranquilizador, como uma experiência em um spa nórdico, não fosse o nítido som humano que gemia para nós sob o borbulhar agradável da água. Era exatamente como o gemido que tínhamos ouvido do lado de fora, o qual eu considerara vento assoviando pelas portas, mas não havia vento ali, nem qualquer possibilidade de ouvir o vento. Aquilo era outra coisa.

Bentham entrou mancando na caverna atrás de nós, sem fôlego e protegendo os olhos, enquanto Caul seguiu até o centro do salão.

— VITÓRIA! — exclamou ele, parecendo saborear o modo como sua voz ricocheteava entre as paredes altas. — É isso! Nosso baú do tesouro! Nossa sala do trono!

— É magnífico — disse Bentham, sem forças, caminhando com dificuldade para se juntar ao irmão. — Agora entendo por que tantos estavam dispostos a dar a vida lutando por...

— Vocês estão cometendo um erro terrível — disse a srta. Peregrine. — Não podem profanar este lugar sagrado.

Caul deu um suspiro dramático.

— Você tem que estragar todo momento com seu moralismo de diretora escolar? Ou está simplesmente com inveja, choramingando pelo fim de seu reino como a irmã mais dotada? *Olhem para mim, posso voar, posso criar fendas no tempo!* Daqui a uma geração, ninguém vai se lembrar sequer da existência de uma criatura tola como uma *ymbryne*!

— Você está errado! — gritou Emma, sem conseguir mais segurar a língua. — Vocês dois é que vão ser esquecidos!

O guarda de Emma avançou para bater nela, mas Caul lhe disse para deixá-la em paz.

— Deixe que ela fale. Pode ser sua última oportunidade.

— Na verdade, você não vai ser esquecido — disse Emma. — Vamos escrever um novo capítulo nos *Contos* sobre vocês. "Os irmãos gananciosos", vai ser esse o título. Ou "Os horríveis traidores do mal que receberam o que mereciam".

— Hum, um pouco sem graça — disse Caul. — Acho que vamos chamá-lo de "Como os irmãos magníficos superaram o preconceito e se tornaram os reis-deuses de direito do mundo peculiar", ou algo parecido. E você tem sorte por eu estar de ótimo humor agora, garota.

Sua atenção se voltou para mim.

— Garoto! Conte-me sobre os vasos daqui, e não deixe passar nenhum detalhe, por menor que seja.

Ele exigiu uma descrição exaustiva, que eu dei, lendo em voz alta muitas dezenas dos rótulos floreados escritos à mão. Se eu falasse peculiar antigo, pensei, podia ter mentido, talvez induzido Caul a tomar uma alma fraca e tola. Mas eu era o autômato perfeito: abençoado com habilidade, mas amaldiçoado com ignorância. A única coisa que eu podia fazer era tentar distrair sua atenção dos vasos obviamente mais promissores.

Embora a maioria fosse pequena e simples, alguns eram grandes, ornamentados e pesados, com formatos de ampulheta e alças duplas e asas de cores vivas pintadas em sua superfície; parecia claro que continham as almas de peculiares poderosos e importantes (ou presunçosos). O tamanho maior dos nichos, porém, era revelador, e quando Caul me fez tamborilar neles com os nós dos dedos, eles ecoaram um som alto e profundo.

Não me restava nenhum truque. Caul ia conseguir o que queria, e não havia nada que eu pudesse fazer. Mas então ele fez algo que surpreendeu a todos. Algo que pareceu, no início, bizarramente generoso. Ele se virou para os guardas e disse:

— E agora? Quem gostaria de experimentar primeiro?

Os guardas se entreolharam, confusos.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Bentham, mancando na direção dele, alarmado. — Não devíamos ser você e eu? Nós trabalhamos por tanto tempo...

— Não seja ganancioso, irmão. Eu não disse a eles que seriam recompensados? — E tornou a olhar para os guardas, sorrindo como um apresentador de programa de prêmios na TV. — Então, qual de vocês vai ser?

Os dois guardas ergueram a mão.

— Eu, senhor, eu!

— Eu quero!

Caul apontou para o acólito que estava me vigiando.

— Você! — disse ele. — Gosto de seu vigor. Venha até aqui!

— Obrigado, senhor, obrigado!

Caul apontou a arma para mim, aliviando meu guarda de seu dever.

— Agora, qual dessas almas parece ser sua preferida? — Ele lembrou onde eu havia identificado certos vasos e começou a apontar para eles. — *Yeth-Faru*. Algo a ver com água, enchente. Bom, se você já desejou uma vida sob o mar. *Wolsenwyrsend*. Acredito que seja uma espécie de cavalo, como um centauro, uma criatura semi-humana que controla as nuvens. Bem, parece familiar?

Bentham murmurou algo em resposta, mas Caul mal o ouvia.

— *Styl-hyde*, essa é uma boa. Pele de metal. Pode ser útil em uma luta, embora eu não saiba se você teria que se lubrificar...

— Senhor, espero que não se importe que eu pergunte, mas que tal um dos vasos maiores? — disse o guarda, de modo submisso.

Caul negou com o dedo.

— Gosto de um homem com ambição, mas esses são para meu irmão e eu.

— É claro, senhor, é claro — disse o guarda. — Então... hum... há algum outro?

— Eu já lhe dei as melhores opções — disse Caul, seu tom de voz apontando na direção de um alerta. — Agora, *escolha*.

— Sim, sim, desculpe, senhor... — O guarda parecia angustiado. — Eu escolho *Yeth-faru*.

— Excelente! — disse vigorosamente Caul. — Garoto, apanhe o vaso.

Estendi a mão até o nicho indicado por Caul e peguei o vaso. Era tão gelado que puxei o punho de meu casaco por cima da mão como uma luva, mas mesmo através do tecido parecia que o vaso estava roubando todo o calor que restava em meu corpo.

O guarda encarou minha mão.

— O que eu faço com isso? — perguntou. — Bebo, como ambrosia?

— Não tenho certeza — disse Caul. — O que você acha, irmão?

— Também não tenho certeza — disse Bentham. — Não é mencionado em

nenhum dos textos antigos.

Caul coçou o queixo.

— Eu acho... Sim, acho que você devia beber, como ambrosia. — Ele balançou a cabeça afirmativamente, de repente seguro de si. — Sim, é desse jeito. Como ambrosia.

— Tem certeza? — perguntou o guarda.

— Certeza cem por cento absoluta. Não fique nervoso. Você vai entrar para a história por isso. Um pioneiro!

O guarda me olhou nos olhos.

— Sem truques — disse ele.

— Sem truques — falei.

Tirei a rolha, e uma luz azul emanou do vaso. O guarda pôs a mão em torno da minha, conduziu-a com o vaso até a boca e jogou o rosto para trás.

Ele deu um suspiro trêmulo.

— Isso não vai dar certo — murmurou ele, e virou minha mão.

O líquido escorreu do vaso em um fluxo viscoso. No instante em que chegou a seus olhos, sua mão apertou com tanta força a minha que eu achei que meus dedos fossem quebrar. Arranquei a mão e saltei para trás, e o vaso caiu no chão e quebrou.

O rosto do guarda estava soltando fumaça e ficando azul. Ele gritou e caiu de joelhos, com o corpo tremendo, e então tombou para a frente. Quando a cabeça bateu no chão, estilhaçou como vidro. Pedaços de crânio congelado se espalharam em torno de meus pés. Então ele ficou em silêncio e muito, muito morto.

— Ah, meu Deus! — exclamou Bentham.

Caul estalou a língua, como se alguém tivesse derramado uma taça de vinho caro.

— Bom, droga — disse ele. — Acho que não é como tomar ambrosia, afinal de contas. — Seu olhar percorreu a sala. — Bem, agora outra pessoa tem que experimentar...

— Estou muito ocupado, milorde! — exclamou o guarda, com a arma apontada para Emma e a srta. Peregrine.

— Sim, posso ver que você está com as mãos cheias aí, Jones. Talvez, então, um de nossos convidados? — Ele olhou para Emma. — Menina, faça isso para mim, e eu a transformo em minha boba da corte!

— Vá para o inferno! — disse Emma.

— Isso pode ser arranjado — respondeu ele com rispidez.

Então houve um chiado alto e um clarão de luz em uma das extremidades do salão, e todos se viraram para ver. O líquido do vaso quebrado estava escorrendo no canal junto da parede, e onde a água e o líquido azul tinham se misturado estava ocorrendo uma reação. A água borbulhava e se agitava, brilhando mais que nunca.

Caul estava radiante.

— Vejam! — exclamou ele, se agitando na ponta dos pés.

O canal que corria rápido empurrou a água reluzente e borbulhante pelas bordas da sala. Nós nos viramos, observando-a seguir, até que chegou ao tanque raso cercado por pedras na extremidade da sala, e então o próprio tanque começou a se agitar e brilhar, e uma coluna de luz azul forte subiu dele até o teto.

— Eu sei o que é isso! — disse Bentham, com a voz trêmula. — É chamada de piscina de almas. Um meio que se usava antigamente para invocar os mortos e se comunicar com eles.

Havia um vapor branco fantasmagórico pairando acima da superfície do tanque na coluna de luz, e ele estava se aglutinando, lentamente, na forma de um homem.

— Mas se uma pessoa viva entrar na piscina durante a invocação...

— ... absorve o espírito invocado — completou Caul. — Acho que encontramos nossa resposta!

O espírito pairava imóvel. Ele usava uma túnica simples que revelava a pele escamosa e uma barbatana dorsal que se projetava de suas costas. Aquela era a alma do *Yeth-faru*, o tritão escolhido pelo guarda. A coluna de luz parecia uma espécie de prisão da qual ele não podia escapar.

— E então? — disse Bentham, indicando o tanque. — Você vai?

— Não estou interessado nos restos de outro homem — disse Caul. — Eu quero *aquela*. — Ele apontou para o vaso em que eu tocara para ele anteriormente, o maior de todos. — Derrame isso na água, garoto. — Ele apontou a arma para minha cabeça. — *Agora*.

Fiz o que ele mandou. Levei a mão ao nicho enorme, peguei a urna pelas duas alças e a inclinei em minha direção com cuidado, para que não respingasse e destruísse meu rosto.

O líquido azul brilhante escorreu pela parede até o canal. A água ficou louca, fervilhando e borbulhando, e a luz produzida era tão forte que eu tive que semicerrar os olhos. Conforme o líquido da urna corria em torno do salão na direção da piscina de almas, meus olhos se dirigiram à srta. Peregrine e a

Emma. Aquela era nossa última chance de deter Caul, e restava apenas um guarda, mas ele não estava desviando nem os olhos nem a arma, e Caul ainda mantinha a arma apontada direto para minha cabeça. Parecia que ainda estávamos à mercê dele.

O líquido do grande vaso chegou à piscina de almas. O tanque espumou e se ergueu como se uma criatura marinha estivesse prestes a emergir na superfície. A coluna de luz que se erguia ficou ainda mais brilhante, e *Yeth-faru* evaporou.

Um novo vapor começou a se aglutinar, muito maior que o anterior. Se estava tomando a forma de um homem, era um gigante, duas vezes mais alto que qualquer um de nós, o peito duas vezes mais largo. As mãos eram garras e estavam erguidas, as palmas para cima, de maneira que implicava um poder grande e terrível.

Caul olhou para aquilo e sorriu.

— E isso, como dizem, é minha deixa. — Ele levou a mão livre ao interior da capa, sacou um papel e o abriu. — Gostaria apenas de dizer uma ou duas palavras, antes de oficialmente subir de posição na vida.

Bentham manquejou em sua direção.

— Irmão, acho que não devemos esperar mais...

— Não acredito! — gritou Caul. — Será que ninguém vai me permitir um momento de glória em tudo isso?

— *Escute!* — chiou Bentham.

Nós escutamos. Por um momento, não ouvi nada, mas aí, de longe, veio um som agudo prolongado. Vi Emma ficar tensa e seus olhos se arregalarem.

Caul franziu o cenho.

— Isso é... um *cachorro*?

Sim! Um cachorro! Era o latido de um cão, distante e perdido nos ecos.

— Os peculiares tinham um cão com eles — disse Bentham. — Se ele estiver seguindo nosso rastro, duvido que esteja sozinho.

O que só podia significar uma coisa: nossos amigos tinham dominado os guardas e, liderados por Addison, estavam indo atrás de nós. Sim, a abençoada *cavalaria* estava chegando! Mas Caul estava a momentos de assumir poder, e quem sabe a que distância ecos viajavam naquelas cavernas. Eles ainda podiam estar a minutos dali, e então seria tarde demais.

— Bom, então. Imagino que minhas observações terão que esperar.

Ele guardou o papel no bolso. Não parecia ter nenhuma pressa, o que estava levando Bentham à loucura.

— Vá, Jack! Tome seu espírito e depois eu tomo o meu!

Caul deu um suspiro.

— Em relação a isso, eu estive pensando: não sei bem se você consegue lidar com todo esse poder. Você tem a mente fraca, sabe? Com isso não quero dizer que não seja inteligente. Pelo contrário, é mais inteligente que eu! Mas você *pensa* como uma pessoa fraca. Sua *força de vontade* é fraca. Não é suficiente ser inteligente, sabia? Você precisa ser cruel!

— Não, irmão! Não faça isso! — implorou Bentham. — Prometo que serei seu número dois, seu confidente leal... Serei qualquer coisa que você precise que eu seja...

Bem-feito, pensei. *Continue falando...*

— Essa submissão é exatamente o que estou dizendo — disse Caul, sacudindo a cabeça. — É o tipo de coisa que só podia mudar a cabeça de uma pessoa sem força de vontade, como você. Mas eu não sou suscetível a súplicas emocionais.

— Não, isso é vingança — disse Bentham, com amargura. — Como se quebrar minhas pernas e me escravizar por anos não fosse o suficiente.

— Ah, mas foi — disse Caul. — Verdade, eu estava com raiva por você ter transformado todos nós em etéreos, mas ter um exército de monstros à disposição se revelou bastante útil. Para ser honesto, porém, isso nem é por causa do seu caráter fraco. É apenas... é meu próprio fracasso como irmão, suponho. Alma pode falar sobre isso. Eu não gosto de dividir.

— Então faça logo! — exclamou Bentham, com raiva. — Termine logo com isso, atire em mim!

— Eu podia fazer isso — disse Caul. — Mas acho que seria mais eficaz se eu atirasse... nele.

Então ele apontou a arma para meu peito e puxou o gatilho.

* * *

Senti o impacto da bala quase antes de ouvir o estrondo da arma. Foi como ser socado por punhos gigantes e invisíveis. Fui lançado para trás, e tudo ficou abstrato. Eu estava olhando para o teto, minha visão afunilada em um ponto. Alguém gritava meu nome. Outra arma disparou, depois tornou a disparar.

Mais gritos.

Eu estava vagamente consciente de que meu corpo estava sob uma grande quantidade de dor. Que eu estava morrendo.

Então vi Emma e a srta. Peregrine debruçadas sobre mim, angustiadas,

gritando, o guarda fora do quadro. Eu não conseguia entender suas palavras, como se meus ouvidos estivessem submersos. As duas tentavam me mover, me arrastar pelos ombros na direção da porta, mas meu corpo estava inerte e pesado. Aí veio um uivo, como ventos de furacão, da direção da piscina de almas, e apesar da dor insuportável, consegui virar a cabeça e olhar.

Caul estava parado no tanque com água até as canelas, os braços estendidos e a cabeça jogada para trás, em um estado de paralisia conforme o vapor o envolvia e se misturava ao seu corpo. O vapor penetrou por todas as aberturas de seu rosto — tentáculos descendo por sua garganta, cordas se estendendo por seu nariz, nuvens baixando sobre seus olhos e ouvidos. Então, em questão de segundos, acabou; a luz azul que brilhara pela caverna se reduziu, como se Caul tivesse sugado seu poder.

A srta. Peregrine gritou. Emma pegou a arma de um dos guardas e a esvaziou em Caul. Ele não estava longe, e ela tinha boa mira. Deve tê-lo atingido, mas Caul sequer piscou. Em vez de cair, parecia estar fazendo o contrário — ele estava *crescendo*. Estava crescendo muito rápido, dobrando de altura e largura em segundos. Ele soltou um grito animal enquanto sua pele se abria e se curava, se abria e se curava. Logo ele era uma torre de carne crua e roupas esfarrapadas, seus olhos gigantes de um tom azul-elétrico: uma alma enchera o vazio que ele cultivara por tanto tempo. O pior de tudo eram suas mãos, que tinham ficado enormes e nodosas, grossas e retorcidas como raízes de árvore, dez dedos em cada uma.

Emma e a srta. Peregrine tentaram outra vez me arrastar para a porta, mas agora Caul estava indo atrás de nós. Ele saiu andando da piscina de almas e berrou, com uma voz de estremecer os ossos:

— *ALMA, VOLTE AQUI!*

Caul ergueu as mãos terríveis. Alguma força invisível arrancou Emma e a srta. Peregrine de perto de mim. Elas foram puxadas no ar e ficaram ali paradas, se debatendo a três metros do chão, até que Caul virou a palma das mãos outra vez para baixo. Rápido como uma bola rebatida, elas caíram com força no chão.

— *EU VOU TRITURÁ-LA COM OS DENTES!* — uivou Caul, e saiu atrás delas, cada passo provocando um terremoto.

A adrenalina, aparentemente, tinha começado a fazer minha visão e audição entrarem em foco. Eu não podia imaginar sentença de morte mais cruel que aquela: passar meus últimos momentos vendo as mulheres que eu amava serem despedaçadas. Então ouvi um cachorro latir, e algo pior me ocorreu: assistir a

meus amigos morrerem, também.

Emma e a srta. Peregrine correram. Elas não tinham escolha. Voltar por mim, agora, era impossível.

Os outros começaram a emergir do corredor. Crianças e *ymbrynes*, todas juntas. Sharon e os construtores de força, também. Addison devia tê-los conduzido até ali, como conduzia todos agora, com um lampião pendurado na boca.

Eles não tinham ideia do que iam enfrentar. Eu queria alertá-los (*não se deem ao trabalho de lutar, apenas fujam*), mas eles não me dariam ouvidos. Eles viram a fera enorme e foram com tudo para cima dela. Os construtores de força arremessaram seus martelos. Bronwyn lançou um pedaço de parede que estava carregando, inclinando-se para trás e o projetando como em um arremesso de peso. Algumas crianças que tinham armas tomadas dos acólitos dispararam sobre Caul. As *ymbrynes* se transformaram em aves e atacaram sua cabeça, bicando-o sempre que podiam.

Nada disso o afetou. As balas ricochetearam. Ele desviou o pedaço de parede, pegou os martelos entre os dentes gigantes e os cuspiu. Como um bando de mosquitos, as *ymbrynes* pareciam apenas irritá-lo. Então ele estendeu os braços e os dedos nodosos, as pequenas raízes que pendiam de seu corpo dançando como fios elétricos, e lentamente juntou as palmas das mãos. Ao fazer isso, todas as *ymbrynes* que voavam em torno de sua cabeça foram afastadas e todos os peculiares foram jogados em uma pilha.

Ele revirou as mãos repetidas vezes, como se estivesse amassando papel. As *ymbrynes* e os peculiares se ergueram do chão em um aglomerado esférico de membros e asas. Restava apenas eu, sozinho (com exceção de Bentham... onde estava Bentham?); tentei me levantar, fazer alguma coisa, mas só consegui erguer a cabeça. Meu Deus, eles estavam sendo pulverizados, seus gritos aterrorizados ecoavam pelas paredes — e eu achei que tudo estava acabado, que em um momento o sangue ia jorrar deles como suco de uma fruta espremida, mas então uma das mãos de Caul se ergueu e começou a se agitar diante de seu rosto, espantando alguma coisa.

Eram abelhas. Uma torrente das abelhas de Hugh saíra voando do aglomerado de gente e agora estava nos olhos de Caul, ferroando-o enquanto ele soltava um uivo arrasador. As *ymbrynes* e os peculiares caíram novamente no chão, a bola que formavam se desfazendo, e corpos se espalharam por toda parte. Eles não tinham sido esmagados, graças a Deus.

A srta. Peregrine, guinchando e batendo asas na forma de ave, puxava as

pessoas de pé e as empurrava na direção do corredor. *Corram. Corram. Vão!*

Então ela saiu voando na direção de Caul. Ele tinha se livrado das abelhas e estava outra vez abrindo os braços, pronto para recolher todo mundo e despedaçá-los contra a parede. Antes que pudesse fazer isso, a srta. Peregrine avançou com suas garras e abriu cortes profundos em seu rosto. Ele girou para lhe dar um golpe pesado, atingindo-a com tanta força que ela voou através do salão, bateu na parede e caiu no chão, onde permaneceu imóvel.

Quando ele se voltou para cuidar dos outros, eles tinham praticamente desaparecido pelo corredor. Caul estendeu a mão na direção deles, fechou-a e puxou-a, mas, aparentemente, eles estavam mais longe do que alcançavam seus poderes telecinéticos. Com um berro de frustração, saiu correndo atrás deles, em seguida se jogou de bruços e tentou rastejar para o interior do corredor em sua perseguição. Ele mal coube lá dentro.

Foi quando eu finalmente vi Bentham. Ele havia rolado para o canal de água para se esconder e agora estava saindo de lá outra vez, encharcado, mas, fora isso, ileso. Estava abaixado, de costas para mim, fazendo alguma coisa que eu não conseguia ver.

Senti como se estivesse voltando à vida. A dor em meu peito estava cedendo. Tentei mexer os braços, um experimento, e descobri que conseguia. Eu os passei pelo corpo e sobre o peito, esperando encontrar alguns buracos e muito sangue. Mas estava seco. Em vez de buracos, minhas mãos encontraram um pedaço de metal achatado como uma moeda. Fechei as mãos em torno daquilo e o ergui para examiná-lo.

Era uma bala. Não tinha perfurado meu corpo. Eu não estava morrendo. A bala tinha se cravado em meu cachecol.

O cachecol que Horace tricotara para mim.

De algum modo, ele sabia que isso ia acontecer e tinha feito aquele cachecol para mim com lã especial de carneiros peculiares. Graças às aves por Horace...

Vi algo brilhar no salão e ergui a cabeça, o que mal conseguia fazer. Avistei Bentham de pé com os olhos incandescentes, cones de luz branca quente se projetando de suas órbitas. Ele deixou cair algo, e ouvi o tilintar de vidro.

Ele tinha tomado ambro.

Usei toda a minha força para me virar de lado, em seguida me encolhi e tentei sentar. Bentham correu ao longo das paredes, observando os vasos. Estava estudando cada um deles com cuidado.

Como se pudesse vê-los.

Então percebi o que ele fizera, o que havia tomado. Ele tinha guardado a

alma roubada de meu avô por todos aqueles anos, e agora a havia consumido.

Ele *podia* ver os vasos. Podia fazer o que eu fazia.

Eu estava de joelhos, as mãos espalmadas no chão. Então, me apoiei em um pé e tomei impulso para me levantar. Estava de volta, renascido dos mortos.

A essa altura, Caul tinha rastejado para o interior do corredor e avançava. Eu podia ouvir as vozes dos meus amigos ecoar da outra extremidade. Eles ainda não tinham escapado. Talvez tivessem se recusado a deixar a srta. Peregrine para trás (ou, possivelmente, a mim). Ainda estavam lutando.

Bentham agora estava correndo, o melhor que podia. Ele avistara o vaso grande e estava correndo direto em sua direção. Dei alguns passos mancando até ele, que alcançou o vaso e o virou. O líquido azul fervilhou no interior do canal e começou a circular na direção da piscina de almas.

Ele se virou e me viu.

Bentham foi mancando na direção da piscina, e eu mancando em sua direção. O líquido do vaso chegou ao tanque. A água começou a se enfurecer, e uma coluna de luz ofuscante se ergueu até o teto.

— QUEM ESTÁ PEGANDO MINHAS ALMAS?! — berrou Caul, furioso, do corredor.

E começou a rastejar de volta para a câmara.

Eu me atirei sobre Bentham, ou caí em cima dele, o que você preferir. Eu estava fraco e tonto, e ele era velho e magro, e éramos bom páreo um para o outro. Lutamos rapidamente, e quando ficou claro que eu o havia imobilizado, ele desistiu.

— Escute — disse ele. — Eu preciso fazer isso. Sou sua única esperança.

— Cale a boca! — falei segurando suas mãos, que ainda estavam se debatendo. — Não vou dar ouvidos a suas mentiras.

— Ele vai matar todos nós se você não me soltar!

— Ficou louco? Se eu soltar você, você vai ajudar seu irmão!

Finalmente consegui agarrar seus pulsos. Ele estava tentando pegar alguma coisa no bolso.

— Não, não vou! — gritou. — Eu cometi erros demais... mas posso compensá-los se você me deixar ajudar.

— *Ajudar*?

— Olhe em meu bolso! — gritou Bentham. — Tem um papel aí dentro. Um que sempre carrego comigo, só por garantia.

Soltei uma de suas mãos e a enfiei em seu bolso. Encontrei um pequeno pedaço de papel dobrado, que abri.

— O que é isso? — perguntei.

Estava escrito em peculiar antigo. Eu não conseguia ler.

— É uma receita. Mostre isso às *ymbrynes*. Elas vão saber o que fazer.

Uma mão surgiu às minhas costas e tomou o papel de mim. Me virei para trás e vi a srta. Peregrine, alquebrada, mas humana.

Ela leu o papel. Seus olhos se voltaram para Bentham.

— Você tem certeza de que isso vai funcionar?

— Funcionou uma vez — disse ele. — Não sei por que não funcionaria de novo. E com ainda mais *ymbrynes*...

— Solte ele — disse ela para mim.

Fiquei chocado.

— O quê? Mas ele vai...

Ela pôs a mão em meu ombro.

— Eu sei.

— Ele roubou a alma do meu avô! Ele a tomou... Está nele, neste momento!

— Eu sei, Jacob. — Ela olhou para mim, o rosto benévolo, mas firme. — Isso tudo é verdade, e pior. Foi bom você ter apanhado ele. Mas agora você deve soltá-lo.

Então larguei a mão de Bentham e fiquei de pé, com ajuda da srta. Peregrine. Em seguida, ele também se levantou, um velho triste com as costas curvadas e as gotas negras e cintilantes da alma de meu avô escorrendo pelo rosto. Por um instante, pensei ter visto um lampejo de Abe em seus olhos, um pouco de seu espírito ali, brilhando de volta para mim.

Bentham se virou e correu na direção da coluna de luz e da piscina de almas. O vapor estava se aglutinando na forma de um gigante quase tão grande quanto Caul, mas com asas. Se Bentham chegasse ao tanque a tempo, Caul teria um desafiante à altura.

Caul, agora, estava quase fora do corredor, louco de raiva.

— *O QUE VOCÊ FEZ?!* — gritou. — *EU VOU MATAR VOCÊ!*

A srta. Peregrine me empurrou para o chão e se deitou ao meu ado.

— Não há tempo para se esconder — disse ela. — Finja-se de morto.

Bentham entrou aos tropeções na piscina, e na mesma hora o vapor começou a se afunilar para dentro dele. Caul finalmente rastejou para fora do corredor e se ergueu, em seguida correu na direção de Bentham. Fomos quase esmagados quando um de seus pés enormes pisou com força perto de nossas cabeças, mas Caul chegou à piscina tarde demais para impedir Bentham de se juntar com qualquer alma grandiosa e antiga que estivesse naquele vaso. O irmão mais

novo e mais fraco da srta. Peregrine já tinha crescido ao dobro de sua altura original.

A srta. Peregrine e eu ajudamos um ao outro a se levantar. Atrás de nós, Caul e Bentham começaram a lutar, o som irrompendo como bombas. Ninguém precisou me mandar correr.

Estávamos a meio caminho do corredor quando Emma e Bronwyn saíram dali para nos encontrar. Elas nos pegaram pelos braços e nos puxaram para a segurança mais rápido do que nossos corpos fracos e abatidos poderiam ter conseguido sozinhos. Não falamos (não havia tempo para fazer coisa nenhuma além de correr, não havia como gritar alto o suficiente para ser ouvido), mas o rosto de Emma, eletrizado com surpresa e alívio pelo simples fato de eu estar vivo, dizia tudo.

O túnel negro nos envolveu. Tínhamos conseguido. Olhei para trás só uma vez, para captar um vislumbre do conflito que explodia às nossas costas. Através de nuvens de poeira e vapor, vi duas criaturas mais altas que casas tentando assassinar uma a outra: Caul estrangulando Bentham com uma das mãos afiadas, furando seus olhos com a outra. Bentham, com cabeça de inseto e milhares de olhos excedentes, alimentava-se do pescoço de Caul com mandíbulas longas e flexíveis, e o golpeava com a aspereza de suas grandes asas. Eles dançavam, um emaranhado de membros, batendo juntos contra paredes, o salão desmoronando a seu redor, o conteúdo de inúmeros vasos de alma espatifados voando, uma chuva luminosa.

Com esse retrospecto de meus pesadelos assim concretizado em meu cérebro, deixei que Emma me puxasse para a escuridão.

* * *

Encontramos nossos amigos na câmara seguinte, engolidos pelas trevas, o brilho esmaecido do lampião na boca de Addison como única fonte de luz. Quando Emma acendeu uma chama e eles nos viram, estropiados mas vivos, soltaram um grande grito de alegria. Eu os vi à luz dela e fiz uma careta. Eles também estavam em péssimas condições, sangrando e machucados por terem sido jogados de um lado para outro por Caul, alguns mancando, com pernas quebradas ou torcidas.

Os estrondos que vinham da caverna deram uma trégua momentânea e Emma finalmente conseguiu me abraçar.

— Eu o vi atirar em você! Mas por que milagre você está vivo?

— Pelo milagre da lã de carneiros peculiares e dos sonhos de Horace! — falei, em seguida beijei Emma e me soltei dela para encontrar Horace no meio do grupo.

Quando fiz isso, eu o abracei com tanta força que seus sapatos de verniz se ergueram do chão.

— Espero um dia poder pagar a você por isso — falei, puxando meu cachecol.

— Estou muito feliz que tenha ajudado! — disse ele, sorrindo para mim.

A destruição recomeçou, o som altíssimo, inacreditável. Fragmentos de rocha rolavam pelo corredor em nossa direção. Mesmo que Caul e Bentham não conseguissem nos alcançar de onde estavam, ainda podiam derrubar o lugar inteiro. Tínhamos que sair logo da Biblioteca e, depois, daquela *fenda*.

Corremos, tateando e mancando de volta por onde viéramos, metade de nós uma lástima claudicante, os outros agindo como muletas humanas. Addison nos guiou apenas com o focinho, de volta pelo labirinto e saindo por onde viéramos. O som da batalha de Caul e Bentham parecia nos perseguir, ficando mais alto mesmo enquanto nos afastávamos, como se eles estivessem crescendo. De que tamanho eles poderiam ficar, e com que força? Talvez as almas de todos os vasos que eles haviam quebrado estivessem chovendo na piscina, alimentando-os, tornando-os ainda mais monstruosos.

Será que a Biblioteca de Almas iria enterrá-los? Será que ela seria seu túmulo, sua prisão? Ou ela iria se romper e se abrir como uma casca de ovo, liberando aqueles horrores no mundo?

Chegamos à saída da gruta e corremos outra vez para a luz do dia. O estrondo às nossas costas tinha se tornado constante, um tremor que reverberava pelos morros.

— Precisamos continuar correndo! — gritou a srta. Peregrine. — Para a saída da fenda!

Estávamos a meio caminho de lá, aos tropeções por uma clareira, quando o solo abaixo de nós tremeu com tanta violência que todos fomos jogados no chão. Eu nunca tinha ouvido um vulcão em erupção, mas o som não devia ser mais assustador que o estrondo retumbante que ecoou das colinas baixas às nossas costas. Todos nós nos viramos em choque para ver toneladas de rocha pulverizada voando pelo ar, e aí ouvimos, claros como o dia, os gritos de Bentham e Caul.

Eles, agora, estavam livres da Biblioteca. Haviam arrebentado o teto da caverna e atravessado uma espessura inimaginável de rocha até chegar à luz do

dia.

— Não podemos esperar mais! — gritou a srta. Peregrine. Ela se levantou e ergueu o papel amarfanhado de Bentham. — Irmãs, é hora de fechar esta fenda!

Foi quando me dei conta do que ele havia nos dado, e entendi por que a srta. Peregrine o deixara ir. *Uma receita*, como chamara ele. *Funcionou uma vez*...

Era o procedimento que ele persuadiu Caul e seus seguidores a realizar tantos anos antes, em 1908. O que havia destruído a fenda em que estavam, em vez de reiniciar seus relógios internos, como eles esperavam. Dessa vez a destruição seria intencional. Havia apenas um problema...

— Isso não vai transformá-los em etéreos? — perguntou a srta. Wren.

— Um etéreo não é problema — falei. — Mas da última vez que uma pessoa destruiu uma fenda assim, isso não provocou uma explosão tão grande que arrasou a Sibéria?

— As *ymbrynes* que meu irmão coagiu a ajudá-lo eram jovens e inexperientes — disse a srta. Peregrine. — Nós vamos fazer um trabalho melhor.

— É melhor, mesmo — disse a srta. Wren.

Acima da colina, surgiu um rosto rosado, como um segundo sol espiando por cima do horizonte. Era Caul, agora grande como dez casas. Com uma voz terrível que ribombou através das colinas, ele berrou:

— *ALMAAAAAAAAAAA!*

— Ele está vindo atrás da senhorita! — gritou Olive. — Precisamos encontrar um lugar seguro!

— Em um instante, querida.

A srta. Peregrine enxotou todas nós, crianças peculiares (e também Sharon e os primos), em seguida reuniu as *ymbrynes* ao seu redor. Elas pareciam uma espécie de sociedade secreta mística pestes a realizar um ritual antigo. O que, eu imagino, era o que estavam fazendo. Lendo o papel, a srta. Peregrine disse:

— Pelo que diz aqui, quando dermos início à reação, vamos ter apenas um minuto para escapar da fenda.

— Vai ser suficiente? — perguntou a srta. Avocet.

— Vai ter que ser — disse a srta. Wren, com expressão carrancuda.

— Talvez seja melhor a gente se aproximar da saída antes de tentar — sugeriu a srta. Swallow, que apenas recentemente recobrara a consciência.

— Não temos tempo — disse a srta. Peregrine. — Precisamos...

O resto de sua frase foi abafado por um grito distante mas trovejante de

Caul. As palavras soaram incoerentes, seu cérebro devia estar derretendo devido ao crescimento rápido. Seu hálito nos alcançou alguns segundos depois de sua voz, um vento fétido e amarelado que azedou o ar.

Não se ouvia Bentham havia alguns minutos. Será que ele tinha sido morto?

— Desejem sorte para suas anciãs! — gritou para nós a srta. Peregrine.

— Boa sorte! — berramos todos.

— Não nos explodam! — acrescentou Enoch.

A srta. Peregrine se voltou para as irmãs. As doze *ymbrynes* formaram um círculo apertado, de mãos dadas, e a srta. Peregrine falou alguma coisa em peculiar antigo. As outras responderam em uníssono, todas as vozes se erguendo em um cântico lúgubre e ritmado. Isso continuou por trinta segundos ou mais, e durante esse tempo Caul começou a sair da caverna, derrubando detritos pelos morros onde suas mãos enormes se agarravam para se apoiar.

— Bom, isto é fascinante — disse Sharon. — Sintam-se à vontade para ficar aqui e assistir, mas acho que meus primos e eu vamos embora. — Ele saiu andando, mas então viu que a trilha à frente se dividia em cinco caminhos e que o solo duro não registrara nenhuma de nossas pegadas. — Hum... Por acaso alguém se lembra do caminho?

— Você vai ter que esperar — rosnou Addison. — Ninguém sai até que as *ymbrynes* saiam.

Finalmente, elas soltaram as mãos, rompendo o círculo.

— É isso? — perguntou Emma.

— É isso! — respondeu a srta. Peregrine, correndo até nós. — Vamos embora. Este lugar não vai estar muito legal daqui a cinquenta segundos!

Uma rachadura estava se abrindo no chão, no local onde as *ymbrynes* tinham se reunido, a argila afundando em um sumidouro que rapidamente se alargava e do qual saía um zunido alto, quase mecânico. A destruição havia começado.

Apesar da exaustão, dos corpos alquebrados e dos passos vacilantes, corremos, apressados pelo pânico, pelos ruídos apocalípticos e pela sombra gigante que caiu sobre nosso caminho. Corremos enquanto o chão se abria, descemos escadas antigas que se desfaziam sob nossos pés, para a primeira construção da qual saíramos; engasgamos com poeira vermelha de paredes pulverizadas e finalmente chegamos à passagem que levava de volta à torre de Caul.

A srta. Peregrine nos conduzia pela passagem, que se desintegrava ao nosso redor, e, depois, para o interior da torre. Olhei para trás a fim de ver a passagem desmoronar, um punho gigante arrebentando o teto.

— Onde foi parar a porta? — perguntou a srta. Peregrine, nervosa. — Precisamos fechá-la, ou a demolição pode se espalhar além desta fenda!

— Bronwyn a arrombou! — respondeu Enoch. — Está quebrada!

Bronwyn tinha sido a primeira a alcançá-la, e, para ela, derrubar a porta fora mais fácil que girar a maçaneta.

— Desculpe! Eu condenei a todos nós?

O tremor da fenda começara a se espalhar pela torre, que inclinou, nos jogando para o outro lado do recinto.

— Não se conseguirmos escapar da torre — disse a srta. Peregrine.

— Estamos alto demais! — exclamou a srta. Wren. — Nunca vamos chegar lá embaixo a tempo!

— Tem um terraço aberto logo acima — falei.

Não entendi por que falei isso, pois saltar para a morte não parecia melhor que ser esmagado pelo desabamento de uma torre.

— Sim! — gritou Olive. — Vamos pular!

— Mas é claro que não! — disse a srta. Wren. — Nós, *ymbrynes*, ficaríamos bem, mas vocês, crianças...

— Eu posso carregar os outros! — disse Olive. — Sou bastante forte.

— De jeito nenhum! — disse Enoch. — Você é pequenininha, e nós somos muitos.

A torre balançava de maneira assustadora. Lajotas do teto despencavam à nossa volta e rachaduras se abriam no chão.

— Então está bem! — disse Olive. — Fiquem para trás!

Ela começou a subir. Levamos apenas um instante, e mais um balanço da torre, para decidir que Olive era nossa única esperança.

Nossa vida estava nas mãos delicadas de nosso menor componente. Que as aves nos ajudassem.

Subimos o corredor íngreme e saímos ao ar livre no que restava do dia. Lá embaixo se descortinava uma vista dominante do Recanto do Demônio: o complexo e suas paredes pálidas, o abismo enevoado e a ponte interrompida com um etéreo no interior, o material inflamável negro da Rua da Fumaça e os cortiços abarrotados mais adiante, e depois o Valão, serpenteando ao longo da borda da fenda como um anel de sujeira. O que quer que acontecesse em seguida, independentemente se íamos viver ou morrer, me deixaria feliz por nunca mais ver aquele lugar.

Nós nos aproximamos do parapeito circular. Emma agarrou minha mão.

— Não olhe para baixo, hein?

Uma a uma, as *ymbrynes* se transformaram em aves e se empoleiraram no parapeito, prontas para ajudar como pudessem. Olive segurou o parapeito com as duas mãos e tirou os sapatos. Seus pés flutuaram até ela ficar de cabeça para baixo no parapeito, os calcanhares apontados para o céu.

— Bronwyn, pegue meus pés! — disse ela. — Vamos fazer uma corrente: Emma segura as pernas de Bronwyn, Jacob segura as de Emma, e Horace, as de Hugh...

— Minha perna esquerda está ferida! — disse Hugh.

— Então Horace segura a direita — disse Olive.

— Isso é loucura! — disse Sharon. — Vamos ficar pesados demais!

Olive ia discutir, mas um tremor repentino abalou a torre com tanta força que nos agarramos ao parapeito para não cair.

Era do jeito de Olive ou nada.

— Vocês entenderam a ideia! — gritou a srta. Peregrine. — Façam como Olive disse e, o mais importante, não soltem até chegarmos ao chão!

A pequena Olive flexionou os joelhos e jogou um pé na direção de Bronwyn, que o segurou, depois ergueu o braço e pegou o outro. Olive soltou o parapeito e se ergueu nas mãos de Bronwyn, dando impulso para cima como um nadador empurrando a parede de uma piscina.

Bronwyn foi erguida do chão. Emma rapidamente segurou as pernas dela e também foi erguida, enquanto Olive se esforçava para subir mais, cerrando os dentes. Então foi minha vez, mas, aparentemente, Olive estava perdendo poder de flutuação. Ela fazia força e gemia, nadando de cachorrinho na direção do céu, mas estava esgotada. Foi quando a srta. Peregrine se transformou em ave, levantou voo, enganchou as garras nas costas do vestido de Olive e a puxou para cima.

Meus pés saíram do chão. Hugh agarrou minhas pernas, e Horace, as pernas dele, e Enoch as dele e assim por diante, até que mesmo Perplexus, Addison, Sharon e seus primos tinham pegado uma carona. Subimos enfileirados no ar como uma pipa oscilante, com Millard como sua rabiola invisível. As outras *ymbrynes* menores agarravam nossas roupas aqui e ali e batiam as asas furiosamente, ajudando como podiam.

Tínhamos acabado de deixar a torre quando a coisa toda começou a desmoronar. Olhei para baixo a tempo de vê-la cair. Aconteceu rápido, desabando sobre si mesma, a parte superior parecendo implodir como se tivesse sido sugada pela fenda destruída. Depois disso, o resto simplesmente caiu, com uma parte se inclinando antes de romper no meio e desabar em uma grande

nuvem de poeira e entulho, o som como de um milhão de tijolos sendo jogados em uma pedreira. A essa altura, a força da srta. Peregrine estava vacilando e começamos a cair, lentamente, as *ymbrynes* nos puxando com força para o lado, para uma aterrissagem suave longe dos destroços.

Tocamos o solo no pátio, Millard primeiro e, por fim, Olive, tão exausta que aterrissou de costas e ficou ali, ofegante como se tivesse corrido uma maratona. Nos reunimos em volta dela, dando vivas e a aplaudindo.

Ela arregalou os olhos e apontou para cima.

— Vejam!

No ar, onde apenas alguns minutos antes estava o topo da torre, girava um pequeno vórtice de prata cintilante, como um furacão em miniatura. Eram os últimos vestígios da fenda desmoronando. Assistimos hipnotizados enquanto ele encolhia, girando cada vez mais rápido. Quando ficou pequeno demais para ser visto, dele saiu um som que parecia um estrondo sônico:

— *ALMAAAAAAA*...

Então o redemoinho desapareceu, sugando para dentro de si a voz de Caul.

CAPÍTULO DEZ

Depois que a fenda desmoronou e a torre caiu, não podíamos ficar parados em estado de choque e boquiabertos — pelo menos não por muito tempo. Embora pudesse parecer que o pior já havia passado e que a maioria dos nossos inimigos tinha caído ou sido capturada, o caos ainda reinava e havia muito o que resolver. Apesar de estarmos exaustos, com hematomas e torções por todo o corpo, as *ymbrynes* começaram a fazer o que as *ymbrynes* fazem de melhor, que é criar ordem. Elas voltaram à forma humana e assumiram o comando. O complexo foi revistado à procura de acólitos que pudessem estar escondidos. Dois se renderam imediatamente e Addison descobriu mais um: uma mulher de aspecto lastimável que estava escondida em um buraco no chão.

A mulher saiu de braços erguidos, implorando por piedade. Os primos de Sharon foram acionados para construir uma cadeia improvisada para nosso pequeno mas crescente número de prisioneiros e começaram a trabalhar contentes, cantando enquanto martelavam. Sharon foi interrogado pela srta. Peregrine e pela srta. Avocet, mas, após alguns poucos minutos de perguntas, elas ficaram convencidas de que ele era apenas um mercenário, não um agente secreto nem um traidor. Sharon parecia tão chocado com a traição de Bentham quanto todos nós.

Rapidamente as prisões e os laboratórios dos acólitos foram esvaziados, e suas máquinas de terror, destruídas. As vítimas dos experimentos terríveis foram levadas para fora e cuidadas. Outras dezenas foram libertadas de outro bloco de detenção. Os prisioneiros surgiram magros e esfarrapados das celas subterrâneas onde eram mantidos. Alguns andavam sem rumo, atônitos, e tiveram que ser arrebanhados e observados, para que não se perdessem; outros estavam tão tomados pelo alívio que não conseguiam parar de nos agradecer. Uma garotinha passou meia hora indo de um peculiar a outro, surpreendendo-nos com abraços.

— Vocês não sabem o que fizeram por nós — repetia ela. — Vocês não sabem o que fizeram.

Era impossível não ser afetado por aquilo.

Conforme lhes dávamos qualquer conforto possível, éramos tomados por choros e suspiros. Eu não conseguia nem imaginar pelo que meus amigos tinham passado, muito menos aqueles que haviam ficado semanas ou meses em poder de Caul. Comparados a isso, meus hematomas e ferimentos eram irrelevantes.

Os peculiares resgatados dos quais me lembro com mais nitidez foram três irmãos. Eles pareciam em boa saúde, mas estavam mudos de tão chocados pelo que tinham vivenciado. Na primeira oportunidade, se afastaram do grupo, encontraram um monte de entulho em que se sentar e ficaram encarando o vazio, o mais velho com os braços estendidos em volta dos dois mais novos, como se não conseguissem conciliar bem a cena diante deles com o inferno que haviam aceitado como realidade.

Emma e eu fomos até eles.

— Está tudo bem agora — disse ela com delicadeza.

Eles olharam para ela como se não compreendessem.

Enoch nos viu falando com os três irmãos e se aproximou com Bronwyn, que estava arrastando um acólito praticamente inconsciente, um funcionário de laboratório de jaleco branco com as mãos amarradas. Os meninos se encolheram.

— Ele não pode mais machucar vocês — garantiu Bronwyn. — Nenhum deles.

— Talvez seja melhor deixá-lo aqui com vocês um pouco — disse Enoch, com um sorriso demoníaco. — Aposto que vocês têm muito o que conversar.

O acólito levantou a cabeça. Quando viu os meninos, seus olhos negros se arregalaram.

— Pare com isso — falei. — Não os atormente.

O menino mais novo cerrou os punhos e fez menção de se levantar, mas o mais velho o segurou e sussurrou algo em seu ouvido. O menino mais novo fechou os olhos e balançou a cabeça afirmativamente, como se guardasse alguma coisa, depois enfiou os punhos apertados embaixo dos braços.

— Não, obrigado — disse ele, em um sotaque educado do Sul.

— Vamos — falei.

E os deixamos sós, Bronwyn arrastando o acólito atrás de si.

* * *

Ficamos pelo complexo, à espera de instruções das *ymbrynes*. Era um alívio não precisar decidir tudo ao menos uma vez. Estávamos esgotados, mas energizados; inacreditavelmente exaustos, mas turbinados pela consciência de que tínhamos sobrevivido.

Todos irrompiam em gritos de alegria, com risos e canções espontâneos. Millard e Bronwyn dançavam pelo solo marcado. Olive e Claire se agarravam à srta. Peregrine, que as carregava enquanto verificava as coisas. Horace não parava de se beliscar, desconfiado de que aquilo fosse apenas um de seus sonhos, um belo futuro ainda não concretizado. Hugh foi caminhar sozinho, sem dúvida com saudade de Fiona, cuja ausência deixara um vazio em todos nós. Millard cuidava de seu herói, Perplexus, cujo envelhecimento rápido parara quando entramos em Abaton e, estranhamente, ainda não havia recomeçado. Mas iria recomeçar, nos assegurou Millard, e, com a torre de Caul destruída, não estava claro como Perplexus chegaria a sua antiga fenda. (Havia o Polifendador de Bentham, é claro, mas qual de suas centenas de portas era a certa?)

E havia também a questão de Emma e eu. Mesmo grudados um no outro, mal trocamos uma palavra. Tínhamos medo de conversar, acho, por causa do assunto a discutir.

O que aconteceria em seguida? O que seria de nós? Eu sabia que ela não podia deixar o mundo peculiar. Ela teria que viver no interior de uma fenda para o resto da vida, fosse no Recanto do Demônio ou em algum lugar melhor. Mas eu estava livre para partir. Tinha uma família e um lar à minha espera. Uma vida, ou a versão difusa de uma. Mas eu tinha família ali, também. E tinha Emma. E havia esse novo Jacob que eu me tornara, que ainda estava me tornando. Será que ele sobreviveria na Flórida?

Eu precisava de tudo. As duas famílias, os dois "Jacobs", e Emma por completo. Eu sabia que teria que escolher e temia que isso me partisse ao meio.

Era demais, muito mais do que eu podia encarar logo após as provações que tínhamos acabado de enfrentar. Eu precisava de mais algumas horas, ou um dia, de faz de conta. Então Emma e eu paramos lado a lado e pensamos nos outros, nos oferecendo para qualquer coisa que as *ymbrynes* precisassem.

Superprotetoras por natureza, as *ymbrynes* decidiram que já havíamos suportado o suficiente. Precisávamos descansar e, além disso, havia tarefas, disseram elas, das quais crianças peculiares não deveriam participar. Ao cair, a torre tinha esmagado um prédio menor, mas elas não queriam que

vasculhássemos os escombros à procura de sobreviventes. Em outras partes do complexo havia frascos de ambrosia para serem recuperados, coisas das quais elas não queriam que nos aproximássemos. Eu me perguntei o que elas fariam com aquilo, ou se aquelas almas roubadas poderiam algum dia ser reunidas com seus verdadeiros donos.

Pensei no líquido feito com a alma de meu avô. Tinha me sentido violado demais ao ver Bentham usá-lo, mas, se ele não o tivesse feito, nunca teríamos escapado da Biblioteca de Almas. Por isso, no fim, na verdade foi a alma de meu avô que nos salvou. Era gratificante saber que pelo menos ela não fora desperdiçada.

Havia trabalho a ser feito em torno do complexo dos acólitos, também. Na Rua da Depravação e em outras partes do Recanto do Demônio, crianças peculiares escravizadas precisavam ser libertadas, mas nossas mentoras insistiram em fazer isso, com a ajuda de alguns adultos peculiares. Na verdade, elas não iriam encontrar resistência: os escravistas e outros traidores tinham fugido do Recanto no momento em que os acólitos caíram. As crianças seriam recolhidas e levadas para uma casa segura; os traidores, caçados e levados diante de tribunais. Nada daquilo era da nossa conta, foi o que disseram. Agora precisávamos de um lugar para nos recuperar, assim como uma base de operações de onde a reconstrução do mundo peculiar poderia começar, e nenhum de nós queria ficar na amedrontadora fortaleza dos acólitos mais que o necessário.

Sugeri a casa de Bentham. Lá havia muito espaço, muitas camas, instalações, um médico residente e um Polifendador (o que, nunca se sabe, podia ser útil para alguma coisa). Seguimos até a casa enquanto a noite caía, carregando um dos caminhões de transporte dos acólitos com os peculiares que não conseguiam caminhar, o resto marchando atrás do veículo. Atravessamos a fortaleza com uma pequena ajuda do etéreo da ponte, que primeiro ergueu o caminhão sobre o vão e depois o resto de nós, em grupos de três. Algumas crianças ficaram com medo do etéreo e tiveram que ser convencidas com paciência. Outras não conseguiam se conter e gritavam por outra voltinha depois que atravessavam. Eu fiz esse agrado para elas. Meu controle sobre etéreos tinha se tornado uma segunda natureza, o que era satisfatório, ainda que amargo. Agora que os etéreos estavam praticamente extintos, minha habilidade peculiar parecia obsoleta, ao menos essa sua manifestação. Mas eu não tive problema com isso. Não ligava para poderes espalhafatosos; agora era apenas truque para exibir. Eu teria sido muito mais feliz se os etéreos nunca tivessem

existido.

Viajamos pelo Recanto do Demônio em uma procissão lenta. Os que iam a pé cercavam o veículo como se fosse um carro alegórico em um desfile, enquanto outros iam montados nos para-choques e no teto. Parecia uma volta da vitória, e os peculiares do Recanto jorraram de suas casas e barracos para nos ver passar. Eles tinham visto a torre cair. Sabiam que as coisas haviam mudado. Muitos aplaudiram. Alguns nos saudavam, outros se escondiam nas sombras, envergonhados do papel que haviam desempenhado.

Quando chegamos à casa de Bentham, a Mãe Poeira e Reynaldo nos aguardavam na porta. Fomos recebidos calorosamente, e nos disseram que a casa era nossa para usarmos como quiséssemos. A Mãe Poeira imediatamente começou a cuidar dos feridos, conduzindo-os a camas, deixando-os confortáveis, ungindo-os com sua poeira. Ela ofereceu curar primeiro minhas feridas e as marcas de mordida em minha barriga, mas preferi esperar. Havia casos piores.

Contei a ela como usara seu dedo. Como salvara minha vida e a de outros. Ela deu de ombros e voltou ao trabalho.

— A senhora merece uma medalha — insisti. — Não sei se os peculiares dão medalhas, mas, se derem, vou garantir que a senhora receba uma.

Ela pareceu surpresa e confusa e soltou um gemido engasgado antes de sair correndo.

— Eu disse alguma coisa errada? — perguntei a Reynaldo.

— Não sei — disse ele, preocupado, antes de ir atrás dela.

Nim circulava atônito pela casa, sem conseguir acreditar em tudo o que o sr. Bentham fizera.

— Deve haver algum engano — repetia ele. — O sr. Bentham *nunca* nos trairia!

— Cai na real! — disse Emma. — Seu chefe era asqueroso.

A verdade tinha mais nuances, pensei, mas defender a complexidade do caráter moral de Bentham não me tornaria muito popular. Bentham não precisava entregar aquela receita nem enfrentar o irmão monstruoso. Ele fez uma escolha. No fim, condenou a si mesmo para nos salvar.

— Ele só precisa de tempo — disse Sharon sobre Nim. — É muita coisa para processar. Bentham enganou muitos de nós.

— Até você? — falei.

— Especialmente. — Ele deu de ombros e sacudiu a cabeça. Parecia em conflito interno e triste. — Ele me livrou da ambrosia, me tirou do vício, salvou minha vida. Havia bondade em Bentham. Imagino que isso tenha me cegado

para o mal.

— Ele devia ter *um* homem com quem se confidenciasse — disse Emma. — Vocês sabem, um capanga.

— O assistente! — falei. — Alguém o viu?

Ninguém o tinha visto. Revistamos a casa à sua procura, mas o inexpressivo braço direito de Bentham havia desaparecido. A srta. Peregrine reuniu todo mundo e pediu a Emma e a mim que o descrevêssemos em detalhes, caso ele voltasse.

— Ele deve ser considerado perigoso — disse ela. — Se o virem, não o enfrentem. Corram e avisem uma *ymbryne*.

— "Avisem uma *ymbryne*"— murmurou Enoch. — Ela não se dá conta de que *nós* as salvamos?

A srta. Peregrine o escutou.

— Sim, Enoch. Vocês foram brilhantes. E cresceram consideravelmente. Mas mesmo adultos têm anciãos que sabem melhor o que fazer.

— Sim, senhorita — disse ele, repreendido.

Depois perguntei à srta. Peregrine se ela achava que Bentham planejara nos trair desde o princípio.

— Meu irmão era, acima de tudo, um oportunista. Acho que parte dele queria fazer a coisa certa, e quando ajudou a você e à srta. Bloom, foi genuíno. Mas todo o tempo ele esteve fazendo preparativos para nos trair, caso isso se revelasse vantajoso para ele. E quando eu o mandei às favas, ele decidiu que era.

— Não foi culpa sua, srta. Peregrine — disse Emma. — Depois do que ele fez com Abe, eu também não o teria perdoado.

— Mesmo assim, eu podia ter sido mais benevolente. — Ela franziu o cenho, o olhar perdido. — Relações fraternais são complexas. Eu às vezes me pergunto se meus próprios atos tiveram alguma influência sobre os caminhos que meus irmãos escolheram. Será que eu podia ter sido uma irmã melhor para eles? Talvez, como uma jovem *ymbryne*, eu estivesse focada demais em mim mesma.

— Srta. Peregrine, isso é... — comecei, mas então parei e não disse a palavra *ridículo*, porque eu nunca tivera um irmão ou irmã, e talvez não fosse absurdo como eu pensava.

* * *

Mais tarde, levamos a srta. Peregrine e algumas das *ymbrynes* até o porão

para mostrar a elas o coração do Polifendador. Sentia meu etéreo no interior da câmara de bateria, fraco, mas vivo. Eu me senti péssimo por ele e perguntei se podia tirá-lo de lá, mas a srta. Peregrine disse que, por ora, precisavam da máquina em funcionamento. Tendo tantas fendas acessíveis sob o mesmo teto, eles poderiam espalhar rapidamente as notícias de nossa vitória por todo o mundo peculiar, avaliar os danos provocados pelos acólitos e começar a reconstrução.

— Espero que entenda, sr. Portman — concluiu a srta. Peregrine.

— Eu entendo...

— Jacob tem um fraco por esse etéreo — disse Emma.

— Bem, ele foi meu primeiro — falei, um pouco envergonhado.

A srta. Peregrine me olhou de modo estranho, mas prometeu que faria o possível.

A ferida de mordida em minha barriga estava ficando insuportável, por isso Emma e eu entramos na fila para ver a Mãe Poeira, que saía serpenteando de sua clínica improvisada na cozinha e seguia pelo corredor. Era impressionante ver uma pessoa atrás da outra entrar mancando, alquebrada e ferida, cuidando de um dedo do pé quebrado ou uma concussão leve — ou, no caso da srta. Avocet, uma bala da antiga arma de Caul alojada no ombro — só para sair andando minutos depois parecendo novinha em folha. Na verdade, estavam com aspecto tão bom que a srta. Peregrine puxou Reynaldo num canto e pediu a ele que lembrasse à Mãe Poeira que ela não era uma fonte renovável e que não se desperdiçasse em feridas menores que se curariam muito bem sozinhas.

— Eu mesmo tentei dizer isso — respondeu ele. — Mas ela é perfeccionista, não me escuta.

Então a srta. Peregrine foi até a cozinha para ter uma palavra pessoalmente com a Mãe Poeira. Ela tornou a sair cinco minutos depois parecendo encabulada, com vários cortes em seu rosto desaparecidos e o braço, que não funcionava direito desde que Caul a jogara contra a parede daquela caverna, balançando livre ao seu lado.

— Que mulher teimosa! — exclamou.

Quando chegou a minha vez de entrar para vê-la, quase recusei o tratamento, pois restavam a ela apenas o polegar e o indicador na mão boa. Mas ela deu uma olhada nos cortes em ziguezague e no sangue seco em minha barriga e praticamente me empurrou na cama de armar que eles instalaram junto da pia. A mordida estava infeccionando, disse-me ela através de Reynaldo. Dentes de etéreos eram repletos de bactérias terríveis, e eu ficaria

muito doente se ficasse sem tratamento. Então, cedi. A Mãe Poeira salpicou seu pó sobre meu tronco, e em alguns minutos eu estava me sentindo muito melhor.

Antes de sair, tentei dizer a ela quanto seu sacrifício tinha significado, e como seu dedo nos havia salvado.

— Sério, sem aquele dedo, eu nunca teria conseguido...

Mas ela virou o rosto assim que comecei a falar, como se a palavra *obrigado* queimasse seus ouvidos.

Reynaldo apressou minha saída.

— Desculpe, a Mãe Poeira ainda tem muitos outros pacientes para atender.

Emma me encontrou no corredor.

— Você está maravilhoso — disse ela. — Graças às aves. Eu estava mesmo começando a me preocupar com aquela mordida.

— Não se esqueça de falar com ela sobre seus ouvidos.

— O quê?

— Seus *ouvidos* — falei mais alto, apontando para eles.

Os ouvidos de Emma não tinham parado de zunir desde a Biblioteca. Como ela tivera que manter as mãos em chamas para iluminar o caminho enquanto escapávamos, não pudera bloquear o barulho terrível; meu medo era que tivesse sido literalmente ensurdecedor.

— Só não mencione o dedo!

— O quê?

— O dedo! — falei, erguendo o dedo. — Ela é cheia de dedos em relação a isso. Sem trocadilho...

— Por quê?

Dei de ombros.

— Não faço ideia.

Emma entrou na cozinha. Três minutos depois, saiu estalando os dedos junto dos ouvidos.

— Incrível! — disse ela. — Nítido como um sino.

— Graças a Deus — falei. — Gritar não é divertido.

— Ah, por falar nisso, eu mencionei o dedo.

— O quê? Por quê?

— Fiquei curiosa.

— E?

— As mãos dela começaram a tremer. Depois ela murmurou alguma coisa que Reynaldo não traduziu, e ele praticamente me botou para fora.

Talvez tivéssemos insistido mais, eu acho, se não estivéssemos tão cansados e famintos e se naquele momento o cheiro de comida não tivesse chegado até nosso nariz.

— Está na mesa! — disse a srta. Wren, do final do corredor, e a conversa foi adiada.

* * *

Anoitecia quando nos reunimos para comer na biblioteca de Bentham, o único aposento grande o suficiente para abrigar todos nós confortavelmente. O fogo foi aceso, e o banquete doado por moradores locais em agradecimento foi trazido: galinha assada e batatas, carne de caça e peixe (que eu evitei, pensando na improvável possibilidade de terem sido capturados no Valão). Comemos, conversamos e relembramos as aventuras dos últimos dias. A srta. Peregrine tinha ouvido apenas pouca coisa de nossa viagem de Cairnholm a Londres, e depois através da Londres bombardeada à procura da srta. Wren, e quis saber todos os detalhes. Ela era uma grande ouvinte, sempre rindo nas partes engraçadas e reagindo com expressões de satisfação a nossos floreios dramáticos.

— Então a bomba caiu bem em cima do etéreo e o explodiu em *pedacinhos*! — exclamou Olive de sua cadeira, enquanto reencenava o momento. — Mas estávamos vestindo os suéteres peculiares da srta. Wren, por isso os estilhaços não nos mataram!

— Minha nossa! — exclamou a srta. Peregrine. — Isso foi muita sorte!

Depois que nossas histórias terminaram, a srta. Peregrine ficou sentada em silêncio por um tempo, estudando-nos com um misto de tristeza e assombro.

— Eu tenho tanto, tanto orgulho de vocês... E sinto tanto pelo que aconteceu... Não posso dizer quanto desejei que fosse eu ao seu lado, em vez de meu irmão trapaceiro.

Fizemos um minuto de silêncio por Fiona. Ela não estava morta, insistiu Hugh, apenas perdida. As árvores tinham amortecido sua queda, disse ele, e ela provavelmente estava andando sem rumo pela floresta perto da fauna peculiar da srta. Wren. Ou bateu a cabeça quando caiu e se esqueceu de onde vinha. Ou estava escondida...

Ele olhou para nós com esperança, mas evitamos seus olhos.

— Tenho certeza de que ela vai aparecer — disse Bronwyn.

— Não dê falsas esperanças — disse Enoch. — Isso é cruel.

— Você sabe mesmo o que é cruel — respondeu Bronwyn, com desprezo.

— Vamos mudar de assunto — disse Horace. — Quero saber como o cachorro resgatou Jacob e Emma no metrô.

Addison saltou entusiasmado para a mesa e começou a narrar a história, mas a enfeitou com tantos apartes sobre o próprio heroísmo que Emma foi forçada a assumir a narração. Ela e eu contamos como tínhamos encontrado o caminho para o Recanto do Demônio, e como, com a ajuda de Bentham, planejamos nossa mini-invasão do complexo dos acólitos. Aí todos tiveram perguntas para mim: eles queriam saber sobre os etéreos.

— Como você aprendeu a língua sozinho? — perguntou Millard.

— Como é controlar um? — quis saber Hugh. — Você imagina ser um deles, como faço com as minhas abelhas?

— Faz cócegas? — perguntou Bronwyn.

— Você teve vontade de ficar com um como bicho de estimação? — perguntou Olive.

Respondi da melhor maneira possível, mas sentia como se minha língua estivesse presa, porque minha conexão com os etéreos era uma coisa difícil de descrever, como rememorar um sonho na manhã seguinte. Eu estava distraído, também, pela conversa que Emma e eu estávamos adiando. Quando terminei, captei seu olhar e sinalizei com a cabeça para a porta, e nós pedimos licença para sair. Quando nos afastávamos da mesa, senti os olhos de todos na sala em nossas costas.

Nós nos encolhemos em uma saleta iluminada por lampião onde estavam guardados vários casacos, chapéus e guarda-chuvas. Não era um lugar espaçoso nem confortável, mas ao menos era privado; um lugar onde não seríamos interrompidos nem ouvidos. De repente, me senti irracionalmente aterrorizado. Eu tinha uma escolha difícil para fazer e ainda não a tinha enfrentado completamente.

Ficamos em silêncio por um momento, encarando um ao outro, a saleta tão à prova de som com tanto tecido que pensei ouvir as batidas de nossos corações.

— Então — começou Emma. Claro; Emma, sempre direta, nunca com medo de um momento de embaraço. — Você vai ficar?

Eu não sabia o que dizer até que as palavras deixaram minha boca. Eu estava no piloto automático, sem filtro.

— Preciso ver meus pais.

Isso era, sem dúvida, verdade. Eles estavam magoados e assustados, e não mereciam isso. Eu os deixara em suspenso por tempo demais.

— É claro — disse Emma. — Eu entendo. Claro que você precisa.

Uma pergunta pairava no ar, não dita. *Ver meus pais* tinha sido uma meia verdade, uma não resposta. *Vê-los*, claro. Depois, o quê? O que eu ia dizer a eles?

Tentei imaginar como seria contar a meus pais a verdade. Em relação a isso, a conversa telefônica que eu tivera com meu pai no metrô tinha sido uma prévia das próximas atrações. *Ele surtou. Nosso filho está louco. Ou drogado. Ou talvez não esteja tomando drogas suficientes.*

Não, a verdade não ia funcionar. E então? Eu iria vê-los, assegurar a eles que estava vivo e bem, inventar uma história sobre um passeio em Londres, depois dizer que fossem embora sem mim? Hah. Eles iam me perseguir. Teriam policiais escondidos nas moitas em nosso lugar de encontro. Homens de jaleco branco com redes tamanho Jacob. Eu teria que fugir. Contar a eles a verdade só ia piorar as coisas. Vê-los só para fugir outra vez iria torturá-los mais. Mas a ideia de nunca mais vê-los, de nunca voltar para casa... eu não conseguia lidar com aquilo. Porque, se eu estava sendo honesto comigo mesmo, por mais que doesse pensar em deixar Emma, meus amigos e aquele mundo, parte de mim queria ir para casa. Meus pais e o mundo deles representavam uma volta à sanidade e à previsibilidade, algo pelo que eu ansiava depois de toda aquela loucura. Eu precisava ser normal por um tempo. Recuperar o fôlego. Só por algum tempo.

Eu havia pagado minha dívida com os peculiares e com a srta. Peregrine. Tinha me tornado um deles. Mas eu não era apenas um deles; era também filho dos meus pais, e, por mais imperfeitos que eles fossem, eu sentia saudade deles. Sentia saudade de casa. Até meio que sentia saudade da minha vida comum e sem graça. Claro, eu provavelmente sentiria mais falta de Emma do que de todas essas coisas. O problema era que eu queria demais. Queria as duas vidas. Dupla cidadania. Ser peculiar, e aprender tudo o que havia para aprender sobre o mundo peculiar, e ficar com Emma e explorar todas as fendas que Bentham tinha catalogado em seu Polifendador. Mas também fazer as coisas normais e estúpidas que adolescentes fazem enquanto ainda podia. Tirar a carteira de motorista. Fazer amigos da minha própria idade. Terminar o colégio. Aí eu teria dezoito anos e poderia ir aonde quisesse, ou a qualquer época. Poderia voltar.

Ali estava a verdade nua e crua: eu não podia passar o resto da vida em uma fenda no tempo. Mas, um dia, talvez pudesse ser um adulto peculiar.

Talvez, se eu tomasse cuidado, houvesse um jeito de ter tudo.

— Eu não quero ir — falei. — Mas acho que vou precisar, por um tempo.

O rosto de Emma estava inexpressivo.

— Então vá — disse ela.

Fiquei atordoado. Ela sequer perguntou quanto seria "um tempo".

— Eu venho visitar vocês — falei rapidamente. — Posso voltar a qualquer hora.

Em teoria, isso era verdade: agora que a ameaça dos acólitos tinha sido esmagada, haveria — se as aves quisessem — sempre algo para o que voltar. Mas era difícil pensar em meus pais autorizando mais viagens para o Reino Unido em um futuro próximo. Eu estava mentindo para mim mesmo, para nós dois, e Emma sabia disso.

— Não — disse ela. — Não quero isso.

Senti uma tristeza enorme.

— O quê? — falei baixinho. — Por que não?

— Porque foi isso o que Abe fez. Ele voltava de tempos em tempos. E cada vez estava mais velho, enquanto eu era a mesma. Então ele conheceu uma pessoa e se casou...

— Eu não faria isso — falei. — Eu amo você.

— Eu sei — disse ela, virando o rosto. — Ele também amava.

— Mas nós não... Não vai ser assim, com a gente... — Eu procurei às cegas pelas palavras certas, mas meus pensamentos estavam confusos.

— Mas seria. Você sabe que eu iria com você se pudesse, mas não posso. Eu iria envelhecer. Então eu ia só ficar à sua espera. Congelada em âmbar. Não posso fazer isso outra vez.

— Não seria por muito tempo! Só alguns anos. Aí eu vou poder fazer o que quero. Ir para a faculdade em algum lugar. Talvez aqui, em Londres!

— Talvez, talvez — disse ela. — Mas agora você está fazendo promessas que talvez não consiga cumprir, e é assim que pessoas apaixonadas se machucam muito.

Meu coração estava acelerado. Eu me sentia desesperado e patético. Que se dane, eu nunca mais veria meus pais. Certo. Mas não podia perder Emma.

— Eu não estava pensando direito — falei. — Não quis dizer isso. Vou ficar.

— Não, acho que você estava sendo honesto. Acho que, se ficar, você não vai ser feliz. E com o tempo vai começar a ficar ressentido comigo por isso. O que seria pior.

— Não. Não, eu nunca...

Mas eu já mostrara minhas cartas, e agora era tarde demais para recolhê-las.

— Vá — disse ela. — Você tem uma vida e uma família. Nunca deveríamos ter achado que duraria para sempre.

Sentei no chão, em seguida me encostei à parede de casacos e deixei que eles me engolissem. Por alguns longos segundos, fingi que nada daquilo estava acontecendo e que eu não estava ali, que meu mundo inteiro fosse de lã e negro e cheirasse a naftalina. Quando emergi outra vez para respirar, Emma estava sentada no chão ao meu lado, de pernas cruzadas.

— Eu também não quero isso — disse ela. — Mas acho que entendo por que tem que ser assim. Você precisa reconstruir seu mundo. E eu preciso reconstruir o meu.

— Mas ele, agora, é meu também — falei.

— Isso é verdade. — Ela pensou por um instante, esfregando o queixo. — Isso é verdade, e eu espero muito que você volte, porque você se tornou parte de nós, e nossa família não pareceria inteira sem você. Mas, quando fizer isso, acho que devemos ser só amigos.

Pensei nisso por um instante. Amigos. Parecia tão pálido e sem vida...

— Acho que é melhor do que nunca mais nos falarmos.

— Concordo — disse ela. — Acho que eu não aguentaria.

Eu me aproximei dela e passei meu braço em volta de sua cintura. Achei que ela fosse se afastar, mas ela não fez isso. Depois de um tempo, ela inclinou a cabeça e a encostou em meu ombro.

Ficamos sentados assim por bastante tempo.

* * *

Quando Emma e eu finalmente saímos daquele quartinho, quase todo mundo estava dormindo. A lareira na biblioteca tinha queimado e estava em brasas, as travessas repletas de comida estavam reduzidas a restos, o teto alto da sala ecoava com roncos e murmúrios de satisfação. Crianças e *ymbrynes* estavam deitadas em sofás e encolhidas no tapete, embora houvesse vários quartos confortáveis no andar de cima. Depois de quase perderem uns aos outros, eles não queriam se separar outra vez tão cedo, mesmo que só por uma noite.

Eu ia partir de manhã. Agora que eu sabia o que deveria acontecer entre Emma e eu, um atraso maior só serviria para nos atormentar. Naquele momento, porém, precisávamos dormir. Quanto tempo fazia desde que nossos olhos passaram mais de um ou dois minutos fechados? Eu não me lembrava de algum dia ter me sentido mais exausto.

Empilhamos algumas almofadas em um canto e dormimos abraçados. Era nossa última noite juntos, e eu a apertei firme, como se pudesse gravá-la em minha memória sensorial. A sensação de abraçá-la, seu cheiro. O som de sua respiração enquanto desacelerava e ficava regular. Mas o sono me arrastou com força, e parecia que eu tinha apenas acabado de fechar os olhos quando, de repente, estava apertando os olhos sob a luz amarela e forte do dia que entrava por uma fileira de janelas grandes.

Todos estavam acordados e espalhados pela biblioteca, conversando aos sussurros para não nos incomodar. Nós nos desemaranhamos apressados, envergonhados sem a privacidade da escuridão. Antes que tivéssemos uma chance de nos recompor, a srta. Peregrine chegou com um bule de café, e Nim, com uma bandeja de canecas.

— Bom dia para todos! Espero que estejam bem descansados, porque temos muitas coisas a...

A srta. Peregrine nos viu e parou no meio da frase, erguendo as sobrancelhas.

Emma escondeu o rosto.

— Ah, *não*.

Na exaustão e emoção da noite anterior, não me ocorrera que dormir na mesma cama que Emma (mesmo que não tivéssemos feito nada) pudesse ofender a sensibilidade vitoriana da srta. Peregrine.

— Senhor Portman, uma palavra. — Ela pousou o bule de café e me chamou com o dedo.

Achei que fosse levar bronca. Eu me levantei e alisei as roupas amarrotadas, a cor surgindo em meu rosto. Eu não estava nem um pouco com vergonha, mas era difícil não me sentir um pouco embaraçado.

— Me deseje sorte — sussurrei para Emma.

— Não admita nada! — murmurou ela em resposta.

Ouvi risinhos quando atravessei a sala, e alguém cantando:

— Jacob e Emma tão namorando, tão namorando!

— Ah, por favor, Enoch, vê se cresce! — disse Bronwyn. — Você só está com ciúme.

Segui a srta. Peregrine até o corredor.

— Não aconteceu nada — falei. — Para que a senhorita saiba.

— Tenho certeza de que não estou interessada — disse ela. — Você vai nos deixar hoje, correto?

— Como a senhorita sabe?

— Posso, estritamente falando, ser uma mulher idosa, mas ainda estou

lúcida. Sei que você se sente dividido entre seus pais e nós, seu velho lar e o novo... ou o que restou dele. Você quer encontrar um equilíbrio, sem escolher lados e sem machucar as pessoas que ama. Mas não é fácil. Nem mesmo, necessariamente, possível. É mais ou menos isso?

— É... sim. É mais ou menos isso.

— E como você deixou as coisas com a srta. Bloom?

— Somos amigos — falei, testando desconfortavelmente a palavra.

— E você está infeliz por causa disso.

— Bom, sim. Mas entendo... Acho que entendo.

Ela inclinou a cabeça.

— Entende?

— Ela está se protegendo.

— E a você — acrescentou a srta. Peregrine.

— Isso eu não entendo.

— Você é muito jovem, Jacob. Tem muitas coisas que provavelmente não entende.

— Não vejo o que minha idade tem a ver com isso.

— Tudo! — Ela deu uma risada rápida e abrupta. Então viu que eu não tinha mesmo entendido e enterneceu um pouco. — A srta. Bloom nasceu perto da virada do século passado. Seu coração é velho e constante. Talvez você tenha medo de que ela logo o substitua... que algum Romeu peculiar vire sua cabeça. Eu não consideraria isso provável. Ela está gostando de você. E nunca a vi tão feliz com ninguém. Nem com Abe.

— É mesmo? — falei, uma onda de calor se formando em meu peito.

— É. Mas já estabelecemos que você é jovem. Só dezesseis anos, dezesseis pela primeira vez. Seu coração está apenas despertando, e a srta. Bloom é seu primeiro amor, não é?

Assenti, encabulado. Mas, sim, sem dúvida. Qualquer um podia ver isso.

— Você pode ter outros amores — disse a srta. Peregrine. — Corações jovens, como cérebros jovens, têm períodos de atenção curtos.

— Eu não — falei. — Não sou assim.

Eu sabia que era o que algum adolescente impulsivo diria, mas naquele momento tinha mais certeza sobre Emma do que já tivera sobre qualquer outra coisa.

A srta. Peregrine assentiu lentamente.

— Fico feliz em ouvir isso — disse ela. — A srta. Bloom pode ter lhe dado permissão para partir seu coração, mas eu, não. Ela é muito importante para

mim, e nem metade tão forte quanto deixa transparecer. Não posso tê-la se lamentando e botando fogo nas coisas se você se distrair pelos encantos frágeis de uma garota normal. Já passei por isso, e simplesmente não temos móveis de sobra. Você entende?

— Hum, acho que sim... — falei, pego desprevenido.

Ela se aproximou e tornou a dizer, em voz baixa e severa:

— Você entende?

— Sim, srta. Peregrine.

Ela assentiu de modo enfático, depois sorriu e deu um tapinha em meu ombro.

— Então, está bem. Boa conversa. — E, antes que eu pudesse responder, ela estava marchando de volta para a biblioteca e avisando: — Café da manhã!

* * *

Parti uma hora depois, acompanhado até as docas por Emma e pela srta. Peregrine e uma tripulação completa de nossos amigos e *ymbrynes*. Sharon estava à espera, com um barco novo, deixado para trás pelos piratas do Valão em fuga. Houve uma longa troca de abraços e despedidas lacrimosas, que terminaram com minha promessa de voltar para rever todos, apesar de não saber como ia conseguir fazer isso em algum momento próximo, com voos internacionais para pagar e pais a convencer.

— Nunca vamos esquecer você, Jacob! — disse Olive, fungando.

— Vou registrar sua história para a posteridade — prometeu Millard. — Esse vai ser meu novo projeto. E vou providenciar para que seja incluída em uma nova edição dos *Contos peculiares*. Você vai ser famoso!

Addison se aproximou, seguido pelos dois filhotes de urxinim. Eu não sabia se ele os havia adotado, ou eles a ele.

— Você é o quarto humano mais corajoso que conheci — disse. — Espero que tornemos a nos encontrar.

— Eu espero, também — falei, com sinceridade.

— Ah, Jacob, podemos ir visitar você? — implorou Claire. — Eu sempre quis conhecer os Estados Unidos.

Não tive coragem de explicar a ela que não era possível.

— Claro que pode — respondi. — Eu ia adorar.

Sharon bateu com a vara na lateral do barco.

— Todos a bordo!

Subi com relutância; depois, Emma e a srta. Peregrine embarcaram também. Elas insistiram em ficar comigo até que eu encontrasse meus pais, e eu não discuti. Seria mais fácil me despedir em etapas.

Sharon desamarrou o barco e nós partimos. Nossos amigos acenavam e gritavam para nós enquanto nos afastávamos. Acenei em resposta, mas doía demais vê-los se perder à distância, então semicerrei os olhos até que a corrente nos levasse a fazer a volta em uma curva do Valão e eles desaparecessem.

Nenhum de nós estava com vontade de conversar. Observamos em silêncio prédios decadentes e pontes decrépitas passarem. Depois de um tempo, chegamos ao entroncamento, fomos sugados bruscamente pela mesma passagem subterrânea por onde entráramos e chegamos ao outro lado, em uma tarde úmida, quente e moderna. Os cortiços aos pedaços do Recanto do Demônio tinham desaparecido, substituídos por prédios residenciais com fachada de vidro e torres comerciais reluzentes. Um barco a motor passou roncando.

Os sons de um dia movimentado e preocupado do presente chegaram até nós. O alarme de um carro. Um telefone celular tocando. Música pop estridente. Passamos por um restaurante elegante à beira do canal, mas os clientes que jantavam no pátio não nos viram passar graças ao feitiço de Sharon. Se tivessem visto, imaginei o que teriam pensado de nós: dois adolescentes de preto, uma mulher em roupas formais vitorianas e Sharon em sua capa igual à da Morte, nos transportando de barco para fora do mundo inferior. Talvez o mundo moderno fosse tão embotado que ninguém prestasse atenção.

Meus pais, porém, eram outra história, e agora que tínhamos voltado ao presente eu estava começando a me preocupar com que história seria essa. Eles já achavam que eu tinha perdido a cabeça, ou estava usando drogas pesadas. Eu teria sorte se não me internassem em um hospital psiquiátrico. Mesmo que não fizessem isso, eu teria que andar na linha por anos. Eles nunca voltariam a confiar em mim.

Mas essa era a minha luta, e eu ia encontrar um meio de vencê-la. A coisa mais fácil para mim seria lhes contar a verdade. Mas, na realidade, eu não podia. Meus pais nunca entenderiam essa parte de minha vida, e insistir poderia fazê-los enlouquecer.

Meu pai já sabia mais do que deveria sobre as crianças peculiares. Ele as conhecera em Cairnholm, embora achasse estar sonhando. Lá, Emma lhe deixara aquela carta e uma foto dela com meu avô. Como se isso já não fosse ruim o suficiente, eu na verdade *contei* pelo telefone a meu pai que era peculiar.

Isso tinha sido um erro, percebi, e egoísta. E agora ali estava eu seguindo para encontrá-los, com Emma e a srta. Peregrine ao meu lado.

— Pensando bem, talvez vocês não devessem vir comigo — falei, virando-me para elas no barco.

— Por que não? Não vamos envelhecer *tão* rápido... — disse Emma.

— Não acho que meus pais devam me ver com vocês. Isso tudo já vai ser bem difícil de explicar do jeito que está.

— Eu já pensei sobre isso — disse a srta. Peregrine.

— Sobre o quê? Meus pais?

— Isso. Posso ajudar com eles, se você quiser.

— Como?

— Um dos muitos deveres de uma *ymbryne* é lidar com normais tão curiosos sobre nós que começam a causar problemas; melhor dizendo, inoportunos. Temos maneiras de fazer com que percam a curiosidade, de fazer com que esqueçam certas coisas que viram.

— Você sabia disso? — perguntei a Emma.

— Claro. Se não fosse pelo apagamento, peculiares estariam no noticiário dia sim, dia não.

— Então isso apaga a memória das pessoas?

— É mais como um embotamento seletivo de recordações inconvenientes — disse a srta. Peregrine. — É bem indolor e não tem efeitos colaterais. Ainda assim, pode lhe parecer radical. A decisão é sua.

— Está bem — falei.

— Está bem o quê? — perguntou Emma.

— Por favor, faça essa coisa de apagar a memória com meus pais. Parece incrível. Aliás, teve uma vez, quando eu tinha doze anos, que bati com o carro da minha mãe na porta da garagem...

— Não vamos nos empolgar, sr. Portman.

— Brincadeira — falei, embora não fosse má ideia.

De qualquer modo, fiquei extremamente aliviado. Agora eu não teria que passar o resto de minha adolescência me desculpando por ter fugido, feito meus pais pensarem que eu estava morto e quase arruinado a vida deles para sempre. Seria bom.

CAPÍTULO ONZE

Sharon nos deixou no mesmo cais escuro e infestado de ratos onde o conhecemos. Ao descer do barco, senti uma pontada agridoce de saudade. Apesar de ter ficado aterrorizado e imundo e ter sofrido várias maneiras desconhecidas de dor nos últimos dias, provavelmente eu nunca teria uma aventura como aquela outra vez. Sentiria falta. Não tanto das provações, mas da pessoa que eu tinha sido enquanto me submetia a elas. Havia uma determinação férrea em meu interior, eu agora sabia disso, e esperava me agarrar a ela mesmo enquanto minha vida seguisse mais calma.

— Adeus — disse Sharon. — Foi um prazer conhecê-lo, apesar dos infinitos problemas que você me causou.

— É, eu também. — Apertamos as mãos. — Foi interessante.

— Espere aqui por nós — disse a srta. Peregrine. — A srta. Bloom e eu voltaremos dentro de uma ou duas horas.

Encontrar meus pais foi fácil. Teria sido ainda mais fácil se eu ainda tivesse meu celular, mas, naquela situação, só precisamos nos apresentar em uma delegacia policial. Eu era uma pessoa desaparecida conhecida, e em menos de meia hora após dar a um policial meu nome e sentar em um banco para esperar, meus pais chegaram. Eles estavam usando roupas amarrotadas com as quais tinham claramente dormido, a maquiagem normalmente perfeita de minha mãe estava horrível, meu pai tinha uma barba de três dias e os dois estavam carregando pilhas de cartazes de DESAPARECIDO com meu rosto. Eu me senti instantânea e compreensivelmente péssimo pelo que os fizera passar. Mas, enquanto tentava me desculpar, eles largaram os cartazes e me envolveram em um grande abraço duplo, e minhas palavras se perderam nas dobras do suéter de meu pai.

— Jake, Jake, ah, meu Deus, meu pequeno Jake... — chorava minha mãe.

— É ele, é ele mesmo — disse meu pai. — Estávamos tão preocupados, *tão* preocupados...

Por quanto tempo eu tinha desaparecido? Uma semana? Algo assim, embora parecesse uma eternidade.

— Por onde você andou? — perguntou minha mãe. — O que você estava *fazendo*?

O abraço terminou, mas eu ainda não conseguia dizer uma palavra.

— Por que você fugiu desse jeito? — perguntou meu pai. — O que você estava pensando, Jacob?

— Você me deixou de cabelo branco! — disse minha mãe, me abraçando uma segunda vez.

Meu pai olhou para mim.

— Onde estão suas roupas? O que é isso que você está vestindo?

Eu ainda estava com minha roupa preta da aventura. Ops. No entanto, seriam mais fáceis de explicar do que roupas do século XIX, e felizmente a Mãe Poeira curara todos os cortes em meu rosto...

— Jacob, diga alguma coisa! — exigiu meu pai.

— Eu sinto muito, muito mesmo — falei. — Eu nunca os teria feito passar por isso se pudesse evitar, mas agora está tudo bem. As coisas vão ficar bem. Vocês não vão entender, e isso também não tem problema. Eu amo vocês.

— Você tem razão sobre uma coisa — disse meu pai. — Não entendemos. Mesmo.

— Mas tem problema, sim — disse minha mãe. — Você *vai* nos dar uma explicação.

— Também vamos precisar — disse um policial que estava ali parado. — E um teste de drogas.

As coisas estavam saindo de meu controle. Era hora de puxar a corda do paraquedas.

— Eu vou contar tudo — falei. — Mas primeiro gostaria que vocês conhecessem uma amiga minha. Mamãe, papai, esta é a srta. Peregrine.

Vi os olhos de meu pai se dirigirem à srta. Peregrine, depois para Emma. Ele deve tê-la reconhecido, porque pareceu ter visto um fantasma. Mas tudo bem, pois logo ia esquecer.

— É um prazer conhecê-los — disse a srta. Peregrine, apertando a mão de meus pais. — Vocês têm um filho fantástico, um menino de primeira. Jacob não só é um cavalheiro perfeito, mas é ainda mais talentoso que o avô.

— O avô? — repetiu meu pai. — Como a senhorita...

— Quem é essa mulher bizarra? — disse minha mãe. — Como a senhorita conhece nosso filho?

A srta. Peregrine apertou a mão deles e olhou no fundo dos seus olhos.

— Alma Peregrine. Alma LeFay Peregrine. Agora, eu entendo que vocês tenham passado um período horrível aqui nas Ilhas Britânicas. Uma viagem terrível. Acho que seria melhor para todos os envolvidos se simplesmente esquecessem que isso aconteceu. Não concordam?

— Sim — disse minha mãe, com um olhar distante.

— Concordo — disse meu pai, parecendo levemente hipnotizado.

A srta. Peregrine tinha pausado o cérebro deles.

— Fantástico, maravilhoso — disse ela. — Agora olhem para isto, por favor.

— Ela soltou a mão deles e pegou no bolso uma pena de falcão longa e com manchas azuis. Então uma onda quente de culpa passou por mim, e eu a detive.

— Espere — falei. — No fim das contas, acho que não quero que a senhorita faça isso.

— Tem certeza? — Ela pareceu um pouco decepcionada. — As coisas podem ficar muito complicadas para você.

— Parece trapaça — falei.

— Então, o que você vai dizer a eles? — perguntou Emma.

— Ainda não sei. Mas não acho certo simplesmente... apagar a memória deles.

Contar a verdade era egoísmo, mas simplesmente apagar a necessidade de explicação seria muito mais. E a polícia? O restante de meus familiares? Os amigos de meus pais? Com certeza todos eles sabiam o que tinha acontecido... Seria uma confusão.

— Isso é com você — disse a srta. Peregrine. — Mas acho que seria sábio me deixar apagar os últimos dois ou três minutos, para que eles se esqueçam da srta. Bloom e de mim.

— Bom... está certo — falei. — Desde que eles não percam o domínio da fala com isso.

— Eu sou muito precisa — disse a srta. Peregrine.

— Que história é essa de apagar cérebros? — perguntou o policial. — Quem é a senhora?

— Alma Peregrine. Alma LeFay Peregrine.

O oficial baixou a cabeça e de repente se viu fascinado com um ponto no chão.

— Posso pensar em alguns acólitos com quem a senhorita poderia ter feito isso — disse Emma.

— Infelizmente, só funciona com as mentes maleáveis dos normais — disse a srta. Peregrine. — Aliás... — Ela ergueu a pena.

— Espere — falei. — Antes que faça isso. — Estendi a mão para cumprimentá-la. — Obrigado por tudo. Vou sentir mesmo muita saudade, srta. Peregrine.

A srta. Peregrine ignorou minha mão e me abraçou.

— O sentimento é recíproco, sr. Portman. E sou eu quem deve agradecer. Não fosse pelo seu heroísmo e o da srta. Bloom...

— Bom, se a senhora não tivesse salvado meu avô tantos anos atrás...

Ela sorriu.

— Estamos quites.

Restava uma despedida. A mais difícil. Abracei Emma, que me apertou de volta ferozmente.

— Podemos nos escrever? — disse ela.

— Tem certeza de que quer isso?

— Claro. Amigos mantêm contato.

— Está bem — falei, aliviado. Pelo menos poderíamos...

Então ela me beijou. Um grande beijo na boca que deixou minha cabeça girando.

— Achei que fôssemos apenas amigos! — falei, surpreso.

— Hum, sim — disse ela timidamente. — *Agora* somos. Eu só precisava de um beijo para me lembrar de nós.

Começamos a rir, nossos corações ao mesmo tempo leves e partidos.

— Crianças, parem com isso! — chiou a srta. Peregrine.

— Frank, quem é essa menina que Jake está beijando?

— Não faço a menor ideia — murmurou meu pai.

— Jacob, quem é essa garota e por que você a está beijando? — perguntou minha mãe.

— Hã, esta é minha... amiga Emma. Estamos só nos despedindo.

Emma acenou com timidez.

— Vocês não vão se lembrar de mim, mas... olá!

— Bem, pare de beijar garotas desconhecidas e venha — disse minha mãe.

— Está bem — falei para a srta. Peregrine. — Acho que é melhor irmos em frente com isso.

— Não pense que isso é um adeus — disse a srta. Peregrine. — Você agora é um dos nossos. Não vai se livrar de nós assim tão fácil.

— Espero que não — falei, sorrindo apesar da tristeza que sentia.

— Vou escrever para você — disse Emma, tentando sorrir, sua voz se esganiçando. — Boa sorte com... com seja lá o que as pessoas normais façam.

— Adeus, Emma. Vou sentir saudade.

Parecia uma coisa tão inadequada de se dizer, mas, em momentos como aquele, as próprias palavras eram inadequadas.

A srta. Peregrine se virou para terminar seu trabalho. Ela ergueu a pena de falcão e fez cócegas sob o nariz de meus pais.

— Com licença! — disse minha mãe. — O que a senhorita acha que está faaaAAAAAAAA-*TCHIMM*!

Então, tanto ela quanto meu pai tiveram um acesso de espirros, e, enquanto

estavam espirrando, a srta. Peregrine fez cócegas no nariz do policial, que também teve um acesso de espirros. Quando todos acabaram e estavam de nariz escorrendo e rosto vermelho, a srta. Peregrine e Emma tinham saído pela porta e ido embora.

— Como eu ia dizendo — recomeçou meu pai, como se os últimos minutos não tivessem acontecido. — Esperem... O *que* eu ia dizendo?

— Que podíamos simplesmente ir para casa e conversar sobre isso mais tarde? — falei, esperançoso.

— Não antes que você responda a algumas perguntas — disse o policial.

Passamos alguns minutos conversando com a polícia. Mantive as respostas vagas, enfeitava toda frase com uma desculpa e jurei de pés juntos que não tinha sido sequestrado, abusado nem drogado (graças ao apagamento de memória da srta. Peregrine, o policial se esquecera de fazer o teste de drogas). Quando meus pais explicaram sobre a morte de meu avô e os "problemas" que eu sofrera com isso, o policial pareceu satisfeito em concluir que eu era apenas um tipo comum de fugitivo que tinha se esquecido de tomar seus remédios. Ele nos fez assinar alguns formulários e nos mandou embora.

— Sim, sim, por favor, vamos para casa — disse minha mãe. — Mas nós *iremos* conversar sobre isso, rapazinho, a *fundo*.

Casa. A palavra se tornara estranha para mim. Alguma terra distante que eu mal podia imaginar.

— Se corrermos, talvez a gente consiga pegar um voo noturno — disse meu pai.

Ele tinha cimentado o braço em torno do meu ombro, como se temesse que eu fugisse no momento em que me soltasse. Minha mãe não conseguia parar de olhar para mim, os olhos arregalados e agradecidos, segurando as lágrimas.

— Eu estou bem — falei. — Juro.

Eu sabia que eles não acreditavam em mim, o que duraria um bom tempo.

Saímos para chamar um táxi. Quando um estava parando, vi dois rostos familiares me observando de um parque do outro lado da rua. Ocupando a sombra salpicada de um carvalho estavam Emma e a srta. Peregrine. Ergui a mão para me despedir, com uma dor no peito.

— Jake? — Meu pai estava segurando a porta do táxi aberta para mim. — Qual o problema?

Transformei meu aceno em uma coçadinha de cabeça.

— Nada, pai.

Entrei no táxi. Meu pai se virou para o parque. Quando olhei pela janela, tudo

que vi sob o carvalho foi um pássaro e algumas folhas voando.

* * *

Minha volta para casa não foi nem triunfante nem fácil. Eu tinha acabado com a confiança de meus pais, e reconstruí-la seria um trabalho lento e meticuloso. Considerado risco de fuga, eu era vigiado o tempo inteiro. Não ia a lugar nenhum sem supervisão, nem para dar uma volta no quarteirão. Um sistema de segurança complicado foi instalado na casa, não para impedir a entrada de ladrões e sim para que eu não escapasse. Mandaram-me direto de volta à terapia, fui submetido a inúmeras avaliações psicológicas e me receitaram remédios mais fortes (que eu escondia sob a língua e mais tarde cuspia). Mas eu tinha passado por privações muito maiores naquele verão, e se uma perda temporária de liberdade fosse o preço a pagar pelos amigos que fizera, as experiências que tivera e a vida extraordinária que eu agora sabia ser minha, isso parecia uma pechincha. Valia cada conversa esquisita com meus pais, cada noite solitária sonhando com Emma e meus amigos peculiares, toda visita a minha nova psiquiatra.

A dra. Spanger era uma senhora imperturbável, e eu passava quatro manhãs por semana sob o brilho do sorriso permanente produzido por plásticas. Ela me perguntava incessantemente por que eu tinha fugido da ilha e como passara os dias seguintes, o sorriso sem nunca vacilar (seus olhos, para registro, eram castanho-claros, pupilas normais, sem lentes de contato.) A história que criei foi um declaração de insanidade temporária temperada com uma pitada de perda de memória, com detalhes impossíveis de serem verificados. Era assim: assustado pelo que parecia ser um maníaco assassino de ovelhas à solta em Cairnholm, eu surtei, embarquei como clandestino em um barco para o País de Gales, esqueci quem era e fui de carona para Londres. Dormi em parques, não falei com ninguém, não conheci ninguém, não consumi substâncias que alteravam o humor ou a mente e passei dias perambulando pela cidade, perdido e desorientado. Em relação à ligação para meu pai na qual eu admitia ser "peculiar"... hum, que ligação? Eu não me lembrava de nenhuma.

Por fim, a dra. Spanger identificou tudo como resultado de um episódio de insanidade, caracterizado por alucinações, induzido por estresse, pesar e questões não resolvidas com o avô. Em outras palavras: eu tinha ficado meio louco, mas provavelmente era uma coisa passageira, e eu agora estava me sentindo muito melhor, obrigado. Mesmo assim, meus pais viviam sob tensão.

Achavam que a qualquer momento eu ia fazer alguma loucura, fugir outra vez, mas eu estava me comportando muito bem. Interpretei o papel do bom garoto e filho penitente como se quisesse ganhar um Oscar. Oferecia ajuda pela casa, me levantava bem antes do meio-dia e ficava em plena vista de meus pais vigilantes. Assistia à TV com eles e ficava à mesa depois das refeições para participar das discussões vazias que eles gostavam de ter — sobre reforma no banheiro, políticas da associação de moradores, dietas da moda, aves (nunca houve mais que uma leve alusão a meu avô, à ilha ou ao meu "episódio"). Eu era agradável, simpático, paciente e, de mil maneiras, não exatamente o mesmo filho de que eles se lembravam. Devem ter achado que eu havia sido abduzido por alienígenas e substituído por um clone, ou algo assim — mas não estavam reclamando. Depois de algumas semanas, foi considerado seguro receber a família, e um tio aqui e uma tia ali apareciam para um cafezinho e uma conversa forçada, e assim eu podia demonstrar em pessoa como estava equilibrado.

Estranhamente, meu pai nunca mencionou a carta deixada para ele na ilha por Emma, nem a foto dela com Abe. Talvez fosse demais para ele, ou talvez tivesse medo de que falar sobre aquilo causasse uma recaída. Qualquer que fosse a razão, foi como se nunca tivesse acontecido. Em relação a ter realmente encontrado Emma, Millard e Olive, tenho certeza de que muito tempo antes ele já descartara isso como um sonho bizarro.

Depois de algumas semanas, meus pais começaram a relaxar. Eles acreditaram em minha história e nas explicações da dra. Spanger para meu comportamento. Provavelmente, eles podiam ter investigado mais a fundo, feito mais perguntas, ouvido uma segunda ou terceira opinião de outros psiquiatras, mas na verdade queriam acreditar que eu estava melhorando. Que os remédios estavam fazendo sua mágica. Mais que qualquer coisa, eles queriam que nossa vida voltasse ao normal, e quanto mais tempo eu ficava em casa, mais isso parecia estar acontecendo.

Em particular, porém, eu estava tendo dificuldades para me ajustar. Estava entediado e solitário. Os dias se arrastavam. Eu achava que, depois das atribulações das semanas anteriores, os confortos do lar seriam mais agradáveis, mas até os lençóis limpos e a comida chinesa perderam o brilho muito rápido. Minha cama era macia demais. Minha comida, gostosa demais. Havia *demais* de tudo, e isso me fez sentir culpado e decadente. Às vezes, resolvendo alguma coisa com meus pais pelos corredores do shopping, pensava nas pessoas que tinha visto às margens do Recanto do Demônio e ficava com raiva. Por que eles

tinham menos do que precisavam para permanecer vivos, enquanto nós nem sabíamos o que fazer com a grande quantidade de coisas que possuíamos?

Eu tinha dificuldade para dormir. Acordava em horários estranhos, minha mente relembrando cenas do tempo passado com os peculiares. Apesar de ter dado a Emma meu endereço e de conferir a caixa de correspondência várias vezes por dia, nenhuma carta dela chegou, nem dos outros. Quanto mais tempo eu passava sem notícias deles — duas semanas, depois três —, mais abstrata e irreal começava a parecer a experiência. Aquilo tinha mesmo acontecido? Será que tudo tinha sido uma alucinação? Em momentos sombrios, eu me perguntava: e se eu *fosse* louco?

Então, foi um grande de alívio quando, um mês após voltar para casa, chegou finalmente uma carta de Emma. Era curta e alegre, apenas me informando sobre o processo de reconstrução e me perguntando como estavam as coisas. O endereço do remetente era uma caixa postal em Londres que, explicou Emma, ficava bem perto da entrada da fenda do Recanto do Demônio, e ela podia escapar para o presente com certa frequência para verificá-la. Escrevi em resposta no mesmo dia, e logo estávamos trocando duas ou três cartas por semana. À medida que minha casa ia ficando mais sufocante, essas cartas se transformaram em uma tábua de salvação.

Eu não podia arriscar que meus pais descobrissem nenhuma, por isso todo dia espreitava o carteiro e saía correndo para encontrá-lo assim que ele aparecia na entrada de carros de nossa casa. Sugeri para Emma que trocássemos e-mails em vez de cartas, o que teria sido mais rápido e seguro, e enchi várias páginas tentando explicar o que era a internet e como ela podia encontrar uma lan house e criar um endereço de e-mail, mas não ia adiantar nada; ela nunca havia usado nem um teclado. As cartas, porém, valiam o risco, e eu passei a gostar de me comunicar escrevendo à mão. Havia algo doce em segurar uma coisa tangível que tinha sido tocada e marcada por alguém que eu amava.

Em uma carta, ela incluiu algumas fotos e escreveu:

Querido Jacob,

As coisas por aqui estão finalmente ficando interessantes outra vez. Você se lembra das pessoas em exposição no porão, as que Bentham disse serem bonecos de cera? Bem, era mentira. Ele as raptou de fendas diferentes e estava usando o pó da Mãe Poeira para mantê-los em animação suspensa. Achamos que ele estava tentando acionar o Polifendador usando diferentes tipos de peculiares como bateria, mas nada funcionou até nosso etéreo.

Enfim, a Mãe Poeira confessou saber disso, o que explica o fato de ela ter agido de modo tão estranho. Acho que Bentham a estava chantageando, ou ameaçando machucar Reynaldo se ela não cooperasse. Enfim, ela está nos ajudando a despertar todos e a devolver cada um a sua fenda. Muito louco, né?

Também temos usado o Polifendador para explorar todos os tipos de lugar e conhecer gente nova. A srta. Peregrine disse que é bom para vermos como outros peculiares vivem ao redor do mundo. Encontrei uma câmera na casa e a levei em nossa última excursão, e incluí nesta carta algumas fotos que tirei. Bronwyn diz que eu já estou ficando boa!

Sinto uma saudade absurda de você. Sei que não deveria falar assim... só torna as coisas mais difíceis. Mas às vezes não consigo evitar. Será que você pode nos visitar em breve? Eu ia gostar muito. ~~*Ou talvez*~~

Ela cortou o *ou talvez* e escreveu:

Opa, ouvi Sharon chamar meu nome. Ele está partindo agora, e quero garantir que esta carta vá para o correio hoje. Escreva logo! Com amor, Emma.

Eu me perguntei o que seria aquele “ou talvez”.

Olhei as fotos que ela incluíra. Algumas linhas de descrição tinham sido anotadas no verso de cada uma. A primeira era uma foto de duas mulheres vitorianas paradas diante de uma tenda listrada sob uma placa que dizia CURIOSIDADES. No verso, Emma escrevera: *A srta. Bobolink e a srta. Loon** *começaram uma nova exposição itinerante usando alguns dos artefatos antigos de Bentham. Agora que os peculiares têm mais liberdade de viajar, elas têm feito um bom negócio. Ainda sabemos pouco sobre nossa história...*

A foto seguinte era de vários adultos descendo uma escadaria estreita até uma praia e um bote a remo. *Há uma fenda muito agradável às margens do mar Cáspio*, escreveu Emma. *Semana passada, Nim e algumas* ymbrynes *foram fazer um passeio de barco por lá. Hugh, Horace e eu fomos juntos, mas ficamos na praia. Todos já tivemos mais que o suficiente de barcos a remo, obrigada.*

A última foto era de garotas gêmeas xifópagas usando um laço branco gigante no cabelo preto como corvo. Estavam sentadas uma ao lado da outra, as mãos puxando uma ponta do vestido para revelar uma parte do tronco compartilhado.

Carlotta e Carlita são xifópagas, dizia no verso. *Mas isso não é o mais*

peculiar nelas. Seus corpos produzem uma cola adesiva que quando seca é mais forte que concreto. Enoch sentou em um pouco e ficou com o traseiro preso a uma cadeira por dois dias inteiros! Ele ficou com tanta raiva que achei que sua cabeça fosse estourar. Como eu gostaria que você tivesse presenciado...

Respondi imediatamente: *O que você quis dizer com "ou talvez"*?

Dez dias se passaram sem notícias dela. Fiquei com medo que Emma tivesse achado que tinha se excedido na carta, que violara nosso acordo de apenas amigos e estava recuando. Eu me perguntei até se ela iria assinar a carta seguinte com *Com amor, Emma*, três palavrinhas com as quais eu passei a contar. Depois de duas semanas, comecei a me perguntar se sequer *receberia* outra carta.

Aí a correspondência parou de chegar. Eu vigiava o carteiro obsessivamente, e quando ele passou dias sem aparecer, soube que havia algo errado. Meus pais sempre recebiam toneladas de catálogos e contas. Mencionei, o mais despreocupadamente possível, que parecia estranho não termos recebido cartas recentemente. Meu pai murmurou algo sobre um feriado nacional e mudou de assunto. Aí eu comecei mesmo a me preocupar.

CURIOSIDADES

O mistério foi resolvido durante a sessão da manhã seguinte com a dra. Spanger, à qual, excepcionalmente, meus pais foram convidados a comparecer. Eles estavam tensos e com o rosto pálido, se esforçando até mesmo para conversar amenidades quando nos sentamos. Spanger começou com as perguntas fáceis de sempre. Como eu estava me sentindo? Algum sonho interessante? Eu sabia que ela estava querendo chegar a algum lugar, e finalmente não aguentei o suspense.

— Por que meus pais estão aqui? — perguntei. — E por que eles parecem ter vindo de um enterro?

Pela primeira vez, o sorriso permanente da dra. Spanger desapareceu. Ela sacou do interior de uma pasta em sua mesa três envelopes.

Eram cartas de Emma. Todas tinham sido abertas.

— Precisamos falar sobre isso — disse ela.

— Concordamos que não haveria nenhum segredo — disse meu pai. — Isso é ruim, Jake. Muito ruim.

Minhas mãos começaram a tremer.

— Isso é particular — falei, lutando para controlar a voz. — Elas estão endereçadas a mim. Vocês não deviam ter lido.

O que havia naquelas cartas? O que meus pais tinham visto? Era um desastre, um desastre completo.

— Quem é Emma? — perguntou a dra. Spanger. — Quem é Peregrine?

— Isso não é justo! — gritei. — Vocês roubaram minhas cartas particulares, e agora as estão usando para me emboscar!

— Baixe o tom! — disse meu pai. — Todo mundo agora já sabe, por isso seja apenas honesto, e isso vai ser mais fácil para todos nós.

A dra. Spanger ergueu uma foto, que Emma devia ter incluído nas cartas.

— Quem são essas pessoas?

Debrucei-me para a frente para vê-la. Era uma foto de duas senhoras em uma cadeira de balanço, uma segurando a outra no colo como se fosse um bebê.

— Não tenho ideia — falei laconicamente.

— Tem um texto no verso. “Estamos descobrindo novas maneiras de ajudar aqueles que tiveram partes da alma removidas. O contato íntimo parece fazer milagres. Depois de apenas algumas horas, a srta. Hornbill** parecia uma *ymbryne* nova.”

Ela pronunciou *aim-braine*.

— É *im-brin* — corrigi. — Os “y” se pronunciam como “i”.

— Entendo. — A dra. Spanger pousou a foto e juntou os dedos das duas mãos

apontando para cima sob o queixo. — E o que é uma... *im-brin*?

Em retrospecto, isso talvez tenha sido tolice, mas na hora eu me senti acuado, como se não tivesse escolha além de dizer a verdade. Eles tinham cartas, tinham fotos, e todas as minhas histórias frágeis haviam sido sopradas pelo vento.

— Elas nos protegem — falei.

A dra. Spanger olhou para meus pais.

— Todos nós?

— Não. Apenas crianças peculiares.

— Crianças peculiares — repetiu, devagar, a dra. Spanger. — E você acredita ser uma delas?

Estendi a mão.

— Eu gostaria de ter minhas cartas, agora.

— Você vai tê-las. Mas primeiro precisamos conversar, está bem?

Recolhi a mão e cruzei os braços. Ela estava conversando comigo como se eu tivesse um QI baixo.

— Agora, o que faz você pensar que é peculiar?

— Posso ver coisas que outras pessoas não conseguem.

Pelo canto do olho, vi meus pais ficarem cada vez mais pálidos. Eles não estavam encarando aquilo bem.

— Nas cartas você menciona algo chamado... Polifendador? O que pode me dizer sobre isso?

— Não fui *eu* que escrevi as cartas. Foi Emma — esclareci.

— Claro, então vamos mudar de assunto. Conte-me sobre Emma.

— Doutora, eu não acho uma boa ideia encorajar... — interrompeu minha mãe.

— Por favor, sra. Portman. — A dra. Spanger ergueu a mão. — Jake, conte-me sobre Emma. Ela é sua namorada?

Vi as sobrancelhas de meu pai se erguerem. Eu nunca tive uma namorada antes. Nem sequer tivera um encontro.

— Era, eu acho. Mas agora estamos meio que... dando um tempo.

A dra. Spanger anotou alguma coisa, depois bateu com a caneta no queixo.

— E quando você a imagina, como ela é?

Eu me encolhi na poltrona.

— O que a senhora quer dizer com "quando você a imagina"?

— Ah. — A dra. Spanger estreitou os lábios. Ela sabia que tinha falado besteira. — O que quero dizer é...

— Está bem, isso já foi longe demais — disse meu pai. — Sabemos que você escreveu essas cartas, Jake.

Eu quase pulei da cadeira.

— Você acha que eu fiz *o quê*? Essa nem é minha letra!

Meu pai pegou uma carta do bolso, a que Emma deixara para ele.

— Você escreveu esta, não foi? É a mesma letra.

— Essa foi Emma, também! Olhe, o nome dela está bem aí! — Tentei pegar a carta, mas meu pai a afastou.

— Às vezes queremos tanto uma coisa que a imaginamos como real — disse a dra. Spanger.

— Você acha que eu sou louco?! — gritei.

— Não usamos esta palavra neste consultório — disse a dra. Spanger. — Por favor, se acalme, Jake.

— E os carimbos postais nos envelopes? — falei, apontando para as cartas na mesa da dra. Spanger. — Elas vieram de Londres.

Meu pai deu um suspiro.

— Você teve aulas de Photoshop no último ano, Jakey. Posso ser velho, mas sei como é fácil falsificar esse tipo de coisa.

— E as fotos? Eu falsifiquei também?

— São do seu avô. Tenho certeza de já tê-las visto antes.

Agora minha cabeça estava girando. Eu me sentia exposto, traído e extremamente envergonhado. Então parei de falar, porque tudo o que eu dizia parecia apenas deixá-los mais convictos de que eu tinha perdido o juízo.

Fiquei ali sentado, furioso, enquanto eles falavam de mim como se eu não estivesse na sala. O novo diagnóstico da dra. Spanger era que eu tinha sofrido uma "ruptura radical da realidade" e que os tais "peculiares" faziam parte de um universo elaborado de alucinações que eu construíra para mim mesmo, completado por uma namorada inventada. Como eu era inteligente, por semanas eu conseguira ludibriar todo mundo a pensar que estava são, mas as cartas provavam que eu estava longe da cura, e podia ser até mesmo um perigo

para mim mesmo. Ela recomendou que eu fosse internado em uma clínica para "reabilitação e monitoramento" com urgência, o que me pareceu o termo que os psiquiatras usam no lugar de "hospício".

Eles tinham planejado tudo.

— Vai ser só por uma ou duas semanas — disse meu pai. — É um lugar muito agradável, de alto nível. Pense nisso como pequenas férias.

— Quero minhas cartas.

A dra. Spanger as guardou na pasta.

— Desculpe, Jake — disse ela. — Acreditamos que é melhor ficarmos com elas.

— Vocês mentiram para mim! — falei, e saltei sobre a mesa para tentar pegá-las, mas a dra. Spanger foi mais rápida e recuou com a pasta nas mãos.

Meu pai deu um grito e me agarrou, e, um segundo depois, dois de meus tios entraram pela porta. Eles estavam aquele tempo todo aguardando na sala de espera. Guarda-costas, caso eu tentasse fugir.

Eles me acompanharam pelo estacionamento até o carro. Meus tios iam morar conosco por alguns dias, explicou nervosamente minha mãe, até que vagasse um quarto para mim na clínica.

Eles estavam com medo de ficar sozinhos comigo. Meus próprios pais. Aí eles iam me mandar para um lugar onde eu seria problema de outra pessoa. A *clínica*. Como se eu fosse enfaixar um cotovelo machucado. Melhor chamar as coisas pelo verdadeiro nome: era um hospício, por mais caro que fosse. Não um lugar onde eu pudesse fingir engolir os remédios. Não um lugar onde eu pudesse fazer os médicos acreditarem em minhas histórias sobre estados dissociativos e perda de memória. Iam me dopar com antipsicóticos e soros da verdade até que eu lhes contasse tudo sobre o mundo peculiar, e, tendo isso como prova de que eu era incuravelmente louco, não teriam escolha senão me trancar em uma cela acolchoada e jogar a chave fora.

Eu estava muito ferrado.

* * *

Durante os dias seguintes, fui vigiado como um criminoso; sempre havia um tio ou outro parente a no máximo um aposento de distância. Todo mundo estava aguardando uma ligação da clínica. Era um lugar conhecido, eu acho, mas eu seria mandado para lá no minuto em que houvesse uma vaga, a qualquer momento.

— Vamos visitar você todo dia — garantiu minha mãe. — É só por algumas semanas, Jakey, eu prometo.

Só algumas semanas. Sei.

Tentei argumentar, implorei que contratassem um especialista em caligrafia, para que eu provasse que as cartas não eram minhas. Quando isso não deu certo, eu inverti completamente meu posicionamento. Admiti ter escrito as cartas (quando, é claro, eu não tinha feito isso), dizendo que, agora, eu percebia ter inventado tudo — não havia crianças peculiares, nem *ymbrynes*, nem Emma. Isso os agradou, mas não os fez mudar de ideia. Mais tarde, eu os ouvi sussurrando um com o outro e soube que, para assegurar uma vaga na lista de espera, eles tiveram que pagar antecipadamente pela primeira semana de clínica — que era muito cara. Não havia como voltar atrás.

Pensei em fugir. Roubar as chaves do carro e tentar escapar. Mas eu com certeza seria impedido, e as coisas ficariam ainda piores para mim.

Fantasiei com Emma vindo em meu resgate. Cheguei a escrever uma carta dizendo a ela o que havia acontecido, mas não tinha como enviá-la. Mesmo que eu pudesse ter escapado até a caixa de correio sem ser visto, o carteiro não ia mais à nossa casa. E se eu a alcançasse, que diferença faria? Eu estava preso no presente, longe de uma fenda. Ela não teria como me ajudar.

Na terceira noite, em desespero, roubei o telefone de meu pai (não me permitiam mais ter um) e o usei para mandar um e-mail para Emma. Antes de me dar conta de que ela não tinha o menor jeito com computadores, eu criara um endereço eletrônico para ela — garotadefogo1901@gmail.com —, mas ela era tão firmemente desinteressada que eu nunca escrevera para esse endereço. Nem mesmo, lembrei, me dera ao trabalho de lhe contar a senha. Uma mensagem numa garrafa jogada no mar teria mais chances de alcançá-la, mas era a única opção que me restava.

A ligação aconteceu na noite seguinte: havia um quarto vago para mim. Minhas malas estavam feitas. Não importava que fossem nove da noite, nem que aquela fosse uma viagem de duas horas de carro até a clínica: iríamos imediatamente.

Nós nos empilhamos na van. Meus pais foram na frente, e eu fui atrás esmagado entre meus tios, como se eles achassem que eu podia tentar saltar de um carro em movimento. Na verdade, talvez eu tivesse feito isso. Mas quando a porta da garagem se abriu com um barulhão e meu pai ligou o carro, a pouca esperança que eu ainda acalentava começou a definhar. Não havia mesmo como escapar daquilo. Eu não conseguiria convencê-los do contrário, nem fugir

— a menos que eu conseguisse correr para Londres, o que teria exigido passaportes e dinheiro e todo tipo de coisas impossíveis. Não, eu teria que suportar aquilo. Mas peculiares tinham suportado coisas bem piores.

Saímos de ré da garagem. Meu pai acendeu os faróis; depois, ligou o rádio. A fala suave de um locutor enchia o carro. A lua nascia por trás das palmeiras que margeavam o jardim. Baixei a cabeça e fechei os olhos, tentando engolir o medo que estava me tomando. Talvez eu conseguisse me transportar para outro lugar. Talvez conseguisse desaparecer.

Começamos a andar, as conchas quebradas que pavimentavam nossa entrada de carros esfarelado sob as rodas. Meus tios falavam por cima de mim, alguma coisa sobre esportes, em uma tentativa de aliviar o clima. Eu me desliguei de suas vozes.

Não estou aqui.

Ainda estávamos na entrada de automóveis quando o carro parou de repente.

— Mas que droga é essa? — ouvi meu pai dizer.

Ele apertou a buzina e meus olhos se abriram de repente, e o que vi me convenceu de que eu conseguira ser transportado para um sonho. Ali, parados em frente a nosso carro, estavam todos os meus amigos peculiares. Emma, Horace, Enoch, Olive, Claire, Hugh e até Millard, e, à frente deles, com um casaco de viagem sobre os ombros e uma antiga bolsa de viagem de pano na mão, a srta. Peregrine.

— Mas que diabos está acontecendo? — perguntou um dos meus tios.

— É, Frank, o que é isso? — disse o outro.

— Não sei — respondeu meu pai, e baixou a janela. — Saiam da frente! — gritou.

A srta. Peregrine marchou até a porta dele.

— Não vamos, não. Saia do veículo, por favor.

— Quem diabos é você? — perguntou meu pai.

— Alma LeFay Peregrine, líder provisória do Conselho de *Ymbrynes* e mentora dessas crianças peculiares. Já nos encontramos antes, embora eu não espere que você se lembre. Crianças, digam olá.

Enquanto o queixo de meu pai caía e minha mãe começava a hiperventilar, as crianças acenaram, Olive levitou, Claire abriu a boca de trás, Millard fez uma volta (um traje sem corpo) e Emma acendeu uma chama na mão enquanto caminhava na direção da janela aberta de meu pai.

— Olá, Frank! — disse ela. — Meu nome é Emma. Sou uma grande amiga de seu filho.

— Viram? — falei. — Eu *disse* que eles eram reais!

— Frank, tire-nos daqui — gritou minha mãe, e lhe deu um tapa no ombro.

Até aquele momento, ele parecia congelado, mas aí apertou a buzina e enfiou o pé no acelerador, e conchas foram cuspidas pelos pneus traseiros, e o carro arrancou.

— PARE! — gritei enquanto corríamos na direção de meus amigos.

Eles saltaram para fora do caminho, todos menos Bronwyn, que simplesmente plantou os pés, estendeu os braços e segurou a frente do carro. Paramos de súbito, as rodas girando inutilmente enquanto minha mãe e meus tios gritavam de terror.

O carro morreu. Os faróis se apagaram e o motor silenciou. Enquanto meus amigos cercavam o automóvel, tentei tranquilizar minha família.

— Está tudo bem, eles são meus amigos, não vão machucar vocês.

Meus tios desmaiaram, suas cabeças caíram sobre meus ombros, e os gritos de minha mãe aos poucos se reduziram a gemidos. Meu pai estava nervoso e de olhos arregalados.

— Isso é loucura, isso é loucura, isso é uma *loucura* completa — não parava de murmurar.

— Fiquem no carro — falei, e estendi o braço por cima de um tio inconsciente, abri a porta, rastejei por cima dele e saí.

Emma e eu nos unimos com força em um abraço atordoante. Eu mal conseguia falar.

— O que você está... como vocês...

Todo o meu corpo formigava. Com certeza ainda estava sonhando.

— Recebi sua carta elétrica! — disse ela.

— Meu... e-mail?

— Isso, seja lá como você chame! Quando não tive notícias suas, fiquei preocupada, aí me lembrei da caixa postal mecânica que você disse ter feito para mim. Horace conseguiu adivinhar a senha e...

— Viemos assim que soubemos — disse a srta. Peregrine, sacudindo a cabeça para meus pais, em reprovação. — Muito decepcionante, mas não de todo surpreendente.

— Viemos salvá-lo! — exclamou Olive. — Como você nos salvou!

— Estou muito feliz em ver vocês! — falei. — Mas vocês não precisam ir? Vão começar a envelhecer!

— Você não leu minhas duas últimas cartas? — perguntou Emma. — Eu expliquei tudo...

— Meus pais as pegaram. Foi por isso que eles surtaram.

— O quê? Que horror! — Ela olhou para meus pais. — Isso é roubo, sabiam?! Bem, não precisa se preocupar. Fizemos uma descoberta um tanto animadora!

— Você quer dizer que *eu* fiz uma descoberta excitante — ouvi Millard dizer. — Agradeçam a Perplexus. Levei dias para descobrir como levá-lo de volta para sua fenda usando a máquina complicada de Bentham. Durante esse tempo, Perplexus devia ter envelhecido. Mas não envelheceu. E mais: seu cabelo grisalho até ficou preto outra vez! Foi aí que percebi que algo havia acontecido com ele quando estava em Abaton conosco: sua idade verdadeira tinha sido reiniciada. Quando as *ymbrynes* desmoronaram a fenda, ela voltou o relógio dele, digamos assim, de modo que seu corpo ficou exatamente tão velho quanto parecia, em vez de sua idade real, de quinhentos e setenta e um anos.

— E não foi apenas o relógio de Perplexus que foi zerado — disse Emma, empolgada. — Mas o de todos nós! Todo mundo que estava em Abaton naquele dia!

— Aparentemente, é efeito colateral da destruição da fenda — disse a srta. Peregrine. — Uma fonte da juventude extremamente perigosa.

— Então isso quer dizer que vocês não vão envelhecer? Nunca?

— Bom, não mais rápido que você! — disse Emma, e eu ri. — Um dia de cada vez.

— Isso é... incrível! — falei, radiante, mas me esforçando para absorver tudo. — Você tem certeza de que eu não estou sonhando?

— Absoluta — disse a srta. Peregrine.

— Podemos ficar um pouco, Jacob? — pediu Claire, se aproximando de mim. — Você disse que podíamos vir a qualquer momento.

— Achei que podíamos tirar uns dias de férias para fazer isso — disse a srta. Peregrine antes que eu pudesse responder. — As crianças não sabem praticamente nada sobre o século XXI, e esta casa parece *muito* mais confortável que aquela ratoeira cheia de correntes de ar de Bentham. Quantos quartos tem?

— Hum... cinco, eu acho?

— Ah, vai servir. Vai servir muito bem.

— Mas e meus pais? E meus tios?

Ela olhou para o carro e acenou com a mão.

— Seus tios podem ter a memória apagada com facilidade. Em relação a seus pais, acredito que o copo já transbordou, como se diz. Eles terão que ser

observados de perto por algum tempo, mantidos em rédea curta. Mas se há dois normais que podem ser convencidos de nosso modo de pensar, são os pais do grande Jacob Portman.

— E o filho e a nora do grande Abraham Portman — completou Emma.

— Vocês... vocês conheceram meu pai? — perguntou timidamente meu pai, olhando para nós pela janela do carro.

— Eu o amava como a um filho — disse a srta. Peregrine. — Assim como amo Jacob.

Papai piscou, em seguida balançou a cabeça lentamente, mas não achei que ele tivesse entendido.

— Eles vão ficar conosco por um tempo — falei. — Tudo bem?

Ele arregalou os olhos.

— É... hum... Acho melhor você perguntar a sua mãe.

Ela estava encolhida no banco do passageiro, as mãos cobrindo os olhos.

— Mãe? — chamei.

— Vão embora — disse ela. — Vão embora, todos vocês!

A srta. Peregrine se abaixou.

— Sra. Portman, olhe para mim, por favor.

Mamãe espiou entre os dedos.

— Você não está realmente aqui. Eu bebi vinho demais no jantar, só isso.

— Nós somos bem reais, garanto a você. E pode ser difícil acreditar nisso, agora, mas seremos amigas.

Minha mãe virou o rosto.

— Frank, mude de canal. Não gostei desse programa.

— Está bem, querida — disse meu pai. — Filho, acho que eu devia, hum... hã... — Então ele fechou os olhos, sacudiu a cabeça e subiu o vidro da janela.

— Tem certeza de que isso não vai derreter o cérebro deles? — perguntei à srta. Peregrine.

— Eles vão acabar entendendo — respondeu ela. — Alguns levam mais tempo que outros.

* * *

Voltamos a pé para casa, a lua nascendo brilhante, a noite quente e viva com vento e cigarras. Bronwyn empurrou o carro morto atrás de nós, com minha família ainda dentro. Caminhei de mãos dadas com Emma, minha mente girando com tudo o que havia acontecido.

— Uma coisa que não entendo — falei. — Como vocês chegaram aqui? E tão rápido?

Tentei visualizar uma menina com a boca na nuca e um menino com abelhas zumbindo ao seu redor passando pela segurança de um aeroporto. E Millard: será que o tinham escondido em um avião? Como eles sequer conseguiram passaportes?

— Tivemos sorte — disse Emma. — Um dos quartos de Bentham nos levou a uma fenda a apenas cento e cinquenta quilômetros daqui.

— Um pântano horroroso — disse a srta. Peregrine. — Crocodilos e água suja até os joelhos. Não sei o que meu irmão queria com aquele lugar. Enfim, de lá conseguimos efetuar nossa saída no presente, e aí foi só pegar dois ônibus e caminhar cinco quilômetros. A viagem inteira levou menos de um dia. Nem preciso dizer que estamos cansados e morrendo de sede.

Tínhamos chegado à varanda da frente. A srta. Peregrine me olhou com expectativa.

— Certo! Tem refrigerantes na geladeira, eu acho...

Enfiei a chave na porta e a abri.

— Hospitalidade, sr. Portman, hospitalidade! — disse a srta. Peregrine, passando por mim e entrando na casa. — Deixem os sapatos do lado de fora, crianças, não estamos mais no Recanto do Demônio!

Fiquei segurando a porta enquanto eles entravam atropeladamente, com sapatos enlameados e tudo.

— Sim, vai servir muito bem! — ouvi a srta. Peregrine dizer. — Onde é a cozinha?

— O que devo fazer com o carro? — perguntou Bronwyn, ainda parada junto do para-choque traseiro. — E com, hum... os normais?

— Pode botá-los na garagem — falei. — E talvez ficar de olho neles por um ou dois minutos.

Ela olhou para Emma e para mim, então sorriu.

— É claro.

Encontrei o controle para abrir a porta da garagem e apertei o botão. Bronwyn empurrou para dentro o carro e meus pais atônitos, então Emma e eu fomos deixados sozinhos na varanda.

— Tem certeza de que podemos ficar? — disse Emma.

— Vai ser complicado, mas a srta. P. parece confiante.

— Quero saber se está bem com *você*. O modo como deixamos as coisas foi...

— Está brincando? Estou tão feliz em ver você que mal consigo falar.

— Então tudo bem. Você está sorrindo, por isso acho que acredito em você.

Sorrindo? Eu estava rindo como um bobo.

Emma deu um passo em minha direção. Passei os braços a seu redor. Nós nos abraçamos, meu rosto colado em sua testa.

— Eu nunca quis perder você — sussurrou ela. — Mas eu não via saída. Um rompimento parecia mais fácil que perder você em câmera lenta.

— Não precisa explicar. Eu entendo.

— Enfim, talvez, agora, não tenhamos que fazer isso. Ser só amigos. Se você não quiser.

— Talvez seja uma boa ideia. Só por um tempo.

— Ah — disse ela rapidamente, desapontada. — Claro...

— Não, o que quero dizer é... — Eu me afastei com delicadeza, olhando para ela. — Agora que temos tempo, podemos ir devagar. Posso convidar você para ir ao cinema... Podemos sair para passear... Você sabe, como pessoas normais.

Ela deu de ombros.

— Não sei muito sobre o que as pessoas normais fazem.

— Não é complicado — falei. — Você me ensinou a ser peculiar. Talvez agora eu possa ensinar você a ser normal. Quer dizer, tão normal quanto eu sei ser.

Ela ficou em silêncio por um instante. Então riu.

— Claro, Jacob. Isso parece bom. — Ela pegou minha mão, inclinou-se em minha direção e me deu um beijo no rosto. — Agora que temos tempo.

E me ocorreu, ali parado, só respirando com ela, o silêncio caindo à nossa volta, que aquelas podiam ser as duas palavras mais lindas do mundo.

Temos tempo.

---

* Em português, “triste-pia” e “mobelha”, respectivamente. (N. do T.)

** Em português, “calau”. (N. do T.)

Sobre as fotografias

As imagens usadas neste livro são autênticas fotografias antigas que foram garimpadas, e, com exceção de algumas que passaram por tratamento digital, estão inalteradas. Foram colecionadas exaustivamente ao longo de vários anos: descobertas em mercados de pulgas, feiras de papéis antigos e nos arquivos de colecionadores de fotos melhores que eu, que tiveram a gentileza de compartilhar alguns de seus tesouros mais peculiares para ajudar a criar este livro.

As seguintes fotos foram graciosamente cedidas por seus proprietários:

TÍTULO	DA COLEÇÃ DE
ACÓLITOS TESTANDO GÁS	ERIN WATERS
HOMEM COM PIRATAS	JOHN VA NOATE JACK

MENINA FLUTUANTE	MORD/ THE THANAT ARCHIVE
MENINA EMPALHADA	ADRIANA MÜLLER
MYRON BENTHAM	JOHN VA NOATE
YMBRYNES E URXINIM	JACK MORD/ THE THANAT ARCHIVE
MENINO COM	JOHN VA

ASAS	NOATE
CORREDOR SANGRENTO	JACK MORD/ THE THANAT ARCHIVE
ENGRENAGENS DA MÁQUINA	JOHN VA NOATE
PAPAGAIO NA GAIOLA	JOHN VA NOATE
O INTERIOR DA TORRE	PETER J. COHEN
TUBULAÇÃO DE ÁGUA	JOHN VA NOATE

MÉDICO E ENFERMEIRAS	JOHN VA NOATE
HOMEM COM CABELO RAREANDO	JOHN VA NOATE
HOMEM DE ÓCULOS ESCUROS	JOHN VA NOATE
MENINO E MENINA	JOHN VA NOATE

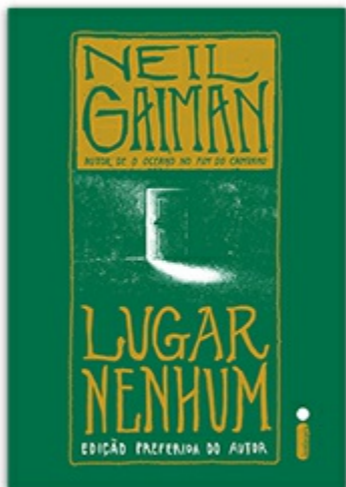
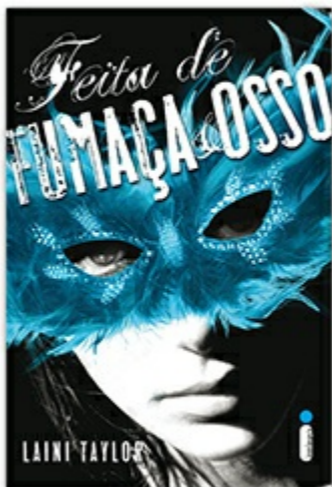
Sobre o autor

© Tahereh Mafi

Ransom Riggs cresceu na Flórida e hoje mora em Los Angeles. Sempre seguiu uma dieta à base de histórias de fantasmas e comédias britânicas, o que provavelmente explica o estilo de seus romances. Não são poucas as chances de ele ficar escondido debaixo da sua cama, pronto para dar um susto em você (vá conferir). Se não o achar lá, você certamente vai encontrá-lo no Twitter: @ransomriggs.

Conheça o outro título da série

Cidade dos etéreos

Leia também

Lugar Nenhum
Neil Gaiman

Feita de fumaça e fogo
Laini Taylor

Half Bad
Sally Green